

LARISSA SIRIANI

O
Senhor
das
Almas

AS BRUXAS DE OXFORD - III

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

-

-

O
Senhor das
Almas

-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-
-

A todos os leitores que acompanharam Malena nos últimos cinco anos:

Se existe magia, essa magia são vocês.

-

Sumário

[Prólogo](#)

[Dorothi](#)

[Adaptação](#)

[Prelúdio](#)

[Despertar](#)

[Dez dias de noite](#)

[Visitantes](#)

[Retornos](#)

[O Chamado](#)

[Despedida](#)

[Jornada](#)

[Peregrinação](#)

[Raízes](#)

[O Senhor das Almas](#)

[Malena](#)

[Delírio](#)

[Punição](#)

[Sentença](#)

[Escolhidos](#)

[Filha Pródiga](#)

[Retaliação](#)

[O Outro Lado](#)

[A Primeira Profecia](#)

[O fim do caminho](#)

[Agradecimentos](#)

Prólogo

Cercada de fantasmas. É assim que eu me sinto.

O espaço à minha volta se comprime conforme a pressão sobre meus pulmões aumenta ao ponto de ameaçar explodi-los. Submersa em piche, acorrentada pela alma, espremida por cada e todo ângulo simultaneamente, tão incrivelmente sufocada, que o ar parece veneno, tão necessário quanto letal.

Onde eu estou?, penso. Onde eu estou e por que não consigo sair? Quero arranhar as extremidades desse caixão negro, arrancar a pele que gruda nessas correntes, libertar meu corpo desse tormento, mas não consigo. Sei que jamais conseguirei.

Eu sou a cela que me aprisiona. Minha mente é minha carcereira, e fui eu mesma quem me condenou à prisão perpétua. Um alívio. Uma fuga. Uma redenção. Não mereço perdão, então me prendo, tão fundo em mim mesma, que aos poucos esqueço quem costumava ser.

Não importa. Enquanto me debato, há outra vivendo em meu lugar.

Dorothi

-

Adaptação

Levantei-me subitamente, meu peito queimando. Desesperada por ar, suprimi um grito quando a respiração falhou e precisei tossir para desobstruir a garganta, embora nada houvesse em seu caminho que pudesse impedir o ar de entrar.

Em rápidos e imprecisos goles, o ar voltou a circular em mim. Apalpei-me por reflexo nos pulsos, tornozelos e abdômen, apenas para certificar-me do que já sabia: estava inteira, e estava livre. Infelizmente, essa certeza pouco podia fazer sobre a agonia que se instalara em meu corpo após aquele sonho.

Sonho. Como me atrevia a chamar aquilo de *sonho*? Eu conhecia os limites entre a realidade e os truques da mente muito bem, e não podia mentir para mim mesma. Não era sonho. Era *ela*.

E ela estava *gritando*.

Estremeci com o suor frio que escorria pela minha pele. O cômodo estava quente e abafado, mas puxei os lençóis da cama até o pescoço para me cobrir. Sentia a já conhecida pressão latejando em minha nuca, lutando contra a onda de vertigem que me impedia de manter os olhos abertos.

Malena?, chamei. Minha voz era como um sussurro perdido em minha mente.

Ela não respondeu, como já imaginava que faria. Em lugar de sua voz, havia apenas o eco, tão intenso quanto o som de mil gotas tocando o chão. E aquilo era pior, muito pior. Eu não fazia ideia do quanto o vazio poderia ser doloroso até perde-la.

Aquilo não deveria estar acontecendo. Eu não deveria senti-la, não deveria escutá-la em meu sono. Malena havia voluntariamente se recolhido, suprimido sua consciência – e ainda assim, já sete dias depois, parte dela lutava para emergir novamente.

Deitei-me novamente, aos poucos recobrando a calma. O sono, eu estava certa, não mais retornaria. A noite estrelada que se erguia pela janela afora indicava o meio da madrugada. Havia ainda longas horas a gastar acordada – e absolutamente nenhum prazer nisso.

De fato, a alegria por ser, enfim, dona de mim mesma havia desaparecido já nos primeiros dias no controle. Por onde olhasse, estava claro o estrago feito por Malena: nos olhos baixos ao passar por mim, nos sussurros que me seguiam pela cidade, na cela solitária em que ela se enclausurara por tanto tempo que, ao verem-na fora, todos caíam no estranhamento. Nos últimos meses, Malena tinha se tornado uma garota de poucos amigos e passos invisíveis – e agora, era eu a conviver com aquela incômoda vidinha medíocre que ela havia construído.

Na minha primeira manhã, desci as escadas rumo ao café da manhã em família com um início de sorriso nos lábios, e mais energia do que havia sentido em cem anos. Mas meu “bom dia” não foi recebido com a alegria que eu esperava. Do contrário, os pais de Malena – *meus pais*, tentava acostumar-me a dizer – encararam-me como se há semanas não vissem aquele rosto ou escutassem aquela voz. O silêncio que recaiu sobre a cozinha era de tal forma intenso que pude escutar o farfalhar do vento sobre a folhagem do jardim, do lado de fora.

- Bom dia, querida. – a mãe disse, mas seu tom não era o mesmo que já escutara dezena de vezes antes. Não havia as notas de carinho, nem a entonação de alegria; as mesmas haviam dado lugar a um cuidado calculado e ao peso da preocupação. Como se aquelas três palavras, sozinhas, fossem capazes de partir-me ao meio.

Meu sorriso se desfez, contudo, não me permiti desanimar. Ignorei seus olhares de descrença e sentei-me à mesa, servindo-me de torradas e geleia. O corpo de Malena – *meu corpo* – parecia fraco e estava visivelmente debilitado. Estava mais do que na hora de nutri-lo.

- É cedo pra estar acordada, Malena. – o pai disse, então, com igual calma e cuidado – Você não está de férias?

- Sim. Mas não quero desperdiçar o dia na cama. – declarei, devorando, em seguida, meu desjejum.

Novamente, calaram-se. Seus olhares confusos e sua completa ausência de palavras eram, para mim, incomparavelmente mais incômodos do que se me lançassem críticas em alto e bom tom.

A cena se repetiu todos os dias desde então. Mas *meus pais*, percebi logo, eram apenas dois dos muitos que viriam a me lançar olhares enviesados. Todos em Oxford – conhecendo-me ou não – olhavam-me com mesclas de incerteza e pena. Após meses convivendo com uma Malena deprimida, ninguém estava pronto para lidar com esta nova faceta. Não sabiam bem como recebe-la, como trata-la. Só havia um que me compreendia, o único que também sabia meu segredo.

- Toy? – chamei, no escuro. Estava cansada, porém muito desperta; não queria ficar sozinha. Eu sabia que ele estava ali em algum lugar. Podia ouvir o ronco suave de sua respiração.

Ele, é claro, não respondeu de imediato. Toy não vinha sendo tão agradável ou receptivo quanto eu esperava desde o meu retorno. O tempo todo, agia como se ter-me de volta fosse uma inconveniência. Mesmo assim, não me deixava. Fosse por piedade ou consideração, fazia-me companhia; ele era tudo o que me restava.

- Sim? – respondeu, com a voz, já normalmente monótona, carregada com um tom de sonolência.

- Não consigo dormir.

- Evidentemente.

Calei-me. Sabia que estava sendo intratável, mas a ansiedade sufocava-me por dentro. Me virei na direção de onde vinha sua voz e sussurrei, temendo minha própria confissão:

- Eu posso ouvi-la, sabe? Durante o sono. Está me enlouquecendo.

Silêncio. O peso de minhas palavras parecia cercar-me como uma fumaça densa e espessa, travando-me a garganta e fazendo-me arfar por um instante. A loucura, percebi, estava há apenas um passo de distância. Eu estava na beirada, e Malena estava me pressionando para pular.

Os passos leves de Toy sobre a cama despertaram-me de meus medos. Eu o senti se encolher ao lado das minhas pernas, e me dei conta de que nunca – nem mesmo em minha outra vida – ele havia se aproximado tanto. Subestimei sua intimidade com Malena. Ela acabara se tornando para ele algo que jamais fui.

- Obrigada. – murmurei, mas ele ignorou meu breve e raro agradecimento.

- Você deveria procurar ajuda. – disse.

- Não tenho a quem recorrer.

- Tem certeza?

Suspirei. Sabia a quem se referia, mas em se tratando dela, eu sempre hesitaria em pedir ajuda. Malena podia confiar sua vida a ela, mas eu não. Jamais poderia, ainda que ela passasse toda a sua nova vida tentando redimir-se.

- Ela não é mais bruxa. Não poderá ajudar em nada. – respondi, minha carranca evidente em minha voz.

- Ela ainda sabe muito mais sobre magia do que você. – Toy apontou, e relutei, mesmo sabendo que estava certo.

- Não consigo confiar nela, Toy.

- Malena confiava.

- Malena era tola e fraca. Veja onde isso nos trouxe.

- Estou vendo. E não gosto do que vejo.

Tão depressa quanto se aproximara, Toy se foi e me virei novamente para encarar o teto escuro. Há tempos não me sentia tão sozinha.

Eu não pude ver durante a noite, mas, tão logo os primeiros raios de sol iluminaram o quarto, algo captou meu olhar.

Franzi os olhos, a princípio, tanto pelo baque da claridade, quanto por não compreender de imediato o que via. Então lembrei-me do pesadelo, e do susto, e entendi.

Rachaduras imensas cortavam o teto do quarto em dois, três, inúmeros pedaços. Uma linha maior dividia o teto ao meio, e outras menores seguiam em todas as direções, num desenho irregular e assustador. Felizmente, nenhuma das rachaduras parecia demasiadamente profunda – de outro modo, eu temia, todo o telhado teria desabado durante a noite.

Levantei-me, e acompanhei a extensão dos danos enquanto andava pelo quarto. Aquilo não deveria acontecer. Lâmpadas quebravam, vidros estilhaçavam, mesas tremiam quando uma bruxa estava muito exaltada. Aquilo estava muito além de qualquer

descarga de energia que eu jamais havia produzido. Eu ou qualquer outra bruxa.

Meus braços formigaram, e o arrepio que se seguiu não ajudou a manter os pensamentos ruins afastados. *Não é nada demais*, repeti para mim mesma, mas minha consciência me traía. Olhei para meus braços, e depois novamente para o teto. Por quanto tempo mais eu poderia continuar mentindo?

Você está fazendo a coisa certa.

Você precisa de ajuda.

Você sabe que não tem outra opção.

Repeti desculpas em silêncio para justificar o que estava fazendo, mas nada parecia capaz de melhorar a revolta em meu estômago – ou no meu humor. Ao mesmo tempo em que insistia que não estaria ali se houvesse outra escolha, questionava-me sobre meus próprios limites.

Tornei a tocar a campainha, embora tivesse feito isso há menos de um minuto. *Talvez eles não estejam em casa*, pensei, mas sabia que não havia chance. As cortinas e as janelas estavam abertas, o carro estava na garagem e eu podia ouvir passos e o tilintar suave de chaves vindo em minha direção.

Quando a porta se abriu, quaisquer palavras que ela pudesse ter a dizer morreram com a surpresa nos seus lábios entreabertos. Também não disse nada. Encarei suas feições, tão admirada quanto sempre ficava pela inexplicável e inegável semelhança que seu novo corpo tinha com o antigo. O mesmo nariz fino, os mesmos cabelos louro-mel, o mesmo formato dos olhos e a mesma altivez na postura. Não havia qualquer conexão genética entre os Gordon e os Von Evans – nossa linhagem acabara no momento em que a fogueira se acendeu em 1895 – mas era como se sua alma tivesse trazido também suas características físicas para esta nova vida.

- Malena. – ela disse, e eu não conseguia distinguir as emoções em sua voz, tampouco em sua expressão. Tentei sorrir de modo a disfarçar minhas próprias inseguranças.

- Tente de novo. – falei.

Seu rosto perdeu completamente a cor. Um resquício de som saiu de seus lábios, mas não o bastante para formar uma frase concreta. Por fim, ela se afastou e me deixou entrar.

Instantes depois, Zethi – ou, como era conhecida nesta vida, Frida, minha *tia* – e eu estávamos sentadas frente a frente nos confortáveis sofás de sua sala de estar. Eu vira aquela sala por tempo o suficiente através de Malena nos últimos meses para não me sentir desconfortável ali. Após o incêndio na Casa Azul, aquela tinha sido nossa casa por muito tempo, e a sensação de ser acolhida ainda não havia desaparecido completamente.

No entanto, o mesmo não se podia dizer de Frida. Minha irmã de alma continuava em silêncio, numa mescla óbvia de choque e confusão. Para evitar meu olhar, ela encarava a filha, que brincava ruidosamente no tapete da sala com uma porção de objetos coloridos.

- Ela cresceu. – observei, embora não estivesse verdadeiramente interessada. Onde Frida via Linda, eu só podia ver Nayse. Mas meu comentário surtiu algum efeito. Ela abriu um leve sorriso.

- Crianças crescem rápido. E já faz bastante tempo desde a última vez que você a viu. – respondeu.

- De fato.

Silêncio. Finalmente, Frida ergueu seus enormes olhos acinzentados para mim, numa expressão tão temerosa que, mais do que nunca, me lembrou de Zethi. Eu me lembrava daquele mesmo olhar no dia em que fomos presas e condenadas à fogueira. Era um olhar que implorava pela salvação e pela luz no fim do túnel que jamais viria.

Por fim, perguntou-me:

- O que aconteceu com a Malena?

Uma pontada aguda tomou minha nuca, como se a própria Malena estivesse tentando responder. Ignorei a dor o melhor que pude e suspirei.

- Ela não aguentou a morte... – pensei no nome, mas não consegui dizer. Minha garganta se fechou, e fui obrigada a fazer uma

pausa antes de prosseguir – *Dele*.

- Ela está...? – Frida nem precisou terminar a pergunta para que eu entendesse. Apressei-me a responder:

- Não. Ela está... viva. Dormente. – outra pausa. Quanto mais tentava explicar, mais agonia me causava. O nó que se formava em minha garganta parecia infinito – A dor... era demais. Ela me pediu para trocarmos de lugar há alguns dias.

- Pelo Senhor...

- Não. Não diga o nome Dele. – ergui a mão num sinal que parasse - É o motivo pelo qual isso tudo está acontecendo, para começar.

- Desculpe. - cobriu os lábios com uma das mãos - Velhos hábitos...

Assenti. Eu compreendia. Era difícil evitar às vezes.

- Por que veio me ver, Dorothi? – ela disse, enfim, e seu tom de voz foi se exaltando –Tentei falar com ela... com *vocês* tantas vezes nos últimos meses, mas ninguém retornou.

- As coisas mudaram.

- O que mudou?

- Nós, para começar! – exclamei, como num ultimato. Os ombros de Zethi se encolheram quase que imperceptivelmente, e seus lábios se comprimiram numa linha fina. Respirei fundo e baixei a voz – Malena está... instável. Com tudo o que aconteceu... sinto que sua alma está partida, Zethi. *Mais* partida. Ela está dormente, mas eu consigo senti-la; não como antes, não como uma presença, mas como... como...

Incapaz de encontrar uma maneira correta de me expressar, soltei um grito baixo de frustração.

E então todas as lâmpadas explodiram.

O barulho foi tão alto que eu só reconheci o efeito porque as lâmpadas da sala de estar – no teto e no abajur – explodiram sobre nós. Zethi imediatamente se lançou sobre Nayse para protegê-la com o corpo. Quando nada restou além de respirações ofegantes e do choro estridente da criança, ela me lançou um olhar horrorizado.

- É disso que estou falando. – murmurei, cansada – Eu não sei o que está havendo, Zethi. Preciso de ajuda.

Lentamente, ela se levantou com a bebê no colo. Seu rosto estava franzido em preocupação e cansaço.

- Não se preocupe, nós vamos dar um jeito. – então olhou em volta, para os cacos de vidro no chão e os restos de lâmpada no teto – Mas antes, precisamos resolver *isso*.

Enquanto Frida acalmava Linda, colaborei na limpeza. Ergui os cacos de vidro no ar e os recolhi num grosso saco plástico. Quando tudo estava limpo, saímos para comprar lâmpadas novas. O dia estava ensolarado e bonito, então fizemos nosso caminho a pé. Nada em Oxford ficava a mais do que algumas ruas de distância, e em pouquíssimo tempo já estávamos de volta.

Percebi Zethi me olhando de soslaio enquanto eu a ajudava a colocar tudo em ordem novamente. Perguntei-me o que ela via ao olhar para mim; seria a sobrinha indefesa, a irmã de alma, ou a bruxa que ameaçava novamente sua segurança?

E eu, questionei-me então, como *eu* enxergava a mim mesma? Nunca acreditei que essa fosse uma questão muito difícil de se responder. Eu sempre havia sido muito segura sobre quem eu era e sobre o que acreditava, mas desde que eu despertara para esta nova vida, as linhas estavam cada vez mais indefinidas, e eu, cada vez mais perdida. Minhas certezas se esvaíam uma após uma, e eu temia que, em breve, não sobrasse muito mais a que me segurar quando eu precisasse.

- Você está muito quieta. – ela comentou, então. Já havíamos trocado todas as lâmpadas, e em todo esse tempo, não havíamos trocado mais do que meia dúzia de palavras baixas.

- Estou?

- Muito. Você costumava falar pelos cotovelos.

- Acho que a convivência com Malena me mudou.

Ela não respondeu. Havíamos chegado à parte sensível da conversa. Em vista do que teríamos pela frente, ela tentou sorrir e disse:

- Acho que essa conversa pede um bom chá. Gelado.

Com o chá pronto, nos sentamos no quintal, onde Zethi e seu marido – Hugo, se me lembrava bem – haviam disposto uma mesa

de pedra com algumas cadeiras de frente para um jardim bem cuidado e florido. Ela serviu-nos um grande copo de chá de pêssego com generosos cubos de gelo, e, por mais alguns minutos, apenas encaramos a luz do sol sobre o gramado e as poucas nuvens que passeavam no céu. Oxford sabia como ter um verão agradável.

- Como tem andado as coisas pra você? – ela, enfim, me perguntou. Suspirei e tirei um minuto para pensar antes de responder.

- Não sei. – confessei – Gostaria de dizer que estão melhores, mas não seria completamente honesta. Não tem sido exatamente uma vida para ela desde...

A frase morreu, mas o olhar de Zethi me indicava que ela sabia a que eu me referia. Engoli em seco e continuei.

- A verdade é que Malena se tornou bastante reclusa nos últimos tempos. Falar com alguém se tornou quase impensável.

- Então tem sido um tédio. – ela concluiu, e não pude evitar um risinho abafado.

- Extremamente tedioso, de fato.

- E quanto a esses... sonhos? – sua voz tornou-se mais sérias, e a observei empertigando-se na cadeira – E essas explosões?

- Desde o primeiro dia. – e, só de falar, pude sentir o cansaço pressionando meus músculos, ardendo nos meus olhos – As emoções dela continuam vazando, e eu não consigo evitar. Todo esse luto e essa dor, toda a culpa... são incontroláveis.

- Entendo.

- Entende? – ri com a ironia – Desculpe-me, Zethi, mas acho improvável que você *entenda*. Ninguém entende.

Ela respirou fundo, claramente tentando manter-se calma. Eu tinha plena consciência de que estava agindo como uma megera, mas velhos hábitos são *mesmo* difíceis de mudar. Zethi, contudo, não se deixou abalar.

- Vamos encontrar um meio de resolver essa situação. – disse, e sentir sua mão sobre a minha foi tamanho choque que quase pulei da cadeira – Amanhã, quero que volte aqui e traga nossos livros. Deve haver algo neles que possa ajudar.

- Está bem.

- E, bem, se você quiser, nós podemos... – pigarreou sonoramente, parecendo sem jeito – Podemos iniciar seus estudos. Você já completou dezesseis anos, já passou da hora. – fez uma pausa, mas ao perceber minha falta de reação, justificou-se – Eu sei que não sou mais uma bruxa, e que isso não me torna a pessoa mais indicada, mas, quero dizer, é a tradição que o bruxo mais velho da família ensine os mais novos, e como não temos mais ninguém...

- Zethi. – eu a interrompi, e ela parou imediatamente o que estava dizendo. Pelo que me pareceu a primeira vez em eras, sorri com sinceridade – Eu adoraria que você me ensinasse.

Ela sorriu, e quase pude ver o alívio correndo por suas veias quando um peso enorme pareceu deixar seus ombros.

- Começaremos amanhã, então.

Prelúdio

Segundo a tradição do nosso povo – se é que eu ainda poderia considerar-me parte dele – os jovens atingem a maturidade aos dezesseis anos. Quando eu era pequena, em minha outra vida, e questioneei Jane a respeito, ela contou-me que dezesseis anos era a idade mínima para juntar-se ao Senhor das Almas durante o período que chamávamos de Grande Colheita. Nosso Senhor dizia que os mais jovens não teriam a responsabilidade para lidar com o dom que Ele lhes estava dando, nem a paciência necessária para segui-Lo e aprender com Ele.

Como Zethi bem me lembrara, o mais velho da família era sempre o responsável por instruir os mais jovens. Isso nem sempre implicava uma relação de sangue – Jane, a única de nós a ter vivido tempo o suficiente entre outros bruxos para se lembrar, contava que, na antiga tribo nômade de onde vinham nossos pais, o membro mais velho da aldeia era o Mestre de todos os jovens, até o dia de sua morte.

De nós sete, apenas Jane teve seu aprendizado completo com nossa falecida mãe. Depois que ela morreu, Jane se tornou a Mestra, e, embora vivêssemos todas juntas, cada uma tinha seu horário separado de aulas ao atingir os dezesseis anos. Eu mal cheguei a começar. Na época do meu décimo sexto aniversário, já estávamos em Oxford, e Jane não tinha tempo, tampouco interesse, para dedicar-se à minha iniciação. Afora alguns feitiços simples e a permissão para ajudar no preparo de poções, muito do que eu aprendi era teórico, histórico. Os feitiços que nos condenaram e que garantiram a minha sobrevivência e a de Toy tinham sido praticamente os primeiros encantamentos complexos que eu havia realizado.

Claro que nada disso havia feito a menor diferença para Malena. Não sabendo que havia algo a ser aprendido, ela foi lá e *fez*. Isso me fazia questionar, em partes, a importância do aprendizado, quando já tinha ficado claro que uma bruxa sem instruções podia realizar grandes feitos. Ainda assim, eu estava disposta a me dedicar

ao aprendizado com Frida. Era uma parte das nossas tradições que eu me ressentia em perder, e estava feliz de ter essa oportunidade.

Por isso, no dia seguinte, a despeito da óbvia estranheza com que a família de Malena – *minha família* – me encarou, peguei os livros do baú, coloquei-os em uma mochila especialmente enfeitada para aguentar e disfarçar o peso, e voltei para a casa de Zethi. Quando cheguei, ela já me esperava com uma fornada de biscoitos e uma jarra de chá gelado.

Embora fôssemos as únicas na casa, nos trancamos em seu escritório. Zethi havia montado um pequeno cercado para Nayse, onde ela poderia ficar com seus brinquedos. Tirei os livros da mochila e os espalhei sobre a mesa de trabalho.

- O que exatamente estamos procurando? – perguntei. Ela adiantou-se para o livro de história.

- Anotações. Passagens. Feitiços. Qualquer coisa que possa ser útil. – respondeu, enquanto esquadrihava a primeira página com olhos cuidadosos.

- Duvido seriamente que encontremos alguma coisa aqui. – afirmei, impaciente.

- Precisamos tentar para saber.

- Zethi, nós duas já folheamos esses livros. Saberíamos se houvesse algo neles, não?

Ela não me respondeu. Ao invés disso, lançou-me um olhar penetrante que não deixava margem para novos comentários. Suspirei e abri o primeiro livro que encontrei.

Não sei precisar quanto tempo se passou. Cada minuto parecia levar dias inteiros para passar por nós. Folheei o livro de feitiços com a mesma sensação petulante de quem já conhecia seu conteúdo como a palma da mão, e que nada ali nos teria uso. Contudo, Zethi insistia que não deveríamos pedir ajuda sem antes consultar nosso acervo pessoal, e era meu papel, como irmã mais nova – ou sobrinha, como era nesta vida – acatar sem questionamentos.

“Você é Aprendiz. Eu sou Mestra”, lembrava-me de ouvir Jane dizendo para Nayse, quando ela começou seus estudos. “Eu digo, você faz. Quando e se algum dia for Mestra, você entenderá.”

Ainda que eu não questionasse em voz alta, meus olhos impacientes emplacavam dúvidas a cada página virada, com seus rabiscos e anotações e caligrafia apertada nos cantos. Séculos de conhecimento que em nada eram capazes de me ajudar. Eu era uma anomalia, um caso único – não podia esperar que algum dos meus antepassados detivesse o feitiço capaz de me consertar.

Até que uma coisa me chamou a atenção.

Puxei o livro mais para perto e estudei suas palavras, ouvindo claramente as batidas do meu coração em expectativa. Feitiço de Ressurreição. Seria possível? Seria...

- Encontrou alguma coisa? – a voz de Zethi, bem mais próxima do que eu esperava, pegou-me desprevenida, e sequer tive tempo de responder. Ela estava bem ao meu lado, e já se abaixava para conseguir ler melhor.

- O que é... – ela murmurou, e então calou-se. Não parecia nem mesmo respirar. Quando ergueu os olhos para mim, estava mais séria do que eu jamais havia visto.

- Dorothei. – disse, e seu rosto empalideceu até chegar numa cor próxima à minha – Eu sei no que está pensando. E não.

- Zethi, eu só...

- Não! – interrompeu-me num grito, e fechou o livro com um baque surdo. Segurei-a pelo pulso, sem ter completa consciência do que estava fazendo.

- Mas e se eu pudesse trazê-lo de volta, Zethi? – indaguei, e mesmo a hipótese me trouxe lágrimas aos olhos – Se eu trouxesse Sam de volta, tudo ficaria bem outra vez!

- Dorothei, isso não é discutível. Não é nem mesmo uma questão!

- Por que não?

- Um Feitiço de Ressurreição tem um preço em sangue. Você não pode trazer uma alma para este mundo sem dar uma de volta. E o sacrifício precisa ser limpo. A alma precisa ser pura.

Pisquei, não compreendendo exatamente onde ela queria chegar.

- Pra trazê-lo de volta, você precisa sacrificar uma criança.

Soltei o livro tal qual estivesse em chamas. A ideia enervou-me e trouxe um gosto amargo à minha boca. Senti-me impura apenas

por ter me prendido ao pensamento, e amaldiçoei Malena e seus malditos sentimentos. Estaríamos melhores sem eles.

Mas mesmo em meio à raiva recém-aflorada, eu não podia evitar uma onda de tristeza, tão intensa, que meus olhos marejaram antes que eu percebesse. Frida abaixou-se ao meu lado, com uma mão sobre meu ombro, e disse, baixinho:

- Sinto muito que você não possa trazê-lo de volta.

E, tão rápido quanto surgira, a raiva dissipou-se. Solucei alto, engasgada em meu pranto incontido, e Zethi abraçou-me.

- De que adianta a magia? Diga-me, de que adianta? – indaguei. Ela afagou meus cabelos com calma.

- Eu sei. – murmurou. Mas nem seus afagos nem seu abraço conseguiam me acalmar. O desespero jorrava de mim como um tsunami.

- Eu não pedi por nada disso! Nunca pedi! Mas eu nasci amaldiçoada pelo sangue mágico da minha família, e agora tudo em que eu toco morre!

- Não diga isso, não é verdade!

- É sim! Você sabe que é, Zethi! Jane, Cecily, eu as matei! E nosso pai se foi antes de eu nascer, e nossa mãe morreu antes de me criar! E Sam... Sam! Por que eu trouxe minha maldição para ele, Zethi?

- Dorothei, olhe pra mim! – ela segurou meu rosto com as mãos, me obrigando a encará-la em meio às lágrimas – Nada disso foi sua culpa. E você não trouxe nenhuma maldição para Sam! Tudo o que fez foi se apaixonar por ele.

- Eu não me apaixonei! Malena sim! – gritei, com mais força do que pretendia. Escutei algo rachando, mas nem eu nem Frida nos viramos para olhar. Ela sorriu pra mim com tristeza.

- Ah, Dorothei. Nós duas sabemos que isso não é verdade.

Dei outro soluço, e me agarrei a ela, deixando o pranto sair em cascatas intermináveis. Quando, por fim, me acalmei, Zethi buscou uma xícara de chá – quente, apesar do calor abafado que assomava a casa – e sentou-se comigo a uma distância segura dos livros.

- Me perdoe pelo meu descontrole. – murmurei, com legítimo embaraço. Após uma rápida inspeção com o olhar, acabei

encontrando a vítima da minha descarga de emoções – Acho que vai precisar de uma estante nova.

- Ela vai aguentar bem. – respondeu, dando de ombros – E você também. Toda essa dor... não te fez bem guardá-la até agora.

- E não me fez bem expô-la. – rebati. Meu peito ardia e doía como se meu coração estivesse envolto em ferro quente. Malena nunca havia parecido tão agitada. Depois da minha pequena explosão, estava difícil me acalmar novamente.

- Podemos ir até Lady Lew, se você quiser. – ela ofereceu, e eu sabia que somente sua preocupação mais extrema a faria considerar tal possibilidade. Seu desprezo pela sogra apenas não superava o desprezo de Lady Lew por ela – Mas não há muito que ela possa fazer por você que o tempo sozinho não faça. Não sei se é necessário, agora que sabemos a resposta.

- Sabemos a resposta? – indaguei, e ela suspirou.

- O seu problema é luto, Dorothei. – declarou, com uma voz intensa – E não apenas o de Malena. O seu também. A sua dor, misturada à dela.

- Dor pelo quê?

- Por Sam. – estremeci ao nome. Zethi fez uma ligeira pausa, afastou a própria xícara de chá, e então prosseguiu, pacientemente – Dorothei, Sam era o Coração da Magia. O coração dele pertencia à magia. Você entende o que isso quer dizer?

Fiz que sim com a cabeça, mas não entendia onde ela tentava chegar. Ao longo dos últimos meses, mais do que estudado, eu havia *vivido* a lenda do Coração da Magia. Não havia nada que eu não soubesse.

Ainda assim, sua próxima afirmação tirou-me o ar.

- Você e Sam são almas gêmeas, Dorothei. – ela disse – Você é um ser mágico, e por isso, o coração dele, a *alma* dele pertence a você. É o que o torna o Coração da Magia. Quando o Senhor das Almas escolheu a sua alma, séculos atrás, o seu destino com Sam já estava traçado por toda a eternidade. E isso mudou tudo.

Eu não queria acreditar em nenhuma palavra do que ela me dizia, pois, tomar aquilo como verdade seria o mesmo que assumir minha culpa perante os acontecimentos. Sam era o Coração da

Magia por pertencer a mim – à Malena, corriji-me mentalmente - e por isso havia morrido. Como eu poderia não me culpar?

Mas, do fundo da minha alma dividida, eu sabia que ela estava certa. Sabia disso antes mesmo que ela me contasse, desde a primeira vez que Malena vira Sam. Nós duas sentíamos aquela conexão inexplicável desde o primeiro momento. Nada poderia ser mais lógico.

- Vamos ver Lady Lew. – foi tudo o que eu disse.

Não pudemos ir de imediato. Quando Zethi telefonou para a sogra, entreouvi uma resposta grosseira que variava entre o “não quero recebê-la” e o “estou ocupada agora”. Por fim, Zethi mandou-me de volta para casa e disse que me avisaria quando tudo estivesse acertado para irmos visitar a casa da horrenda clarividente.

Eu não esperava sinceramente que ela se dispusesse a me ajudar, não agora. Clarividentes e bruxas eram há muito inimigas por princípios. Pandora Lew podia ter estendido a mão a Malena no passado, mas eu duvidava que a mesma cortesia se estendesse a mim – ela sabia o quanto éramos diferentes, e o quanto essa diferença criava um abismo entre nossas espécies. Ela era luz, e eu era escuridão; nossas magias não se misturavam. Por que ela me ajudaria?

Passei todo o dia seguinte perambulando pela casa ainda pouco familiar da família Gordon. Sentia falta da umidade reconfortante e dos sons amistosos do ranger do piso na Casa Azul; ressentia-me saber que agora eu só poderia revisitá-la nas lembranças que Malena me deixara. Eu ainda estava letárgica, menos que uma presença quando o fogo havia derrubado a mansão que ajudei minhas irmãs a construir. Tudo agora estava reduzido a cinzas, e eu sequer estive lá para presenciar.

Tudo naquela nova casa me parecia errado. Os quartos pareciam não estar nos lugares certos, a mobília era nova demais, a cor nas paredes não refletia a luz da maneira correta. Me vi enxergando defeitos em casa lasca na parede, em casa teia de aranha e lâmpada pendurada. Não, aquele não era meu lar; podia ser a casa onde eu vivia agora, mas jamais seria um lar para mim.

Não que eu soubesse a diferença. Em minha antiga vida, cresci como nômade. Sequer me lembrava de ter me sentido em casa alguma vez, exceto... Mas já fazia muito tempo. Jane e as outras nunca optaram pelo conforto, e sim pela praticidade. Meu conceito de lar era tão estreito quanto o de família, e talvez por isso eu não me sentisse à vontade em lugar algum. Não havia laços com ninguém, logo, não haviam motivos para ficar. E não era isso, afinal, que determinava a diferença? *Lar é onde o coração está*, é o que dizem. Meu coração nunca esteve em lugar algum. Nunca soube ao certo se eu tinha um para deixar.

Quando me cansei de revisitar cada cômodo e corredor de minha nova morada, escolhi um canto a esmo, longe do calor incômodo do sol, sentei-me e li um dos poucos livros que havia encontrado pela casa, salvo do fogo, ou talvez recém-adquirido; não importava. Deixei-me perder nas páginas até adormecer, encolhida, e acordar com o som de vozes vindas de outro canto da casa.

Levantei-me, já enfadada pela falta de companhia, e segui o som até a cozinha. A mãe começava a preparar o jantar, o pai estava sentado à mesa, contando alguma história, um dos irmãos – Fred, acredito – buscava por comida nos armários, e outros dois estavam sentados, participando da conversa. Todos os movimentos e vozes cessaram quando eu me aproximei.

- Sabe, a conversa não precisa morrer toda vez que eu entro num cômodo. – comentei, a voz seca num misto de irritação e cansaço. Todos se entreolharam, como se procurassem algo para dizer.

- Nós não... – o pai disse, mas as palavras morreram sem terem chance de sair. Eu podia sentir a fúria inundando as minhas veias.

O conteúdo de uma panela no fogão começou a borbulhar perigosamente, fazendo chacoalhar a tampa. As cortinas da janela balançaram, mas eu não sentia nenhuma brisa entrando. Era eu. Eu precisava sair dali.

- Vou sair. – anunciei, rapidamente, dando as costas para a família.

- Malena, espera! Onde você vai? – a mãe gritou, vindo atrás de mim. Minhas mãos tremiam. A janela da sala se escancarou

involuntariamente com um estrondo.

- Sair! – gritei, e comecei a andar mais rápido. Estiquei a mão para o porta-chaves pendurado junto à entrada e todas as chaves decolaram na minha direção. Deixei-as cair, abri a porta com um único movimento e saí.

Estava quente e abafado do lado de fora, e incrivelmente escuro. A nova casa era fora da zona residencial, e a iluminação era precária; eu mal conseguia enxergar a estrada que levava de volta a Oxford. Eu não tinha me dado conta de que já era tão tarde. Respirei fundo e olhei para os lados, perdida por um instante. Mas minhas mãos ainda estavam trêmulas e meu sangue ainda fervia em mim, e eu sabia que não era seguro voltar. Então comecei a andar.

Segui a estrada em direção à cidade sem ter um rumo exato na cabeça. Comecei a suar em apenas uns poucos minutos, e nenhuma magia parecia ser capaz de afastar os insetos de mim. Caminhei até meus pés doerem, e depois disso, continuei caminhando. Logo já estava acolhida pelas luzes e o pouco movimento das ruas de Oxford, recebendo educados acenos de cabeça dos moradores aqui e ali.

Eu a avistei antes que ela me visse. Embora estivesse quente, sua saia continuava abaixo dos joelhos e sua camisa cobria-lhe os ombros. Mas não foi isso o que me chamou a atenção para ela. O que me fez adiantar-me em sua direção foi seu olhar perdido, as mãos sobre a cabeça, a expressão desolada em seu rosto. Instintivamente, preocupei-me com ela.

- Yara? – chamei, e ela procurou por todos os lados, como se não conseguisse determinar de onde vinha a minha voz.

- Yara. – eu repeti, já mais perto. Ela olhou diretamente para mim, mas não parecia conseguir me enxergar direito. Pus uma mão em seu ombro, e, mesmo sobre o tecido da camisa, eu conseguia sentir que ela não estava bem.

Encostei a mão em concha sobre sua testa, e ela estava ardendo. Queimando. Seus longos dedos agarravam-se aos cabelos, como se tentasse tirá-los a força da cabeça.

- Yara! Yara! – chamei, e então ela finalmente me olhou com atenção – Yara, você está bem?

- Malena! – ela exclamou, num sussurro aliviado, e envolveu-me num abraço sufocante. Seu corpo estava tão quente que parecia prestes a entrar em combustão – Eu estava te procurando, eu não sabia onde te encontrar! Que bom que você está aqui!

- É, eu estou aqui. – falei, tentando me soltar – Yara, o que está havendo? Por que você estava procurando por mim?

- Eu... eu não...

- Você está ardendo em febre! O que está acontecendo? – desvencilhei-me do seu abraço e a olhei de perto. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, mas ela não chorava; ela estava ardendo, mas não havia sinais de suor em sua pele – O que você...

Não tive chance de terminar de falar. Yara soltou um grito agonizante e levou uma mão à testa, pressionando a palma contra a cabeça com força, encolhendo-se de dor.

- Yara! O que você está sentindo? – ela soltou outro grito. Procurei em volta, mas não havia ninguém a quem recorrer por ajuda – Yara? Fale comigo, o que você tem?

Caímos de joelhos na calçada. Yara parou de gritar, mas a cabeça pendia, e seu corpo pesava, ameaçando cair sobre os meus braços. Chacoalhei-a de leve.

- Yara?

Ela ergueu a cabeça e abriu os olhos, os globos tão vermelhos que eu não conseguia distinguir mais suas íris. Então falou, numa voz sepulcral, fria e afiada, como o grito de mil espíritos:

- Do descanso sagrado eles irão retornar, quando das trevas ao mundo o Mestre adentrar.

Imediatamente a soltei, como se repelida por uma força invisível, mas Yara agarrou-me pega roupa como se sua própria vida dependesse disso.

- Choverá incessante sobre seu manto negro, dez dias em noite tomarão a Terra em medo.

Um arrepio dolorido percorreu-me a espinha. Sua expressão era de pura dor, como se cada palavra a ferisse.

- E no dia mais longo, o sol brilhará, e quando a escuridão cobrir a luz, a magia reinará.

Calou-se. E então desabou em cima de mim.

Em choque por ainda alguns instantes, eu mal tinha coragem de tocá-la. Quando consegui, a virei de barriga para cima, tentando desesperadamente fazê-la retomar a consciência. Olhei em volta, e a rua permanecia vazia. Ninguém havia escutado os gritos, ou aquela voz? Ninguém viria em nosso auxílio?

Assustei-me quando Yara subitamente abriu os olhos e respirou como se há anos não sentisse o ar em seus pulmões. Sangue escorria de seus olhos, percorrendo os caminhos de seu rosto, naquela que era provavelmente a pior imagem que eu já tinha visto em vida.

- Por favor, faça isso parar! - ela se debatia contra cordas invisíveis, e então agarrou minha mão, cravando fundo suas unhas em mim - Por favor, *por favor*, faça ir embora!

- O que você está sentindo? Me fale, eu posso ajudar! - falei, tentando tranquilizá-la, ignorando a dor que seu aperto me causava.

- Eu... vejo... tudo! - ela disse, em agonia, e lágrimas se misturaram ao sangue - Tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será, e, oh, Malena, é tanta dor, tanta dor, e há tanta morte, e tanta felicidade, e coisas que... - ela se interrompeu para um gemido agonizante, ferindo meu coração apertado - Deus, faça isso parar! Malena, por tudo que há de mais sagrado, por favor, me ajude!

- Eu estou aqui! - falei, segurando sua outra mão com toda a força que podia - Me diga o que eu posso fazer!

- É tanta dor, Malena, tanta dor... - e seus olhos se focaram em mim. Realmente em mim, como flechas mirando um alvo. Seu olhar parecia desmontar-me por inteira, e ela parou de falar.

- Yara? - chamei, chacoalhando-a de leve.

- Você não é a Malena! - ela exclamou, tentando desesperadamente se soltar, a voz coberta de horror - Monstro! Você é um deles! Você é uma... oh, Deus, quem é você? Onde está a Malena?

Enfim, alguém apareceu; uma senhora dobrou a esquina, e eu me lembrava dela de algum lugar sem importância. Tentei fazer com que Yara se calasse, mas ela continuava se debatendo e gritando coisas incoerentes.

- O que está acontecendo? – a senhora perguntou-me, e lancei um olhar desesperado.

- Rápido, chame ajuda! Ela precisa de um hospital!

Despertar

Horas depois – ou talvez só alguns minutos tivessem se passado, eu realmente não saberia dizer – eu estava sentada em frente ao quarto onde Yara repousava. O cansaço não bastava para tirar-me do estado de alerta.

O que exatamente tinha sido aquilo?

A mesma pergunta já tinha sido repetida por mim e por mais inúmeras pessoas naquela noite. Pela senhora que nos ajudou na rua; pelos moradores que vieram ao nosso auxílio e nos trouxeram ao hospital; pelos médicos e enfermeiras; e agora, há apenas alguns poucos minutos, pelos pais de Yara.

Para todas as perguntas, a mesma resposta: eu não sabia. E, de fato, não sabia. Continuava um mistério para mim, tanto quanto para eles.

Agora, enquanto os pais dela se revezavam dentro do quarto, eu perambulava do lado de fora. Já estava na quarta volta pelo corredor quando passos apressados chamaram a minha atenção.

- Malena?

Olhei, e avistei Frida vindo em minha direção, de semblante preocupado. Suas vestes denunciavam uma saída não planejada de casa – ela tivera tempo de pegar um casaco e trocar os sapatos, mas ainda estava com uma camisola por cima da calça.

- O que você está fazendo aqui? – perguntou-me, e ergui uma sobancelha para ela.

- Eu poderia perguntar o mesmo.

Ela olhou para a própria roupa e balançou a cabeça de maneira exasperada.

- Foi Hugo. Ele... – hesitou. Olhou para os lados uma vez antes de completar – Passou mal.

- O que houve? – indaguei, e ela pareceu aflita.

- Esse não é o melhor lugar para conversar sobre isso. – e suspirou – Mas e você? Aconteceu alguma coisa com os seus pais? Ou com os seus irmãos?

- Não. Foi a Yara. Ela...

Hesitei, e então entendi. Claro. Tinha que ser.

- Ela *passou mal* também. – afirmei, incisivamente. A compreensão em seus olhos foi imediata.

- Oh. Entendo. – fez uma breve pausa e consultou o relógio – Já é tarde. Seus pais sabem que você está aqui?

- Não.

- Eu ligo no caminho. Você vem pra casa comigo. – e me pegou pela mão, como a uma criança, de maneira que não abria espaço para discussões.

Eu a acompanhei sem questionar. Passamos na enfermaria do hospital, onde Hugo já estava liberado, e seguimos em silêncio para a aconchegante casa de Frida. No carro, ela ligou para casa e tranquilizou os pais de Malena – *meus pais* – explicando em linhas gerais o ocorrido. Não foi até entrarmos em casa que pude olhar para Hugo e confirmar minhas suspeitas.

Ele estava abatido e pálido, com bolsas sob os olhos, que ainda tinham um traço do vermelho que, eu estava certa, outrora os cobrira por completo. Suas mãos estavam trêmulas, e ele parecia dolorido, exausto. Tão logo entramos, Frida o ajudou a sentar-se na sala, e se adiantou para lhe buscar um copo d'água.

Cuidadosamente, sentei-me ao seu lado. Não disse nada até que Frida voltasse, mas o questionamento estava evidente no meu olhar. Vários minutos de silêncio absoluto transcorreram até que ela se sentasse no sofá em frente e nos lançasse um olhar de preocupação.

- Vamos ter que falar baixo. – ela disse, quase num sussurro – A babá está no quarto de Linda tentando fazê-la dormir.

Assenti, ainda calada. Então a voz fraca de Hugo falou:

- O que aconteceu?

Olhei, e notei que se dirigia a mim. Não precisei pensar muito para lembrar-me dos horríveis acontecimentos daquela noite; eles estavam ainda muito frescos na minha memória, cada grito e cada palavra. Respirei fundo e disse:

- A Yara... creio que tenha tido uma visão.

Fiz uma pausa, esperando por uma interrupção que não veio. Hugo assentiu devagar, sem olhar pra mim. Um nó se formou na minha garganta.

- Ela gritou. Disse que podia ver tudo. O passado, o futuro. E então disse... ela disse...

Do descanso sagrado eles irão retornar, quando das trevas ao mundo o Mestre adentrar.

Eu me lembrava das palavras. De cada uma delas. Mas não ousaria repeti-las, enquanto eu vivesse. Sua mera lembrança me causava um mau agouro que percorria cada pedaço do meu corpo.

- O que foi aquilo? – perguntei, então – O que foram aquelas palavras horríveis? O que ela viu, Hugo?

- Foi uma Profecia. – ele me disse, numa voz arrastada, pesada. Meu sangue congelou nas veias.

- Mas isso é impossível. – afirmei, veementemente – Pra isso, ela teria que ser uma...

- Clarividente. – dissemos ao mesmo tempo. Cobri os lábios com a mão, como se tivesse dito uma palavra suja. A firmeza com que Hugo me afirmara aquilo me dizia que não havia por que duvidar, e ainda assim, eu duvidava.

- Como? – perguntei, num sussurro – Ela não é... Eu saberia!

- É complicado. – Hugo respondeu-me, apenas – E eu gostaria de explicar, mas vai ter que esperar. Eu preciso me deitar.

Não respondi, apenas meneei com a cabeça. Frida o ajudou a se levantar, e o levou para o quarto. Quando voltou, muito tempo depois, acompanhada da babá de Linda, eu continuava imóvel, atônita. Ela acompanhou a moça até a porta, e só então veio até mim.

- Já arrumei o seu quarto. – ela disse, com um meio sorriso tímido. Pisquei várias vezes, como se tentasse despertar de um transe.

- Não tenho certeza se conseguirei dormir esta noite.

- Nem eu.

Calamo-nos. Eu sentia que mal tinha forças para levantar, e ainda assim, o fiz. Frida acompanhou-me até o quarto de hóspedes – que, constatei, continuava com a mesma decoração de quando Malena morara ali – e parou à porta.

- Sei que é bastante coisa pra digerir. – disse – E vai fazer mais sentido amanhã de manhã. Bom, pelo menos uma parte disso, sim.

– ela tentou sorrir, mas parecia fraca e apagada – Tente descansar. Você vai precisar estar em forma.

Assenti, me perguntando o que exatamente ela queria dizer. Murmurando um boa noite, Frida fechou a porta do quarto, e fiquei completamente sozinha.

Malena não me incomodou naquela noite. Quando despertei na manhã seguinte, estava miraculosamente descansada, e o incômodo que há dias me perseguia havia sido substituído por um tipo diferente de agonia; e, surpreendentemente, nada daquele sentimento tinha a ver comigo.

Tão logo acordei, vesti-me e desci as escadas, indo encontrar Frida e Hugo na cozinha. Ela parecia uma típica mãe de contos de fadas – dividia-se entre as panquecas que fazia no fogão, e a comida que tentava dar à filha. Ele parecia razoavelmente melhor após as merecidas horas de descanso. Ambos tentaram me sorrir quando apareci, mas os ânimos não estavam bons o bastante para que eu pudesse crer naquele pequeno esforço.

Sentei-me. Hugo me passou o café, e, minutos depois, Frida serviu-me uma generosa porção de panquecas com mel. Fossem outros tempos, o melhor que ela poderia fazer de desjejum eram ovos mexidos sem tempero. Dei uma garfada e provei, mesmo estando sem fome. Aquela encarnação tinha certamente lhe conferido dons a mais.

Décadas pareceram se passar antes que eu ousasse perguntar:

- O que acontece agora?

Frida inspirou profundamente, mas continuou alimentando Linda, fingindo não me dar atenção. Hugo baixou o garfo e apenas me olhou por um instante. Então disse:

- Nós deciframos a profecia.

- Não. Referi-me à Yara. – falei, sem sequer cogitar dar importância a outra coisa naquele momento. Minha reação surpreendeu até a mim mesma. Hugo, por sua vez, franziu o cenho.

- Nós vamos cuidar dela. – garantiu-me, com a voz muito segura

– Ela foi Escolhida, é uma de nós. Ela não estará sozinha, Malena.

Resisti à tentação de corrigir meu nome. Não havia necessidade, afinal. Ao invés disso, ative-me ao que realmente importava.

- O que quer dizer com Escolhida?

Hugo suspirou. Tomou um gole de café, pensou um minuto, e, por fim, voltou a falar.

- Nós somos diferentes dos bruxos, Malena. – disse, calmamente – Sabe, um clarividente não nasce. Ele ou ela é Escolhido.

- Por quem? – indaguei, confusa. Em minha mente, eu imaginava a Grande Colheita, quando os primeiros bruxos e bruxas haviam sido escolhidos pelo Senhor das Almas. Não me parecia tão diferente. Mas a resposta de Hugo mudou tudo.

- Por Deus.

- Deus? – repeti. A palavra quase não cabia na minha boca. Malena já a dissera incontáveis vezes na vida, mas parecia errado vindo de mim. Profano.

- Mas você é clarividente. E sua mãe também. – apontei, mas Hugo balançou a cabeça negativamente.

- Não tem a ver com genética. Minha avó não tinha o Dom, e minhas tias também não. Podem-se passar gerações da mesma família sem um único clarividente. Somos Escolhidos pelo nosso caráter, pelo nosso merecimento.

Assenti, aos poucos processando o que ele me dizia. Eu não poderia imaginar ninguém mais merecedor da confiança de uma missão tão grande do que Yara. Ela e sua fé inabalável, sua bondade e carisma. Ainda assim, eu sentia muito por ela. Sua vida jamais seria a mesma, e tudo em que ela acreditava estava a um passo de mudar.

- Somos o contrapeso na balança que o seu Senhor inverteu. – Hugo seguiu explicando, apenas uma ponta de julgamento em sua voz – A representação da magia branca. Quando há uma profecia a ser anunciada, novos porta-vozes são escolhidos.

- E o que dizia essa profecia?

Fez-se um silêncio tão absoluto que, por vários longos minutos, pareceu-me que até mesmo a pequena Linda compreendia que a tensão entre nós poderia explodir ao mínimo ruído. Enquanto Frida remexia com um cuidado estudado a papinha da filha, Hugo encarou

o próprio prato com uma expressão carregada, e ao mesmo tempo vazia; temi, por um momento, que ele estivesse imerso um novo transe, recebendo algum tipo de visão.

Por fim, Hugo respirou fundo, e foi como se o mundo tivesse permissão para voltar a girar. Linda reclamou alto da demora de sua comida, e Frida soltou um risinho abafado perante seus protestos. O olhar de Hugo demorou-se sobre mim ainda por mais alguns instantes antes que ele dissesse, num tom demasiadamente controlado:

- Significa que o Senhor das Almas está retornando. – ele fez uma breve pausa, deixando a informação suspensa, antes de completar – Logo.

Senti um formigamento familiar sob a pele, do tipo que costumava sentir quando invocava uma grande quantidade de magia. Mas era diferente, desta vez. Eu quase podia sentir o poder circulando pelas minhas veias, aquecendo-me por dentro – como se meu corpo confirmasse aquilo que Hugo me dizia.

- Pois sim. Acho que ele está um tanto atrasado. O sacrifício do Coração da Magia aconteceu há meses. – repliquei, com amargura o suficiente para me surpreender. Tentei contê-la, mas sabia que não poderia lutar contra ela uma vez que a deixasse entrar.

- Eu não sei por que agora. – ele disse, pacientemente – Mas está acontecendo, Malena. Eu vi. Yara viu.

- O futuro pode mudar.

- Isso é diferente. Profecias são inevitáveis. Você pode tentar enganar o destino, mas o destino estará enganando você. Já foi visto, e já foi dito. Ele está voltando.

Ao formigamento, juntou-se um desagradável aperto no estômago. Afastei meu café da manhã praticamente intocado, e deixei que o amargo invadisse minha boca, escurecesse meus pensamentos. A pergunta que não pronunciei pareceu transmitir-se por pensamento. Frida inspirou profundamente, e quase num sussurro, respondeu-me:

- Temos que nos preparar.

- Nos preparar para quê? – perguntei, de repente, todo o medo despejando de mim em notas altas – Se é isso que diz a profecia,

então estamos condenados. Todos vamos morrer.

- Deve haver alguma forma de impedirmos. – Frida insistiu, e sua fé serviu apenas para me deixar irritada – Temos que lutar. Temos que *tentar*, ao menos. Precisamos ter esperança.

- E por que, minha querida irmã, por que eu gostaria de ter esperanças? – perguntei, um pouco alto demais, e Linda começou a chorar. Naquele momento, não me importei. Frida e Hugo me olharam, alarmados, mas eu segui com as minhas palavras inflamadas pela ira e pelo ressentimento – Você não percebe que não estamos numa posição em que podemos nos permitir ter esperança? De que me adianta tê-la, se sei que será inútil? – em minha loucura, eu ri – Esperança! Para quê? Não há enganos quando não a temos. Não há dor se não há expectativas. E, convenhamos, não há beleza nenhuma nesse otimismo despropositado. Ele não irá te salvar quando a hora chegar.

Calei-me, e Frida não respondeu. Pude ver em seus olhos o quanto minhas palavras a tinham magoado. Muito devagar, ela se levantou, tomou a filha nos braços e saiu. Quando olhei para Hugo, vi que ele estava dividido entre apoiar a esposa e concordar comigo. Decidi que era hora de me calar. Levantei-me e levei meus restos de desjejum até a pia.

- Vou até o hospital ver como está a Yara, se quiser vir comigo. – Hugo convidou, enfim. Assenti, muito mais calma agora, mas continuei em silêncio. Então eu o deixei e voltei para o quarto onde estava hospedada.

Frida não apareceu mais pelo resto da manhã, embora eu pudesse ouvi-la brincando com Linda, a salvo em seu escritório. Passei o que me pareceram ser longas horas deitada, observando uma manhã acinzentada e desanimadora crescer do outro lado da janela. Quando Hugo bateu à minha porta, não pude deixar de me lembrar da profecia. As palavras começavam a me fugir, mas algo me dava a péssima impressão de que aquele mau tempo era apenas o começo.

Pensei em questionar Hugo a respeito, mas ele não parecia tão mais disposto a falar do que estava durante o café. Seguimos,

portanto, sem trocar um único ruído. Quando chegamos, ele fez sinal para que eu fosse na frente.

- Vou ligar pra minha mãe primeiro. Ela precisa saber. – disse, apenas.

A pergunta morreu sem nem bem chegar à minha boca – Pandora Lew também era uma Clarividente, então o que exatamente ela precisaria saber? Mas decidi que aquela curiosidade poderia esperar. Concordei com seu pedido e adentrei o prédio do hospital.

A recepcionista me indicou o quarto desejado sem que eu precisasse dizer o nome da paciente – uma das vantagens de se viver em uma cidadezinha tão pequena quanto Oxford era que nunca havia gente ou movimento suficiente para que os rostos se perdessem na multidão. Murmurei um obrigada e fui até as escadas.

Os corredores demasiadamente brancos e as luzes brilhantes demais me traziam um mau agouro que me arrepiava a espinha. Lembrei-me, com certo mal-estar, de quando Malena atravessou estes mesmos corredores para encontrar seus familiares perecendo por detrás daquelas portas.

Quando parei diante do quarto de Yara, não pude ignorar que esta nova vida tinha se transformado numa infinita sucessão de perdas e de perigos para mim e para aqueles que me cercavam; efeitos colaterais da minha simples existência. O que teria acontecido se eu nunca tivesse feito aquele feitiço, um século atrás? Teria eu reencarnado em Malena – e, se tivesse, seria Malena, ou seria eu mesma? Em algum momento teríamos vindo a Oxford, ou, de alguma forma, teríamos seguido por outros caminhos, longe, a salvo?

Com a mão sobre a maçaneta, revirei os olhos diante de meus próprios devaneios tolos. Era bobagem ponderar sobre as artimanhas do destino, culpar-me pelas minhas escolhas – o aqui e o agora eram o que realmente importavam, a única coisa com que eu deveria me preocupar. Suspirei e abri a porta.

A cena que se estendeu diante dos meus olhos causou-me tamanho mal estar que minha cabeça doeu em protesto, e senti as barreiras que me separavam de Malena tremulando. Yara estava deitada numa maca que rangia aos seus constantes movimentos,

cercada por tubos e equipamentos cujo uso eu não compreendia. Diferente de quando estivera internada após o incêndio na Casa Azul, seus olhos estavam bem abertos, e a boca escancarada num grito mudo, que se limitava a soltar pequenos ganidos, mais assustadores e ferinos que qualquer urro.

Suas mãos, em constante trabalho, enrolavam o lençol da maca por entre os dedos, e, embora suasse debaixo do cobertor, tremia em espasmos violentos a cada um ou dois minutos. A violência com que seu estado me atingiu fez com que eu estacasse no meio fio entre o quarto e o corredor, a mão ainda sobre a maçaneta, incapaz de entrar, mas sem coragem de deixá-la.

Ouvi o movimento atrás de mim e me virei de súbito quando uma mulher baixa, de longos cabelos negros, pele morena e profundas olheiras, me cumprimentava num sussurro baixo. Soube quem ela era antes que se apresentasse, não pelas semelhanças físicas, mas pelo modo exato com que se mexia e com que falava – Malena tinha convivido com esses gestos diariamente nos últimos meses.

- Você é a Malena? – ela me perguntou, pousando a mão sobre o meu ombro com tanta delicadeza que eu mal sentia o seu peso.

- Sim. – murmurei, a boca seca.

- Obrigada por ter socorrido a minha filha. Deus te abençoe, querida. – ela me disse, com um pequeno sorriso. Minha garganta se fechou, e comecei a me afastar. Cruzei com Hugo poucos metros adiante.

- O que foi? – ele me perguntou, ao me encarar por apenas um instante.

- Ela está gritando, Hugo. – sibilei, em pânico crescente – Por que ela ainda está gritando?

- Ela está vendo coisas, Malena. – ele me explicou, com calma, me trazendo para os pequenos assentos de espera que beiravam os corredores – E essas visões são muito dolorosas, no início. O corpo dela precisa se acostumar a isso, antes de retomar consciência. Não vai ser fácil, mas nós iremos ajuda-la.

- Visões? Achei que vocês só vissem as profecias!

Hugo balançou a cabeça negativamente, o olhar perdido em pensamentos.

- Vemos tudo a todo momento. Aqui mesmo, nesse instante, estou revivendo todas as famílias que já passaram por este corredor, e as que virão depois de nós. – ele fez uma pausa, e pude ver o fardo invisível pesando sobre seus ombros – Eu sei o que você fará quando saímos daqui, e sei quando Yara vai sair daqui. E ela também. Enquanto ela grita, está enxergando mais coisas e recebendo mais informações do que qualquer humano seria capaz de tolerar. Ou qualquer bruxo.

Imaginei aquela sensação, aquela sina, como sendo minha. Por mais que tentasse, qualquer sequência de imagens aleatórias que eu pudesse passar pela minha mente não parecia nem de longe tão intensa nem tão sobrecarregada quanto aquilo que Hugo me descrevia. Eu não podia nem começar a entender a vastidão do sofrimento de Yara, e aquilo apenas aumentava a agonia.

Hugo empertigou-se, e seu olhar voltou a se focar em mim. Então, muito sério, disse:

- Quando Yara sair daquela cama amanhã, ela saberá muitas coisas que não poderá dividir com você. – tentei contra argumentar, mas Hugo me conteve – Não. Tem que ser assim. As visões precisam ser vividas, não ditas. Ela sairá daqui sabendo exatamente o rumo que as coisas irão tomar, e qual é o papel dela em tudo isso. E é exatamente por isso que você *precisa* protegê-la.

- Protegê-la de quê?

- Vai chegar a hora em que as escolhas de Yara irão de encontro às suas, e, no final, o destino irá prevalecer. – ele hesitou, esperando que eu compreendesse. Acenei pra que continuasse, e ele respirou fundo antes de fazê-lo – Você não vai gostar, e talvez não entenda, mas precisa se lembrar que, aconteça o que acontecer, Yara *sabe*.

- Hugo, o que vai acontecer? Você está me assustando!

- Já disse, as visões precisam ser...

- Vividas, sim! – exclamei, me levantando rapidamente – Mas por que eu não posso saber de algo que pode me ajudar? Me ajudar a protegê-la, também?

- Não vou discutir isso com você. – Hugo suspirou, cansado – Vá para casa, antes que a chuva comece. Quando Yara estiver pronta, ela irá até você.

Hugo se levantou, e seguiu pelo corredor em direção ao quarto de Yara, mas parou a poucos passos da porta. Virou-se e chamou-me.

- Lembre-se da profecia. – aconselhou, antes de adentrar o quarto e me deixar sozinha com a vastidão branca.

Dez dias de noite

Seguindo o conselho de Hugo, voltei para casa. Assim que deixei o hospital, vi os sinais evidentes de uma tempestade a caminho – a ventania que levantava poeira e balançava árvores, o calor abafado dando lugar a um frio úmido, e uma vasta faixa de nuvens muito pretas se aproximando a uma velocidade vertiginosa. Tratei de caminhar mais rápido, a despeito do cansaço, e refiz meu caminho para casa.

As palavras de Hugo não pareciam mais dispostas a deixar a minha mente do que as imagens de Yara convalescendo naquela maca. Ouvia seus conselhos em um eco repetitivo, e, procurando seguir um deles, tentei me lembrar da profecia. Tanto já tinha sido dito, tanta coisa já tinha acontecido, e agora o que deveria ser mais importante estava se diluindo nas minhas lembranças.

Decidi que pensaria nisso quando estivesse de posse de papel e tinta, e tentaria anotar tudo de que me lembrasse, para analisar depois. Concentrei-me, então, em chegar ao meu destino o mais rapidamente possível; as nuvens já cobriam Oxford e transformavam a manhã em fim de tarde. As luzes nos postes estavam acesas, e pessoas se fechavam em suas casas. Eu não queria ser pega pela chuva quando ela chegasse.

Avistei a cerca precária e os tijolos aparentes que forravam as paredes do meu novo lar assim que as primeiras gotas começaram a cair. Corri os poucos metros que me separavam da porta de entrada, mas não fui rápida o suficiente para evitar que o rápido aumento na intensidade da garoa me deixasse molhada e trêmula de frio. Quando bati a porta às minhas costas, os pingos já faziam barulho ao se chocarem contra o telhado.

- Malena? – a voz vinda da cozinha chamou, com preocupação. Fui em direção a ela e encontrei a mãe preparando o almoço.

- Olá. – eu disse, tentando secar o rosto com as mãos úmidas. Ela veio até mim com uma expressão consternada.

- Você veio a pé até aqui? Por que não me ligou? – começou a tirar meu casaco e usou o pano de prato para secar meu rosto – Vá

tirar essas roupas já! Vai pegar uma pneumonia!

Assenti, obedientemente, e subi em direção ao meu quarto. Empilhei as roupas molhadas atrás da porta e vesti algo mais seco e quente. Em seguida, peguei um caderno de Malena e procurei uma caneta, não deixando, novamente, de me maravilhar com a beleza daquela pequena invenção. Eu ainda me lembrava das manchas de tinta e da lambança de se escrever com o tinteiro separado. Algo tão simples devia ter sido inventado séculos antes.

Concentrei-me em lembrar da noite passada. Não era difícil – eu conseguia me lembrar do horror nos olhos dela, do sangue, da febre, do desespero. Mas não das palavras. As palavras insistiam em fugir de mim.

Descanso. Algo sobre descanso. E trevas. O Mestre retornando das trevas. O quarto pareceu imediatamente ficar mais frio. Ignorei meus próprios temores e anotei as palavras, tentando remontar a conexão entre elas. Por que era tão difícil?

- Querida? – duas batidinhas suaves, e a porta se abriu. A mãe entrou com um sorriso fraco e tímido, como se numa oferta de paz.

- Sim?

- Como está a sua amiga? – ela perguntou, com evidente preocupação – A Yara. Sua tia me disse que ela passou mal...?

- Sim. Ela está... – parei. Não conseguia mentir, não sobre aquilo, sabendo a gravidade da situação, tendo visto o que eu vira. Então baixei os olhos e murmurei – Ela vai melhorar.

- Claro que vai. – fez uma breve pausa e se aproximou. Fez menção de sentar-se na cama ao meu lado, mas por fim, decidiu ficar de pé, a poucos passos de mim – Queria pedir desculpas.

- Pelo que? – franzi o cenho, confusa. Não me lembrava da última vez em que alguém havia se desculpado para mim. Talvez nunca tivesse acontecido.

- Pelo jeito como as coisas tem estado aqui em casa. – soltou um longo suspiro e, afinal, sentou-se comigo – Sabemos que não tem sido fácil pra você, querida. E a verdade é que você esteve tão... *ausente* que não sabemos exatamente como ajudar você. Foram meses difíceis.

Ela não fazia ideia. Mesmo assim, me peguei tocada pelo pedido de desculpas e assenti, levemente emocionada. Pelo Senhor, eu não podia começar a *chorar*, logo agora. Qual era o problema comigo?

- Enfim. Espero que você saiba que, aconteça o que acontecer, somos a sua família, e você sempre poderá contar conosco. – por um instante, achei que fosse me abraçar. Ela hesitou no último segundo, e, sem dizer mais nada, levantou-se, pegou as roupas empilhadas e saiu, me deixando novamente sozinha com meus pensamentos e o barulho da chuva.

Um novo sentimento me preenchia, e eu não sabia bem o que era. Sentia como se estivesse sendo envolta em um cobertor quente e aconchegante, e um arrepio bom percorreu meu corpo. Nunca fui parte de uma família antes. As Von Evans já começavam a perder este conceito quando nasci, e o mesmo perdeu-se para sempre enquanto eu crescia. Nunca fui aceita. Nunca fui querida. Nunca me senti em casa.

Encarei novamente as palavras rabiscadas sobre o papel, mas elas já pareciam murchar diante dos meus olhos, seu sentido se esvaindo tão rapidamente que minha determinação em lembrar-me do que antes pretendia desvendar abandonou-me em poucos minutos. Baixei a caneta e, por fim, afastei o caderno. Recolhi-me em minha cama e esperei pacientemente a chuva acalmar, até acabar adormecendo.

Choverá incessante sobre seu manto negro

Acordei num sobressalto com o eco de um sussurro em minha mente, tão forte, tão intenso, que demorou a se esvanecer. Era madrugada, e o quarto de Malena – *meu* quarto – estava gelado, apesar de ser verão.

Um trovão particularmente feroz me assustou, e resolvi levantar. As palavras não saíam da minha cabeça, ecoando em murmúrios ferozes, descrevendo espirais de pensamentos que se recusavam a fazer sentido. *Choverá incessante sobre seu manto negro*. Um arrepio me percorreu a espinha.

Há exatos três dias agora, a maior tempestade da história do Kansas deixava a pequena Oxford e algumas cidades vizinhas

praticamente submersas. Nos noticiários, as más notícias vinham aos bandos – casas desabando, plantações morrendo, famílias inteiras saindo de casa. A despeito da falta de notícias e da minha preocupação com seu estado, visitar Yara não era uma opção. O hospital de Oxford estava praticamente ilhado.

Assim como nós. Há dias, ninguém da família ousava sair para trabalhar. A casa ficava demasiadamente afastada para que a mãe se preocupasse diante da perspectiva de um acidente, ou mesmo de um atolamento em meio a toda a lama que cercava a propriedade. A família Gordon permanecia unida em meio ao caos crescente.

Choverá incessante sobre seu manto negro.

- Em que está pensando?

A voz de Toy surgindo em meio às sombras não me surpreendeu. Vi meu velho companheiro formando silhuetas na pálida luz que vinham da janela e decidi voltar para a cama.

- Nessa chuva insuportável. – respondi, embora não fosse inteiramente verdade. Toy percebeu.

- Você nunca deu muita atenção às mudanças climáticas.

- Não. Creio que não.

- Então...?

Não respondi de imediato. Observei as gotas batendo violentamente contra a janela, repetindo as palavras para mim mesma sem emitir ruído. Uma luz muito fraca parecia se acender no fundo de minha consciência, mas eu não conseguia alcançá-la. E o barulho insuportável daquele dilúvio que parecia preceder o retorno de Noé me impedia de pensar com clareza. O que eu estava deixando passar? Onde estava o significado oculto daquela tempestade?

Outro relâmpago cortou o céu, e por um segundo muito longo, eu pude ver a sombra das nuvens carregadas, as gotas de chuva pairando no ar antes de atingirem o chão, e a extensão infinita da escuridão que abatia Oxford. E então me lembrei de tudo; de Yara, de seus olhos sangrando, de sua voz gélida e sepulcral, e de cada palavra da profecia. *Choverá incessante sobre seu manto negro, dez dias de noite tomarão a Terra em medo.* Como eu poderia ter me esquecido?

- O que disse? – Toy perguntou, e notei que enfim tinha pronunciado as palavras em voz alta.

Repeti. Cada sílaba parecia me esmagar. O silêncio que se instalou entre nós era frágil, quebradiço. Por fim, Toy questionou:

- E o que isso quer dizer?

- Quer dizer que está apenas começando.

Na manhã do quarto dia, a energia elétrica abandonou nossa casa.

Amanheci ainda sem saber se era dia ou noite. O céu continuava obscurecido por uma grossa camada de nuvens que não parecia nem remotamente perto de se dissipar, apesar de a chuva não ter dado uma trégua sequer desde que as primeiras gotas começaram a precipitar; meu quarto estava escuro como num fim de tarde, e a casa toda assumira um ar sombrio que eu observara antes somente na Casa Azul.

Toda a família estava reunida na sala. Era evidente que a falta de energia elétrica tinha sido a cereja no topo do bolo de frustrações causados pela tempestade. Havia um castiçal antigo com duas velas sobre a mesinha de centro, e nada mais. Os rapazes se encolhiam no chão, enquanto os pais dividiam um dos sofás.

Aproximei-me com calma, e fui recebida por um abraço afável de Mila Gordon. Retribuí por impulso, mas imediatamente me senti uma intrusa. Desejava companhia, mas não pertencia entre aquelas pessoas. Nem assim, contudo, me retirei; afastei-me de seu abraço, mas permaneci entre eles, no mais completo silêncio, ouvindo a chuva castigar o telhado.

- Estou de saco cheio dessa chuva. – Fred resmungou – E agora nem luz tem mais! Não dá nem pra jogar videogame!

- No meu tempo nós não tínhamos videogame, e eu sobrevivi. – o pai retrucou, e foi retribuído com mais alguns muxoxos.

- E o que você sugere? Com essa chuva, não acho que a energia vá voltar logo!

- Por que a gente não conta histórias? – a mãe sugeriu. As reclamações foram generalizadas.

- Histórias, mãe? Quantos anos a gente tem, sete? – Eric disse, mas Bryan, surpreendentemente, entrou na brincadeira.

- Podiam ser histórias de terror! – sugeriu. Todos se calaram.

- É. Histórias de terror podem ser uma boa. – Eric acabou concordando.

- Começa você, então. – Fred disse, atirando uma almofada na direção do irmão mais velho.

Bryan limpou a garganta e começou sua narrativa com um típico “era uma vez”. Não havia nada de impressionante em sua história – fantasmas em um cemitério assombrado, e uma morte sangrenta que ele fez questão de contar em mínimos detalhes. Não me causou muito mais que um frisson pela falta de tato com as palavras.

Uma vez terminada sua história, Bryan passou a vez para seu pai. Ele pensou por alguns minutos antes de começar a falar.

- Não sei bem se é uma história de terror, mas é real. – ele disse, em um tom pesado que atraiu a atenção de todos nós – Quando eu era menino, mais novo que a Malena, perdi uma aposta. E o preço a pagar era que eu entrasse na Casa Azul.

Ele fez uma pausa, e eu me empertiguei no sofá. Minha mente vagou para um tempo distante, quando a mansão acabara de ser erguida e cheirava a prosperidade e magia. Lembrei-me, então, que tudo aquilo tinha vindo abaixo, meses atrás, consumido por chamas, e que seu terreno havia sido profanado pelos bruxos nômades de Shiny. Pensar nisso fez minha garganta arder de ódio.

- Ela era bem diferente naquela época. Quando nós nos mudamos pra lá, eu já tinha investido em muitas reformas. – continuou – Naquela época ela estava bastante destruída, abandonada há anos. A última família antes de nós a viver lá já havia ido embora muito antes de eu nascer. Vocês com certeza ouviram falar das lendas; que bruxas viveram lá, e assassinaram pessoas, e foram condenadas à fogueira. Tudo isso parece história da carochinha, eu sei. Eu também pensava assim; isso é, antes de *entrar* lá.

- O que você viu? – Bryan perguntou, e sua voz me causou um leve sobressalto, tão imersa eu estava em minha própria imaginação. O pai pigarreou.

- Não vi nada, não exatamente... – todos os garotos puseram-se a reclamar, e ele ergueu a voz – Será que eu posso terminar de contar a história?

Ele esperou até que o único som que se fizesse ouvir fosse o da tempestade lá fora, e então prosseguiu.

- Meus amigos me desafiaram a trazer alguma coisa de lá de dentro. – contou – Eu era um garoto muito medroso, mas não podia dar o braço a torcer. Não havia cerca nem portão na propriedade; isso nunca foi necessário, porque ninguém entrava lá. Era um lugar maldito, pelo que diziam. Por que dificultar a entrada se quem entrasse não conseguiria sair?

“Pois bem, eu entrei. Dei sorte de que a avó de vocês era muito restrita com horários, ou então eles teriam me obrigado a entrar durante a noite. Eu só precisava ficar uns cinco minutos lá dentro e trazer qualquer coisa de lá – uma pedra do chão, uma lasca da parede. Ia fazer o que precisava fazer e dar o fora dali.

“Eu me lembro muito bem de como era quando entrei. Vocês nunca iam imaginar a diferença! A Casa Azul pra onde nos mudamos era o paraíso. A que eu entrei tinha chão de terra batida. As janelas estavam estilhaçadas, as paredes estavam rachadas. E não havia nada, absolutamente nada, lá dentro que eu pudesse levar. Não na sala, pelo menos. Meu plano de só ficar parado por alguns instantes antes de sair correndo tinha ido por água abaixo, porque eu ainda precisava de uma prenda pra provar que tinha estado ali.

“Acabei tendo que ir mais fundo. Imaginem vocês como a Casa era por dentro. Aquele pequeno corredor que levava à escada e à cozinha? Imaginem aquilo repleto de terra, mofo e ratos. Todas as janelas estavam quebradas, e era verão, mas parecia que o sol se recusava a entrar. Eu estava mais fundo do que qualquer amigo meu jamais estivera na Casa Azul, mas não podia provar.

“Cheguei até a cozinha. Ali foi que eu finalmente encontrei alguma coisa. Havia uma xícara quebrada num canto, e decidi que já tinha ficado lá dentro mais do que o suficiente. Corri para pegá-la, e no momento em que me abaixei...”

Ele hesitou. Todo o ar parecia ter sido retirado da sala, e observei cada um dos rostos atentos em puro suspense.

- O que aconteceu? – foi a mãe quem perguntou, enquanto puxava o braço do marido. Ele riu.

- Nada aconteceu. Eu saí de lá intacto. – todos soltaram exclamações de desprazer enquanto ele falava - Não ouvi nada, não vi nada. Não tinha nada lá. Nunca teve.

- Poxa, pai, era pra ser uma história de terror! – Fred reclamou, mas ele apenas riu.

- Acha que eu teria me mudado com toda a minha família praquela casa se eu achasse que tinha alguma coisa lá? – então olhou na minha direção – Malena, querida? Sua vez.

Minha boca ficou seca. Eu não me sentia intimidada com muita frequência, mas ele havia tocado um ponto fraco. Eu não era uma boa contadora de causos. Cecily era capaz de convencer qualquer um de qualquer coisa através das palavras, mas eu – eu era uma garota de ações. Eu não contava histórias, eu as fazia acontecer.

- Acho melhor não. – falei, me esquivando. Mas os rapazes não me deixariam escapar assim tão fácil.

- Vai lá, maninha. – um deles insistiu – Não precisa ser boa. A do papai foi uma merda.

- Olha a boca, mocinho. – a mãe ralhou, e eu suspirei.

- Não sou muito boa com essas coisas. – admiti, mas todos me olharam como se eu tivesse acabado de contar a mais insana de todas as mentiras.

- Desde quando? Você é a melhor! – Fred exclamou – Deixa disso, a gente sabe que você adora fazer isso!

Fiquei boquiaberta por alguns segundos, rapidamente recorrendo às memórias de Malena pra entender de que diabos ele estava falando. Lembrei-me de um acampamento, há anos, quando Malena devia ter dez, no máximo onze anos – ela, seus irmãos e outras crianças estavam em volta de uma fogueira, e sua narrativa deixava todos os olhares e atenções presos a ela. Obviamente, Malena tinha um talento do qual eu não compartilhava, mas ao qual eu teria que recorrer agora.

- Só não queria assustar vocês com a minha história. – brinquei, numa tentativa de disfarçar meu pânico momentâneo. Para minha sorte, todos riram.

Demorei um minuto para começar, enquanto me perguntava que história poderia contar de um jeito remotamente interessante. De canto de olho, vi Toy se aproximar e deitar-se aos pés do sofá. Sorri comigo mesma. Sabia que não devia brincar com certas coisas, mas se era uma história de terror que eles queriam, por que não lhes oferecer uma real?

- Já que o...*papai* citou a Casa Azul... vocês conhecem a história dela?

- Todo mundo conhece a história dela. – Eric respondeu, de maneira levemente impaciente. Estreitei os olhos, mesmo sabendo que aquela pose não pareceria nem de longe tão ameaçadora no corpo de Malena quanto pareceria no meu.

- Vocês conhecem as lendas. Estou falando da história real. – afirmei. Ninguém me rebateu. Malena devia ter um poder de persuasão muito intenso com suas histórias para que confiassem tão cegamente em mim até para recontar algo que todos acreditavam já conhecer. Pigarreei – No século dezenove, sete irmãs chegaram a Oxford, que, na época, mal passava de um vilarejo.

- Não mudou tanto assim. – Bryan comentou, e até eu fiz uma pausa para dar risada.

- Não, não mesmo. Depois da sua chegada, elas se instalaram num terreno abandonado às margens da cidade. E literalmente da noite para o dia, ergueram uma mansão. Foi mais ou menos aí que algumas pessoas começaram a desconfiar que tivessem algum tipo de pacto com as trevas.

“Elas conviveram num regime de exclusão por muitos meses, saindo de casa apenas para comprar provisões. Ninguém no vilarejo sabia, mas as irmãs planejavam escravizar a cidade, e construir, a partir dela, um pequeno império – tudo isso através de um feitiço ambicioso.

“Contudo, os aldeões não eram os únicos a desconhecer parte dos planos das irmãs bruxas. A irmã mais velha tinha planos muito maiores do que apenas fazer uso de alguns poucos cidadãos sob seu domínio. Em segredo, ela planejava o retorno de seu grande Mestre, uma criatura cujo poder infinito tinha sido cedido pelo Diabo em pessoa, e cuja maldade era tão ilimitada quanto sua sede de poder.

E o feitiço para libertar tão vil criatura exigia um preço alto em sacrifício: traição e sangue mágico.

“Assim, seis das bruxas conspiraram em segredo para sacrificar a mais jovem, ainda que não soubessem da real finalidade de suas ações. Mas por pouco tempo este segredo foi mantido – a bruxa mais jovem descobriu o que vinha sendo planejado às suas costas, e decidiu enfrentar traição com traição.

“Sua vingança foi planejada como o ataque de um homem bomba – repentina e suicida. Protegida com um feitiço poderoso, ela selou seu destino para renascer como a sétima criança da união do sangue de nativos da cidade. Então armou um ritual de magia negra, regado ao sangue do brutal assassinato de dois aldeões, que condenou ela e todas as suas irmãs à sentença de morte na fogueira.

“A mais jovem, contudo, não foi a única a se proteger. Já na fogueira, frente a frente com a morte, as irmãs profetizaram seu retorno, selando Oxford para sempre sob o juramento de um dia voltarem para devastarem a cidade e terminarem aquilo que haviam começado.”

O silêncio reinou por longos minutos entre todos. Perguntei-me, subitamente, se teria ido longe demais. Malena havia enfeitado todos eles para esquecerem o que haviam visto e ouvido sobre magia, mas eu não estava tão certa de que poderia confiar. E se houvessem limites para que o feitiço funcionasse, linhas que eu não poderia cruzar sem reverter completamente o processo? Teria eu arriscado tudo ao contar-lhes minha história?

- Isso tudo é bobagem. – Bryan afirmou, por fim, e o alívio sobre mim foi quase visível – Bruxas não existem.

- Mas você bem que acreditou, por um momento. – o pai brincou, e o assunto deu-se por encerrado. Assim como a rodada de histórias de terror.

No sexto dia, eu já não podia mais ficar em casa.

Tampouco podiam os outros membros da família Gordon. A comida seguia escassa, ainda não havia energia elétrica, os telefones estavam mudos e a chuva não dava trégua, embora a

intensidade houvesse diminuído consideravelmente. Assim, foi decidido que Dave Gordon e dois de seus filhos iriam tentar dirigir até o centro de Oxford para que pudessem ao menos fazer compras.

- Eu vou junto. – declarei, instantes antes que o pai saísse, acompanhado de Bryan e Colin. Não era uma pergunta, mas mesmo assim recebi várias respostas. Nenhuma delas me mostrou suporte.

- Não, senhora! – a mãe exclamou, de maneira quase estridente.

- Pra quê você quer sair de casa? Não tem nada pra fazer na rua! – Colin indagou, confuso.

- Nós vamos, você fica. – Dave afirmou, sem sequer me dar atenção. Resisti ao impulso de revirar os olhos, e ao invés de usar toda a minha insolência, me perguntei: *o que Malena faria?*

- Mamãe, eu preciso ir. – eu disse, numa voz chorosa que me revirava o estômago ser obrigada a usar – Não tenho notícias da Yara há dias! Ela é minha melhor amiga, mamãe. Por favor.

- Eu não vejo necessidade... – ela começou a dizer, mas eu a interrompi. Puxei sua mão e supliquei com os olhos.

- Me deixe tentar. – pedi – Eu não vou sair da vista do papai. Só preciso saber se ela está bem!

Ela suspirou, e olhou para o marido. Durante alguns instantes, trocaram uma conversa silenciosa que eu daria tudo para conseguir escutar. Por fim, assentiu com um gesto e disse:

- Tudo bem, vá em frente.

Sorri e a abracei em agradecimento, e em seguida corri em meio à chuva e ao lamaçal em direção ao carro. Me acomodei no banco de trás com Colin enquanto Bryan foi na frente com o pai. O automóvel chiou por longos minutos até, por fim, dar a partida.

O caminho não foi nada fácil. A estrada de terra que separava a nossa propriedade das ruas mais afastadas do centro de Oxford tinha se transformado num imenso pântano, e apesar de prosseguirmos com cuidado, as rodas rateavam e dançavam em meio à lama. Afundei os dedos no estofado, pronta para agir se fosse preciso – mas fosse meu poder se espalhando involuntariamente, fosse apenas por muita sorte, chegamos em segurança até os primeiros sinais de asfalto.

Lá, no entanto, era onde a pior visão nos aguardava.

Oxford estava devastada pelas chuvas. Havia lixo espalhado pelas ruas, e uma porção de casas destelhadas. Pessoas envoltas em capas plásticas recolhiam suas coisas, tentavam em vão salvar suas posses. Senti-me completamente arrebatada por um intenso sentimento de culpa; não fosse pelas minhas ações e decisões – minhas e de Malena – nada daquilo estaria acontecendo a todas aquelas pessoas. Havíamos condenado milhares com nossa covardia e sentimentalismo.

Em que eu havia me tornado?

- Será que tem alguma coisa aberta? – Bryan perguntou, se inclinando em direção ao para-brisa para tentar enxergar melhor por entre a chuva.

- Deve ter. – Colin respondeu, dando de ombros.

- Estou preocupado com a tia de vocês. Será que Frida e Hugo estão bem? – o pai disse, para ninguém em especial. Aproveitei a deixa.

- Podíamos parar por lá, papai. – sugeri, ansiosa – Ver se eles estão precisando de alguma coisa. Com a Linda lá, pode ser que esteja faltando algo em casa.

Ele não pensou duas vezes.

- Sim, vamos fazer isso.

Mal reconheci as ruas por onde passamos, tamanha transformação que os dias de tempestade haviam infligido sobre a cidade. Precisei bloquear todo e qualquer pensamento culposos que se aproximasse, ou acabaria enlouquecendo. Eu não tinha tempo para sentir pelos outros; havia preocupações muito mais próximas exigindo a minha atenção.

A casa de Frida permanecia firme e intacta, embora dois de seus vizinhos estivessem com as casas parcialmente destruídas. Estava prestes a fazer uma prece silenciosa em agradecimento ao Senhor das Almas, quando me lembrei que era por ele que aquela tragédia estava se abatendo sobre nós. Alguns hábitos eram difíceis de perder.

Estacionamos, e fui a primeira a saltar do carro e correr em direção à porta. Apertei a campainha rapidamente, e esperei,

sentindo a capa de chuva grudar nas minhas roupas. Quando a porta se abriu e Hugo nos recebeu, quase tive vontade de abraçá-lo.

- Entrem, entrem! – ele disse, ainda surpreso por nos ver – O que estão fazendo aqui nesse mau tempo?

- Precisávamos saber se vocês estavam bem. – respondi, e troquei um longo olhar com Hugo. Naqueles segundos, tive certeza de que ele entendeu minhas intenções tão bem quanto possível.

- Frida está lá em cima, colocando Linda pra dormir. – afirmou. Assenti num movimento mínimo.

- Vou chamá-la.

Subi as escadas com a agilidade com que Malena costumava escalá-las nos meses em que passou vivendo ali. Embora eu ainda conseguisse me guiar muito bem dentro da casa de Zethi, a familiaridade que havia ali há muito já havia ido embora para mim; eu me sentia novamente uma estranha quando dei batidinhas leves à porta do quarto de Linda e entrei, sem esperar ser convidada.

Ela acabara de colocar a pequena bebê – *Nayse*, como eu instintivamente a chamava – no berço quando me ouviu entrar. Parecia surpresa, mas não estranhou minha presença, como se soubesse que eu viria, uma hora ou outra. Pediu silenciosamente que eu continuasse calada, e, depois de alguns instantes balançando o berço delicadamente, veio até mim e me guiou para fora do quarto.

- O que está fazendo aqui? – me perguntou, aos sussurros – Como conseguiu chegar, com toda essa chuva?

- Dave. – respondi, apenas – Precisávamos vir à cidade de qualquer maneira, foi fácil convencê-lo.

Ela assentiu, e então não pude mais controlar minha ansiedade.

- É a profecia, não é? – indaguei – *Dez dias de noite*. Era isso que a profecia dizia.

- Não há outra explicação. – Zethi deu de ombros, a voz soando muito mais agitada do que sua expressão deixava transparecer.

- O que acontece agora?

- Não tenho certeza. – ela mordeu o lábio, pensativa. Como eu, imaginei que tentasse se lembrar de todas as palavras da profecia –

É muito interpretativo. Hugo viu, mas ele não pode compartilhar essas imagens conosco.

- Então de que adianta vê-las? – explodi, controlando-me para não bater em alguma coisa. Ou em *alguém*.

- Não seja infantil, Dorothei. Há circunstâncias da magia deles que nós não entendemos, limites que nós não temos. Mas nós temos as palavras, e elas podem nos dar alguma vantagem.

- Vantagem! Como se houvesse alguma forma de vencer o que está por vir!

O breve silêncio pesou sobre nós como uma mortalha. Um desespero crescente me preenchia, ameaçando destruir todo o meu autocontrole.

- Estamos perdidos. – murmurei, e aquela constatação pareceu ressecar minha boca, inchar minha garganta. Sabia que tinha de mudar de assunto, ou aquele pânico me dominaria. Precisei pigarrear algumas vezes até conseguir voltar a falar – Teve notícias de Yara?

- Não até agora. Mas não se preocupe, tenho certeza de que minha sogra está de olho nela.

- Eu não confiaria em deixar ninguém sob a proteção de Pandora Lew.

- Acredite quando eu digo que ela tem excelentes razões para ser extremamente cuidadosa com Yara.

Antes que eu pudesse inquirir mais a respeito, ouvimos vozes e passos em direção à escada. Zethi e eu pensamos ao mesmo tempo, e descemos antes que alguém viesse se juntar a nós.

Palavras de cuidado foram trocadas entre os familiares, mas meu pensamento estava longe dali. Ainda restavam quatro dias de chuvas torrenciais, e tínhamos pouca ou nenhuma perspectiva do que estava a caminho. Eu não poderia me retirar pra residência dos Gordon outra vez, isolada e ilhada, ou acabaria enlouquecendo.

- Sabe, Dave, eu ando precisando de uma mãozinha por aqui. – ouvi a voz de Zethi comentando, em tom ameno, e entrei em alerta – Hugo está muito preocupado com a mãe, e eu tento cuidar dos nossos pais, mas não temos como fazer isso e deixar Linda sozinha.

Uma pausa. Não precisei recorrer à magia para ler seus planos, tão claros quanto a água que desabava do céu.

- Por que a Malena não fica conosco por esses dias? Só enquanto esse dilúvio não passa. – sugeriu, e não pude evitar um meio sorriso à sua ideia brilhante - Assim ela pode me ajudar no que for necessário.

- Mas não trouxe nada com ela. – ele argumentou, mas Zethi rebateu tudo com um mero revirar de olhos.

- Ainda tenho algumas roupas dela guardadas no quarto de hóspedes. Ela é minha *sobrinha*, Dave, pelo amor de Deus. Essa é a menor das minhas preocupações!

O pai olhou dela para mim, e de novo para ela. Pensei em apelar, mas logo notei que não seria necessário; ele jamais negaria algo à irmã caçula.

- Tudo bem por você, filha? – perguntou, dirigindo-se a mim – Vai ficar bem?

Dei meu melhor sorriso e confirmei com a cabeça. Bastou para ele.

- Então está certo. Viremos te buscar quando essa... – apontou para a janela e hesitou por um momento, mas não pareceu encontrar a palavra certa – Chuva passar.

Visitantes

Uma vez que Dave e os garotos Gordon se foram, reuni-me com Zethi e Hugo na sala à luz de velas. O aspecto familiar da iluminação rústica me lembrava dos tempos da Casa Azul – não como Malena a conhecia, mas a mansão na sua época de grandeza, quando era não somente o lar de trevas, mas também de sete meninas que tinham apenas umas às outras.

Sempre guardei lembranças desse tempo com certo sentimentalismo – fora de longe a melhor e a pior época da minha vida, e eu jamais seria capaz de avaliar qual sentimento era mais forte: se a nostalgia da felicidade familiar que experimentamos, ainda que momentaneamente, ou a mágoa e o ódio que formavam a grossa camada de ressentimento pela traição que me esperava.

- Em que está pensando? – Zethi perguntou, depois de alguns minutos em silêncio. Ela trazia uma bandeja com três xícaras de chá e um pratinho de biscoitos. Apesar de estar sem apetite, aceitei quando ela me serviu.

- Nada. Muitas coisas. – respondi, e suspirei – Então, esta chuva faz parte da profecia. *Dez dias de noite*.

Eles assentiram em silêncio.

- Bem, o que vem a seguir? – indaguei, meu olhar pousado em Hugo. Sua expressão se contorceu num misto de incerteza e agonia.

- Eu não... – começou a dizer, e então hesitou. Sua pausa foi tão longa que me senti tentada a interrompê-la, a arrancar dele suas palavras a força, se necessário. Por fim, ele voltou a falar – Entenda, eu não posso compartilhar este conhecimento com vocês.

- Por que não?

- Profecias são coisas perigosas, Ma... Dorothi. – apressou-se em corrigir – É o futuro cravado em pedra. Nada do que vi pode ser mudado. E exatamente por isso, depois de vista, ela deixa de fazer sentido para mim.

- O que quer dizer com isso?

- Que eu não me lembro mais do que vi. Toda a memória visual está perdida, pra que eu não seja tentado a mudá-la.

Hugo respirou fundo, aparentando cansaço e, acima de tudo, frustração. Eu me sentia completamente indefesa agora; pois, se a única pessoa que poderia nos dar as respostas não mais as possuía, não havia, realmente, a menor chance de vencer.

– Mas temos a profecia dita. – ele completou, então, e sua fresta de esperança fez-me rir.

- De que adianta? Você mesmo disse que nada pode ser mudado.

- Mas podemos nos preparar pro que está vindo.

Encarei-o, cética, mas não apresentei nenhuma réplica. Eu duvidava seriamente que pudéssemos nos preparar para o que quer que fosse acontecer agora, mas iria ouvir o que ele e Zethi tinham a dizer.

Atendendo ao pedido do marido, Zethi trouxe papel e caneta, e ele anotou uma a uma as palavras da profecia, como eu mesma tentara fazer dias antes. Se o tempo e as outras preocupações mais urgentes haviam me feito esquecer de cada sílaba, o mesmo não acontecera a Hugo. Num minuto, ele preencheria o papel com três estrofes em sua caligrafia torta e desajeitada.

*Do descanso sagrado
Eles irão retornar
Quando das trevas ao mundo
O Mestre adentrar*

*Choverá incessante
Sobre seu manto negro
Dez dias de noite
Tomarão a Terra em medo*

*E no dia mais longo
O sol brilhará
E quando a escuridão cobrir a luz
A magia reinará*

Reler aqueles versos me fez tremer – não pelo seu significado implícito, tampouco pela ameaça iminente, mas pela lembrança, clara como o dia, dos olhos de Yara sangrando, de sua pele febril e da sua voz sepulcral ao pronunciar cada palavra. Tão rápido quanto me dirigi ao papel, soltei-o sobre a mesa, como se a folha fosse venenosa.

- Bem, pelo menos um parágrafo está claro. – Zethi disse, numa tentativa de humor. Infelizmente, nem mesmo ela viu graça na própria piada.

- Grande consolo. – murmurei, e, após um rápido suspiro, acrescentei, mais alto – Mas e o restante? O que esses versos preveem?

A questão permaneceu no ar, como eu já esperava que fizesse. Como eu, eles não pareciam dispostos a arriscar seu futuro num palpite. Sem as memórias visuais de Hugo, nada daquilo nos era útil.

Não avançamos em nada naquele dia. Eventualmente, a tarefa perdeu importância em comparação às telhas que estavam cedendo com a chuva constante, ou ao incômodo de Linda com os dentes que estavam nascendo. Por fim, a preocupação se dissipou quase que por completo, até restarmos eu e os versos rabiscados na folha de papel no quarto que costumava pertencer a Malena, ouvindo a chuva avançar pela noite.

A tempestade diminuiu até assumir a forma de uma constante garoa nos dias que vieram. Embora ainda estivesse úmido e o céu aparentasse aquela instabilidade que anuncia uma nova carga d'água, aos poucos, a trégua pareceu nos alcançar. A energia elétrica e as linhas telefônicas foram restauradas. Os grupos voluntários começaram a conseguir trabalhar na limpeza da cidade. A ameaça passou a se tornar um sussurro quase distante para todos.

Não para mim.

Forcei-me a esquecer minhas preocupações quando ficou claro que eu era a única a ainda estar pensando nos versos da profecia e no que viria a seguir. Quando a chuva diminuiu o bastante para que tanto Hugo quanto Zethi se sentissem seguros, ambos tomaram

parte, à sua própria maneira, nas ações comunitárias na cidade. Uma vez hospedada com eles, tive de me juntar à caridade.

No oitavo dia de chuva, fomos visitar os familiares. Passei incontáveis e tediosas horas visitando tios e avós que mal conhecia e com os quais, eu sabia, Malena não tinha grande vínculo ou afinidade – quinze anos não poderiam ser compensados em menos de um ano de convívio. Irma – *Tiffany*, como era chamada agora – trancou-se no quarto quando cheguei à casa de sua família e de lá não saiu até que tivéssemos ido embora. Tive prazer especial em bater à porta de seu quarto e chamá-la baixinho, imaginando sua expressão de medo pela minha mera presença.

No dia seguinte, enquanto Hugo se juntava aos homens que estavam ajudando na limpeza das ruas e na avaliação dos danos causados pela tempestade, Zethi me levou à OSD, onde um mutirão de doações estava sendo organizado. Passei o dia todo colocando em prática o comportamento e o sorriso amáveis de Malena, enquanto separava e empilhava os mais diferentes donativos. Sandra Goyle estava lá, mas me escondi constantemente atrás das pessoas e ela não veio falar comigo.

No décimo dia, a chuva já cessara quase que por completo. O sol ameaçava surgir por entre as nuvens, e a vida em Oxford voltava ao seu ritmo normal.

Hugo tinha saído para continuar suas atividades com o grupo de voluntários. Zethi e eu estávamos em casa, e ela usava minhas habilidades tele cinéticas (cedidas com bastante mal humor e expressões de má vontade) para arrumar a casa, quando o telefone tocou. Após trocar apenas algumas palavras, Zethi me olhou com um semblante ansioso.

- Era Hugo. Ele disse que esteve com Pandora e ela tem notícias de Yara. – disse, tão rápido que quase tive dificuldade em entendê-la.

- Bem? E então?

- Ela já está em casa. Podemos ir visitá-la.

Apesar de Yara ter sido a melhor amiga de Yara desde o primeiro dia, ela nunca havia visitado sua casa. Em minha cabeça,

imaginei que Yara vivesse numa espécie de igreja – seu pai era o pastor local, e sua fé sempre fora seu traço mais marcante. A imagem de sua casa como uma espécie de santuário fazia bastante sentido para mim.

Mas não foi exatamente o que encontrei quando Zethi estacionou o carro em frente a uma casinha simples, de um único andar, com as paredes externas pintadas de um verde suave e canteiros de flores – que, infelizmente, a chuva havia tratado de destruir – sob as janelas frontais. A bem da verdade, ficava no mesmo quarteirão da única igreja de Oxford, mas tinha o aspecto tão comum que era quase estranho.

Toquei a campainha, e uma mulher negra, alta e de ombros largos, com os cabelos raspados nascendo grisalhos, veio nos atender. Eu já a havia conhecido no hospital alguns dias antes, mas não havia registrado sua aparência até então, confusa como estava com os acontecimentos daquele dia. Seus olhos a denunciaram mesmo que o restante de sua silhueta não o fizesse – amendoados e escuros como os de Yara, estampavam o parentesco entre elas.

- Malena. – ela disse, puxando-me para um abraço, como fizera no hospital.

- Olá. – cumprimentei, desajeitadamente retribuindo. Após uma pequena hesitação, continuei – Desculpe, mas soube que a Yara já está em casa. Será que eu poderia vê-la?

Ela sorriu, e seu sorriso era, também, como o da filha.

- Claro. Entrem.

Entramos. Apresentei-a a Zethi e sua filha, e neguei tudo que ela me ofereceu. Quando ela me deu as direções para o quarto de Yara, deixei-as de imediato, ignorando quaisquer boas maneiras.

A porta do quarto dela estava entreaberta, e mais de uma voz vinha de lá de dentro. Espiei e vi que Yara não estava sozinha – Ned Lee estava sentado no chão, bem ao lado de sua cama, segurando sua mão enquanto conversavam. Suspirei à minha própria má sorte. Estava evitando cruzar, ou mesmo *falar* com aquele garoto desde que Malena se fora, e agora isso. Inacreditável.

De qualquer maneira, já estava ali. Dei dois toques leves na porta antes de entrar, e os dois cessaram a conversa. Ned me olhava

com apreensão e uma parcela de medo; a expressão de Yara me era indecifrável. Aproximei-me.

- Malena. – Yara disse, embora, muito diferente da mãe, o fizesse num tom de pergunta que somente eu podia compreender. Eu sabia que agora ela me veria como eu realmente era, mas tinha certeza, também, que ela não me denunciaria na frente de um amigo em comum. Mais do que nunca, Yara podia entender.

- Oi. – murmurei.

Nenhum deles disse palavra alguma, e por um instante apenas, tive vontade de dar as costas aos dois e ir embora. Mas aquilo era ridículo, e meus motivos eram demasiadamente importantes para serem ignorados. Avancei e sentei-me ao pé da cama de Yara. O silêncio era pesado e duro como uma massa de gelo sobre nós.

- Como você se sente? – perguntei, depois do que me pareceu muito tempo calada. Yara respirou fundo, seu semblante lentamente abrandando-se.

- Melhor. – respondeu, e após uma curta pausa, completou – Você salvou minha vida, mas não veio me visitar no hospital.

- Não pude. – justifiquei, em um tom de desculpas que nem mesmo precisei fingir – Essas chuvas...

- Eu sei. – concordou, e a cumplicidade nessa curta afirmação me trouxe uma súbita onda de alívio.

Ned, contudo, não parecia muito disposto a ser deixado de lado. Depois de olhar de uma para a outra, perguntou, para nenhuma de nós em especial:

- O que há com a chuva?

E então, diretamente para mim:

- Malena, você tem alguma coisa a ver com isso?

Não arrisquei-me a dizer nada – ainda estava calculando os riscos de ser ou não inteiramente sincera. Malena deveria ter apagado a memória dele tão logo quanto possível. Não era seguro que mais uma pessoa soubesse. Em vez disso, troquei um longo olhar com Yara.

- Será que alguma das duas pode me explicar o que está acontecendo? – Ned exclamou, então, num tom de voz muito mais alto do que costumava usar para se dirigir a qualquer pessoa no

mundo. Por sorte, não coube a mim resolver o problema por ora; Yara segurou suas mãos e, com muita tranquilidade, disse-lhe:

- Ned, eu sei que você quer entender o que está acontecendo, mas agora não é a hora pra isso. – uma pausa, e então – Preciso conversar a sós com a Malena. Mais tarde, eu prometo, vou te explicar tudo. Mas não agora. Tudo bem?

Não era do feitio dele discutir, e, portanto, ele não o fez. Despediu-se da namorada com um beijo, e de mim com não mais do que um aceno rápido, e se foi após um último olhar desconfiado em nossa direção.

- Talvez eu devesse fazê-lo esquecer... – sugeri, tão logo a porta do quarto se fechou.

- Não é preciso. – Yara garantiu, de maneira decisiva.

- Esse conhecimento o coloca em perigo. Não é seguro. Vai ser melhor se ele esquecer.

- Não. – declarou, então, de maneira tão firme que deixou-me sem palavras – Ele vai saber, mais dia, menos dia. Agora ou daqui a alguns anos, ele vai saber. Eu... – sua voz enfraqueceu – Eu vi.

Assenti, devagar. Era fácil esquecer que Yara não era mais uma humana qualquer. Ela certamente tinha muito mais certeza nas suas afirmações do que eu.

- Então... como se sente?

- Bem... – ela estudou meu rosto com cuidado por um longo minuto antes de fazer menção de voltar a falar, e, quando o fez, foi para surpreender-me – Desculpe, mas do que devo te chamar?

A resposta demorou a sair. Em seu olhar cuidadoso, Yara me via – não a fachada, o rosto pálido de sua melhor amiga, mas a mim, a bruxa. Não fazia sentido mentir para ela.

- Dorothei. Meu nome é Dorothei.

- Incrível. – sussurrou, e sua mão ameaçou tocar meu cabelo, mas não o fez – Por fora, ainda é exatamente a mesma garota, mas por dentro...

- Sou a velha bruxa? – completei, ecoando as palavras que a velha Lady Lew dissera para Malena, no que hoje já me parecia uma vida inteira atrás.

- Sim. E não. – ela baixou a mão e me sorriu – É a bruxa, mas não é mais a mesma, não é? Tem algo diferente nos seus olhos.

Suas palavras trouxeram um arrepio por toda a minha espinha, tão intenso que era quase impossível de ser ignorado. Mesmo assim, mantive minha compostura.

- Tem algo diferente nos seus também.

Yara sorriu para si mesma, como se percebesse minhas intenções. Provavelmente, havia percebido mesmo.

- Soube que Lady Lew tem cuidado de você. – continuei, e ela concordou.

- Ela me visita quase todos os dias.

- E seus pais? Como justifica isso a eles?

- Eu disse a verdade. – respondeu, dando de ombros, e depois de notar meu semblante surpreso, emendou – A verdade não é tão complicada quanto possa parecer, na verdade. Eu digo a eles que tenho um dom. Que Deus me escolheu. E que há coisas que só outros como eu podem me explicar. – uma breve pausa – Ainda que a Sra. Lew não seja exatamente como eu agora.

- O que quer dizer? – perguntei, intrigada, lembrando-me do assunto inacabado com Zethi no topo da escada, dias antes. Yara pensou um segundo antes de responder.

- A Sra. Lew não tem mais o Dom. – explicou, e algo no modo como se referiu aos seus poderes tornou a fazer com que eu me arrepiasse – Ela ainda é mais perceptiva do que a maioria das pessoas, e ainda pode praticar, o que quer que isso seja, mas ela não vê mais as coisas. Ela disse que, segundo a tradição, o certo seria que outro de nós, alguém que ainda *visse*, me guiasse, mas que eu sou a remissão dela.

- Remissão pelo quê? Qual foi o pecado de Pandora Lew?

Novamente, Yara hesitou. Pela expressão em seus olhos, estava provavelmente se perguntando qual o motivo do meu interesse, ou tentando avaliar o dano que eu poderia causar com tal informação. Após incontáveis minutos, ela inspirou profundamente, e contou-me:

- Eu não sei exatamente *o que* aconteceu, porque ela não me contou. Mas o que ela me disse foi que ela usou mal os Dons dela, e por isso ela os perdeu. – Yara torceu o nariz – Acho que a Sra Lew

acredita que, se cuidar de mim, pode reaver a Visão, de alguma forma.

- Isso seria possível?

- Não sei. – ela suspirou – Mas acho que o fato de ela procurar algo que a redima aos olhos de Deus não significa que ela está arrependida. E não pode haver perdão sem arrependimento.

Um sorriso quase automático surgiu-me aos lábios.

- Percebo que a sua fé não foi abalada, apesar de tudo. – falei.

- Nada mudou, Dorothi. Só eu que vejo as coisas de uma maneira um pouquinho mais clara agora.

Não pude deixar de admirar, e até mesmo invejar sua forma de encarar o mundo. Não tivesse eu sido criada em uma família de bruxas, talvez não tivesse encarado a descoberta de minhas habilidades com tanta facilidade. Malena certamente não havia. Por semanas, diverti-me às suas custas, brincando de fazê-la acreditar que estava louca.

- E como tem sido essas visitas de Lady Lew? – perguntei, apenas para pôr um fim ao silêncio. Yara demorou a responder, brincando com um fio solto em seu edredom, pensando no que falar.

- É diferente de tudo o que eu esperava. – disse, após uma longa pausa – Há tantas coisas a aprender! Não são apenas visões, é...

- Magia? – completei, e ela me sorriu.

- Nunca achei que fosse usar essa palavra num contexto *real*, mas, sim, é *magia*. – suspirou – Eu nem deveria estar tendo essa conversa com você, na verdade. Uma das primeiras coisas que a Sra. Lew me ensinou é que clarividentes e bruxas não se misturam.

- É um tanto hipócrita da parte dela dizer isso, se você quer saber. – revirei os olhos – Nossos caminhos se cruzam há gerações! – e após encará-la por um minuto, resolvi perguntar – Por que está me contando, então?

- Porque confio em você.

- Eu não sou a Malena.

- É, sim. Mas também é a Dorothi. É só uma questão de perspectiva.

Eu não tinha como contradizer aquilo, então calei-me. Parte de mim estava apaziguada por Yara decidir depositar sua confiança em mim – como acontecia com muitas das relações mais próximas de Malena, eu não podia conter meus sentimentos em relação a ela.

A visita não se estendeu por muito mais tempo depois disso. Por fim, Zethi, após uma visita rápida e educada, anunciou que era hora de irmos, e nos retiramos em silêncio. Eu mal tivera tempo de trocar duas palavras com ela a respeito do passeio, quando a campainha tocou, e os pais de Malena chegaram, prontos para levar a filha de volta para casa.

Eu não estava exatamente ansiosa para voltar para a isolada residência dos Gordon, mas sabia que não havia mais nada que a casa de Zethi pudesse me oferecer por ora. Acompanhei-os sem maiores questionamentos, ouvindo seu falatório incessante sobre as diversas tragédias ocorridas em toda a região atingida pelas chuvas – o que, aparentemente, compreendia um raio de centenas de quilômetros, muito além das cidades vizinhas a Oxford.

Nossa casa não estava fora da zona atingida. Quando chegamos, percebi que havia muito trabalho pela frente – havia barro em todo lugar, parte da cobertura da casa estava destelhada por causa do vento, e o jardim estava completamente destruído. Os garotos já estavam trabalhando, e, tão logo saímos do carro, nos colocamos a trabalhar.

Embora a contragosto, ajudei a limpar a parte interna da casa e colaborei minimamente com o restante. Estava exausta, e meus pensamentos estavam demasiadamente ocupados com preocupações mais importantes – os versos da profecia e a iminente destruição do mundo, por exemplo - pra que eu me concentrasse em qualquer tarefa.

Toda a família estava reunida nos fundos da casa, assistindo – fosse dando assistência direta, fosse realmente apenas *observando* – enquanto Dave e Colin se empoleiravam na troca das telhas que haviam caído, transformando a cozinha da casa em uma pequena lagoa. Era fim de tarde, e embora o clima nublado deixasse todo o dia com um aspecto escuro, ainda havia alguma luz que se

aproveitar. Para não adiar o trabalho mais que necessário, era preciso usar cada minuto ainda disponível.

De dentro da cozinha, onde eu estava, escutei a campainha tocar. Nenhum dos outros membros da família se mexeu, todos muito ocupados em prestar profunda atenção aos dois homens sobre o telhado. Quando a campainha soou uma segunda vez, percebi que teria de ser eu mesma a atendê-la.

Cruzei o longo corredor que separava a cozinha da porta da frente a passos arrastados e cansados. Não podia imaginar quem estivesse se dando ao trabalho de nos incomodar àquela hora. Não tínhamos vizinhos próximos, e dificilmente alguém apareceria sem avisar. Talvez algum infeliz atolado no lamaçal da rua precisasse de ajuda.

Fosse quem fosse, apertou a campainha pela terceira vez, me fazendo praguejar. Gritei um "estou chegando", e em mais três passos, alcancei a porta. Destranquei-a e girei a maçaneta.

Tão logo abri a porta, quis fechá-la, mas não pude. Meus membros congelaram, meu queixo caiu. Eu mal podia crer em meus próprios olhos.

Ela pingava água, encharcada dos pés à cabeça como se ainda há pouco tivesse tomado um banho sem se dar ao trabalho de tirar as roupas. Ainda usava seu vestido de festa, tão escuro quanto todas as outras vestes que possuía. Estava pálida, tão pálida quanto um cadáver – mas ela não estava morta. Não mais.

- Olá, irmãzinha.

Retornos

- Não vai me deixar entrar? – Jane perguntou, após alguns momentos do meu choque silencioso – Eu gostaria *muito* de conhecer a sua nova casa.

Não movi um músculo. A espera por uma réplica não pareceu tirar nem um pouco do seu bom humor; Jane ostentava o sorriso malicioso de que eu me lembrava, um ar de maldade que atravessou séculos, desde nossa encarnação passada, até chegar ao seu rosto nessa vida.

- Você está morta. – eu disse, mas em tom incerto. Era uma afirmação, mas não podia ser menos verdadeira. Pois, se Jane estava morta, como acreditei que estivesse nos últimos meses, como ela poderia estar parada ali, bem na minha frente?

- Eu *estive*. – concordou, lentamente – Não mais.

- É impossível.

- Você sempre falhou em sua fé, Dorothi. Precisa começar a acreditar no que está diante de você.

Jane então aproveitou-se da minha distração e entrou, empurrando-me no processo. Ainda atordoada, demorei a reagir, e, quando o fiz, ela já estava observando a sala, remexendo nos enfeites sobre a lareira.

- Não gosto daqui. O pé direito é muito baixo. – comentou, displicente – O que houve com a *nossa* casa, afinal? Por que sair de lá e se enfiar nesse buraco?

- Um incêndio. – respondi, seca. Jane ergueu as sobrancelhas em surpresa, mas não deu mais nenhum sinal de sentimentalismo.

- Uma pena. – disse, apenas – Mas creio que aqui seja tão bom quanto qualquer lugar, no momento.

Tão logo entendi suas intenções, meu choque se desfez.

- Você não vai ficar. – falei, e automaticamente meu olhar se dirigiu para o corredor que levava à cozinha, imaginando quanto tempo levaria até que algum dos membros da família Gordon entrasse e visse uma garota que deveria estar morta perambulando pela sua sala de estar.

- Oh, pode apostar que sim. – riu-se, de tal modo que fez meu sangue subir.

- Você não *pode* ficar. – insisti – Você nem deveria estar *viva*.

- Porque *you* me matou. Então, a menos que você queira que eu vá até o xerife de Oxford e conte alguma história incrível de como a querida Malena Gordon tentou me matar, eu sugiro que você encontre um cantinho pra mim nesse seu muquifo nojento.

Foi o bastante. Sem pensar, com um único movimento eu tirei Jane do chão e a coloquei contra a parede mais próxima, meus dedos apertando o ar para mantê-la presa.

De seu novo posto, ela parecia assustada. Debateu-se inutilmente contra meus laços invisíveis, mas só fazia aumentar seu desespero. Foi quando me dei conta de que estava fácil demais. Ela estava, sim, tentando se libertar, mas somente com o corpo. Não havia magia nenhuma contra-atacando; se houvesse, eu saberia. Jane sempre foi mais controlada, mais forte do que eu. Se ela quisesse, já teria se soltado.

A menos que...

- O que aconteceu com a sua magia? – perguntei, num sussurro, e então a soltei. Jane desabou de joelhos no assoalho e não respondeu de imediato. Ficou ali, arfando no chão, por um longo minuto, e quando por fim resolveu pronunciar-se, foi com uma voz ressentida, embargada.

- Se foi.

Levei um minuto inteiro para assimilar a nova informação, encarando Jane encolhida. E então eu ri; gargalhei aberta e escandalosamente, até que ela me lançasse um olhar furioso de onde estava.

- Vá embora. – falei, em meio ao riso – Você não é uma ameaça, é uma vergonha.

- Eu fui renascida! – exclamou, ficando de pé e inchando o peito em um sinal patético de orgulho.

- Você foi deserdada, Jane. – corriji, cada palavra saindo com o mais puro desprezo - Sabe o que isso quer dizer? Que o Senhor das Almas não te quer mais. Ele te trouxe de volta, mas pela metade. E sabe o que é uma bruxa sem magia, irmã? Escória.

- Eu posso não ter magia, mas ainda sou uma excelente mentirosa, Dorothei. Eu vou sujar o seu nome nessa cidade até todos se convencerem de que você é um monstro. Será expulsa dessa cidade aos pontapés.

- Ótima ideia. Por que não tenta?

Tomei-a pelo pulso e a puxei, em meio a protestos, até a porta, que se abriu com um gesto meu. Jane ainda tentava se desvencilhar, mas eu tinha meu poder em meu favor, e coloquei-a para fora sem esforço. Ela derrapou na lama do lado de fora. Mal pude conter um sorriso. Esperara anos por aquela sensação de domínio.

- Dorothei, espere! – ela gritou, quando eu estava a meio caminho de fechar a porta.

Não sei o que me fez hesitar. Talvez tenha sido o coração mole de Malena me afetando outra vez. Ou quem sabe eu só quisesse me regozijar com o seu sofrimento. Ou, talvez, tenha sido a nota de urgência, tão incomum em sua voz.

- Por favor. – Jane deu dois passos cambaleantes e apoiou-se no batente. Seu rosto era uma máscara quase inacreditável de dor e aflição – Eu não tenho pra onde ir. Eu só tinha uma avó nessa vida, e antes de vir até aqui, eu descobri que ela se foi. Eu estou sozinha, Dorothei. Você é a única família que me resta.

- Eu não tenho por que te ajudar. – afirmei, forçando a porta. Jane me deteve com um pé imundo.

- Mas eu posso ajudar *você!* Por favor, me deixe ficar!

Meu olhar duro, inadvertidamente, começou a amolecer. Jane von Evans não pedia, ela tomava à força. Jane von Evans não implorava. Jane von Evans não precisava de ninguém.

Mas aquela não era mais a Jane que eu conhecia. E eu tampouco era ainda a Dorothei de que ela se lembrava. Eu não fazia ideia dos horrores pelos quais ela devia ter passado. Muito havia acontecido pra me transformar, e talvez ela também tivesse mudado. De que outra forma ela se colocaria na posição de pedir ajuda justamente a mim?

- Quem é, filha?

A voz de Milla Gordon me pegou desprevenida. Virei-me quase tão rapidamente quanto Jane se recompôs. Minha mente não

trabalhou em velocidade o suficiente pra produzir uma resposta satisfatória, mas, por sorte, Jane tinha razão sobre uma coisa – ela mentia muito bem.

- Boa tarde, Sra. Gordon. Não sei se a senhora se lembra de mim. Sou Katherine Jonas.

Olhei pra ela em sinal de alerta. Ela certamente havia enlouquecido. Kathi Jonas estava morta há meses. Seu desaparecimento e o de Megan havia sido um escândalo em toda a cidade.

- Esse nome não me é estranho... – Milla franziu o cenho, desconfiada. Jane não pareceu abalada.

- Acho que a senhora conheceu a minha avó, Angela. Ela... – hesitou e mirou o chão de forma teatral – Ela faleceu no mês passado.

- Claro! Angela! Sinto muito, querida.

- Obrigada. Desculpe interromper vocês, mas, como eu dizia pra... *Malena*... Eu preciso de ajuda. Estou sem ter onde ficar.

- A tempestade destruiu a sua casa também?

Jane e eu trocamos um olhar rápido, e ela concordou sem pestanejar.

- Sim. Perdi tudo. E eu não tenho família, então pensei em pedir ajuda pra minha *querida amiga* Malena.

O impulso de revirar os olhos era quase forte demais para ser contido. Mas se nenhuma daquelas palavras era capaz de me convencer, o mesmo não podia ser dito sobre minha *mãe*. Ela sorriu em compaixão e, num gesto solidário, abraçou-a.

- Pode ficar o tempo que precisar. – afirmou – Filha, leve sua amiga até lá em cima e separe umas roupas limpas pra ela. Eu já vou até lá te ajudar a preparar um quarto.

Conforme ela se afastava, o sorriso de Jane se alargava. Ela adentrou calmamente a sala de novo e fechou a porta atrás de si.

- Então. Acho que eu e você podemos entrar em um acordo. – disse, arqueando uma sobrancelha.

- Você tem dois minutos pra me convencer antes que eu te atire pra fora e apague a memória da minha querida mamãe. - respondi. O sorriso de Jane se foi.

- Eu não sou idiota, Dorothei. Sei porque eu estou aqui. E acho que você também sabe. Ele está voltando.

Não respondi. Tentei permanecer impassível. Não queria dar cartas para que Jane crescesse seu jogo, mas ela não parecia se importar em brincar sozinha.

- Eu sei mais do que você. Fui educada pelos nossos antepassados, conheci muito mais bruxos e bruxas do que você jamais sonhou. A minha experiência pode ser útil pra você.

- Muito obrigada, mas já tenho alguém me ajudando.

- Quem? Zethi? – ela riu – Acha mesmo que ela pode te oferecer um terço do meu conhecimento? Ela é mais jovem, e mal tinha começado a ser educada quando deixamos a aldeia. Além do mais, Zethi é bondosa demais. Você não quer alguém que te imponha limites, quer, Dorothei?

Sustentei seu olhar desafiador por uma eternidade. Era impossível determinar quais suas reais intenções. Ela estava desesperada, era nítido, mas eu sentia que havia mais por detrás daquela pose.

Mas ela tinha razão quanto a uma coisa: seu conhecimento podia me ser *muito* útil. Jane definitivamente tinha visto e vivido muito mais do que eu enquanto bruxa, e a leitura de seu diário já havia me provado em mais de uma ocasião que ela sabia mais do que havia dividido comigo e com nossas irmãs. Suas lembranças eram uma poderosa caixa de mistérios que ela me convidava a desvendar, sob a única condição de dar-lhe abrigo. Parecia um preço minúsculo a ser pago. Por enquanto, pelo menos.

- Quero que fique bem claro que se você causar isso aqui de problemas pra mim... – sibilei, unindo o indicador e o polegar até não restar mais espaço entre eles – Eu vou te causar tanta dor que você vai desejar ter continuado morta. Estamos entendidas?

- Perfeitamente.

Jane acompanhou-me em silêncio pela casa. Eu sentia o julgamento em seu olhar conforme ela encarava as paredes de tinta lascada, os quartos bagunçados por detrás das portas entreabertas e o piso que rangia sob o nosso peso na escada, mas ela se deteve de

tecer qualquer comentário. Quando Milla juntou-se a nós, minutos depois, ela foi cordial e educada, em resposta à solidariedade e ao bom tratamento que recebia. Enquanto ela se lavava e vestia uma das *minhas* roupas, ajudei a arrumar uma cama improvisada para ela.

Toy apareceu quando eu já estava sozinha, esperando que Jane saísse do banheiro. Ele entrou pela janela aberta e pulou na cama para sentar-se ao meu lado.

- Temos convidados? – perguntou. Pela enésima vez nas últimas horas, respirei fundo para não começar a atirar objetos nas paredes.

- De fato, temos.

- Se importa de me dizer quem?

- Você ainda está vivo. – a voz dela irrompeu pela porta, e o corpo de Toy arqueou-se de imediato.

Jane riu. Ela estava ridícula nas roupas emprestadas – eram demasiado grandes e coloridas para ela. Seu cabelo úmido formava cachos e nós, e sob as unhas dos pés descalços eu ainda podia ver rastros de terra e sujeira.

- O que ela está fazendo aqui?

- Eu fui convidada. – remexeu meu armário e minhas gavetas até encontrar um pente, e passou a desembaraçar os cabelos – Mas não se preocupe. Somos todos amigos agora.

- *Aliados*, talvez. – corrigi, em tom seco.

- Que seja. – suspirou e fechou os olhos enquanto se penteava – Ah, pelo Senhor, como eu precisava de um banho! Morrer é muito exaustivo.

Engoli a frustração e não retruquei. Por ora, talvez ela se fizesse útil. Caso contrário, eu aproveitaria cada segundo quando a matasse de novo.

- Você ainda tem o nosso baú? – Jane perguntou-me na manhã seguinte. Sua aparência estava deveras melhor após uma longa noite de sono. Eu já não podia dizer o mesmo sobre a minha. O desconforto causado pela minha nova colega de quarto, aliado à cota usual de pesadelos, tinha feito da minha noite um inferno.

- Tenho. – respondi, sem olhar para ela.

Por algum tempo, aquilo bastou. Permanecemos em silêncio, cada qual em sua cama. Por fim, Jane sentou-se e me encarou até que eu me sentisse compelida a olhá-la de volta.

- Se importa? – disse, como se fosse óbvio. Bufei, mas cedi; abaixei-me ao lado da cama e puxei o velho baú das Von Evans de seu esconderijo pouco secreto.

Fingi não prestar atenção enquanto Jane se ajoelhava ao lado do baú e o abria com cuidado. Inevitavelmente, reconheci nos seus movimentos a minha própria exaltação ao reabri-lo pela primeira vez nessa vida: as mãos que apalpavam e percorriam cada objeto, os olhos que brilhavam diante dos pequenos tesouros esquecidos, o sorriso em viés ao encarar as próprias memórias. Naquele baú estava tudo que nos ligava – às nossas origens como bruxas, à nossa vida passada e uma à outra. Éramos pequenas diante dele. Apenas duas irmãs numa viagem pelo túnel do tempo.

- Como é? – perguntei, tomada por uma curiosidade súbita. Jane me olhou sem entender – Estar morta. – expliquei. Ela revirou os olhos.

- Você já morreu, Dorothei. Conhece a sensação.

- Não *morrer*, mas... depois. O que houve depois?

Jane suspirou de maneira impaciente.

- Não houve *nada*. Eu apenas caí pra um vazio infinito e depois, *nada*. Isso é... – ela parou abruptamente de falar. Seu silêncio perdurou por longos instantes até que ela sussurrasse – Até eu ouvir a voz Dele.

Prendi a respiração, encarando-a. Os olhos de Jane pareciam perdidos em um ponto invisível no chão. Ela mexia os lábios sem emitir som algum, murmurando algo que somente ela compreendia. Estava prestes a chacoalhá-la para tentar forçá-la a falar, quando ela balançou a cabeça, parecendo despertar de um transe.

- E aí eu acordei com Cecily na beira do rio, e foi como se nada tivesse acontecido. – disse, por fim. Então pegou o pesado livro de Feitiços da nossa família e me lançou um olhar questionador – Me diga, até onde Zethi iniciou os seus estudos? Ou os de Malena?

- Não muito longe. – admiti, a contragosto – Houveram empecilhos, como estou certa de que se lembra. Nossa história foi a

única matéria estudada mais a fundo.

- Pelo Senhor, uma bruxa de dezesseis anos que nem começou a ser instruída! – exclamou, abrindo o livro diante de si – Eu seria castigada nos tempos antigos, sabia? Mas tudo bem. Nós temos tempo. Por onde devemos começar?

- Não será necessário. – apressei-me a dizer, e fechei o livro com um estalo antes que ela pudesse tocá-lo de novo – Zethi e eu temos um acordo.

- Eu e você também. Além do mais, isso não pareceu funcionar muito bem até agora, não é?

Não respondi, pois recusava-me a admitir que ela tinha um ponto a seu favor. Ao invés disso, tornei a abrir o livro, mantendo a carranca de insatisfação apenas por pirraça.

- Pois bem. Ensine-me.

Para a minha surpresa, ela fechou o enorme volume de Feitiços e o colocou de lado. Levantou-se e pediu que eu arranjasse algumas velas com as quais trabalharmos. Ainda um pouco confusa, cedi e fiz o que me pediu; voltei minutos depois com quatro velas aprumadas em pires de chá. Jane ajeitou-os sobre a mesa de cabeceira e a arrastou até estar quase no meio do quarto, de frente pra cama.

- Sabe, um erro muito comum é acharmos que um bom feitiço é fruto do poder de uma bruxa. – ela disse, muito seriamente – Não é exatamente mentira, mas no fim do dia, o que separa um feitiço bem feito de um enorme desastre é a concentração. Veja você, por exemplo.

- Eu?

- É. Achou que era só seguir os passos do livro e repetir meia dúzia de palavras e sua vida estaria preservada. Acabou com duas consciências dividindo o mesmo corpo. O seu problema, Dorothei... – ela bateu de leve no topo da minha cabeça – É foco.

Boquiaberta, continuei calada. Era isso o que eu era nesta vida, então? O fruto de um feitiço mal executado. Eu era a culpada pela minha própria sina.

- Então antes de partirmos pra coisas maiores, você vai praticar concentração. – ela continuou, impedindo meus pensamentos de irem muito mais longe –Vê estas velas?

- Sim.

- Quero que as acenda para mim. – e após uma breve pausa, apontou para a própria cabeça – Usando somente isso aqui.

Mal pude conter um muxoxo. Aquela era a ideia dela de um exercício? Eu poderia atear fogo àquela casa inteira, se quisesse.

Encarei as velas. Nada. Cerrei os olhos, numa tentativa fútil de canalizar meus poderes na direção certa. Nada acontecia.

Jane riu.

- É fácil produzir catástrofes sem querer, mas gerar um único efeito de propósito é mil vezes mais difícil. – ela deitou-se em seu próprio colchão e pegou para si um diário – Concentre-se. E quando conseguir, vou aumentar o desafio. Você só precisa de foco.

Eu fingi ignorá-la, mas não podia negar que estava certa quando, meia hora mais tarde, somente duas velas estavam acesas. E para cada nova vela, uma a mais era adicionada. A única coisa mais difícil do que o exercício em si era lidar com o sorrisinho de satisfação na cara da minha irmã. Se eu me concentrasse o bastante, pensei, conseguiria fazer com que ela entrasse em combustão espontânea?

Provavelmente não. Mas isso não me impediria de tentar.

- Então... – Jane disse, enquanto folheava um dos diários, já na tarde do dia seguinte – Não vai me contar como aconteceu?

- Como disse? – indaguei, desviando meu olhar das velas, ainda empoleiradas sobre a mesa de cabeceira. Eu as havia acendido depois de quase duas horas no dia anterior, e hoje, aparentemente, o desafio tratava-se de encontrar o foco em meio a interferências externas. Aquela já era a terceira vez que ela tentava iniciar uma conversa os últimos dez minutos.

Ela suspirou e revirou os olhos. Voltei a encarar os pavios apagados, mas todo o meu trabalho de concentração já havia se perdido.

- Não posso ajudá-la se não me atualizar no que aconteceu enquanto eu estive morta. – fechou o livro com um baque surdo e me encarou – Já sei que o nosso Senhor está voltando, mas a pergunta é: *como* isso aconteceu?

Demorei alguns minutos para responder. Havia acontecido tanta coisa nos últimos meses que eu nem mesmo sabia por onde começar. E as lembranças eram dolorosas demais. Eu não sabia se conseguiria falar sobre aquilo sem que minha alma se partisse em mil pedaços.

- Shiny esteve aqui. – falei, por fim, deixando Jane boquiaberta
– E ela encontrou o Coração da Magia.

- Shiny? – Jane repetiu, incrédula – A Shiny?

- Ela mesma.

- E quem era o Coração da Magia? As bruxas o procuram há séculos! Como vocês o acharam?

- Ele não podia ser encontrado. Só uma pessoa podia achá-lo.

- Quem?

- Eu.

Jane olhou-me, confusa. Mas logo sua expressão anuviou-se. Eu quase podia ouvir as engrenagens de seu cérebro funcionando.

- Sam Goyle. – disse, com um risinho – Eu devia imaginar. Almas gêmeas. Vocês dois se apaixonaram rápido demais. Tinha de ser.

Não retruquei. Não tinha forças para tal. Pensar nele e lembrar do que havia acontecido me causava um incômodo físico. Eu podia sentir o luto de Malena abrindo espaço, forçando as barreiras, me consumindo por dentro.

- Mas tem uma coisa que eu não entendo. – Jane continuou, pondo-se de pé e andando em círculos pelo quarto – Shiny não poderia matá-lo. Havia uma profecia. A menos que... – e numa velocidade estonteante, ela virou-se para mim, o dedo indicador a apenas centímetros do meu rosto – Foi você. Você o matou. É claro!

- O que exatamente é claro? – indaguei, azeda – E de que profecia está falando?

- Quando você era criança, nós procuramos abrigo com a aldeia de Shiny...

- Eu me lembro. – murmurei, mas ela não me deu atenção.

- E, enquanto estávamos lá, Shiny e eu visitamos uma Maga Branca.

- Uma o quê?

- Uma das Clarividentes. – respondeu, incomodada pela interrupção – Ela nos disse que aquela que libertaria o Senhor das Almas estava entre nós, uma recém-chegada. Que ela seria criada sem jamais saber, e que, quando chegasse aos dezesseis, sangue mágico traído escorreria dela e abriria o portal.

Tentei acompanhar seu pensamento, mas tudo ia rápido demais. Malena se remexia no fundo da minha mente, dando pontadas agudas de dor no meu cérebro. Ao perceber que eu continuava confusa, Jane bufou.

- Não percebe? É por isso que você morreu. É por isso que estamos aqui agora.

- Mas eu morri aos 15 anos!

- Apenas porque você colocou seu narizinho enxerido onde não foi chamada. Faltavam apenas duas semanas para que você completasse dezesseis anos.

- E como vocês tinham tanta certeza de que era eu, o *meu* sangue?

- Você era a única criança da aldeia. E era minha irmã. Se eu a matasse, seria traição. Tudo se encaixava. – ela hesitou por um segundo – Ou ao menos parecia se encaixar até então. Acho que nenhuma de nós imaginou que você fosse a assassina, e não a assassinada.

Assassina. A palavra trouxe um gosto ácido à minha boca. Minha cabeça ameaçava explodir agora. Era demais para suportar. A pressão era tamanha que eu sentia que minha consciência se desprendia de mim. Manter o foco era um esforço sobre-humano.

Batidas rápidas, e a porta do quarto se abriu. Milla estava lá, com seu sorriso maternal.

- Filha, sua tia Frida está... – ela começou a dizer, mas foi interrompida quando a própria apareceu ao seu lado.

- Malena, eu realmente preciso... – seu olhar foi de mim para Jane, e sua voz foi diminuindo até tornar-se não mais que um murmúrio – Falar com você.

- Mãe, você pode ir... buscar uma aspirina? – pedi – Estou com dor de cabeça.

- Não sei se temos alguma em casa ainda, querida. Que tal um chá? Ajuda a acalmar.

- Claro. Um chá.

- Eu volto logo com chá para todas. Fique à vontade, Frida.

Ela se retirou, mas Zethi continuou parada, como se temesse entrar. Eu não a culpava. A máscara de horror em seu rosto devia ser bem próxima à minha própria expressão quando encontrei Jane parada do lado de fora da minha casa.

- Zethi, entre, por favor. – falei, calmamente.

Ela o fez a passos hesitantes e, sem sequer levantar um dedo, fiz com que a porta se fechasse. Meus braços tremiam de fraqueza em meio à dor, mas eu não iria ceder a ela. Tentei manter o foco, me concentrar em outra coisa. Como no reencontro de duas irmãs inimigas diante de mim.

- O que ela está fazendo aqui? – Zethi perguntou, após uma eternidade em silêncio.

- Procurando abrigo na casa da minha irmãzinha, é claro. – Jane respondeu, com um sorriso travesso.

- Quando eu soube de Megan Goyle, eu imaginei que você também tinha voltado. Mas vir aqui é muita ousadia sua.

- É mesmo? Nossa irmã discorda. Ela me deixou entrar, afinal de contas.

Zethi lançou-me um olhar confuso. Eu não estava com disposição pra apartar brigas nem colocá-la a par de tudo agora. Tentei clarear a mente.

- O que você precisava falar comigo, Zethi? – perguntei. Ela olhou com desconfiança para Jane, e então eu completei – Não se preocupe. Jane não vai nos causar nenhum problema, se sabe o que é melhor pra ela.

Ela não pareceu convencida, mas estava perceptivelmente tentando fingir que a terceira pessoa no quarto não existia. Suas mãos torciam-se em nervosismo. Era como se ela não soubesse por onde começar.

- Desculpe atirar essa notícia em você desse jeito, mas tem algo que você precisa saber. – disse.

- Diga.

- Jane e Cecily não foram as únicas a voltar. – falou, atraindo minha total atenção – O túmulo de Sam está aberto. Ele não está mais lá.

O Chamado

Há mais de um século, quando eu e minhas irmãs fomos condenadas à fogueira, eu acreditei que jamais sofreria tamanha dor novamente. A sensação das chamas engolindo minha pele era o tipo de lembrança que jamais poderia ser apagada. Sentir-se borbulhar, arder de fora para dentro e de dentro para fora. Inspirar fumaça e expirar chamas. A vida sendo tirada de você em grossas camadas de dor, porém não grandes o suficiente para que a morte seja rápida. Eu poderia viver e morrer cem vezes e ainda me lembrar deste sentimento.

No momento em que Zethi contou-me sobre o cadáver desaparecido de Sam Goyle, contudo, um tipo diferente de dor explodiu dentro de mim. Ser consumida pelas chamas havia sido uma das piores experiências já vividas por mim, mas, de algum modo, a batalha interna a que Malena me forçava causava um nível excruciante e cruel de agonia. Interna e externamente, ela me torturava.

Era como tentar segurar sozinha uma porta sendo empurrada por um exército de milhares de homens. Mas era mais do que isso. A força do desespero de Malena criava rachaduras em toda a minha mente, e delas, escorria um mar tenebroso de nossas piores lembranças somadas. De uma hora para a outra, eu estava de joelhos, cedendo ao pior ataque já sofrido.

Pelas brechas, assisti em sequência às nossas vidas entrelaçadas. Vi Irma me dando uma sova quando me pegou lendo as anotações de seu diário, e os irmãos de Malena colocando um sapo em sua gaveta de roupas íntimas quando ela tinha dez anos. Assisti às suas brigas infantis na casa dos Gordon, e revivi o amargo sabor da traição que precedeu minha morte. Senti a dor de feitiços lançados, poções que deram errado, doenças, e da inesquecível fogueira. E então, veio Sam.

Sam. Nosso Sam. Mais do que nunca, eu não sabia dizer onde terminavam os sentimentos dela e começavam os meus. Talvez agora eu compreendesse – eram um só. Eu era ela, ela era eu, e nós

éramos *dele*. Unidos pelo destino, por uma intervenção divina qualquer. O coração e a magia. Como poderia um existir sem o outro? Como poderíamos suportar? Não havia barreira forte o bastante para conter. Era maior do que nós duas.

A dor, a dor. Ela saía do mais fundo do meu ser e levava tudo – sorrisos, lembranças, vontades, tudo. Submersa na mais glacial das águas, destruída pelo mais devastador dos fogos, eu sucumbia. Tudo era escuridão, e angústia e horror. Sem lutar, me entreguei.

Sonhei – era sonho? – que andava por uma floresta. Tudo era nítido, vívido. Eu sentia a grama pinicar meus pés descalços, os galhos das plantas rasparem contra meu corpo conforme eu caminhava, o vento trazendo o aroma de chuva e relva consigo.

Era noite, mas meus olhos, tais quais os de um felino, haviam se adaptado para enxergar na escuridão. Eu não podia observar com precisão nada ao meu redor, mas era possível distinguir as árvores em meu caminho, e evitar quase todo tipo de armadilha no chão. Havia dezenas delas, centenas. Cada passo precisava ser calculado para que eu não fosse pega. Se eu caísse em uma delas, apenas uma que fosse, eu estava certa, seria o meu fim.

Andei por uma eternidade, meus passos não mais que murmúrios no chão fofo. Em algum momento, a neblina baixou, e deixou-me encharcada até os ossos. De algum modo, contudo, meu corpo não tremia, alheio à temperatura. Eu a sentia, mas ela não me afetava. Em meu instinto, eu sabia que não poderia parar, por mais que assim o desejasse. Perguntei-me para onde estaria indo. Onde estava. Que força seria aquela que me impedia de parar.

Soube que estava chegando quando a avistei. Sentada sobre uma pedra, ela se encolhia sobre si mesma, braços abraçando as pernas, cabeça tocando os joelhos, cabelos numa massa revolta que caía em cascata até tocar o chão. Tentei ir mais rápido. Eu sabia que precisava alcançá-la, salvá-la. Tínhamos de sair dali juntas. Quase tropecei numa raiz alta na tentativa de chegar a tempo. Ela precisava de mim.

Eu a alcancei ao mesmo tempo em que ela enfim ergueu a cabeça. Em meu íntimo, eu já sabia, mas ainda assim foi difícil

sustentar os olhos dela – as grandes bolas violeta, outrora cheias de vida e coragem, agora tão apagadas que sua cor mal se fazia ver. Sua tez sempre fora pálida, mas era como se houvesse algo de errado agora. Havia marcas em sua pele que não deviam estar ali. Marcas profundas, subcutâneas, que manchavam seu rosto bonito com cicatrizes grotescas em tons arroxeados. Toda a beleza se fora. Ela era só desespero, horror e fraqueza.

- Malena... – chamei, num murmúrio, e estendi a mão. Eu não conseguia dizer, mas esperava que ela me entendesse. Que ela me ajudasse a ajudá-la. Se ela ao menos me desse a mão...

Tudo parou por apenas um segundo, um segundo infinito em que Malena olhou-me de maneira carregada e indecifrável. Ela parecia imersa em delírios, incapaz de corresponder ao meu chamado. Enfim notou-me, por apenas um instante. Seus lábios crispados se abriram e ela gritou.

Então explodiu em milhares de cacos de vidro.

Abri os olhos e encontrei, para a minha surpresa, o rosto pálido e rodeado de revoltos cabelos negros do novo corpo de Jane.

- Ela acordou. – anunciou, para uma audiência que eu não conseguia ver.

Meus músculos da nuca, pescoço e ombros ardiavam como se numa câibra constante. Minha cabeça doía, embora agora numa proporção consideravelmente menor do que há... horas atrás? Dias? Era impossível dizer. Eu mal podia mover-me um milímetro sem sentir dor. Não conseguia avistar um relógio que fosse, nem mesmo uma janela.

O rosto bondoso de Zethi, seguido das feições maternais preocupadas de Milla Gordon, se fizeram ver logo em seguida. Ambas pareciam consideravelmente aliviadas. Supus que tivesse sido um longo desmaio, muito mais longo do que eu imaginava, talvez.

- Você está bem, filha? – Milla perguntou-me, sua mão checando minha temperatura de maneira delicada – Eu quis te levar ao hospital, mas a sua tia...

- Eu estou bem. – consegui murmurar, de alguma forma – Preciso... de... água.

- Água. Claro.

Ela se afastou, e Jane tomou seu lugar. Com a ajuda dela e de Zethi, ergui-me apenas o bastante para que uma pilha de travesseiros fosse feita sob as minhas costas, de modo que eu ficasse sentada, porém não completamente ereta. Só então pude olhar à minha volta.

Eu ainda estava no quarto de Malena – *meu* quarto – mas agora era noite. A porta estava aberta, e ocasionalmente os garotos Gordon vinham checar para perguntar como eu estava. Quando Milla voltou com um enorme copo de água gelada, bebi tudo em goladas ansiosas. Hidratada, sentia-me ligeiramente melhor.

- Como está se sentindo? – ela quis saber. Inspirei profundamente, e então respondi:

- Melhor.

Ela e Zethi se entreolharam com a preocupação ainda estampada em cada ruga em suas testas. Jane já tinha desistido de seu breve posto de cuidadora, e, sentada no chão perto da porta, lixava as próprias unhas com uma carranca impenetrável.

Zethi pegou minha mão.

- Eu não devia ter dito tudo daquele jeito. – disse, parecendo profundamente arrependida - Me desculpe, Malena.

Ignorei as pontadas agudas e persistentes de dor que ameaçavam esmigalhar meu peito. Ou tentei ignorar. Eu já não sabia mais se era possível.

- Eu quero ir até lá. – falei, desviando o olhar. Meus olhos marejavam. Gostaria de poder dizer a mim mesma para parar. Não era eu que amava aquele garoto. Malena sim. Nada daquilo aconteceu *comigo*, então, por que eu sofria?

Talvez já não fizesse mais diferença.

- Ir até... – a voz de Milla desapareceu. Após uma breve pausa de compreensão, ela balançou a cabeça – Querida, não faça isso. Você já sofreu o bastante. Precisa deixar isso pra trás.

- Não! – declarei, vários tons acima do pretendido. A porta do quarto bateu com violência em resposta.

Todas me encaravam com muita cautela agora. Jane parara de cuidar das unhas e parecia bastante interessada na minha reação.

Todo o ambiente pareceu ficar em suspense por vários minutos, como se todas estivessem prendendo a respiração, esperando. Todas menos eu. Eu respirava rasa e rapidamente, numa corrida interna pelo autocontrole.

Então Zethi pôs-se de pé com um sorriso amistoso plantado no rosto e, muito calmamente, colocou as mãos sobre os ombros de Milla.

- Acho que podemos decidir isso depois, não? – sugeriu – Malena precisa descansar. Amanhã vocês podem conversar melhor sobre isso.

Milla levantou-se, concordando com a cabeça, mas quando o olhar de Zethi encontrou o meu, ela sabia a minha resposta: não havia nada para conversar. Não estava em discussão. Eu iria com ou sem permissão.

- Boa noite, Malena. Eu ligo pra saber notícias suas.

- Obrigada, *tia*. – respondi, com displicência.

- Descanse, filha. – Milla inclinou-se e beijou-me na testa – Se precisar de qualquer coisa, basta me chamar. E Kathi... – virou-se para Jane, que fez seu melhor rosto de boa moça – Cuide dela esta noite, sim?

- Pode deixar, sra. Gordon.

Não consegui pregar os olhos durante toda a madrugada. Fosse por ter passado tempo demais desacordada durante a tarde, fosse porque as imagens ainda muito vívidas de meu sonho teimassem em invadir meus pensamentos, o sono não vinha. Depois de poucas horas, desisti de procurar por ele.

Já estava quase amanhecendo quando, vencida pela sede, resolvi levantar. Meus músculos continuavam hesitantes em obedecer-me, mas quase toda a dor já passara. Muito silenciosamente, abri a porta do quarto, saí e a encostei atrás de mim – não que Jane fosse notar, mesmo que eu tivesse batido todas as portas da casa. Morta para o mundo, ela dormia profundamente.

Apesar de todos estarem fechados em seus respectivos quartos, não acendi nenhuma lâmpada no meu trajeto até a cozinha. Eu já conhecia a casa suficientemente bem agora. Andei sem tatear, e

servi-me de dois largos copos d'água no escuro. Por fim, ainda sem vontade de voltar para a cama, fui até a sala e me encolhi no sofá.

- Está sem sono? – a voz de Toy surgiu logo atrás de mim, pegando-me de surpresa. Uma mão sobre o peito e a outra na boca, contendo uma exclamação de susto, olhei para os lados até vê-lo saltando sobre o encosto traseiro do sofá, para logo depois vir aninhar-se junto às minhas pernas.

- Já dormi por tempo demais hoje. – repliquei, olhando para ele. Instintivamente, baixei a mão para acariciar sua pelagem macia. Eu ainda me surpreendia toda vez que ele me permitia tratá-lo como um gato normal. Malena o havia domado de formas como eu jamais teria conseguido.

- Eu soube. – ele disse, e quando percebeu minha expressão confusa, soltou um miado baixo – Só porque não estou aos seus pés o tempo todo não significa que eu não esteja por perto. Você sabe o que tem me mantido afastado. Não posso ficar mais uma vez sob o mesmo teto que... *ela*.

- Eu não te culpo. – suspirei, e, só para provocá-lo, resolvi perguntar – Mas me diga, velho amigo, onde tem estado? Alguma... *gatinha* de que eu deva saber?

Ele arqueou o corpo, de imediato rejeitando meu toque. Não resisti e dei risada.

- Uma persa malhada chamada Mimi, se quer saber. – respondeu, de modo entediado, tão enigmático que não soube se deveria ou não levá-lo a sério.

Calamo-nos. Toy aos poucos se acalmou e voltou a deitar-se ao meu lado, mas não me atrevi a tentar tocá-lo novamente. Depois de muito tempo no conforto do silêncio, foi que ele voltou a falar.

- Vi que sua tia esteve aqui hoje. Então suponho que a esta altura já saiba...

- Já.

- Eu fui até lá, sabe? Depois que vi Jane aqui, eu tive que ter certeza de que ela tinha sido a única.

Não precisei perguntar-lhe se ele estava certo. Eu agora tinha certeza de que Jane e Megan não eram as únicas. Não me atrevia a ter esperanças sobre... *ele*, mas algo me dizia que havia muito mais

de onde elas tinham vindo. Eu podia ouvir a voz de Yara em minha mente. *Do descanso sagrado eles irão retornar quando das trevas ao mundo o mestre adentrar.*

Era a profecia de novo. Era Ele. Ele estava vindo.

- Quantos mais? – inquiri, por fim.

- Aqui? Uns poucos. Mas o mundo é um lugar muito vasto, Dorothei. Sabe-se lá quantas outras cidades estão assistindo seus mortos levantarem por aí.

Acordei com um dos meninos Gordon tentando erguer-me de maneira desajeitada do sofá. Assustei-me, e ele me soltou na mesma hora, caindo de joelhos ao lado do sofá. Qual deles era aquele mesmo? Colin? Eric? Eram muitos. Ainda agora, eu não conseguia jamais ter certeza de quem era quem.

- O que está fazendo? – perguntei, ainda um pouco exasperada pelo susto. Ele pareceu intimidado.

- Eu ia te levar pro seu quarto. Você estava dormindo toda torta. – explicou.

- Podia ter me chamado.

- Eu não queria te acordar. Eu sei que você... – hesitou, e então terminou, com um suspiro – Deixa pra lá.

Não pude evitar que meu coração amolecesse um pouco. Havia uma preocupação genuína em seu semblante, do tipo que eu jamais havia visto nos olhos das minhas irmãs. Agora que eu conhecia a verdade, sabia que havia sido criada em meio à crueldade e ao desapego por um propósito. Eu não havia sido para elas – exceto, talvez, para Zethi – mais do que um porco, engordando com o tempo, preparada para o abate. Tão diferente da realidade de Malena, cercada por irmãos que a idolatravam, a menina dos olhos da família. Eu me perguntava que tipo de pessoa eu seria se as minhas irmãs fossem mais como os dela.

- Que horas são? – perguntei, por fim.

- Nove horas. O pai já foi trabalhar e a mamãe foi até a casa da vovó. – concordei, e após uma breve pausa, ele bagunçou meus cabelos displicentemente e perguntou – Como você está se sentindo?

- Bem. – respondi, sentindo uma estranha sensação de conforto. Era quase como se aquela vida fosse minha, como se nada de ruim estivesse acontecendo. Apenas um irmão preocupado conversando com sua irmãzinha.

Mas lembrei-me da chuva, dos sonhos e dos presságios, e tudo desmoronou em segundos. Aquela vida não era minha. Fred, ou Adam, ou qualquer que fosse o nome dele, não era meu irmão. Sua preocupação se estendia a uma pessoa que não existia mais – ou existia, mas suas mágoas eram tão profundas que sua consciência se perdera. Eu era Dorothei Von Evans, e o mundo estava à beira de um colapso. Conforto era um luxo. Eu não tinha luxos. Eu tinha uma mortalha pairando sobre a minha cabeça e uma responsabilidade imensa atrelada a mim.

Voltei ao meu quarto em silêncio. Jane ainda dormia pesado, e não fiz questão de acordá-la; peguei o celular na gaveta do criado-mudo e saí à procura de algum lugar onde pudesse falar sem ser incomodada. Para tal, tive de sair do conforto da casa para o chão de terra batida do lado de fora. O sol brilhava sem a interferência de nenhuma nuvem no céu, como se o dilúvio nunca tivesse existido.

Disquei o número de Yara primeiro, mas ninguém atendeu. Insisti mais uma vez, em vão. Por fim, acabei ligando para Zethi.

- Alô? – disse, ao segundo toque.

- Eu preciso que você venha até aqui. – disse, imediatamente. Pude sentir sua hesitação do outro lado.

- O que houve? – perguntou-me.

- Preciso ir até o cemitério. Eu preciso... – precisei pigarrear pra retomar meu autocontrole – Preciso ver.

- Dorothei, sinto muito, mas não posso ir até aí agora. Linda está com febre, preciso levá-la ao médico.

- Traga ela até aqui, eu preparo uma poção ou algo do gênero.

- Você não sabe preparar poções e eu não posso arriscar.

- Zethi, por favor. Não tenho mais a quem recorrer.

Uma pausa. Por um instante, imaginei que ela atenderia à minha súplica. Contudo, quando ela voltou a falar, seu tom não havia mudado.

- Eu estou colocando tudo de lado pra te ajudar, Dorothi, você sabe. Mas por favor, não me peça para escolher entre você e minha filha.

Não respondi. Não pude. Queria gritar com ela e ameaçá-la a fazer minha vontade, mas sabia que estava sendo injusta. Calei-me.

- Eu ligo. Descanse. Não é nada que não possa esperar mais um dia.

E desligou.

- Não se fazem mais irmãs como antigamente, não é mesmo?

Me virei e encontrei Jane atrás de mim. Pelo seu tom de voz e sorriso enviesado, ela escutara minha breve conversa ao telefone.

- Você fica ridícula implorando desse jeito. – continuou, revirando os olhos – Achei que já teria aprendido a essa altura.

- E o que exatamente você teria feito?

- Eu tenho algumas ideias. – e sorriu de maneira enigmática, me dando as costas em seguida.

Sentia-me uma idiota por morder a isca tão facilmente, mas a segui. Ela estava parada na beira da escada, esperando. Quando me aproximei, fez um breve sinal para que eu parasse, sem olhar na minha direção. Por vários minutos, esperamos, Jane de cabeça baixa, parecendo muito atenta em algo misterioso. Então, abruptamente, ela avançou para cima, dois degraus de cada vez. A alcancei a tempo de vê-la trombando com um dos irmãos da Malena no corredor entre os quartos.

- Opa. Desculpe. – ele disse, e seu rosto rapidamente transformou-se numa máscara de terror – Eu te machuquei?

- N-não. – Jane gaguejou, e apenas quando fungou percebi que ela... chorava.

- O que foi então? Aconteceu alguma coisa? – ele quis saber. Pela expressão aterrorizada em seu rosto, parecia não ter a menor noção do que fazer quando via uma garota chorar.

- É que... – ela hesitou, sua falsa pose de menina triste me dando vontade de rir – Hoje é aniversário de morte da minha avó e eu... Eu queria muito ir visitá-la.

- Visitar?

- No cemitério.

- Oh.

- Mas teve essa chuva horrorosa, e eu estou aqui, e... – ela soluçava agora. Não soubesse eu da verdade, estaria quase convencida – Eu sinto tanto a falta dela!

- Calma. Não chora. – desajeitado, ele a abraçou. Só então pareceu me ver também, e seu rosto se iluminou de alívio – Faz o seguinte: vai com a sua amiga se trocar, e eu vou dar um jeito de levar você pra... visitar a sua avó. Que tal?

- É sério?

- Claro, claro.

- Obrigada...

- Fred.

- Obrigada, Fred. Muito, muito obrigada!

Sem mais delongas, ela entrou no meu quarto e encostou a porta. Fred, ainda parado no corredor, parecia ter acabado de se ver livre da força.

Pouco mais de uma hora depois, Fred nos deixava em frente ao cemitério de Oxford, recusando-se terminantemente a entrar. Ele havia ligado para um de seus amigos na cidade e cobrado algum favor na forma de empréstimo do carro por tempo limitado, mas, segundo ele, sua gentileza estendia-se apenas ao serviço de chofer.

- Vão vocês e eu espero aqui. Só piso ai dentro depois de morto. – declarou, cruzando os braços.

Não me importei, afinal, não havia nada que sua companhia pudesse me oferecer. Descemos do carro, Jane e eu, e atravessamos sozinhas os portões de ferro que delimitavam a área.

O cemitério ficava fora da cidade, mas nem por isso havia sido menos atingido pelas chuvas violentas de dias atrás. A terra, percebi ao caminhar, ainda estava empapada numa lama densa em muitos pontos, de modo que teríamos de tomar muito cuidado para não sofrermos um potencial acidente. Árvores haviam caído e destruído algumas esculturas e lápides. Mas não foi isso que me fez estacar onde estava, subitamente trêmula demais para continuar.

Havia pelo menos seis túmulos abertos, até onde eu conseguia ver. Não, *abertos* não era exatamente a palavra que eu estava

procurando; *revirados*. No lugar das lápides e da grama, pedras quebradas, terra amontoada de maneira grotesca. Um cenário de filme de terror.

- Não é irônico que a minha lápide ainda esteja inteira? – ouvi Jane dizer, de algum ponto à minha esquerda. Virei, e a vi encarando o próprio túmulo com um sorriso zombeteiro – “Katherine Andrea Jonas, amada neta e amiga”, céus. Patético. Como se uma frase ridícula pudesse resumir a vida de alguém, especialmente a minha.

Não dei atenção a ela. Lentamente, trilhei o caminho que Malena já tinha feito inúmeras vezes em direção ao túmulo de Sam. Eu não queria olhar, mas precisava. Tinha de comprovar com os meus próprios olhos.

Como os demais, a violação no túmulo de Sam me causou um estranho arrepio. Medo, ousava dizer. Sua lápide havia caído com a face virada para baixo, e a pedra que outrora revestira sua cova jazia desfeita em cacos imundos em meio à lama. Novamente, foi como se eu sentisse as minhas estruturas mais ínfimas se despedaçando. De repente, estava difícil continuar firme sobre os meus próprios pés.

- Quando eu era criança, o meu Mestre costumava dizer que nós, bruxas, não deveríamos temer a morte. – Jane disse, postando-se ao meu lado – Sabe por quê?

- Não. – respondi, exausta demais para qualquer ironia.

- Porque quando o Senhor das Almas retornasse, todos os seus filhos e filhas seriam trazidos de volta. – ela fez uma pausa breve – Ou todos os que já não tivessem voltado, pelo menos.

- E o que *isso* quer dizer? – indaguei, apontando para a tumba aberta diante de nós – Você eu entendo, mas ele era... ele não era...

- Olha, não vou fingir que entendo tudo o que está acontecendo, ok? Mas Sam era especial. A sua alma e a dele estão atadas até o fim dos tempos. E se isso significar que a alma dele, como a sua, pertence ao nosso Senhor?

- Então ele pode estar...

Não cheguei a terminar a pergunta. Um grito urgente chamou a minha atenção.

- MALENA!

Olhei para trás e deparei-me com Fred correndo em nossa direção. Em meio às minhas próprias preocupações, não consegui discernir sua expressão. Ele parou, afobado, e, entre respirações rápidas e entrecortadas, disse:

- Papai ligou... Nós temos que ir... A tia Frida... Linda está...

- Acalme-se, Fred, respire fundo. – ordenei, inspirando profundamente para acompanhá-lo. Ele apoiou as mãos nos joelhos, baixando a cabeça por um longo minuto enquanto recuperava o fôlego - Muito bem, agora fale.

- É a filha da tia Frida, Malena. Ela morreu.

Em choque, eu o segui, puxando Jane comigo pelo braço. Tentei extrair mais informações do menino Gordon, mas ele não parecia saber mais do que o essencial – Linda havia morrido, e toda a família estava sendo chamada.

- Linda é Nayse, não é? – Jane cochichou ao meu ouvido. Eu confirmei sem emitir um único ruído, e observei de canto de olho quando ela soltou um suspiro pesaroso.

Entramos no carro e, do caminho, Fred entrou em contato com o dono do carro, explicando a situação em palavras rápidas e combinando a devolução do veículo. O rádio estava ligado, mas eu não conseguia ouvir nada – uma sensação cada vez pior subia pelo meu peito, deixando meu coração tomado de sombras. Linda... Como era possível? Que doença evoluíra tão rápido de uma febre para a morte?

Fred dirigiu-nos direto para o hospital da cidade. Saltei do automóvel tão logo ele estava estacionado. Encontrei os pais e os avós de Malena na calçada, todos imersos numa máscara de dor e confusão. Mas eu não tinha tempo para a conversa fiada e o luto dos parentes – precisava chegar até Zethi. Passei por eles sem muito mais que um olhar de solidariedade e entrei, com Jane em meu encalço.

- O que está fazendo? São assuntos de família. – ralhei com ela, quando entrou comigo no elevador.

- Ela é minha família também, esqueceu, irmãzinha? – replicou, e não pude rebatê-la quanto a isso – Além do mais, você vai me

querer lá. Isso diz respeito a todas nós.

- O que quer dizer?

- Céus, você realmente é a bruxa mais burra de que já se ouviu falar.

Eu estava a ponto de responder com as minhas mãos, mas as portas do elevador se abriram, e todas as brigas tiveram de ficar para depois. Os soluços altos denunciaram a presença dela antes mesmo que eu pudesse vê-la; eles ecoavam pelo corredor e enchiam o ar com uma carga inimaginavelmente pesada de tristeza.

Zethi estava sentada num banco, debruçada sobre as próprias pernas, chorando e balbuciando palavras incoerentes. Do outro lado do corredor, Hugo encarava uma parede completamente branca, os ombros caídos e o rosto baixo. Lady Lew o fazia companhia, e pela primeira vez, seu rosto felino não me parecia nem um pouco assustador – ela estava tão indefesa quanto poderia estar. E aos pés de Zethi, ajoelhada e com as mãos unidas numa oração, estava Yara.

Quis voltar para trás. Desejei entrar naquele elevador e ir para casa, para bem longe daquela aura mórbida que me sugava. Eu não era boa com palavras. Eu não era boa em confortar ninguém – eu mal conseguia lidar com os *meus* fantasmas, como poderia ajudá-la? Malena saberia o que dizer, como agir, mas eu não. Eu não havia sido talhada para isso.

Então lembrei-me de tudo que ela já havia abdicado pela minha sobrevivência. A dívida de Zethi para comigo já estava há muito quitada, mas ela permanecia ao meu lado. Mesmo nos momentos em que não mereci, ela esteve comigo. Guiou Malena. Manteve-me viva. Eu devia muito mais a ela do que jamais poderia pagar. Ela merecia meu apoio desajeitado, e minha presença despreparada. Eu tinha de estar lá por ela, nesta hora, mais do que em qualquer outra. Portanto dei um passo adiante, e então outro, até que a ponta do meu sapato já quase tocava o dela.

Zethi ergueu o rosto para mim. Seus lábios trêmulos estavam pálidos, seus olhos pareciam saltar pelo inchaço. Seu rosto estava lavado pelas lágrimas e havia marcas de arranhões em sua pele – marcas estas, eu supunha, que ela mesma havia se infligido em

desespero. Se a dor tinha um rosto, era aquele. Ela tentou falar, mas tudo o que produziu foi um silvo de agonia e mais lágrimas.

Permaneci imóvel, calada. O som abafado do choro de minha irmã de alma me preenchia os ouvidos, mas não chegava ao meu coração. Fechei-me. Se me permitisse compartilhar da sua agonia, eu sentia que poderia estilhaçar por dentro. Mantive o olhar firme, focado num ponto acima da cabeça dela. Tentava concentrar-me em algo que não aquela atmosfera mórbida, mas era impossível escapar.

- Eu sabia... – eu a ouvi gaguejar, e suas mãos se agarraram à barra da minha camiseta – Eu sabia... que isso estava vindo... mas eu não queria acreditar... eu não podia... não pude...

- Calma. Calma, minha irmã, calma. – Jane sussurrou, para minha surpresa, sentando-se ao lado dela e passando um braço por sobre seus ombros caídos.

- Ela era só uma criança! – Zethi disse, seu tom subindo até atingir gritos histéricos – Uma criança, e Ele a levou! Ele consumiu a alma dela!

Subitamente, então, compreendi; não havia sido a febre que levara a menina, mas o Senhor das Almas. Zethi mesma havia me falado a respeito, meses antes. *Crianças bruxas serão o alimento do Senhor das Almas no seu retorno*, ela me dissera, sem um pinga de convicção na época. Eu me perguntava quantas outras lendas do nosso povo se provariam verdade a partir de agora.

- Nayse ficará bem! – Jane garantiu, com um sorriso quase amigável – Ela deu a vida pelo nosso Senhor. Ela será recompensada. Ela renascerá com glórias inimagináveis!

Mesmo eu, em toda a minha insensibilidade, sabia que aquilo não era algo a se dizer. Jane, contudo, pareceu surpresa quando Zethi a empurrou com toda a força e pôs-se de pé, dando passos para trás como se quisesse abrir um vale de distância entre ela e a irmã. Yara, até então ajoelhada e imersa em suas orações, também levantou-se e tentou contê-la.

- Ela não é Nayse! O nome dela é Linda! – Zethi gritou, chamando a atenção de todos no corredor do hospital – E como você tem coragem de vir até aqui pra me falar de glórias? De recompensas? A MINHA FILHA MORREU!

Hugo alcançou a esposa em três passos rápidos. Ele a prendeu num abraço e tentou acalmá-la, mas Zethi lutava contra ele, socando-o inutilmente com seus punhos fechados, tentando se libertar.

- E você Dorothei, como você pôde trazer essa cobra numa hora dessas? – ela berrou – Tudo isso é culpa sua! Minha filha está morta por culpa sua!

- Acho melhor vocês irem embora! – Yara sussurrou para mim com urgência. Ela lançou um olhar feio na direção de Jane antes de concluir – A presença de vocês aqui não está fazendo bem à Frida.

Ainda muda, assenti. Fiz sinal para que Jane seguisse primeiro, e então a acompanhei, com Yara em meu encalço. Enquanto esperávamos o elevador, ela apertou gentilmente meu ombro e disse:

- Amanhã eu passo na sua casa, está bem? Sinto que precisamos conversar.

- Certo. – murmurei. Dei uma última olhada por sobre o ombro e vi Zethi e Hugo ajoelhados no chão; ela ainda emitindo soluços altos, e ele entregue a um pranto silencioso e ininterrupto – Cuide bem dela.

- Deixe comigo. – as portas do elevador se abriram e Jane e eu entramos - E... Dorothei?

- Sim? – respondi, apertando o botão para o térreo.

- Hoje à noite só... tente ficar calma.

A volta para casa foi preenchida de silêncio e pesar. Não foi até muito após o crepúsculo que a família de Malena começou a se dispersar de sua vigília em frente ao hospital, e pudemos finalmente descansar.

Quando chegamos, fui direto para o banheiro. Eu esperava que, de alguma forma, a água quente ajudasse a lavar de mim aqueles sentimentos. Todo o meu corpo queimava de exaustão e eu me sentia demasiadamente fraca, como se a qualquer segundo pudesse desmoronar, por dentro e por fora.

Jane parecia muito disposta a conversar quando voltei para o quarto, mas não lhe dei atenção. Nada de exercícios de foco, nada

de velas nem de aprendizados para mim hoje – deitei-me, cobri-me e fechei os olhos, desejando por um momento que, quando os abrisse novamente, descobrisse que nada daquilo estava realmente acontecendo.

Foi quando meu corpo se arrepiou, como se uma corrente de ar gélido passasse por mim. E, do lugar mais fundo do meu ser, surgiu a voz:

Minha filha. Desperte.

Abri os olhos e sentei-me de repente na cama. Olhei para os lados, mas obviamente não havia mais ninguém no quarto. Éramos apenas eu e ela.

- Você ouviu? – sussurrei. Jane ajoelhou-se ao pé da cama.

- Ouvi o quê?

Estava prestes a respondê-la quando o mundo se desfez e joguei minha cabeça violentamente para trás.

De uma vez, tudo ficou preto. Então lentamente, como se eu caminhasse por uma trilha, luzes começaram a surgir. Tochas. Eu sabia exatamente onde elas estavam me levando, e embora meu instinto me dissesse para correr na direção contrária, era impossível desviar do meu destino. Mais rápido agora, ele se aproximava, iminente, poderoso.

Ao final da trilha, um vasto acampamento se estendia. Uma multidão de estranhos de vestes brancas e rostos encobertos se ajoelhavam e estendiam as mãos. Um a um, eles cortavam os antebraços e sangravam sobre um balde de madeira. Eu podia ouvir vozes, mas não discernir o que elas diziam – algum tipo de feitiço, eu estava certa. E foi então que Ele apareceu.

Eu soube quem era mesmo que o capuz preto sob o qual sua cabeça se escondia parecesse vazio. Eu soube pois, no momento em que sua imagem se fez ver, eu pude sentir todo o meu corpo preenchido por uma energia e força incomparáveis. Eu sentia que tremia, embora não pudesse ter certeza. Aquela eletricidade pareceu remontar meus cacos e tornar-me inteira de novo. Ele era a fonte. Ele era a razão.

O seu lugar é aqui, ele disse. Sua voz soava como o silvo de um tornado e o uivo de um lobo, como tempestades e tragédias e o

grito de mil almas sufocando. Era um sussurro e um berro, um pedido e um decreto. Ouvi-lo era, ao mesmo tempo, reconfortante e devastador.

Venha. Encontre-nos. Junte-se à sua verdadeira família, dizia. Em algum lugar no meu coração, eu acreditava. Eu queria. Mas em minha mente, a razão fazia barulho para que eu não me deixasse enganar.

Juntos, limparemos a escória da Terra. Vocês, os Escolhidos, irão reinar. Venha até nós. Junte-se a mim.

Tão rápido quanto surgiu, a visão se desfez e eu caí; uma queda impossivelmente longa até que eu tombasse, completamente inerte sobre a cama. Eu sentia gosto de sangue em meus lábios e, em meio ao zunido infinito em meus ouvidos, eu ainda conseguia escutá-Lo.

Ele estava me chamando.

Despedida

- Meninas! Meninas! Está tudo bem?

Despertei com um chacoalhar desesperado em meus ombros. Abri os olhos e encarei uma Milla Gordon assustada, ainda em seus trajes de dormir.

- O que houve? – perguntei, sentando-me.

- Um terremoto. – respondeu, em choque – Você não sentiu?

- Não.

Apenas então olhei a minha volta. Jane estava de pé, com a mão na maçaneta, como se pronta para zarpar ao menor sinal de perigo. As gavetas do armário estavam abertas e algumas roupas haviam caído no chão. A mesa de cabeceira estava tombada, e os pertences de Malena se espalhavam pelo quarto.

- Você tem um sono pesado. – Jane comentou, mas seu olhar me dizia outra coisa. Me dizia que ela sabia. Não havia sido nenhum terremoto. Era eu.

- Bom, estão todas bem? – Milla perguntou novamente, parecendo mais tranquila – Vou ver como estão as coisas no resto da casa. Primeiro os temporais, agora isso. O que falta acontecer nessa cidade?

Ela se foi, e Jane fechou a porta com um baque surdo. Nem ela nem eu fizemos menção de pôr um mínimo de ordem no quarto. Ao invés disso, ela permaneceu onde estava, com as costas apoiadas na parede, encarando-me enquanto eu tentava reorganizar meus pensamentos, sentada, imóvel, em minha cama.

- Foi você. – ela disse, por fim. Não era uma pergunta. Não precisei responder – Você me perguntou se eu tinha ouvido alguma coisa, e então você caiu e começou a... flutuar. – ela fez uma breve pausa, e então soltou um suspiro pesado – Eu não sabia o que fazer. Os seus olhos estavam vidrados, a sua boca ficava se mexendo, mas você não dizia nada, e então... Isso.

Permaneci calada, sem me mexer. Tremi involuntariamente ao me lembrar do que havia acontecido – sob o meu ponto de vista, isto é. A visão. A voz. Ele.

- Foi Ele, não foi? – Jane insistiu, se aproximando cuidadosamente. Havia um brilho diferente em seu olhar – O nosso Senhor, Ele falou com você!

- Como você sabe? – foi tudo que consegui dizer. Ela sorriu, vitoriosa.

- Porque os nossos ancestrais previam isso há séculos! – ela sentou-se em minha frente – Agora me conte, o que Ele disse? O que você viu?

Eu a olhei, e minha incerteza me provou o que eu já sabia. Eu não deveria dizer nada a ela. Quanto mais eu pensava nisso, mais certa ficava de que não deveria compartilhar o conteúdo exato daquela visão com ninguém – e especialmente não com Jane. Escolhi muito bem as minhas palavras, portanto.

- Eu não... me lembro... exatamente.

Sua animação dissolveu-se num segundo para um olhar ácido e uma expressão de pura raiva.

- Você está mentindo.

- Não estou. – insisti, elevando a voz – Foi tudo muito rápido e impreciso. Eu não me lembro.

Ela abriu a boca para discutir, mas pareceu pensar melhor e calou-se. Seu silêncio, contudo, durou apenas um segundo. Mal colocara-se de pé, e já apontava o dedo para mim, dizendo:

- Eu não sei porque você está fazendo esse joguinho, mas uma coisa eu sei: Ele estava te chamando. E se você pensa, por apenas um segundo, Dorothea Von Evans, que vai me deixar de fora, você está muitíssimo enganada. Espero que isso esteja claro.

Cristalino.

Às dez horas em ponto a campainha da casa dos Gordon tocou. Eu sabia quem era antes mesmo que um dos irmãos de Malena gritasse que ela chegara – eu vira pela janela um carro estacionando e Yara descendo dele. Junto com Ned Lee.

- Fique aqui. – falei para Jane, que folheava um livro distraidamente, deitada em minha cama. Ela não me disse nada; apenas lançou-me um de seus olhares ferozes, mais um dentre os tantos que ela me dirigira desde o incidente na noite anterior.

Fechei a porta do quarto com um estalo e desci as escadas rapidamente. Alguém já os colocara para dentro, e agora Ned e Yara estavam na sala, de pé num silêncio desconfortável – ela com um vestido longo branco, contrastando com a pele morena e os cabelos escuros, milagrosamente soltos, e uma expressão tranquila, porém atenta. E ele usando camisa polo e bermuda, as mãos no bolso, ombros retraídos, espiando cada canto como se esperasse que um monstro surgisse de repente. Não me surpreendi quando ele deu um salto mínimo ao notar minha presença.

- Oh. Olá. – Yara se aproximou alguns passos, mas Ned permaneceu onde estava. Ele sequer parecia disposto a me olhar por mais do que dois segundos.

- Olá.

- Ned veio comigo e eu pedi que ele ficasse. – explicou, com um meio sorriso – Espero que você não se importe.

- *Eu* não me importo. – respondi, deixando a pergunta no ar. Yara olhou de mim para ele, e estendeu a mão para nós dois. Eu a peguei prontamente; Ned precisou de um minuto de hesitação para fazer o mesmo.

- Eu vi a nossa vida juntos e ela será maravilhosa. – ela disse, olhando para Ned – Mas eu também vi que, para isso, você precisa entender o mundo em que vivemos. O mundo em que *eu* vivo. E tem que começar agora. – então seu olhar voltou-se para mim – Ela precisa de mim, e eu preciso de você, Ned. Precisamos que confie em nós. Acha que pode fazer isso?

Sua cabeça, até então baixa, ergueu-se, e seus olhos fixaram-se em mim. Ele me estudou com muito cuidado por um longo instante, em que procurei ficar o mais impassível que pudesse. Por fim, Ned limitou-se a concordar com um aceno de cabeça, e foi como se a atmosfera enfim se tornasse mais leve.

- Tem algum lugar em que possamos conversar? – Yara perguntou-me, por fim. Soltei um suspiro e dei de ombros.

- Na realidade, não. – respondi – Jane está lá em cima, e todos estão em casa, então...

- Jane não será problema. – garantiu, o nome de minha irmã de alma soando como algo pegajoso em sua boca. Concordei

silenciosamente e então os levei até o andar de cima. Dei duas batidas rápidas à porta antes de entrar.

Jane largou tudo o que estava fazendo quando nos viu chegar. Esperei até que Yara e Ned tivessem entrado e fechei a porta. Seguiu-se um minuto de estranho silêncio, e então...

- Você é... Kathi... Jonas. – Ned balbuciou, num sussurro – Você... morreu... – ele olhou de mim para Yara em desespero – Ela está morta!

- Não mais, queridinho! – Jane exclamou, com um sorriso enfezado. Yara tentava tranquilizar Ned com o olhar, mas ele parecia muito disposto a dar início a um pequeno ataque de pânico. Então perdi a paciência. Pro inferno com a tática gentil.

- Ela morreu. Eu a matei. Mas algo a trouxe de volta. – falei, soando muito mais histérica do que inicialmente pretendia. O olhar horrorizado de Ned voltou-se para mim.

- Você o quê?

- O que ele está fazendo aqui, afinal? – Jane interrompeu, cruzando os braços – A vidente eu entendo, mas o que *e/le* tem a ver com isso?

- Ele está comigo. – Yara afirmou, de forma protetora e definitiva. Jane estava pronta para rebater, quando eu intervim.

- Basta! – exclamei, e ambas se calaram. Esperei alguns segundos para ter certeza de que os ânimos haviam se acalmado, então virei novamente para Ned – Preciso que você se controle, está bem? Yara vai te explicar tudo no devido tempo, mas nós não temos tempo pra isso agora.

Ele concordou rapidamente, mais por medo, imaginei, do que por confiança. Em seguida apontei para o quarto desarrumado e convidei-os a encontrarem um lugar para se sentarem. Yara e Ned se ajeitaram sobre a cama; Jane acomodou-se em seu colchão no chão, de frente para mim; e eu permaneci de pé, encostada junto à porta.

- Então... – falei, quando o silêncio já se tornava insuportável novamente – Como vai... Frida?

- Ela está... – Yara ponderou por um momento, então soltou o ar lentamente – Sobrevivendo. Não sei bem. Ela se recusa a falar

com Hugo.

- Por quê?

- Porque ele sabia. – ela deu de ombros, a expressão cheia de um horrível pesar – Ele sempre soube, mas não disse nada a ela. Poderia ter dito, mas escolheu não dizer. Ele sabia que, se falasse, então eles viveriam em função deste momento. E ele não podia trazer esse fardo para a própria família; então escolheu carregá-lo sozinho.

Remoí aquela informação, incapaz de falar. Não havia palavra que bastasse. Nada que eu pudesse dizer jamais seria o suficiente.

- O enterro será hoje à noite. Hugo e a Sra. Lew estão terminando os rituais de passagem. – ela continuou, e Jane soltou um muxoxo de desagrado.

- *Nós* é que deveríamos fazer isso. – disse, amarga – Ela nunca irá reencarnar se não a prepararmos para isso.

- Ela está em boas mãos.

- *Boas mãos*. Nayse era uma de nós!

- Não depois que Malena tirou a magia dela. – Yara replicou, secamente – Você, melhor do que ninguém, deveria saber.

As duas se encararam por um momento, até que Yara se recompôs e disse:

- A profecia se cumpriu. Sabe o que isso quer dizer, não sabe?

- Não. – admiti, a contragosto.

- Significa que você precisa escolher um lado. Agora.

- Eu já escolhi um lado! Ele me tirou tudo!

Cobri a boca com as mãos. Todos emudeceram. Malena continuava inerte no fundo da minha mente e eu sabia, por menos que gostasse da ideia, que aquelas palavras haviam sido minhas, não dela. Nunca antes a dor parecera tão pessoal. Tão verdadeira.

Yara levantou-se e deu dois passos hesitantes na minha direção. Tomou minhas mãos entre as suas e, por um momento, apenas olhou para elas, calada.

- Não tem mais a ver só com você, Dorothei. – falou, muito calmamente – É sobre todos nós agora. Você é a nossa única esperança.

- E se eu falhar? – murmurei, como uma criança. Medo se espalhava pelas minhas veias como fogo em palha.

- Você precisa tentar. – insistiu, com um leve aperto em minhas mãos – Senão tudo isso terá sido em vão. Linda, Malena... Sam. Todos eles terão partido em vão se você não fizer a escolha certa agora.

Desabei e Yara acolheu-me em seu abraço. Não sei por quantos minutos chorei. Por toda uma vida, talvez. Mas quando parei, Jane havia saído do quarto e Ned tentava se distrair olhando pela janela.

- Eu sei que você está assustada, mas tudo acontece como tem que ser. – Yara me disse, baixinho, enquanto me soltava – acredite, eu não quero que você vá. Eu também estou com medo. Mas eu sei, eu *sinto* que precisa ser assim. Entende?

Fiz que sim, embora não compreendesse. Não de verdade. Enxuguei os olhos com as costas da mão e funguei algumas vezes, tentando em vão me controlar outra vez.

- E eu sei também que você não confia nela... – e indicou a porta com a cabeça, referindo-se a Jane – Mas quando chegar a hora, precisa deixar que ela te acompanhe. É o destino dela. É essencial que ela esteja com você daqui pra frente, ouviu bem?

- Detesto a mania que vocês, clarividentes, tem de falar em enigmas. – reclamei, e Yara riu.

- Eu gostaria tanto de poder dizer mais, mas eu apenas... não posso.

- Tudo bem.

- Bem. – ela se levantou – Acho que é melhor te deixar sozinha, agora. Nos veremos... à noite, sim?

- Certo.

Eu os acompanhei até a porta da frente e assisti enquanto eles iam embora. O sol estava a pino, e o calor maltratava minha pele. Entrei rapidamente e encontrei Jane me esperando, de braços cruzados, com a mesma expressão insatisfeita no rosto.

- O que foi? – perguntei, revirando os olhos.

- Eu que pergunto. O que foi aquilo?

- Céus!

Passei por ela, pretendendo por um ponto final no assunto, mas eu a conhecia o bastante para saber que ela não desistiria tão fácil. De fato, Jane seguiu-me até a cozinha, onde fui servir-me de um copo d'água, e continuou me encarando com exatamente o mesmo ar de quem exige respostas.

- Já conversou com a sua *conselheira*. O que você pretende fazer agora?

- Me deixe em paz.

- Eu nunca vou te deixar em paz, irmãzinha. Voltei apenas pra te atormentar, esqueceu?

Como se pudesse!

Deixamos a casa dos Gordon no início da noite. Jane insistiu em nos acompanhar, por mais que eu tentasse convencê-la de que não era seguro que ela fosse vista por tanta gente. Suas palavras, contudo, acabaram me dando por vencida.

- Nayse era minha irmã também, Dorothei. Você pode não acreditar nisso, mas família importa. E eu estarei lá, queira você ou não.

Assim sendo, juntamo-nos ao restante da família e seguimos em silêncio em direção ao cemitério. Apesar de os ponteiros do relógio apontarem noite, o céu estava ainda aberto e o sol, brilhando, como em qualquer dia de verão – uma ironia do universo para com o clima de tristeza que parecia criar uma densa nuvem de dor sobre todos os presentes.

O cortejo estava apenas começando quando chegamos. Zethi seguida pela esquerda, amparada pela mãe, enquanto Hugo caminhava de braços dados com Lady Lew do lado direito do caixão minúsculo. Senti um nó se formando em minha garganta e decidi que o melhor seria ficar para trás. Eu e Jane, portanto, permanecemos paradas enquanto os amigos e familiares seguiam para o enterro. Inadvertidamente, Jane segurou minha mão.

- Isso está errado. – resmungou, mais para si mesma do que para mim – Este cortejo, este ar de decadência. E nem sequer pudemos fazer os rituais corretamente. É um ultraje à nossa memória, se você quer saber.

Não discuti. Sentia que Jane estava não somente ofendida, mas profundamente magoada, se tal coisa era mesmo possível. Quando toda a procissão de pessoas já havia passado, ela começou a andar, levando-me junto, meu braço atrelado ao dela.

- Quando a nossa mãe morreu, o ritual da passagem levou sete dias completos. – continuou, sem olhar para mim – Existe uma ordem para que as coisas aconteçam. E não temos tempo pra tristeza. Não há motivo. A morte, ela... ela é só uma pausa. Uma pequena pausa antes de algo maior.

- E como ela era? – não resisti a gana de perguntar-lhe – Nossa mãe?

Jane passou um bom tempo em silêncio, pensando. Por fim, soltou um longo suspiro antes de responder.

- Ela era uma mulher maravilhosa e extremamente devotada. Não somente às tradições, mas à família dela. A nós. Ela me ensinou tudo.

- Eu gostaria de tê-la conhecido.

- Ela já não era mais a mesma quando você nasceu.

- Em que sentido?

Jane fez uma careta e baixou os olhos.

- Nosso pai, ele... – lutou para encontrar as palavras certas – Ele não entendia bem o tesouro que tinha em mãos. Nossa mãe entregou o coração pra ele, mas ele nunca fez o mesmo por ela. E isso a enlouqueceu.

Quando alcançamos o resto das pessoas, o caixão já começava a ser baixado. O silêncio era absoluto. Vi Jane colocar ambas as mãos em concha sobre o coração e baixar a cabeça numa prece silenciosa, mas não pude fazer o mesmo. Eu não partilhava dos seus aprendizados, sequer das mesmas crenças. A morte podia ser, para ela, apenas uma pausa, mas para mim ainda era um motivo de enorme tristeza.

Foi quando uma súbita mudança no cenário chamou a minha atenção – não só minha, mas de todos. Uma sombra se alastrou pelo cemitério, como se o sol estivesse se pondo rápido demais, a luz sendo roubada mais e mais a cada minuto. Virei em direção ao

oeste, bem a tempo de ver a lua encobrindo o sol, o céu tomado por uma imensidão rubra.

E quando a escuridão cobrir a luz...

- A magia reinará. – Jane murmurou ao meu lado.

Passei a noite inteira acordada pensando no que Yara havia me dito sobre escolher um lado. Pelo seu tom, eu conseguia até imaginar o que ela estava vendo: uma guerra. Não iria demorar até que estivéssemos mais uma vez vivendo como nos tempos da Grande Colheita, o mundo separado entre bruxos e escravos. De que lado eu pretendia ficar?

Eu poderia continuar onde estava. Poderia proteger a família de Malena – a *minha* família. Poderia criar raízes em Oxford, tentar levar uma vida normal. Me afastar daquela maldição que já havia me roubado tudo.

Mas eu precisava ser honesta comigo mesma: quanto tempo eu realmente acreditava que isso poderia durar?

Eu não havia sido criada para acreditar na instituição familiar. Não fazia parte da minha natureza me aquietar, me misturar aos humanos – e eu definitivamente não era uma Malena tão boa quanto precisaria ser se quisesse sobreviver. Eu poderia ficar e fingir o quanto quisesse, e tudo ainda seria falso, irreal. Aquele não era o meu lugar. Aquelas pessoas não eram a minha família. Havia algo maior me esperando. E não era como se eu pudesse *realmente* protegê-los se ficasse. O inferno estava se espalhando. Eu era apenas uma – como poderia deter tudo aquilo?

Ri-me ao perceber que estava com medo. Eu, Dorothei Von Evans, estava apavorada. Por eles. Por mim. Estava tão temerosa que cogitava esconder-me naquela cidadela apenas para evitar o fracasso, para adiar o inevitável. Mas que bem faria me esconder? Ele chegaria até mim – e quando chegasse, não haveria piedade, não para uma desertora. Minha melhor chance era dar o primeiro passo. Se havia um modo de pará-Lo, não seria ficando em casa, esperando pelo pior. Eu era uma Von Evans, e uma Von Evans nunca foge à luta.

Eu estava cansada de ser boazinha. Era hora de sair e ver o mundo queimar.

- Jane. Acorde. – sussurrei, enquanto a chacoalhava. Ela despertou num sobressalto.

- O quê? O que foi?

- Rápido, me ajude a arrumar algumas coisas. Nós temos que ir.

- Ir, mas... – sua confusão foi aos poucos dissipando-se – Oh.

- Ande logo! Temos que encontrar a estrada antes do amanhecer.

Ela concordou e rapidamente se pôs de pé. Acendi a luz do quarto e tentei ao máximo não fazer barulho enquanto encontrava duas mochilas e Jane me ajudava a enchê-las com algumas mudas de roupa. Nem de longe seria o suficiente, mas teria que bastar.

Abaixei-me para puxar o baú sob a cama quando Jane me parou.

- O que está fazendo? Não podemos levar nada disso!

- É a herança da nossa família, Jane! É tudo que nós temos!

- Não, não é! – ela empurrou o baú de volta com veemência, tremendo quando a madeira arranhou o piso com um silvo agudo – Nós somos a herança da nossa família. Nós e as nossas irmãs. Isso aqui é só um monte de papel. É descartável. Nós podemos nos virar sem isso.

A contragosto, aceitei que ela estava certa. Era pesado demais, e não tínhamos tempo para enfeitiçar o baú ou os livros. Tínhamos de ser práticas.

Com as mochilas prontas, descemos com muito cuidado em direção à cozinha. Peguei duas garrafas d'água e algumas frutas, lanchinhos rápidos para uma emergência. Estava a ponto de sair quando Jane me segurou pelo braço.

- Precisamos de dinheiro. – ela disse – Alguma coisa, pelo menos.

- Certo.

Me odiei por fazer isso, mas era necessário. Puxei da memória de Malena até me lembrar onde seus pais costumavam guardar os trocados para emergência – dentro de uma caneca de cerveja velha e imunda, junto aos copos no armário. Abri e roubei os poucos

dólares que restavam ali dentro – pouco mais de cem. Teria de bastar.

- Indo a algum lugar? – uma voz rouca e muito baixa pronunciou, no escuro. Tanto Jane quanto eu nos sobressaltamos.

Mas era apenas Toy, nos observando atentamente de cima do armário. Eu não o havia visto – sequer sabia como ele tinha ido parar ali.

- Gato idiota. – Jane murmurou, irritadiça.

- Estamos indo embora. – respondi, num sibilo – Vamos atrás... Dele.

- E você pretendia compartilhar esta informação comigo... quando, exatamente?

- Você não tem sido exatamente uma companhia presente, Toy, querido. – estendi os braços em direção a ele – Se importa?

Toy hesitou por apenas um segundo, e então pulou nos meus braços, caindo com graça e familiaridade. Eu o coloquei no chão e suspirei.

- Então. Quer vir conosco?

- Não particularmente. – afirmou, no seu clássico tom tedioso. Eu o conhecia o bastante para saber que aquela indiferença forçada era usada apenas para as ocasiões em que ele se importava demais – Essa missão de vocês é suicida.

- Achei que gatos tivessem sete vidas. – Jane provocou-o, com um risinho abafado.

- Não tenho nenhuma intenção de colocar essa informação à prova.

- Mas virá? – insisti, tentando ao máximo não transferir toda a minha necessidade para a minha voz. Eu queria que ele viesse. Eu precisava que ele viesse. Toy era uma das poucas pessoas (seres?) que me restavam que ainda era capaz de manter meus pés no chão e minha consciência intacta. Eu e ele contra o mundo. O que seria de mim se ele ficasse?

Por sorte, talvez Toy tenha lido meus pensamentos – ou quem sabe ele apenas compartilhasse das minhas emoções. Pois, após um tempo considerável ponderando a minha pergunta, ele espreguiçou-se no chão e disse:

- Posso fazer um esforço.

Não respondi, mas sorri. Encaminhamo-nos, então, para a porta da frente. Meu coração palpitava a mil por hora. Minhas palmas suavam e todo o meu corpo tremia. Eu nunca na vida estivera mais certa nem menos preparada para alguma coisa. Ainda dava tempo de voltar atrás, mas procurei me convencer de que não poderia. Era assim que tinha de ser. Era o meu caminho. Eu estava escolhendo um lado.

Jane saiu, depois Toy, e eu fechei a porta com um estalo mudo atrás de mim. Olhei para a casa, imersa no silêncio noturno, tão impessoal quanto íntima para mim – o conflito de sentimentos me sufocava. Aquela era, provavelmente, a última vez que eu veria aquelas paredes, aquela cerca, ou aquelas pessoas que eu estava deixando para trás. E eu nem mesmo havia dito...

- Dorothei, vamos! – Jane sibilou, interrompendo meus pensamentos. A mão ainda na maçaneta, respirei fundo e me afastei um passo. Depois outro.

- Adeus. – murmurei, para o vento. Eu esperava que o ar se encarregasse de levar aquela palavra às pessoas a quem ela se dirigia, pois não seria eu a fazê-lo. Nunca gostei muito de despedidas.

Jornada

Há algo irremediavelmente cruel na partida.

Eu nunca soube, pois até então, partir era tudo o que eu conhecia. Quando eu era criança, em minha outra vida, cresci num ambiente nômade; nada era meu por tempo demais para que eu me acostumassem à ideia de posse, nenhum lugar era meu lar por um período superior à necessidade de minhas irmãs. Eu nunca criara laços. Não sabia como. Não havia dor na separação, pois não havia quebra – como se pode partir o que nunca foi inteiro? Como é possível sentir falta de algo que nunca lhe pertenceu?

A cada passo que eu dava em direção ao desconhecido, tentava me convencer de que nada havia mudado. Murmurava incessantemente para mim mesma que aquele súbito sentimento de arrependimento, se saudade – nada daquilo era meu. Era Malena. Sua alma, seu coração, sentindo falta do que agora deixávamos para trás.

Mas em meu íntimo, eu sabia que não era verdade. Por menos que gostasse de admitir, eu criara laços, e agora os rompia. Eu havia construído um lar, à minha própria maneira, e agora o estava abandonando. Minha zona de conforto estava muito além de mim agora; eu duvidava que algum dia pudesse voltar a ela.

Era tarde demais agora. Eu precisava ser realista, prática. Não sobrevivi a tantas tormentas sucumbindo a sentimentos. O coração é o elo fraco da cadeia que compõe cada ser humano, e eu pudera me vangloriar por muito tempo de não ter um para me enfraquecer. Não era agora que eu voltaria atrás.

- Então, para onde exatamente nós temos que ir? – Jane perguntou, depois de muito tempo de caminhada.

- Norte. – respondi, a respiração entrecortada.

- E pra onde estamos indo *neste momento*?

- Norte. - eu não tinha certeza de como, mas eu sabia que esta era a direção correta. Cada partícula de mim parecia me atrair naquele sentido. Para Jane, foi o suficiente.

Estávamos seguindo a pé pela parte rural de Oxford, acompanhando a estrada, de modo que não tivéssemos de cruzar as ruas da cidade. Não podíamos correr o risco, ainda que ínfimo, de sermos vistos. O corpo de Malena não estava habituado a tanto exercício, e eu o estava forçando além de todas as barreiras. Consultei o relógio de pulso e notei que já eram quase cinco da manhã. Estávamos andando há pelo menos duas horas em ritmo intenso. Toy era o único que não parecia exatamente cansado.

Comecei a olhar para trás a intervalos regulares, mas aquele trecho parecia tão morto quanto qualquer outro lugar nas iminências da cidade. Nenhum carro, nenhum sinal de vida. Eu mal ouvia sibilos de animais nas proximidades. Precisávamos conseguir uma carona, rápido, ou estaríamos perdidos. O corpo de Malena – *meu* corpo – não aguentaria nem uma hora de caminhada quando o sol estivesse de pé.

- Será possível que não passa nem mesmo um caminhão por essa cidade maldita? – Jane gritou para o nada, após alguns minutos. Não poderia ter me expressado melhor.

- Estamos no meio de lugar nenhum. O que você esperava?

- Devíamos ter roubado a droga do carro. – reclamou, chutando pedras em seu caminho – Mas você e o seu maldito coração mole, Dorothei.

- E você sabe dirigir, por um acaso? – perguntei, cada vez mais irritada.

- Não, mas daríamos um jeito.

- Ah, mas é claro que... – me virei para direcionar meus gritos, e então eu vi.

Duas luzes, em nossa direção. Cada vez mais perto.

- Um carro! – exclamei, apontando – Rápido!

Fomos para a beira da estrada. Jane começou a pular para ser vista, e eu, a acenar com ambos os braços. Toy permaneceu no acostamento, sentado, observando nosso desespero.

- Ele não está parando! – Jane disse. E estava certa. O veículo não apresentava sinal de pretender baixar a velocidade.

Eu teria de jogar sujo.

- Ele irá parar.

Afastei Jane e fui para o meio da estrada. Meu coração acelerou com a adrenalina, mas eu estava perfeitamente estática. Sabia que podia fazer isso. Sentia que podia fazer qualquer coisa.

Permaneci parada, as pernas entreabertas, encarando o carro. Minha concentração estava pronta para agir. Se ele não freasse por conta própria, eu o pararia – não tinha certeza da extensão do dano que isso poderia causar, mas estava confiante de que conseguiria fazê-lo.

Mais perto agora. Os faróis me cegavam. Será possível que o motorista não estava me enxergando, um fantasma parado em meio à neblina?

Eu estava prestes a fazer meu movimento. E então, num piscar de olhos, ele freou, cantando pneus. Não pude conter um suspiro de alívio.

- Você enlouqueceu? – o motorista perguntou, saindo do carro. Ele estava visivelmente abalado. Era jovem, mais jovem do que o irmão mais velho de Malena, eu diria.

- Você não queria parar o carro. – expliquei, sem deixar vestígio de emoção transparecer em minha voz.

- É claro que não! São cinco da manhã!

- Estou ciente.

- Ótimo, então saia da estrada.

- Nós precisamos de uma carona. – Jane interveio, em tom mais ameno. Ele olhou para nós duas, e então para Toy, ainda imóvel. Tudo em sua expressão deixava claro o quanto ele preferia acreditar que estava sonhando a nos estender a mão.

- É claro que precisam. – ele disse, rindo para si mesmo.

Então tornou a olhar para nós e percebeu que ninguém achava graça. E que eu não me movi nem um centímetro para deixá-lo passar. Bateu no capô do carro em frustração e, após esfregar os olhos algumas vezes, perguntou:

- Para onde vocês estão indo?

- Para onde você estiver indo basta. – respondi. Ele não pareceu exatamente confortável, nem mesmo satisfeito com a minha réplica. Contudo, fez sinal para que entrássemos no carro.

- O gato vai também? – indagou, mas fiz-me se surda. Eu o ouvi murmurar algo como “detesto gatos”, mas não nos dirigiu mais nenhum comentário.

Ele reassumiu o volante, e enquanto Jane e Toy se puseram no banco de trás, eu tomei o banco do passageiro na frente. O ar condicionado estava ligado numa temperatura bem abaixo da necessária para o clima àquela hora, e o rádio tocava alguma música desagradável num tom alto demais. Com apenas um piscar de olhos, baixei o volume e o ar. Ele não deu sinal de perceber minha influência.

O carro entrou em movimento, e o silêncio tomou conta. Embora eu e meus companheiros de viagem estivéssemos exaustos e perfeitamente bem com o ambiente mudo, nosso motorista não poderia parecer mais desconfortável. A toda hora, lançava olhares furtivos para mim, ou para o espelho retrovisor, por onde espiava Jane. Diverti-me por um minuto imaginando a cena pelos olhos dele: duas garotas no meio da estrada, no alvorecer de um dia qualquer, parando um estranho para pedir por uma carona sem destino. Não podia deixar de me perguntar que teorias ele formava enquanto dirigia.

- Meu nome é Wayne.– ele disse, depois de apenas alguns minutos de silêncio. Quem sabe esperasse algum tipo de apresentação, já que estava nos prestando aquele pequeno favor.

Mas tanto eu quanto Jane permanecemos caladas. Ele torceu o nariz.

- Eu estou indo para Wichita, a propósito. Só caso vocês... estejam se perguntando.

Ninguém disse nada. Observei-o disfarçadamente enquanto ele batucava os dedos no volante e assentia para si mesmo. Wayne era jovem – não parecia ter muito mais do que 20 anos – e seu corpo apresentava todos os sinais de uma fadiga que não deveria abater alguém tão novo. Os olhos castanhos estavam circundados por olheiras e os ombros estavam caídos. Ele tinha cabelos rebeldes, tão escuros quanto os de Jane nesta vida, bagunçados como se ele tivesse acordado e saído com pressa demais para penteá-los. Havia uma logomarca estampada em sua camisa, mas estava escuro

demais para que eu conseguisse ler o que estava escrito. Quando percebeu que eu o estudava, rapidamente voltei a encarar a estrada.

- Vocês, ah... vocês estão indo para onde, exatamente? – quis saber, em mais uma tentativa de criar uma conversa. Eu estava pronta para ignorá-lo novamente, mas Jane respondeu, em tom de riso:

- Para o norte.

- Norte? – ele repetiu, franzindo o cenho – Isso é meio vago. Norte onde? Tipo Nebraska ou tipo Canadá?

- Nós ainda não sabemos.

- Oh.

Quis virar para trás e lançar um olhar de pura repreensão para Jane por estar alimentando aquela conversa infrutífera, mas acabei deixando passar. Não queria ter de me dar ao trabalho de apagar a mente daquele rapaz, não quando eu sequer tinha meu livro de Feitiços como referência. Quanto menos ele soubesse, melhor. Já era ruim o bastante que ele tivesse visto nossos rostos.

- Então, vocês estão viajando pelo país ou o quê? – ele perguntou, num tom um pouco mais animado. As respostas breves de Jane, eu podia ver, o tinham incentivado, exatamente como eu temia – Duas garotas e um gato atravessando os Estados Unidos com a ajuda de estranhos? Qual a idade de vocês, aliás? Não parecem ter idade para...

- Quanto tempo até Wichita? – eu o interrompi bruscamente, tão seca quanto poderia. Ele pareceu assustado por um instante de me ouvir falar de novo, mas depois pigarreou e me respondeu.

- Um pouco mais de meia hora, talvez.

- Ótimo.

Wayne então finalmente calou-se. Descansei a cabeça no encosto do banco e fechei os olhos brevemente. Quando os abri de novo, já era dia claro, e a placa de BEM-VINDO A WICHITA acabara de ficar para trás.

Minha barriga roncou alto, e chamou a atenção do motorista; ele, contudo, não disse nada. No banco traseiro, Toy miou alto em protesto. Ele queria falar, mas não podia. Com certeza estava tão faminto quanto eu – e Jane também. Pensei na nossa parca quantia

de dinheiro e me perguntei quanto tempo aquela viagem iria durar. Quanto tempo *nós* iríamos durar.

Tinha medo de descobrir a resposta.

- Bem, eu vou parar para comer alguma coisa. – disse, então. Apenas pelo modo como falou, percebi que a decisão tinha muito mais a ver conosco do que com ele - Vocês querem que as deixe em algum lugar ou...

- Qualquer lugar está bom. – respondi, a garganta seca. Não queria a companhia dele. Não queria prolongar aquele embaraço por nenhum segundo mais que o necessário.

Mas também não queria consumir os pacotes suprimidos que estávamos carregando logo nas primeiras horas de viagem. Não iríamos a lugar nenhum se deixássemos a fome tomar conta. Eu não tinha certeza de quando teríamos outra chance.

Ele assentiu, e parou junto a uma pequena lanchonete vinte, já aberta mesmo tão cedo pela manhã. Todos descemos e carreguei Toy no colo até a entrada. Já do lado de dentro, uma garçonete nos parou.

- Não permitimos animais aqui dentro. – disse.

Ira fez minhas veias pulsarem e meus dentes rangerem. Quis vociferar que ele não era um animal qualquer. Quis enfeitá-la para que deixasse. Quis explodir a maldita lanchonete. Mas após um segundo, percebi que aquilo não era eu – era uma força incontrolável gritando de dentro para fora, algo que ficava mais intenso a cada minuto. E eu não podia deixar mostrar.

Então respirei fundo uma, duas, três vezes. Fui até a porta e coloquei Toy do lado de fora.

- Fique por perto. – instruí, olhando-o com muita atenção. Ele emitiu um miado que soava mais como um muxoxo de desagrado – Eu guardo alguma coisa pra você. – prometi.

Ele se foi, e fui ao encontro de Jane e Wayne, que agora me olhava com espanto.

- Você vai só soltá-lo assim, sem nem uma coleira? – perguntou, em choque.

- Ele é um gato muito inteligente. – repliquei, vagamente, enquanto nos sentávamos. Eu sozinha de um lado, e Jane e ele de

frente para mim.

- Aposto que sim.

- Café? – a garçonete perguntou, com um sorriso cheio de rugas. Todos aceitamos, e ela encheu nossas xícaras.

Peguei o cardápio de aparência gasta sobre a mesa e passei os olhos por ele. Para quem está faminta tudo parece apetitoso, mas, para quem tem poucos recursos, tudo parecia caro. Jane me lançava a toda hora olhares de dúvida, esperando que eu decidisse por nós duas. Há, de fato, uma primeira vez para tudo.

Wayne, que nos observava em silêncio, pareceu de alguma forma captar o nosso desconforto. Ele hesitou por alguns instantes, mas depois tomou fôlego e disse:

- Não se preocupem, fica por minha conta hoje.

Aquilo me chocou ao mesmo tempo em que me consternou.

- De jeito nenhum! – exclamei, ao mesmo tempo em que Jane dizia:

- Isso seria ótimo!

Eu a chutei por debaixo da mesa e ela soltou um gritinho de dor e me chutou de volta, como duas crianças birrentas. Wayne parecia ainda mais desconfortável.

- Nós podemos pagar. – insisti, tentando soar controlada.

- Não, não podemos. – Jane rebateu, me lançando aquele olhar que gritava “deixe de ser idiota”. Eu esperava que no meu ela conseguisse ler algo como “você vai sofrer muito por isso”.

- Olha, não tem problema, de verdade. – Wayne tornou a falar, gaguejando – Eu estou devendo uma pra vocês, digo... – e olhou pra mim – Eu quase te atopelei. Eu estava dormindo no volante. Foi por isso que não parei antes. Acordei a tempo e me apavorei quando vi você para ali.

- Você já nos ajudou. Não nos deve mais nada. – afirmei, categórica. Jane parecia a ponto de gritar.

- Então deixe eu fazer isso por mim. – disse, mais alto agora – Eu tenho duas irmãs, mais ou menos da idade de vocês. Elas estão morando com a minha mãe em Tulsa, e eu não as vejo há quase dois anos. – sua voz foi murchando, denunciando toda a sua sinceridade – Vocês me lembram muito delas. E eu não suportaria se

fossem elas aqui com algum cara e estivessem passando necessidade por uma coisinha tão à toa quanto orgulho.

Crispei os lábios, incapaz de responder. Não queria permitir, mas ele já havia tocado num fraco. Cedi, com um leve aceno de cabeça, e ele sorriu, aliviado. Jane acalmou-se, muito mais satisfeita.

A garçonete voltou, e Wayne apressou-se para fazer o pedido por nós. Ou ele estava faminto, ou sua história sobre as irmãs era mais profunda do que eu esperava, pois ele pediu um pouco de tudo – *waffles*, pão, bacon, ovos, panquecas. Éramos em três, mas eu não imaginava de que maneira conseguiríamos comer tudo aquilo.

- Meu nome é Jane. – ela disse, de repente – E esta é a minha irmã, Dorothei.

Eu a lancei um olhar fulminante. Não fosse o fato de estarmos num local público e cheio de testemunhas, eu provavelmente a teria lançado voando para a parede oposta com um único movimento dos meus dedos. Ela nem olhou na minha direção, contudo. Minhas ameaças silenciosas permaneceram só para mim.

- Vocês não parecem irmãs. – Wayne falou, olhando de uma para a outra.

- Somos irmãs de alma.

- De criação. – eu a corrigi, mais do que depressa – Irmãs de criação.

- Oh. Entendo. – mas ele não parecia entender. Não fez, porém, nenhum outro comentário a respeito – As minhas irmãs se chamam Margareth e Tania.

- Margareth era o nome da nossa mãe.

Eu a olhei com surpresa. Eu nunca soubera disso. Aparentemente, Jane se sentia mais confortável contando fatos simples do passado da nossa família para completos estranhos do que para mim.

- Era?

- Ela morreu.

- Oh, sinto muito.

- Tudo bem. Já faz séculos. – comentou, em tom de brincadeira. Nada que me impedisse de lançar lhe outro olhar de aviso.

A comida chegou, e nossa atenção foi rapidamente desviada pelo cheiro e aparência deliciosos. Meu estômago doía de fome, e estremei ao pensar em Toy sozinho do lado de fora, talvez revirando algum lixo atrás de comida. Eu realmente deveria ter enfeitado a garçonete. Não havia nenhuma justiça naquilo.

Nos servimos de um pouco de cada coisa. Logo ficou óbvio que eu subestimei a nossa fome somada – tudo desapareceu tão rápido que consegui salvar nacos de cada coisa para Toy apenas no último minuto.

- Então, vocês pretendem ficar em Wichita? – Wayne perguntou, e Jane me encarou, passando a vez para mim. Suspirei.

- Não. Partimos ainda hoje.

- Para onde?

- Não sei.

- E o que vão fazer quando chegarem... onde quer que seja?

- Você faz perguntas demais.

Wayne riu.

- Tania sempre diz isso. – comentou, e seu olhar se perdeu na saudade por alguns instantes.

- Você mora aqui? – Jane perguntou, então. Eu há muito já desistira de controlá-la.

- Não. Eu moro em Arkansas City com o meu pai, mas temos negócios aqui em Wichita, então faço esse caminho quase toda semana. – ele mastigou uma porção de bacon, engoliu, e então reverteu a pergunta – E vocês, são de onde?

- Nossa família é do Arizona. – Jane disse, antes que eu tivesse a chance. Não soube determinar, pela sua voz, se aquilo era ou não verdade; com Jane era quase sempre impossível saber.

- Vocês estão bem longe de casa!

- Estamos mesmo.

Por fim, silêncio. Agradei aos céus quando finalmente a conversa cessou, ou seria realmente obrigada a segurar a língua de Jane antes que ela falasse mais do que deveria. Aquilo deveria ser catastrófico. Tínhamos uma missão pela frente, não podíamos nos dar ao luxo de cafés da manhã e conversas longas com estranhos. O que ela estava pensando?

Quando terminamos, Wayne pagou sem nos deixar ver a conta. Enquanto o esperávamos junto à saída, distrai-me com um jornal, largado próximo à porta. Era datado daquele mesmo dia, e uma confusão de imagens e manchetes competiam pela minha atenção; só uma, contudo, segurou meu olhar.

- Jane. – chamei, baixinho. Ela se inclinou sobre o meu ombro para ler também.

Virei as folhas até chegar na página indicada. Uma reportagem pequena, no canto da página, era o que eu estava procurando. Teria passado despercebido, não fosse tão familiar. Engoli seco enquanto lia a matéria. “Roubos de corpos intrigam polícia”, dizia o cabeçalho. Segundo o jornal, cemitérios de Wichita, Kansas City, Lawrence, e outras três cidades (dentre elas Oxford, eu sabia sem nem precisar ler) no estado do Kansas estavam lidando com uma misteriosa onda de roubos de corpos e restos mortais em seus cemitérios. Havia ainda a notificação de casos semelhantes em outros estados americanos. A polícia permanecia sem pistas.

Troquei um longo e silencioso olhar com Jane. Eu sabia que ela e Cecily não poderiam ser as únicas – e se os túmulos abertos no Cemitério de Oxford eram de alguma valia, então outros haviam voltado dos mortos. E se minhas irmãs serviam como prova, eu podia apostar que o denominador comum entre todos os reerguidos era algo de que a polícia jamais suspeitaria: todos tinham sangue mágico em suas veias. Bruxos e bruxas voltando à vida para servir seu Mestre.

Mas e Sam? Se este era o fator que os unia, onde ele se encaixava? Sam era o Coração da Magia, mas não era... *mágico*. Não era bruxo. O Senhor das Almas não o queria de volta, não quando ele era o único ser humano capaz de derrotá-lo.

- Vamos?

Assustei-me quando Wayne voltou, e coloquei o jornal de lado antes que ele nos fizesse mais perguntas. Uma vez fora, encontramos Toy à nossa espera bem ao lado da saída. Eu chacoalhei o pequeno saquinho de papel onde havia guardado algumas sobras para ele, e prontamente Toy se pôs de pé.

- Bem, vocês... precisam de mais alguma coisa? – Wayne perguntou, parecendo genuinamente preocupado. Tudo o que eu menos queria – Uma carona pra mais algum lugar?

Queria responder que ele já tinha feito demais por nós, e todas essas baboseiras bem educadas que cabem a essas ocasiões. Mas eu estava exausta, e mal tínhamos nos afastado 40 milhas de Oxford. Estávamos mais perto, mas nem de longe o bastante. Ele nos oferecia a mão, então por que não aceitar? Se alguém pede para ser usado, é quase uma injustiça para com o destino que não se faça uso dele.

- Pode nos deixar na rodoviária. – respondi, e entramos novamente no carro.

Peregrinação

– Não dei ouvidos a nenhuma palavra de despedida de Wayne. Jane, por outro lado, pareceu satisfeita em aceitar seus conselhos estúpidos para que fôssemos cuidadosas ao longo de nossa viagem. Após longos minutos de conversa interminável, ele finalmente se foi.

A rodoviária de Wichita era um lugar pequeno e sujo, onde bancos criavam ferrugem e cabines malcuidadas abrigavam funcionários mal-humorados para vender as passagens. Mas, por algum motivo, senti que aquele era o local certo – como se uma força muito maior me tivesse arrastado até ali, e a partir de lá eu pudesse encontrar meu caminho.

Sentei-me num banco e dei para Toy as sobras do nosso café da manhã, enquanto Jane perambulava. Eu procurava dentro de mim uma intuição que me dissesse o que fazer a seguir, mas não havia nada; apenas a crescente sensação de estar no lugar certo, na hora certa. Mas até quando?

- Isso está frio. – Toy apontou, sem, contudo, deixar de comer.

- Eu sei.

- Então... – Jane se aproximou, debruçando-se sobre o encosto do banco – Qual é o próximo passo?

Bufei, sentindo o cansaço corroer meus músculos. Não queria admitir para ela que não sabia. Não queria demonstrar fraqueza.

Então apenas levantei-me e comecei eu mesma a explorar o lugar.

Não havia muito para ver. Ônibus chegavam e partiam ocasionalmente, e apenas umas poucas pessoas além de nós se faziam presentes. Fui em direção a um maltratado guichê de informações, onde encarei com desinteresse uma seleção precária de mapas e folhetos, até me decidir por dois – um local, e um regional – na esperança de que eles me dessem alguma pista.

Olhei cada página de propaganda e deixei que meus olhos percorressem cada centímetro dos mapas. Demorei-me em nomes de cidades e estados, mas logo a impaciência me atingiu. Aquilo era inútil; um sexto sentido me empurrara até ali, mas nada me dizia

para onde seguir agora. Estávamos entregues ao acaso. Irritei-me e amassei os papéis numa bola disforme, tentando pensar em alguma desculpa para dar aos meus companheiros de viagem.

Foi então que eu os vi.

Um casal vinha a passos largos em direção à rodoviária. Eu não os reconheci – não da maneira como reconheci as almas de minhas irmãs nos novos corpos – mas, no momento em que os vi, soube quem eram. *O que* eram. Parecia haver uma aura em seu entorno, que me atraía como um sinal luminoso. Meu coração bateu forte, e aquela sensação pela qual eu procurava me atingiu em cheio.

Não era um lugar que eu estava procurando. Eram *eles*.

A conexão deve ter sido instantânea para eles também, pois vieram diretamente até mim. Agora que eu podia vê-los mais de perto, percebia que eram um irmãos; gêmeos, ousaria dizer. Eles compartilhavam do mesmo tom pardo de pele, a mesma estatura alta, o mesmo nariz achatado e lábios finos nas exatas proporções um do outro. Os olhos negros pequenos e levemente repuxados dela eram uma cópia perfeita dos dele. Somente os cabelos eram diferentes – enquanto ele ostentava uma enorme coleção de *dreadlocks* que lhe conferiam um ar selvagem, ela tinha a cabeça completamente raspada. Eu jamais imaginaria que uma mulher sem cabelos poderia ser tão bonita.

Pararam diante de mim e, por uma eternidade, trocamos olhares em silêncio. À distância, pude ver Jane encarando a cena com ar alerta, questionando-me sem emitir som algum. Por fim, pareceu-me educado que eu quebrasse o silêncio.

- Sou Dorothei Von Evans.

- Alistair Lewinton. – o rapaz disse. Sua voz era grave como uma trovoadas, cada palavra soando severa – Esta é minha irmã, Genevieve.

Assenti num movimento quase imperceptível. Genevieve estudou-me de cima abaixo.

- Está viajando sozinha? – perguntou-me, e surpreendi-me ao constatar que seu tom era o extremo oposto do irmão, suave e agudo como o tilintar de sinos.

Notei que ambos trajavam roupas de caminhada e traziam mochilas grandes e fartas às costas. Pareciam infinitamente mais preparados do que eu. O corpo de Malena era frágil, albino, pequeno, e suas roupas não eram das mais adequadas. Aos olhos deles, eu devia parecer patética.

- Não. Minha irmã Jane está comigo. – respondi, fazendo sinal em sua direção. Ambos imediatamente se viraram para olhar, e Jane permaneceu impassível, sem se aproximar ou esboçar qualquer impressão.

- Ela não é uma de nós. – Alistair observou, uma leve nota de censura preenchendo cada sílaba.

- Mas costumava ser.

Eles se entreolharam, mas não disseram mais nada. Alistair então encarou os papéis amarrotados que eu ainda segurava. Tirou um deles das minhas mãos e o abriu – era um mapa região. Pelo jeito como o estudava, pude notar que o mapa lhe trazia tantas respostas quanto para mim.

- O que está procurando? – Genevieve perguntou ao irmão. E num estalo, eu soube a resposta.

- Lake Mills. – falei, exatamente ao mesmo tempo que eles. Alistair baixou o mapa, tornando a amassá-lo.

- Isso não fica no Kansas. – disse, com muita certeza. Eu sabia que ele estava certo.

- Não. – concordei. Genevieve soltou um suspiro.

- Acho que podemos seguir viagem à noite? – sugeri – Precisamos descansar. Comer. A viagem será muito longa.

O irmão assentiu, e então ambos me olharam, na expectativa de uma resposta. Concordei sem pestanejar. As poucas horas de viagem e o sono roubado da noite anterior já faziam meu corpo reclamar, e, assim como Genevieve, eu sabia por instinto que a viagem até Lake Mills – fosse isso onde fosse – seria muito longa e exaustiva. E seria muito mais produtivo (especialmente para mim e minhas limitações físicas) viajarmos à noite.

Sendo assim, fiz sinal para Jane e Toy nos acompanharem, e deixamos a rodoviária para trás. Jane parecia doida para me fazer milhares de perguntas, mas por ora, o silêncio era a nossa melhor

opção. Caminhamos sem trocar palavra até pararmos num motel beirando os limites da cidade, onde Alistair reservou um quarto para ele e a irmã, e Jane pegou um para nós duas. Toy teve de se esconder na minha mochila para entrar despercebido.

Sem despedidas, cada grupo tomou o rumo de seu próprio quarto. O preço baixo condizia com o status da acomodação – todo forrado com um carpete que cheirava a séculos de falta de limpeza, ali havia duas camas simples, uma mesa de cabeceira com um abajur quebrado, um banheiro com uma aparência um pouco suja e um pequeno espelho sobre a pia. Seria o bastante. Soltei Toy e imediatamente me deitei sobre uma das camas.

- Então. – Jane disse, sentando-se sobre sua própria cama com os braços cruzados sobre o peito – Quem são eles?

- Alistair e Genevieve Lewinton. – respondi, sem emoção.

- Quem *são* eles? – insistiu, e tive de me sentar.

- Eu não sei.

- Não sabe?

Balancei a cabeça negativamente, desejando que ela encerrasse o maldito interrogatório para podermos descansar.

- E vamos viajar com eles, sem nem sabermos quem são?

- Eles são bruxos.

- Oh, certo, porque isso melhora *muito* as coisas. Como sabe se podemos confiar neles?

- Eu apenas sei! – exclamei, em tom de basta. Jane não parecia nada satisfeita, mas calou-se por um segundo.

- Para onde estamos indo? – perguntou, então, com muito mais cuidado.

- Lake Mills.

- E onde fica isso?

- Não sei.

- Pelo Senhor, você sabe de alguma coisa? *Qualquer* coisa?

- Sei que é uma viagem longa e que estamos cansadas. Então faça-me o favor de calar a boca e tentar dormir um pouco, está bem?

Aquilo, enfim, foi o bastante. Jane não retrucou, e manteve-se carrancuda enquanto tirava os sapatos, jogava a mochila no chão e

ia se deitar. Toy, que assistia tudo de uma distância segura, subiu em minha cama e aninhou-se ao meu lado quando deitei.

Ainda zangada, fechei os olhos. Adormeci quase que instantaneamente.

Uma longa estrada se estendia diante de mim.

Eu sentia que estava caminhando há dias. Todas as partes do meu corpo doíam, mas eu estava perto agora. Não podia parar. Eu estava chegando.

Ao longe, eu via luzes, e a projeção de incontáveis sombras. Comigo, centenas de pessoas caminhavam.

- Venham, meus filhos. – a voz ecoava num sussurro gélido – Vamos começar uma nova era.

E eu seguia. Seguia sem pestanejar, sem reclamar mesmo diante de tanta dor. Seguia porque Ele estava me chamando.

Abri os olhos assim que as primeiras batidas soaram ocas contra a porta do quarto. Sentia que tinha acabado de adormecer, mas, de alguma forma, meu corpo estava descansado. Levantei-me num salto e entreabri a porta do quarto.

Alistair e Genevieve estavam ali, ambos já vestidos, mas ainda sem as mochilas de viagem.

- Partimos em meia hora. – Alistair me avisou, sem dar margem para discussões. Já haviam me dado as costas quando fechei a porta do quarto.

- Jane. – chamei, chacoalhando-a pelos pés – Acorde.

- Hm? – ela emitiu um grunhido, cobrindo a cabeça com o lençol. Soltei um bufar pesado e puxei toda a roupa de cama num único gesto. Ela se sentou, assustada.

- Acorde. – falei – Vou tomar um banho, você vai em seguida. Seja rápida.

Peguei minha mochila e fui pro banheiro. Abri o registro e me despi, me ponto debaixo da água antes que ela tivesse chance de começar a esquentar. Banhei-me e tornei a me vestir em menos de cinco minutos. Com certo asco, recoloquei as roupas usadas da véspera, perguntando-me quando – e se – eu teria a chance de

lavá-las. Eu mal tinha roupas para três ou quatro dias. Em breve, não teria muitas opções.

Jane, felizmente, já estava de pé quando deixei o banheiro. Enquanto ela tomava banho, separei algo para comermos, muito ciente de que provavelmente não teríamos a chance de outra refeição como a que tivéramos aquela manhã. A lista de privações crescia a cada minuto.

- Então. Lake Mills. – Toy comentou. Ele ainda estava deitado sobre a minha cama, e agora seus olhinhos cobiçavam a nossa refeição – O que acha que tem lá?

- Não sei. – respondi, com toda a sinceridade que me cabia – Mais bruxos, acredito eu. E... tendas, talvez? Como as de Shiny? O nosso povo realmente *vive* assim nos dias de hoje?

- Eu não saberia dizer. Vocês são as únicas bruxas que eu conheço. – ele fez uma pausa – Única *bruxa* agora, deveria dizer.

- Está prestes a acrescentar mais dois nomes a esta lista.

- Oh, sim. Como disse mesmo que se chamavam?

- Alistair e Genevieve Lewinton.

- Acha que pode confiar neles?

Pensei nisso por um instante. Alistair e Genevieve eram bruxos. Em teoria, isso nos colocava numa posição de igualdade. Se eu não pudesse confiar em outros bruxos, minhas opções se tornavam muito limitadas. Estávamos todos no mesmo barco.

Exceto pelo fato de que, muito embora traçássemos a mesma rota e nos direcionássemos ao mesmo local, eu não precisava de clarividência para adivinhar que tínhamos objetivos completamente diferentes. Quantos bruxos realmente me apoiariam na insana missão de derrotar o Senhor das Almas – nosso próprio deus, nossa fonte de poder? Não. Eu estaria morta antes mesmo de chegar até Ele.

- Não, não acho. – declarei, por fim – Não posso confiar em nenhum deles.

Nem mesmo em Jane, acrescentei para mim mesma.

Toy pareceu entender.

Meia hora depois, nosso estranho grupo deixava para trás o motel e seguia em direção à estrada. Alistair, Genevieve e eu parecíamos compartilhar silenciosamente de um instinto único que nos guiava na direção correta – eu só descobria onde meus pés estavam me levando quando chegava lá.

Jane não emitira uma única palavra desde que acordara. Comera sua parte da nossa comida racionada em silêncio e continuou muda quando nos encontramos com os outros dois para partirmos. Eu estava, de certa forma, agradecida pela sua falta de bom humor e carisma – o que eu menos queria era ter de suportar outra viagem aos moldes da carona até Wichita, tentando controlar sua língua grande demais enquanto ela insistia em criar laços com quem não devia. O seu silêncio me era muito mais benéfico.

O sol já tinha se posto completamente quando deixamos as imediações da cidade e mergulhamos no silêncio e no breu da autoestrada. No escuro, eu mal podia discernir os olhos de Toy de todo o resto, mas sabia que a luz não era necessária; eu não precisava enxergar desde que soubesse para onde estava indo. Para quaisquer outros perigos, eu tinha a sensação de que estaria preparada.

Enquanto caminhávamos, o silêncio e a escuridão completos me deixaram absorta em pensamentos. Agora que eu sabia qual era o meu destino, não podia deixar de me perguntar o que faria quando chegasse lá. Toy havia me perguntado o que eu esperava, e a verdade era que, num conceito mais amplo, eu não fazia ideia do que esperar – e eu temia mais a cada segundo por isso.

Em parte, eu esperava encontrar a morte. Não que eu desejasse, em qualquer nível, morrer; eu era egoísta e narcisista demais para jamais desejar meu próprio fim. Mas eu acreditava que a morte estaria lá, me esperando, pronta a me desafiar das piores maneiras. Seria ousado e imprudente de minha parte acreditar que poderia enfrentar o grande Mestre das trevas, o Senhor de toda a magia e dono de milhares de almas, e sair viva daquela luta. Se é que haveria uma luta. Por mais que eu me recusasse a pensar tão baixo de mim mesma, quem era Dorothei Von Evans comparada ao Senhor das Almas?

Mas havia algo dentro de mim que me dizia que a morte... a morte era simples demais para o que me esperava. Banal demais. Morrer era uma piedade que não se estendia aos nossos verdadeiros inimigos – oh, não. A vingança real estava em prolongar o sofrimento, enlouquecer o outro, enfraquecendo-o ao limite. Algo pior do que a morte nos aguardava. Algo que faria com que eu desejasse não estar viva.

Tremia só de pensar.

Não sabia há quanto tempo já estávamos andando quando meus pés começaram a arder. Baixei a cabeça e engoli meu próprio desconforto, procurando conviver com a dor. Não era tão simples quanto parecia. Dos meus companheiros de viagem, apenas Toy parecia mostrar sinais de cansaço. Ele caminhava vagarosamente, muitos metros atrás de nós, e eu sabia que ele em breve não poderia mais. Jane permanecia calada e com a expressão presa numa carranca constante, e os irmãos Lewinton seguiam lado a lado, sem diminuir o ritmo ou aparentar o menor incômodo.

Comecei a observar as estrelas no céu para me distrair. Dali, no meio do nada, era possível ver uma imensa gama delas, brilhando no céu limpo de verão. Lembrei-me de como o céu parecia muito mais vivo e brilhante nas noites da minha infância, mais de um século atrás. O céu, assim como eu, havia passado por grandes transformações.

Quando eu era menina, passara muitas noites em claro enquanto esperava que minhas irmãs voltassem para casa. Nunca soube o que elas faziam tão tarde da noite, mas, em dias alternados, Jane, Cecily e Eleanor deixavam Zethi tomando conta de Irma, Nayse e eu, e saíam sem dizer para onde. Eu as vi voltando machucadas e de mãos vazias muitas vezes, e em outras, apenas com rostos lívidos de cansaço e algumas provisões para o dia seguinte. Aquilo durou apenas alguns anos, antes de conhecermos Shiny. Antes de encontrarmos a clarividente. Antes de fixarmos moradia em Oxford.

Naquelas noites, Zethi costumava sentar-se comigo do lado de fora e criar histórias para as estrelas. Ela dizia que eram histórias de nossos antepassados, mas nunca dei muito crédito a ela; todas

pareciam demasiadamente criativas para serem reais, muito felizes para existirem de fato. Uma delas, porém, me encantava particularmente. Em mais de uma ocasião, interrompi uma nova fábula para pedir-lhe que recontasse a antiga. Toda vez, ela sorria, se empertigava, e dizia:

- Há muitos anos, havia uma pequena bruxa, que era a única criança numa aldeia de anciãos. Ela aprendia muitas coisas novas e sua aldeia era cercada pelo mais vasto bosque e tocada pelo mais farto rio. Mas a pequena bruxinha não tinha ninguém com quem brincar.

“Certa noite, ela olhou para as estrelas e pediu ao Senhor das Almas por um amigo, um amigo que iluminasse sua vida tal qual as estrelas iluminam o céu da noite. No dia seguinte, muito animada, a bruxinha pôs-se a esperar em sua aldeia, mas nenhuma criança apareceu.

“Então, novamente, na próxima noite, ela se ajoelhou perante os céus e repetiu seu pedido ao Grande Mestre. E mais uma vez, ela esperou e esperou, mas nenhum amigo veio.

“Com o tempo, a bruxinha cansou-se de pedir por amigos. Achava-se pequena demais para ser ouvida pelo Senhor, insignificante demais para ser atendida. Decidiu que pararia de lamuriar-se e aproveitaria os bens que possuía.

“Na manhã seguinte, à beira do rio, estava um gatinho, preto como a noite, olhos brilhantes como as estrelas. A bruxinha levou-o para casa e ensinou-o a falar e a pensar. Ele se tornou o maior companheiro da bruxinha. ”

Ela então fazia uma pausa, apontava para o céu e traçava um desenho no ar com os dedos.

- Está vendo? – me dizia – Aquela é a bruxinha, e ali, bem ao seu lado, está o gato. Todas as noites, eles estão em posições diferentes, pois mesmo hoje brincam entre as estrelas. Ela nunca mais esteve sozinha.

Meses mais tarde, eu encontrava um gatinho preto extremamente inteligente, preso entre cactos ao tentar fugir de um humano particularmente insensível. Eu estava só, furiosa, ignorada pela minha própria família, e pedindo aos céus por um amigo.

Dei a ele o nome de Toy. Desde então, nunca mais estive sozinha.

A caminhada durava horas quando senti que não poderia mais aguentar.

- Preciso parar. – disse, num lamurio – Por favor.

Toy estava no meu colo há mais de uma hora. Ele não havia dito nada, mas eu percebia, pelo ritmo de seus passos, que ele precisava de uma pausa. Jane e os outros seguiam como se nada os afetasse. Mas o corpo de Malena não estava preparado. Eu não tinha estrutura física para suportar uma viagem tão longa num ritmo constante. Precisava parar.

Alistair me lançou um olhar azedo, mas o semblante de Genevieve estava surpreendentemente mais compreensivo. Paramos e eu me sentei à beira da estrada, deitando-me sobre o asfalto poucos segundos depois. Cada músculo ardia, e eu imaginava os milhares de bolhas que provavelmente tomavam conta dos meus pés. Quão longe estávamos de Lake Mills? Quantos dias aquela jornada duraria?

Enquanto os irmãos Lewinton conversavam aos murmúrios, Toy e Jane sentavam-se ao meu lado. Era impossível discernir o que meu gato estava pensando, mas a expressão de Jane, para minha surpresa, delatava o mais puro alívio.

- Não via a hora de pararmos! – confessou para mim, em voz baixa – Não queria ser a primeira a reclamar, então, que bom que você desistiu.

- Inacreditável...

Fiz força para sentar-me de novo, e, com muito cuidado, descalcei os tênis e as meias. De fato, meus pés estavam inchados e marcados com bolhas em regiões dolorosas. Mal pude conter um gemido quando tentei tocá-las.

- Isso aí está bem feio. – disse Genevieve, aproximando-se. Ela torceu o rosto numa careta.

- Não estou acostumada a andar desse jeito. – afirmei, evitando encarar os outros. Qualquer denúncia de fraqueza me fazia sentir diminuída. Não queria, não *podia* ser um estorvo.

- Entendo. Bem, acho que podemos acampar e preparar uma poção que cuide desses ferimentos pra você?

Ela não estava falando comigo, e sim com o irmão. Alistair parecia extremamente mal humorado, o rosto bonito distorcido numa carranca séria. Meu primeiro impulso foi de provocá-lo só para ver até onde ele iria; por fim, concluí que, tendo Alistair duas vezes o meu tamanho, eu provavelmente não iria querer descobrir.

- Certo. – concordou, por fim, e pude respirar aliviada.

Genevieve e Alistair começaram, então a desempacotar uma variedade de coisas de dentro das suas mochilas – tendas, ferros, garrafas d'água e até um livro, tão pesado quanto o que eu herdara da minha família – e providenciar um acampamento há vários metros da rodovia. Supus que o mesmo feitiço que alargava o espaço e diminuía o peso do nosso baú também estivesse presente em suas mochilas. Enquanto Alistair coordenava, sem esforço, a montagem de duas barracas idênticas, Genevieve folheava o grosso livro, lendo suas páginas com a ajuda de uma lanterna.

Jane levantou-se para espiar e, momentos depois, estava ajoelhada ao lado da bruxa, dando sugestões de poções e alterações nas receitas que ela conhecia. Genevieve estava claramente tomando tudo como uma ofensa pessoal. Passados dez minutos, as duas já estavam discutindo em tom mais agressivo.

- Não posso colocar sândalo na ferida, vai enfraquecê-la! – Genevieve exclamou, parecendo chocada – Parece que você se esqueceu de como é ser uma bruxa, mas...

- Não falei pra entupi-la de sândalo, falei pra misturar um pouco na droga da poção! – Jane retrucou, muitíssimo aborrecida – Vai ajudar a diminuir o inchaço e a acalmar os músculos.

- Mas vai destruir todas as propriedades mágicas da mistura!

- Só se você errar a mão. É disso que está com medo? Porque eu posso preparar uma poção dessas de olhos vendados.

- Impossível. Você tem o quê, quinze anos? E não tem mais magia. Pode até ter sido uma bruxa um dia, mas hoje é tão inútil quanto esse gato.

- *Esse gato* tem ouvidos e sentimentos, muito obrigado. – Toy declarou, não parecendo nem um pouco ofendido. Mesmo assim,

seu comentário pegou Genevieve desprevenida. Ela, que não tinha ouvido Toy dizer uma só palavra desde que nos conhecemos, com certeza estava perplexa em assimilar a novidade.

- Oh. Eu...

- Quer saber? Faça como quiser. – Jane declarou, levantando-se e batendo as mãos nos joelhos para limpar a terra - Mas amanhã, quando ela ainda não conseguir andar, não diga que eu não avisei.

Genevieve pegou o livro e foi para junto do irmão, sem dizer mais nada. Jane veio até mim, batendo o pé com fúria no asfalto, andando de um lado para o outro.

- *Se esqueceu de como é ser uma bruxa...* – murmurou, imitando a voz aguda de Genevieve – Ora essa! Aposto como ela sequer teve um Mentor. Na idade dela eu já tinha concluído os meus estudos e cuidava de seis irmãs sozinha. Quem ela pensa que é?

- Cale a boca e me ajude a levantar. – pedi, e, a contragosto, Jane obedeceu.

Meus pés pareciam em carne viva quando me coloquei de pé, e os poucos passos até as barracas foram sacrificantes. Alistair instruiu que ficássemos com a da esquerda, enquanto ele e a irmã descansariam na da direita. Para a minha surpresa, quando entrei e Jane se preparava para fechar a barraca, entrevi os primeiros sinais do amanhecer no horizonte. Talvez tivéssemos mesmo andado por bastante tempo. Talvez eu não fosse tão fraca quanto meu corpo débil me fazia pensar.

Levantamo-nos várias horas mais tarde. Jane e eu acordamos quase que simultaneamente, os estômagos roncando alto. Toy não estava em nenhum lugar à vista.

Sentei-me e peguei um pão para cada uma de nós. A pouca comida que havíamos empacotado já chegava ao fim. Comemos em silêncio, até que, por fim, Jane me perguntou:

- Como estão seus pés?

Eu não havia pensado sobre aquilo até então; um bom sinal, supus. Mais cedo naquele dia, Genevieve tinha me trazido uma poção em compressa, e eu havia banhado meus pés nela. O cheiro do sândalo havia trazido um sorriso sagaz ao rosto de Jane, sempre

saboreando a própria vitória. Agora, eles estavam desinchados e consideravelmente melhores.

- Muito bem. – respondi – Espero que eles aguentem a próxima etapa de caminhada.

Uma sombra fez-se presente sobre a entrada da barraca, e ela se abriu pelo lado de fora. Para a minha surpresa, era apenas Toy. Ao invés de entrar, ele apenas colocou sua pequena cabeça negra para dentro, os olhos muito amarelos fixados em mim.

- Onde esteve?

- Saí. – ele fez uma pausa, e então – Vocês deviam vir aqui fora. Acho que vão querer ver isso.

Jane e eu nos entreolhamos, mas acabamos mordendo a isca. Vesti-me e calcei novamente meus sapatos – eles não me traziam mais alívio do que se eu tivesse andado sobre brasas – e deixamos a barraca.

Toy tinha razão: realmente era algo que valia a pena ver. Durante as nossas horas de repouso, o entorno do nosso pequeno acampamento havia mudado consideravelmente. Se antes éramos apenas nós e os Lewinton no meio do nada, agora tínhamos companhia. Mais quatro barracas haviam sido erguidas ao lado das nossas, e havia um pequeno grupo de pessoas reunido em volta de uma fogueira improvisada um pouco mais à frente.

- Mas que diabo? – Jane exclamou, boquiaberta. Não poderia ter me expressado melhor. Quem eram aquelas pessoas?

A resposta eu soube antes mesmo de precisar fazer a pergunta em voz alta. Eram bruxos, todas elas. Eu podia sentir sua energia, ver sua aura se conectando à minha. Como haviam nos encontrado era outra questão. Supus que da mesma maneira como eu havia chegado até Genevieve e Alistair – destino. Se é que poderia chamar dessa maneira. Algo maior nos unia, e tinha colocado todas aquelas pessoas ali, junto de nós.

Embora Jane continuasse parada junto à barraca, com Toy aos seus pés, vi-me traçando passos lentos em direção aos demais. O grupo em torno da pequena fogueira era uma família, pelo que pude perceber – um rapaz, talvez um pouco mais velho que o primeiro irmão de Malena, uma moça da idade de Zethi com uma pequena e

protuberante barriga, e um garotinho, que não devia ter três anos de idade. Eles sorriram quando passei e o menino acenou para mim. Não consegui acenar de volta.

- Com licença?

Assustei-me quando me deparei com um garoto me chamando. Ele estava mais próximo da estrada, e segurava a alça de uma mochila com uma mão, e acenava na minha direção com a outra, fazendo sinal para que eu me aproximasse. Ainda hesitante, fui até ele.

- Oi. – disse, assim que cheguei mais perto. Ele estava suado, e tinha a aparência de alguém que não descansava ou tomava um bom banho há dias, mas sorriu, apesar do cansaço. Seu rosto magro e fino tinha queimaduras do sol, a camiseta que dizia “Denver Nuggets” (o que quer que isso fosse) estava imunda e úmida, e seus cabelos castanho-avermelhados grudavam à sua testa. Ele não devia ser muito mais velho do que eu, ou Jane.

- Olá. – respondi, muito cautelosamente.

- Este é o... hm... o... – embolado com as próprias palavras, ele pigarreou – *O acampamento?*

Algo no seu tom de voz me dizia que aquela não era exatamente a palavra que ele estava procurando; como se houvesse nela um significado oculto que ele esperava que eu desvendasse. Franzi o cenho para ele, e então olhei para trás. Há algumas horas, eu provavelmente o teria expulsado de lá – mas agora, me parecia um tanto injusto que o fizesse.

- Sim, creio que sim. – eu disse, por fim. Seu sorriso transpareceu um alívio sem igual.

- Ah, cara, até que enfim! – ele levou as duas mãos ao rosto, parecendo a ponto de chorar de felicidade – Eu estou andando há dias! Eu peguei um ônibus, e aí andei um pedaço, então peguei outro ônibus e continuei andando, e eu não sabia exatamente o que estava procurando, então vi vocês e...

Ele parou, sua voz morrendo, provavelmente ao notar a minha expressão de desinteresse. Por fim, ele secou o rosto com a barra da camiseta – me dando uma incômoda e não-requisitada vista de seu abdômen – e me estendeu uma mão suja.

- Desculpa. Meu nome é Gabe. Você é?

- Dorothei. – respondi, ignorando sua tentativa de cumprimento e dando-lhe as costas.

- Você pode me dizer quem é o líder aqui? – o garoto insistiu, evidentemente me seguindo.

- Não existe um. – falei, sem olhar para trás.

- Então será que você pode só me ajudar um instante?

- Não.

A esta altura, já havia voltado para a minha barraca. Jane e Toy assistiam ao espetáculo, e eu os empurrei de volta para dentro. Quando entrei e comecei a fechar o zíper, encontrei o rapaz ainda parado, há poucos metros de distância, me encarando com a aparência exausta e lívida. Impiedosamente, vadei a barraca, dando a conversa enfim por encerrada.

- O que foi isso? – Jane perguntou, e mesmo sabendo a que ela se referia, decidi por bem desviar brevemente do assunto.

- Eu não sei. De onde surgiram todas estas pessoas? – indaguei, dirigindo-me a Toy. Quase pude imaginá-lo dando de ombros.

- Sei tanto quanto você. Quando saí esta manhã, eles já chegavam aos bandos.

- Quantos já devem ser?

- Dez, pelo menos.

- E por que eles estão aqui? Como eles nos encontraram?

- Bom, isso é um pouco óbvio, não?

Eu não sabia dizer o que em Jane me irritava mais: de seu tom petulante aos braços cruzados, do olhar de superioridade à maneira como ela tentava parecer indiferente, tudo era um claro indicativo de que ela queria me tirar do sério. E estava conseguindo. Mesmo assim, resolvi morder a isca.

- E por que diz isso?

- Eles nos acharam da mesma maneira como nós achamos os outros dois. – ela respondeu, impaciente – E sobre o que eles estão fazendo aqui: bem, você não achou que fosse a única bruxa num raio de centenas de quilômetros, não é mesmo? Se *você* foi chamada, pode apostar como todos os outros da nossa raça também foram.

O fato de que ela estava certa só fazia aumentar a minha vontade de testar alguns feitiços nada amigáveis nela.

- Nosso povo não gosta de caminhar sozinho. – ela continuou, ignorando proposital ou involuntariamente a minha expressão furiosa – Desde os tempos da Grande Colheita, nós nos agrupamos. Somos mais fortes quando estamos unidos. Quanto maior a tribo, maior o nosso poder individual. Será possível que Zethi não lhe ensinou *nada*?

Aquilo fez minha raiva desacelerar. Era disso que se tratava, então? Estávamos todos nos encaminhando para um lugar comum – Lake Mills, aparentemente – onde formaríamos uma aldeia gigantesca. E quando isso acontecesse...

- Somos nós... isto é, *vocês*, que irão realmente reerguê-Lo. O Senhor das Almas só é tão forte quanto o Seu povo! – Jane completou, como se lesse meus pensamentos - Quanto mais pessoas se juntarem a Ele, mais poderoso Ele fica. E conforme o poder Dele aumenta...

- Os nossos aumentam.

- Exato.

Jane fazia parecer que era uma barganha com vantagens para ambos os lados, mas eu sabia que não. Sabia que poder nenhum viria sem um preço muito alto a ser pago – e não seriam os bruxos a pagarem, mas os humanos. Inocentes. Milhares de humanos, subjugados, exatamente como há centenas de séculos atrás.

Estávamos marchando rumo a uma nova era. E eu não poderia gostar menos do que estava por vir.

Raízes

Pela posição do sol no céu limpo, já devia passar do meio dia quando Genevieve veio à nossa pequena barraca anunciar que precisávamos seguir viagem. Eu estava mais do que descansada, e Jane já se tornara um fardo, presa ali dentro comigo. Toy há muito já havia nos deixado para perambular pelas proximidades. Era hora de sair e encarar nossos novos companheiros de viagem.

Se isso era possível, parecia que ainda mais gente havia se juntado a nós nas minhas horas de descanso. Agora, além de Genevieve, Alastair, a pequena família e o rapaz que eu avistara de manhã, havia pelo menos mais duas dúzias de pessoas conosco. As barracas vinham sendo desmontadas, e o burburinho de vozes já atingia níveis altos.

Eu estava mais do que satisfeita ficando de pé exatamente onde estava, mas, para a minha surpresa, Jane plantou um sorriso no rosto e começou a se encaminhar para onde as outras pessoas estavam. Coube a mim Pará-la com um puxar de braço, ao que fui retribuída com um olhar zangado e palavras azedas.

- Me solte.
- O que está fazendo?
- Vou conhecer as pessoas. Me misturar.
- De jeito nenhum! Você não é mais bruxa, Jane, e eu não confio nessas pessoas. Fique onde está.

Jane pareceu ainda mais furiosa, e forçou a mão em meu pulso até obrigar-me a soltá-la. Ela ergueu as mãos e, por um segundo, achei que ela fosse usá-las para cercar meu pescoço. Ao invés disso, elas se baixaram com uma força desnecessária sobre meus ombros, e Jane se inclinou para mim, dizendo, baixinho:

- Acha que eu não estou com medo? Acha que eu confio em alguém aqui? – ela fez uma pausa, estudando meus olhos – Mas nós temos que sobreviver, Dorothei, e neste momento a única maneira de fazermos isso é ganhando a confiança *deles*. Isso aqui é uma comunidade nascendo, irmãzinha. O que você acha que vai acontecer conosco se chegarmos até lá sem ninguém do nosso lado?

- Não preciso do apoio deles. – rebati, ranzinza. Mas Jane me conhecia o bastante para saber que eu entendia que ela tinha razão.

- Oh, você precisa *sim*. Ou está achando que vai contar *comigo* pra alguma coisa?

Sua sinceridade quase me fez rir. Eu tinha certeza de que Jane preferiria rastejar em misericórdia aos pés do Senhor das Almas a me ajudar em minha empreitada, mas era diferente ouvi-la soar tão honesta. Ademais, não era como se ela *realmente* pudesse me ajudar em alguma coisa. Jane era inútil sem seus poderes. Eu estava por conta própria.

- Ótimo. – ela disse, com um sorriso satisfeito, perante o meu silêncio – Eu vou conhecer as outras pessoas e inventar uma história maravilhosa e heroica sobre como perdi meus poderes. Sugiro que você se inspire no meu exemplo.

Dito isto, ela me soltou e foi para junto das pessoas, com uma expressão bem mais sociável. Jane sabia ser muito gentil quando queria – eu e Malena já havíamos provado deste veneno em várias ocasiões. Ela não teria dificuldade em se misturar.

Já eu...

Continuei ali, parada, observando os estranhos. Mais uma vez – e a frequência com que aquilo vinha acontecendo me deixava extremamente irritada – dei razão às palavras de Jane: uma comunidade estava mesmo se formando. Havia famílias ali, e, assim como minha irmã agora o fazia, todos faziam questão de conhecer uns aos outros, de cumprimentá-los, de criar laços. A atmosfera amistosa era quase palpável, mas eu a observava de longe, como se estivesse numa esfera diferente da deles.

Não pude deixar de me perguntar se era aquilo que Jane, Zethi e algumas das minhas outras irmãs tinham experimentado ao crescer. Aquele senso de conjunto, de estar entre os seus iguais, que criava um abismo entre a realidade da minha criação e a da delas. Eu nunca soube o que era crescer entre tantas pessoas diferentes, mas ao mesmo tempo exatamente como eu. Eu nunca soube o que significava não ter de me esconder para garantir minha sobrevivência. Eu nunca estivera tão...

Incluída? Nem sabia se era esta a palavra que procurava. Eu podia *estar* incluída, mas certamente não me sentia desse jeito. Não sabia se algum dia, em algum lugar do mundo, eu jamais poderia sentir como se pertencesse lá. Malena tinha suas raízes em Oxford, e minhas irmãs tinham raízes nas lembranças que traziam da infância, mas eu? Eu continuava solta, sem lar. E aquela realidade abria um vazio inexplicável dentro de mim.

- Não vai cumprimentar ninguém? – uma voz familiar me despertou do meu devaneio. Me virei e encontrei o tal rapaz, Gabe, parado ao meu lado, imitando minha posição; braços cruzados, pernas levemente afastadas, um franzido cobrindo as feições. Rapidamente desviei o olhar.

- Não conheço ninguém. – repliquei, embora não soubesse ao certo por que me dava ao trabalho. Não queria conversar com ele. Ou com qualquer um ali.

- Nem eu. – ele disse, dando de ombros – Mas as pessoas vieram se apresentar, e aí eu percebi que é isso que eles fazem.

- “Eles” quem?

- Vocês. – ele me olhou de cima abaixo – Embora claramente haja algumas exceções.

Inspirei profundamente, contendo o impulso de gritar algum feitiço que o calasse para sempre. Ou arrancasse sua língua malcriada.

- Você está aqui também. – falei, muito calmamente. Ser educada podia não doer fisicamente, mas decerto ia contra todos os meus princípios.

- Estou. – Gabe concordou, e então ficou em silêncio por um abençoado minuto antes de recomeçar – Mas sei lá, é tudo muito estranho pra mim ainda. Toda essa gente. Essas... coisas que eu posso fazer.

- *Coisas?* – repeti, cada sílaba formando uma ofensa pessoal – É um *dom*! Você é bruxo, deveria ser mais agradecido!

- Bruxo? – o rosto dele formou uma expressão levemente chocada, e então se anuviou – Bom, quem sou eu pra achar isso esquisito, certo? Então isso quer dizer que estamos indo pra Hogwarts ou algo do tipo?

De novo, precisei respirar fundo pra manter a calma e a compostura. Então uma pergunta me ocorreu.

- Você não sabia? – inquiri – Que era bruxo, digo.

- Não. Quero dizer... – ele suspirou – Eu sempre soube que havia alguma coisa de errado, sabe? Quando eu tinha uns nove anos, uns garotos tentaram me jogar numa piscina, e eu *flutuei* em cima dela. E eu sempre conseguia fazer as luzes se acenderem sem tocar em nada quando tinha medo do escuro. Mas nunca dei um *nome* pra isso. Eu achava que era um X-Men ou sei lá.

- Então seus pais não são bruxos?

- Eu não saberia dizer. Nunca os conheci.

Senti o rosto corar ao perceber que tinha tocado num assunto delicado, e imediatamente me calei. Minha impressionante falta de tato sempre fazia o favor de encerrar qualquer conversa por mim.

Por vários minutos, não dissemos mais nada. Eu estava esperando que ele simplesmente desistisse e me deixassem em paz, mas Gabe continuou de pé ao meu lado. Após um longo tempo calado, ele tornou a puxar conversa.

- Quem é aquela que estava aqui com você? – perguntou, e automaticamente busquei com os olhos até localizá-la, conversando animadamente com uma bruxa de uns sessenta anos.

- Minha irmã Jane.

- Vocês não são muito parecidas. – apontou, e quando viu que eu não ia responder, resolveu desviar o assunto – Tem algo diferente nela. Ela não é que nem... a gente, é?

Supus que, àquela altura, todos já soubessem ou tivessem notado. Um bruxo – mesmo um sem conhecimentos, como Gabe – sabia reconhecer o outro.

- É uma longa história. – limitei-me a dizer. Gabe assentiu.

- Ainda bem que temos uma longa viagem pela frente, então.

A caminhada foi longa e árdua aquele dia.

Embora meus pés já não doessem como antes, eu enfrentava agora um novo inimigo: o sol. O céu aberto e o tempo quente podiam ser um sinal de bênção e felicidade para muitos, mas para mim era um pesadelo se tornando real. Mesmo com braços e pernas

cobertos e grossas camadas do protetor solar que eu felizmente havia me lembrado de trazer, eu sabia que não poderia suportar por muito tempo. A pele de Malena era frágil demais. Antes do anoitecer eu já estaria em péssimo estado.

Por sorte, não fui a única a perceber isso. Quando paramos para que as mães cuidassem de seus filhos pequenos – o barulho de choros de três bebês combinados já resultava numa cacofonia irritante – eu me sentei sob uma sombra mísera, com Toy em meu colo. Gabe, que até então insistira em caminhar ao meu lado, a despeito de meu tratamento de silêncio para com ele, murmurou algo sobre procurar água. Foi quando uma desconhecida se aproximou.

Eu já a havia visto por entre o grupo; ela dificilmente passaria despercebida mesmo que houvesse milhares de nós. Era uma mulher que, pela aparência, devia ter a idade da mãe de Malena. Mas as semelhanças paravam por aí – enquanto Milla tinha ares maternos e a clássica beleza dos olhos e cabelos claros, aquela que agora se dirigia a mim tinha os olhos profundamente negros e se vestia como Jane costumava se vestir quando Malena a conheceu. Suas roupas eram escuras, uma mistura complexa de estampas fortes e sobreposições, e ela calçava botas que faziam seus pés dobrarem de tamanho. Ela não estava maquiada, mas de alguma forma a palidez a tornava mais sombria. Seus cabelos eram pretos na raiz, mas tingido de azul com mechas de um cor-de-rosa intenso. Havia uma infinidade de brincos e *piercings* em cada uma de suas orelhas e cada centímetro de pele de ambos os braços estava coberto das mais diversas tatuagens.

Julgando-a pela capa, eu a acharia talvez até mais ameaçadora do que Genevieve me parecera a princípio. Contudo, quando ela se abaixou em minha frente, havia uma gentileza inexplicável em seu olhar.

- Você não está nada bem, não é? – ela disse, e apesar do tom interrogativo, eu sabia que não era uma pergunta. Meu cansaço e o fato de eu estar me escondendo provavelmente me denunciavam mais do que a falta de pigmentação da minha pele.

- O sol está muito forte. – expliquei, um nó se formando na minha garganta pela admissão da minha fraqueza.

- Está mesmo. Ainda mais pra você. Vai estragar essa pele linda que você tem.

Não resisti ao impulso de soltar um riso abafado. “Linda” não seria uma das primeiras palavras a cruzar a minha mente quando fosse descrever a pele que agora me cobria.

- Nós ainda vamos ter que andar muito, então vou te dar um presente. – a estranha disse, então, tirando a mochila das costas e remexendo nela até tirar um chapéu de abas largas e estendê-lo para mim – Aqui está. Minha mãe teve câncer de pele, então eu encantei o chapéu para que o sol não pudesse tocá-la enquanto ela o usasse. É seu agora.

- Oh. – a surpresa me deixou sem palavras. Peguei o chapéu sentindo não apenas o peso da gratidão, como a carga sentimental que a peça parecia carregar consigo. Gaguejei muito para conseguir dizer: - Obrigada...

- Jinx. – completou, com um sorriso amistoso – Pode me chamar de Jinx.

- Obrigada, Jinx. – uma pausa, e então me ocorreu que eu devia pelo menos uma apresentação a ela – Me chamo Dorothei.

- Muito prazer. Agora vamos, temos que seguir viagem.

Levantei-me e vesti o chapéu. Exatamente como prometido, a luz do sol deixou de me incomodar. De fato, eu mal podia sentir sua existência; foi como vestir um véu de sombras que bloqueava completamente a influência dos raios sobre mim. Eu enxergava perfeitamente bem, mas todo o meu corpo gozava de um frescor inigualável ao se ver livre da maldita luz.

Jinx seguiu em frente, acompanhando o ritmo dos mais velozes do grupo, enquanto eu continuei no meu passo lento mais para trás. Gabe se atrasou o bastante para vir ao meu encontro, oferecendo-me uma garrafa d’água, que aceitei de bom grado.

- Então está fazendo amigos agora? – ele perguntou, apontando para Jinx mais adiante – E aceitando favores?

Revirei os olhos, no fundo contendo o riso.

- Cale a boca.

Os dias demoravam a passar na nossa peregrinação. Eu não tinha um relógio, então calculava os horários pela posição do sol. Mas era difícil manter uma rotina quando nosso grupo permanecia num ritmo inconstante.

Na maior parte das vezes, caminhávamos do fim da manhã até as primeiras horas da noite. Montávamos acampamento onde estivessemos, e descansávamos até a manhã seguinte. Mas isso mudava o tempo todo. Em algumas ocasiões, partimos cedo pela manhã e parávamos antes do anoitecer. Em outras, seguíamos caminhando noite adentro e descansávamos durante parte do dia.

Inevitavelmente, fui amolecendo com o passar dos dias. Percebi que havíamos deixado de ser um grupo de desconhecidos com um destino em comum, e passáramos cada vez mais a ser aquilo que Jane havia previsto – uma comunidade. Cuidávamos uns dos outros. Os mais adultos se encarregavam de arranjar e distribuir provisões para todos, e cuidavam dos que porventura estivessem feridos da viagem – exatamente como Genevieve e Jinx haviam feito comigo. E os mais novos, além de protegerem uns aos outros, se divertiam com as histórias e os aprendizados que os mais velhos tinham a oferecer. Era quase impossível, até mesmo para mim, permanecer indiferente.

Era difícil ver Jane menos do que sorridente nos últimos tempos, e eu me perguntava se era, de fato, tudo parte de um número montado para ganhar a confiança de todos, ou se ela estava mais feliz do que se permitia confessar para mim. Ela havia feito amizade com todos, espalhando a triste história de um duelo para proteger a honra de sua irmã (que, felizmente, ela havia garantido não ser eu), onde um bruxo sem escrúpulos havia tirado dela toda a sua magia. Tornou-se uma protegida do grupo – e, surpreendentemente, caiu nas graças de Alastair. Seu semblante assustador e severo se desfazia quando ela estava por perto. Ele, mais do que ninguém, cuidava de Jane como um falcão vigiando a cria.

Eu, contudo, ainda encontrava dificuldades em me aproximar dos outros, ou mesmo deixar que se aproximassem de mim. Toy era o responsável por todos os meus contatos recentes; a existência de

algo tão inusitado quanto um gato falante era motivo de festa por entre as crianças que seguiam viagem conosco, e agora ele não passava mais do que uma ou duas horas sem que algum pequeno lhe viesse atazanar. Eu sabia que sua paciência estava sendo cruelmente testada, mas Toy fazia as vezes de bom bichano; deixava o tom monótono de lado, e brincava com as crianças até que elas se cansassem e lhe permitissem voltar para mim. Eu suspeitava que ele estivesse aproveitando muito mais da experiência do que jamais fosse capaz de admitir. Toy era, afinal, um gato.

Gabe era o único a quem eu havia dado alguma abertura. Eu ainda o tratava como se preferisse voltar pra fogueira a desfrutar da sua companhia, mas, conforme as horas iam se transformando em dias, eu percebia que aquilo já fazia parte do nosso princípio de amizade. Ele não se sentia ofendido pelas minhas respostas ácidas, e havia aprendido a retrucar na mesma medida. Nossos silêncios eram longos, porém transparentes – era mais fácil para mim passar um dia inteiro ao lado dele sem trocar uma palavra, do que iniciar uma conversa com qualquer outro dos nossos companheiros de viagem.

- Eu estava conversando com a Shannon outro dia... – ele começou a dizer, numa daquelas manhãs. Todos os dias, Gabe testava um assunto apenas para saber se eu estava num dia bom para conversas ou não.

- Quem é Shannon? – eu o interrompi, franzindo o cenho.

- Aquela senhora de cabelos brancos que veio acompanhando a filha e os netos? – ele disse, e fui obrigada a procurá-la entre o grupo a frente. Eu ainda não havia memorizado rostos ou nomes. Era uma surpresa constante para mim – Você precisa se enturmar mais, sabia? Não é tão difícil como você faz parecer.

- Que seja. O que Shannon disse a você?

Gabe revirou os olhos e emitiu um suspiro de derrota, como sempre fazia toda vez que eu era propositalmente grossa com ele.

- Enfim. – falou – Ela estava contando que, na época da avó dela, os bruxos eram assim, como a gente. Andavam e andavam por dias, semanas, até achar a “terra prometida” ou algo do tipo. Eram *namodes*.

- *Nômades*. – corriji, com falsa impaciência.

- Isso aí. – concordou ele, com um gesto – Ela disse que antigamente todos viviam assim, até que a expansão das cidades tornou isso inviável, e os bruxos começaram a se acomodar. Mas que agora que o tal senhor voltou, não precisamos mais nos esconder entre os humanos. Que agora nós seremos livres.

Houve um breve momento de silêncio, em que tentei enxergar tudo aquilo pela ótica de Gabe. Ele era abençoado pela ignorância, mas quanto tempo isso iria durar agora que ele vivia cercado de bruxos fanáticos?

- Não sei quem é esse senhor, mas que bom que ele voltou. – ele disse, por fim – Senão eu nunca teria chegado até aqui. É o mais próximo que eu já tive de uma família.

Crispei os lábios, sem saber o que falar. Eu havia propositalmente evitado o tópico nos últimos dias, mas a curiosidade já me corroía. Aquele momento, decidi, era tão ruim quanto qualquer outro para trazer o assunto à tona. Optei por perguntar.

- O que houve com os seus pais, Gabe?

Ele não respondeu de imediato. De fato, seu silêncio se estendeu por minutos tão longos que eu duvidei que ele fosse me dar qualquer resposta. Observei-o de canto de olho – tão bem quanto conseguia sob a aba comprida do meu chapéu – enquanto Gabe mantinha uma expressão indiscernível no rosto e encarava o horizonte no mais completo silêncio.

- Eu não sei, na verdade. – ele disse, depois de muito tempo – Eles morreram quando eu era só um bebê. Ou pelo menos foi isso que me disseram no orfanato. Se eu sou bruxo, eles devem ter sido bruxos também. Isso quer dizer que não poderiam ter morrido por qualquer coisinha, certo?

- Você ficaria surpreso com o número de coisas comuns que pode tirar a vida de um bruxo. – afirmei, esperando passar um tom ameno. Ele esboçou um sorriso.

- Bom, seja lá o que aconteceu com eles, eu nunca os conheci. Eu cresci no orfanato, praticamente. Cheguei a ser adotado três vezes. – ele balançou a cabeça e riu consigo mesmo – Mas nunca dava certo porque eu era esquisito demais. Fazia as coisas

acontecerem sem querer e assustava as famílias. Agora pelo menos eu sei por que ninguém me quis.

Pensei em algo para dizer, mas nada era bom o bastante. Eu não tinha tato para lidar com aquele tipo de situação. Malena com certeza poderia confortá-lo com gestos e palavras, mas eu não era o tipo de pessoa que servia de ombro amigo. Mantive-me em silêncio, caminhando e encarando meus próprios pés.

- Mas e você? – Gabe perguntou, de repente – Qual é a sua história?

- Minha história é...

- Longa, eu já sei. – ele completou por mim, e um riso quase espontâneo emitiu da minha garganta – Mas já estamos viajando há dias e até agora não sei quase nada sobre você. Vamos, conte alguma coisa. Morre comigo, eu prometo.

Ponderei por alguns instantes aquele pedido. Um turbilhão de pensamentos me passou pela cabeça em um segundo.

Então respirei fundo e comecei a falar.

Todo dia, a partir de então, Gabe e eu trocamos histórias.

Gabe contou-me coisas de sua infância que, à medida que o tempo foi avançando e nossos laços se estreitaram, tornaram-se cada vez menos sobre suas desastrosas experiências com magia – e sua falta de controle sobre ela – e cada vez mais sobre sua infância como órfão indesejado. Ele me contou a respeito de seus lares adotivos e como, com o passar dos anos, ele esteve cada vez menos propenso a acreditar que fosse, enfim, encontrar uma família.

Percebi, então, que o que me aproximava de Gabe e criava aquele estranho senso de confiança mútua não era tanto a sua inocência quanto às suas origens ou mesmo a conexão mágica invisível que nos ligava a todos da comunidade. Quando eu escutava os relatos de Gabe e o observava enquanto ele narrava sua história, eu via a mim mesma. Éramos sozinhos, mesmo quando estávamos cercados de gente acolhedora. Constantemente desconfiávamos das boas previsões pro nosso próprio destino. Eu e ele havíamos deixado de acreditar na ideia de um lar.

De minha parte, fui aos poucos revelando a ele a estranheza que havia sido a minha vida – ambas as minhas vidas. Por não saber por onde começar, resolvi voltar no tempo e relatar primeiro a minha infância, minha como Dorothi, séculos antes. Foi difícil para Gabe aceitar que eu era a mesma pessoa – ou pelo menos a mesma alma – que vivera tudo aquilo no século dezenove, mas percebi que, conforme minha narrativa se desenrolava, menos e menos suas convicções pré-concebidas da realidade enquanto humano interferiam no seu julgamento das verdades que ele descobria agora. Gabe estava atingindo o estágio onde muito pouco ainda lhe pareceria incomum. Eu tive, admito, grande papel nesta transformação.

Segundo a minha contagem, já estávamos na estrada há dez dias quando comecei, enfim, a falar sobre Malena. Era difícil, contudo, apresentar algo consistente sobre ela – eu tinha todas as suas memórias, mas só *vivia* de fato com ela há poucos meses. Optei, enfim, por falar dela do modo impessoal com que falara de minhas irmãs, mesmo sabendo que aquilo era injusto para com ela. Quando comecei a trazer os últimos acontecimentos à tona, Gabe ficou intrigado.

- Então esse senhor...

- Senhor das Almas. – eu o corriji. Muitos do grupo já haviam tentado explicar o nome, a importância e a história do nosso patriarca para Gabe, mas ele ainda sentia dificuldade em dirigir ao nome algum respeito. Eu o admirava secretamente por isso.

- Isso. – concordou, com a mesma displicência de sempre – Então ele só voltou por sua causa. Tipo, sua e da tal da *Melana*?

- Malena. – suspirei, mas sem tanta impaciência quanto costumava fazê-lo. Eu já estava habituada aos erros silábicos de Gabe e eles agora me soavam bobos, quase infantis – Exato.

- Porque vocês mataram o garoto, o...*Sam*?

- Isso mesmo. – se percebeu a súbita mudança no meu tom, Gabe não deu a entender. O nome de Sam havia trazido uma conhecida pedra de gelo de volta ao meu estômago, e minha vontade de continuar a conversa desaparecia a cada segundo.

- Olha, eu sei que não deveria dizer isso, mas esse Senhor das Almas me parece um mau negócio. – Gabe cochichou, inclinando-se para o meu ouvido. Seu hálito me causou um arrepio que tentei a todo custo ignorar -Vocês tentaram, sei lá, não matar o garoto?

- Sim. – respondi, um sabor amargo tomando a minha boca – Tanto quanto estou tentando não matar *você* agora.

Ele se calou, e por um instante sequer se atreveu a olhar para mim. Andar estava cada vez mais difícil, mas desta vez não por uma dor física; o peso que havia abandonado meu peito estava de volta com força total, e ele me tirava o ar. Eu podia sentir minha consciência trincando, como vidro prestes a se partir.

O assunto morreu, e por isso fiquei agradecida. Achava que, tivesse eu que dizer mais uma só palavra, algo em mim explodiria. Quase chorei de alívio quando, duas horas mais tarde, começamos a nos recolher num acampamento.

Jane, Toy e eu continuávamos dividindo a barraca emprestada dos Lewinton, mas agora tínhamos nossa parcela de obrigações antes de podermos descansar. Todos tinham. Enquanto os mais velhos cuidavam de ajeitar os leitos, os jovens se dividiam entre buscar provisões e cuidar dos menores. Eu quase sempre optava por vigiar Toy enquanto ele divertia as crianças, mas hoje eu apenas precisava me afastar – do movimento, das pessoas, de mim mesma. Precisava sair dali.

A despeito do que se pudesse imaginar, não caçávamos animais nem recolhíamos plantas. Nossa missão era muito mais simples do que isso. Recolhíamos doações em dinheiro de cada representante de família, e caminhávamos até a cidade ou parada mais próxima para procurarmos o que comer. Jane havia me confidenciado que ocasionalmente isso envolvia furtar algumas coisas a mais, mas eu não me importava. Tinha meus meios de escapar se fosse pega. E não pretendia me deixar prender.

Estávamos a pouco mais de um quilômetro da cidade mais próxima, e ainda tínhamos provisões suficientes para a noite. Assim sendo, os encarregados do dia – eu e Gabe, que insistira veementemente em me acompanhar – deveriam apenas trazer água o bastante para matar a sede de vinte pessoas. Uma das senhoras

que nos acompanhava – Shannon, talvez? – me entregou uma pequena mala de rodinhas e instruiu que eu trouxesse tudo lá dentro. Parecia insuficiente, mas não discuti.

O sol já estava quase posto no horizonte, então deixei o chapéu que Jinx me dera junto das minhas outras coisas com Jane. Gabe e eu não trocamos uma única palavra no trajeto de vinte e tantos minutos até a venda mais próxima, onde compramos vinte das maiores garrafas de água que conseguimos encontrar. Arrastamos tudo para o lado de fora onde, escondidos num canto, abrimos a mala para guardar nossas compras.

- Acho que não vai caber aí. – ele disse, torcendo o nariz.

- Vai sim. – murmurei, colocando sacola atrás de sacola dentro da mala. Ela parecia não ter fundo. Conforme eu colocava as garrafas, elas se ajeitavam magicamente do lado de dentro.

- Uau! – Gabe sussurrou, e algo no modo como ele ainda se permitia impressionar mesmo depois de tudo que já havia visto e ouvido me fez sorrir.

- Minha família tem um baú com este mesmo encantamento. – contei, sem saber por que dizia aquilo – Tínhamos, na verdade. Ele teve que ficar pra trás.

- Você sente falta de lá? De Oxford?

Continuei carregando a mala de modo automático, concentrada em não olhar para Gabe e em não deixar que as emoções me dominassem. Eu era mais forte que isso. Tinha de ser.

- Não. – respondi, então, tão baixo que não sabia se ele podia me ouvir – Não tenho raízes lá. Malena sentiria, mas ela não está mais aqui.

Eu podia sentir que Gabe continuava me olhando, e mais uma vez, fiquei agradecida por ter algo com que me ocupar. Eu estava propositalmente levando uma eternidade para empacotar todas as garrafas.

- Como funciona isso? Esse negócio de vocês duas estarem... aí dentro? – me perguntou, tocando minha testa de leve com o indicador. Recuei uns bons centímetros antes de me dar conta do que estava fazendo.

- É como sempre ter alguém com você, uma voz na sua cabeça.
- eu disse, incerta sobre como explicar – Mas só uma de nós pode controlar o corpo, entende? Apenas uma vontade prevalece. Enquanto isso a outra fica fraca, mas presente. Ou, como agora, completamente adormecida.

- Mas ela ainda está aí? Quero dizer, ela teoricamente pode voltar a qualquer momento, certo?

- É improvável. Ela não quer mais voltar. Não há mais nada aqui para ela.

- Que bom. Seria estranho se você não fosse mais você. Acho que já me acostumei em te ter por perto.

Seguiu-se um silêncio constrangedor, e eu estava cada vez mais arrependida de ter decidido vir. Com todas as garrafas já dentro da mala, fechei o zíper com facilidade e pudemos voltar. Com um movimento simples, ela se ergueu alguns centímetros no ar e nos seguiu enquanto refazíamos o nosso caminho, e eu apenas fingi segurá-la para causar o mínimo de estranheza em quem nos observasse.

Já havia escurecido quando alcançamos o acampamento. Passamos as garrafas d'água aos adultos, que então as distribuíram junto com o jantar do dia – uma estranha, porém saborosa sopa com vários legumes – e, por fim, todos nos reunimos em torno da fogueira improvisada.

Todas os dias, enquanto comíamos, os mais velhos do grupo dividiam histórias conosco. Jane havia me explicado que o ato de contar fábulas na hora das refeições existia há muito tempo, mas que, pelo menos durante a infância dela, em geral os ouvintes eram apenas as crianças. Era uma forma de passar verbalmente as lendas e conhecimentos do nosso povo, enquanto conservando uma tradição que relembrava os tempos da Grande Colheita. Mas, dado as diferentes idades e a falta de contato com nossos costumes de muitos, alguns ajustes haviam sido feitos.

Haviam apenas três idosos em nossa pequena comunidade, mas eles tinham um vasto estoque de histórias para contar. Por muitos dias, eu me perguntava se, ao longo da nossa peregrinação, eles debatiam quais histórias e em que ordem contá-las, já que elas

sempre pareciam comunicar-se com as dos dias anteriores. Ou talvez elas fossem todas assim. Quando tentei perguntar a Jane numa daquelas noites, ela apenas mandou que eu me calasse e prestasse atenção à história.

Mas não naquela noite. Naquela noite, depois de comer, não ouvi a fábula que algum dos anciões tinha para dividir conosco, imaginando se era assim que eu me sentiria se tivesse sido criada na aldeia de meus pais. Não desfrutei do sentimento de familiaridade que me percorria só naqueles breves minutos enquanto me permitia levar pela história. Não prestei atenção a nem uma única palavra.

Ao invés disso, encarei o fogo crepitante e abracei meus joelhos, tentando minimizar a dor da maneira mais infantil que conhecia. As vozes se tornaram cada vez mais distantes, até que fechei os olhos e adormeci.

Estava nevando. Flocos despencavam do céu, e eu estava deitada, mirando o infinito negro sobre mim, observando-os cair.

Sentei-me e minhas mãos passearam sobre o chão à minha volta. Que neve era aquela que se acumulava sem gelar? Que me tocava sem derreter? Peguei um punhado na mão e o trouxe até diante dos meus olhos, deixando que caísse por entre meus dedos.

Não era neve. Eram cinzas.

Tão logo dei-me conta, fiquei de pé, subitamente alerta do sufocante odor da fumaça. Localizei o incêndio vários metros atrás de mim; era pior e mais brutal do que qualquer coisa que eu já tivesse visto na vida. Eu podia ouvir os gritos e quase enxergar o desespero espiralando no ar, junto com as nuvens de fumaça. Eu precisava ajudar. Eu precisava fazer *alguma coisa*.

- Dorothe!

O chamado angustiado fez com que eu girasse sobre meu eixo rápido o bastante para me sentir tonta. Do outro lado, um estranho num longo manto negro segurava uma refém. Eu não precisava ver seu rosto para saber sua identidade, assim como nas outras vezes em que ele invadira meus sonhos. Sua refém brilhava, numa palidez translúcida na noite, como se emitisse brilho próprio.

- Me ajude! – Malena implorava. Enquanto ele a retinha com um braço, o outro surgia de suas costas com uma faca gigantesca. Seu cabo desaparecia por sob a manga das vestes, dando a ligeira sensação de que a arma era uma extensão de seu braço.

Os gritos no incêndio se intensificaram. Eu sabia que se não corresse, jamais conseguiria chegar a tempo de salvar uma vida. Mas se eu a deixasse agora, Ele a mataria.

Não houve tempo para escolhas. A faca desfilou por seu pescoço pálido, traçando uma linha escarlate que despejava jatos de sangue o chão. Malena abraçou o próprio pescoço, desabando de joelhos; o nosso Senhor já havia desaparecido no ar. Corri até ela, mas, antes que eu pudesse alcançá-la, seu corpo se desfez em cinzas, misturando-se ao vento.

O Senhor das Almas

- Dorothei!

Abri os olhos, assustada. Demorei alguns segundos para entender o que via, até compreender que estava deitada – aparentemente, no colo de alguém.

Levantei, e encarei Gabe em completo embaraço. Ele, em contrapartida, me olhava com preocupação. Só restávamos nós dois agora, em frente aos restos da fogueira; só de encarar as chamas se tornando brasas, senti meu torso arrepiar.

- Está tudo bem? – ele me perguntou, com movimentos hesitantes. Temi que ele fosse me tocar, então juntei as mãos e me coloquei rapidamente de pé.

- Sim. Tudo bem. – e então, mais rápido e baixo – Desculpe.

- Pelo quê?

- Por isso. Agora.

Gabe riu, tornando tudo ainda pior.

- Você estava cansada e pegou no sono. Não tem problema nenhum.

Assenti, mesmo sem concordar com uma palavra. Estava satisfeita o bastante por não ter transformado meu pesadelo em algo público, uma qualidade que já vinha se tornando bastante rara no meu sono. Decidi, enfim, que não precisava mais prolongar aquele momento de vergonha.

- Boa noite.

Rapidamente lhe dei as costas e comecei a caminhar em direção à barraca onde, eu suspeitava, Jane já estava. Quanto tempo eu tinha ficado adormecida? O bastante para que a maior parte das pessoas se recolhesse – fora nós dois, mais três ou quatro insones ainda estavam do lado de fora, conversando entre si ou se dedicando a alguma outra atividade.

- Dorothei. – eu o ouvi atrás de mim e estaquei. Queria mais do que tudo ignorá-lo e seguir meu caminho, mas eu já não conseguia mais fazer aquilo com ele.

Então me virei, a tempo de vê-lo se aproximar e parar a menos de um passo de mim. A proximidade me deu, ao mesmo tempo, curiosidade e repulsa; quis empurrá-lo e chegar mais perto. Era confuso. E errado.

- Queria te pedir desculpas por hoje cedo. – ele disse, por fim, e quase não percebi quando sua mão buscou a minha.

- Pelo quê? – perguntei, olhando hipnotizada o desenho que nossas mãos unidas formavam. Nenhum garoto havia deliberadamente me tocado antes, não daquela forma tão tenra.

- Pelo que eu disse sobre aquele garoto, o Sam. Eu devia ter percebido que não é um assunto fácil pra você. Eu não quis te magoar.

Tão rápido quanto veio, a hipnose desapareceu e eu soltei sua mão com um movimento brusco. O buraco se abriu de novo, e agora eu o enchia com toneladas de culpa. O que eu estava fazendo?

- Não tem que se desculpar. Boa noite.

Antes que Gabe pudesse dizer mais alguma coisa, me afastei e entrei na barraca. Deitei sentindo a cabeça zunir, e fiquei um bom tempo encarando o alto, tentando me acalmar o suficiente para dormir.

- O que foi aquilo lá fora? – a voz de Jane irrompeu, e eu quase podia ver seu sorrisinho irônico através da sua voz.

- Vá dormir, Jane. – limitei-me a dizer. Não bastou para ela.

- Eu sabia que vocês dois passando tanto tempo juntos era um sinal. – ela continuou – Bom pra você, irmãzinha. É hora de superar. Deixar os mortos em paz.

- Jane, se você não calar essa maldita boca *neste segundo*, eu juro pela minha alma que vou decorar nossa barraca com os seus órgãos e pintar a minha pele com o seu sangue.

Ela deu uma risadinha, mas não disse mais nenhuma palavra.

Embora eu quisesse distância, Gabe não me deixou em paz na manhã seguinte. Tão logo estávamos de pé, ele apareceu para nos dar bom dia, e, como já vinha sendo de hábito, permaneceu ao meu lado nas tarefas que precederam nossa caminhada diária.

Nossos momentos de conversa amena, contudo, cessaram. Ainda que ele continuasse tentando me persuadir a falar, eu já não tinha mais assunto ou disposição para tal. Eu me sentia fraca, exaurida pelas feridas que o espírito de Malena abriam dentro de mim toda vez que o nome de Sam era mencionado. E deixar que Gabe se aproximasse daquela maneira havia sido a atitude menos lógica que eu tomara em toda a minha vida.

Trabalhei duro nos dias que se seguiram para que ele se afastasse. Lentamente, voltei à minha bolha original de silêncio e solidão, me recusando a falar com os outros conforme pressentia que estávamos chegando ao nosso destino. Qual era o objetivo, afinal? Traçar amizades que estava fadada a perder? Ganhar a confiança daqueles que jamais se dispunham a me ajudar?

Ao invés de conversas, trabalhei na minha concentração. Comprei uma vela numa das breves excursões por suprimentos e passei a praticar diariamente, enquanto caminhava. Eu encarava seu pavio por longos e intermináveis períodos, tentando fazer com que se acendesse, mas o foco era meu inimigo. Eu não conseguia mantê-lo por muito tempo quando tinha tanto em que pensar.

A lei do silêncio já imperava há três dias quando o lugar de Gabe ao meu lado foi sorrateiramente substituído. Eu continuava encarando o pavio, andando a passos lerdos e ritmados, quando uma voz arrancou-me a pouca concentração que eu ainda possuía.

- O que está fazendo?

Pisquei várias vezes, como quem desperta de um transe, e encarei minha interlocutora. Jinx sorria para mim, seus cabelos coloridos balançando enquanto ela caminhava.

- Exercitando a concentração. – respondi, tão seca quanto podia. Ela não se deixou abalar.

- Oh, sim. Velas são mais práticas, eu acho. – comentou - Minha avó me fazia praticar com correntes. Sem jantar enquanto eu não conseguisse me soltar só com magia.

Fosse ou não uma piada, não ri. Nem ao menos sorri. Voltei a encarar a vela e seu pavio insistente.

- Sabe, o lance desse exercício de concentração não é aliviar a mente de pensamentos. Ninguém consegue fazer isso. – Jinx

prosseguiu, apesar da minha falta de resposta – Você tem que se concentrar naquilo que procura atingir. Quando a vovó me deixava presa, eu tentava canalizar a magia imaginando ela como uma coisa que eu pudesse controlar, imaginando as correntes caindo, mas nunca dava certo. E sabe o que eu descobri?

Não respondi, apesar de já ter mordido a isca. Ela sorriu consigo mesma e encarou aquilo como um convite.

- Descobri que eu tinha que focar na *fome*. – concluiu – Eu só ia comer se me soltasse, então tinha que partir daí. Feitiços se fazem de objetivos. Se você não sabe o que espera alcançar, vai acabar surtindo um efeito qualquer.

Pensei nisso por um segundo. Jane havia afirmado enfaticamente que o meu problema estava na falta de foco – que eu jamais chegaria perto de ter uma chance de vencer naquela empreitada enquanto não dominasse minhas armas, minha magia. E agora, mais do que nunca, eu precisava. Se não aprendesse agora, muito em breve estaria morta.

Eu precisava aprender se quisesse pará-Lo. Eu tinha que ser mais forte. Eu tinha que ser disciplinada. Eu precisava vencer, e precisava sobreviver, e isso não aconteceria a menos que...

- Opa! Aí está!

Abri os olhos, percebendo apenas então que eu os havia fechado. A chama da vela estava acesa. Olhei dela para Jynx, e novamente para a vela.

- Não precisa agradecer. – Jinx acrescentou, e depois de uma breve pausa, foi em frente – Eu sei que não é da minha conta, mas você é muito nova pra ficar tão afastada de todo mundo. Estamos vivendo um momento único após centenas de anos. Devia tirar proveito disso.

- Você tem razão. – declarei, com um suspiro pesado – Não é da sua conta.

Jinx deu de ombros.

- Não está mais aqui quem falou. Mas se precisar de alguma coisa, já sabe.

Com outro sorriso irritantemente simpático, ela se afastou. Apaguei a vela com um sopro e tornei a me concentrar para fazê-la

acender mais uma vez.

Eu há muito já havia desistido de contar os dias quando, enfim, pudemos avistar nosso destino.

Estávamos finalmente em Lake Mills, uma cidadezinha notoriamente pequena e desinteressante no estado de Wisconsin. Era nossa primeira noite de descanso num hotel desde que deixáramos Wichita para trás. Algum acordo havia sido mediado pelos anciões (embora, muito francamente, os termos não me interessassem) e havíamos sido divididos em quartos. Não surpreendentemente, Jane e eu continuávamos juntas.

Depois de um banho quente e demorado, dormi como há muitos dias não conseguia – confortável e sem sonhos. Quando despertamos na manhã seguinte (ao som das batidas na porta que nos alertavam a acordar) todos nos reunimos no pequeno estacionamento do hotel para o desjejum e discutir o que seria feito a seguir.

Era sentimento geral que aquele não era ainda o nosso destino. Estávamos perto, mas não o bastante. Ainda precisávamos caminhar, mais alguns quilômetros. Deveríamos estar prontos para partir em uma hora.

Ao contrário dos outros dias, Jane caminhou firmemente ao meu lado naquela manhã. Ela parecia tão ou talvez até mais ansiosa do que eu – ainda que ela não me dissesse nada, eu conseguia perceber pelo modo como suas linhas de expressão se enrugavam enquanto ela caminhava. Ela estava tensa. Eu não podia culpá-la.

Nossa caminhada não foi longa desta vez; mantendo o mesmo ritmo ameno que havia marcado os outros dias de peregrinação, alcançamos os limites da cidade em pouco mais de uma hora. E de lá já podíamos ver parte do que nos esperava.

O que aparentava ser um parque, mas que agora estava transformado em um imenso acampamento se desenrolava diante de nós. Era como rever diante de meus olhos o ajuntamento que Shiny havia estabelecido na propriedade da Casa Azul, meses antes, mas inúmeras vezes maior. Tendas e mais tendas – não apenas brancas, mas de todas as cores – até onde minha vista alcançava.

E ao fundo, no alto de uma pequena colina, uma imensa tenda negra, que parecia lançar sombras sobre todas as demais. Mesmo à distância, estremeci. Ele estava ali, em algum lugar, e a cada passo eu estava mais perto. De que, exatamente, era o que eu ainda não sabia. E a incerteza me corroía.

Toy arranhou minhas pernas para ganhar minha atenção e eu o tomei no colo. Ele cheirava a tapete molhado e sujeira, a combinação de um gato de rua, mas eu afundei meu rosto em seu pelo imundo mesmo assim, imediatamente me sentindo mais segura. Tudo estaria bem contanto que não me tirassem meu último e único amigo.

- Toy. – falei, de repente, tão baixo que somente ele (e talvez Jane) pudesse me escutar.

- Sim.

- Me prometa uma coisa.

- Estou ouvindo.

- Me prometa que você vai se manter seguro. Que não vai se ferir por minha causa. – implorei, sentindo-me mais infantil do que nunca, mas sem conseguir me conter – Me jure que, se o pior acontecer, você vai me deixar e vai salvar a sua pele. Eu não o mantive vivo por um século e meio para que morresse por mim.

- Não seja ridícula, Dorothei. Como se você tivesse que pedir. – replicou, e soltei o primeiro riso em muitos dias – Você sabe que, se tivesse de escolher entre a eternidade vivo ou os últimos momentos ao seu lado, eu faria cada segundo valer a pena.

Sua resposta acolheu meu coração de tal maneira que me permiti chorar, e o abracei com força, até que ele miasse uma reclamação ao meu ouvido. Sequei as lágrimas e o mantive no meu colo durante o restante do trajeto.

O limite do acampamento estava delineado por uma linha invisível, que começava na primeira barraca. Assim que a atravessamos, eu senti toda a atmosfera à minha volta mudar; era como se algo palpável impregnasse o ar e vibrasse no chão sob meus pés, uma carga intangível e perceptível se espalhando entre nós.

Novamente, foi como reviver a primeira visita de Malena ao acampamento dos nômades em Oxford. Conforme nosso grupo ingressava, as tendas e barracas improvisadas se abriam, e seus habitantes saíam para nos receber. A diferença era que eles não apenas observavam a nossa chegada, mas nos cumprimentavam, um a um. Nosso grupo acabou formando uma fila – encabeçada por Alistair e fechada por um de nossos anciões – para que todos pudessem ser recebidos como deveria ser.

Ainda com Toy no colo e me sentindo completamente exposta e insegura, tentei manter o semblante o mais receptivo possível enquanto a comitiva infinita de bruxos e bruxas de todas as idades se inclinava para me abraçar em boas-vindas. Acho que em todos os meus anos de existência – nem mesmo se somasse os meus dezesseis anos aos dezesseis de Malena – eu jamais havia sido abraçada tantas vezes, muito menos num único dia. A recepção parecia não ter fim, e perguntei-me se era tradição fazer aquilo com todos os recém-chegados ou se era um privilégio estendido somente a nós. Nenhuma das alternativas me agradava muito.

Alguém mais adiante instruiu Alistair a guiar nosso grupo até uma área mais vazia do acampamento, onde pudéssemos nos instalar, e assim o fizemos. Acompanhei de canto de ouvido as conversas animadas, que incluíam tópicos menos importantes (a viagem, de onde eles vinham, há quanto tempo haviam chegado) até informações mais vitais; entre elas, nosso derradeiro encontro com o nosso Senhor.

- Ele só sai à noite, mas faz questão de receber todos assim que chegam. – um bruxo careca e gorducho, de roupas muito surradas, explicou – Vocês podem se dirigir em pequenos grupos até a Grande Tenda quando desejarem.

Eu e Jane trocamos um olhar, e pude jurar que o vento que soprou a seguir estava infinitamente mais gélido do que antes. Nós nos afastamos dos demais, e ela cochichou para mim:

- E então? Está pronta? É agora ou nunca.

Ela estava certa. Eu não tinha um plano, não tinha conhecimento que bastasse, não tinha nem ao menos uma ideia do que faria a seguir, mas não importava. Adiar não tornaria nada mais

fácil. Seria apenas postergar o inevitável. Eu já tinha chegado até ali – era hora de enfrentar meu inimigo.

- Vamos lá.

Baixei Toy até o chão e murmurei que não me seguisse. Ele obedeceu, mas pude sentir seus olhinhos amarelos me acompanhando enquanto eu e Jane abandonávamos o restante do grupo e íamos em direção à Grande Tenda.

- Dorothea? Jane?

Paramos, e avistei Gabe correndo para nos alcançar. Meu estômago pareceu afundar dentro de mim, e, mais do que nunca, foi preciso muita força de vontade para resistir ao impulso de empurrá-lo para longe.

- Onde vocês vão? – ele quis saber.

- Vamos até lá. – Jane respondeu, soando tão animada que eu tive certeza de que ela não estava fingindo – Conhecer o nosso Senhor!

Gabe franziu o cenho para ela, e então concentrou seu olhar em mim. Por tudo que havíamos conversado, por todas as coisas que eu havia dito a ele, eu já imaginava que ele tivesse chegado a algumas conclusões próprias e nada positivas sobre o que nos aguardava ali. E ele não queria que eu fosse.

- Eu vou com vocês. – disse, por fim, ao que balancei veementemente a cabeça em negativa.

- Não.

- Dorothea, deixe que eu...

- Gabe. Não. – reafirmei, colocando uma mão em seu ombro – Isso é uma coisa que nós duas precisamos fazer sozinhas. Não insista.

Ele parecia prestes a iniciar uma nova onda de discussões, e Jane estava a um segundo de rebater com seus próprios argumentos. Meu coração palpitava tão forte que eu podia senti-lo em minha garganta. Eu ia morrer, tinha certeza disso. Em alguns minutos, Dorothea Von Evans não voltaria a ver a luz do sol.

Então atirei o maldito chapéu no chão, me aproximei de Gabe e o beijei.

Não sei por que o fiz. Talvez fosse algo que eu quisesse há muito tempo; talvez apenas quisesse saber como era a sensação de beijar alguém enquanto *Dorothi*, e não como Malena. Ou quem sabe ainda não precisasse de motivo. Um impulso. Me parecia certo.

- Adeus. – murmurei, e então lacei o braço de Jane e a arrastei para longe dali, deixando Gabe parado como uma estátua.

- O que foi isso? – Jane sussurrou, em choque.

- O último desejo de uma moribunda.

Seguimos em frente sem dizer mais nada. A cada passo que nos aproximávamos da Grande Tenda, eu sentia o ar mais e mais gelado à nossa volta – e Jane também, se seus tremores me serviam de confirmação. Estranhamente, ao invés de nos soltarmos, mantivemos os braços entrelaçados, cada vez mais juntas, até estarmos à beira da entrada. Ali estacamos, e ninguém teve coragem de avançar por pelo menos um minuto.

Eu não conseguia ver nada do lado de dentro pela abertura da frente; assim como do lado de fora, a tenda parecia feita de trevas em seu interior, como se a luz não conseguisse alcançá-la. Mas, enquanto cada gama do meu corpo implorava para que eu entrasse, minha mente berrava em alerta. Eu não sabia o que havia lá dentro, mas tinha uma certeza firme de que não podia ser nada de bom. Se eu entrasse, jamais sairia com vida.

Há um estranho conflito de valores quando se encara a morte tão abertamente. Se, por um lado, o instinto de autopreservação implora por uma fuga rápida, algo de repente parece se desligar dentro de nós. De repente, sabemos que não está mais em nossas mãos. Entregamo-nos ao destino, numa preparação psicológica para o menor sofrimento possível.

Foi com esta mistura de emoções que dei o primeiro passo e atravessei a abertura da tenda. Minhas mãos suavam, meu corpo tremia involuntariamente, e meu coração parecia a ponto de explodir com tanto medo. A eletricidade da magia em minhas veias fervia a ponto de eu sentir seu comichão familiar sob a pele. Mas, subitamente, minha consciência havia optado por desativar o medo. Entregar-se à sina, fosse ela qual fosse. Não ansiar pelo pior nem pelo melhor – apenas se permitir levar.

Entrei, com Jane em meu encalço. O interior da tenda era surpreendentemente bem iluminado, mas, ao olhar para trás, percebi que eu não conseguia enxergar o lado de fora dali melhor do que pudera ver o lado de dentro antes de entrar.

Não havia muito decorando o espaço – no chão havia sido colocada uma plataforma bastante firme de madeira, e, fora uma cama de armar que parecia nunca ter sido tocada, havia uma imensa mesa de pedra com os mais variados objetos sobre ela. Não tive tempo de notar o que eram, nem de procurar por algo mais – alguém se aproximava de nós, vindo de algum ponto à nossa esquerda.

Um medo quase primitivo se apoderou de mim quando o vi, e minhas pernas bambearam. Estava envolto num manto negro muito grosso, exatamente como eu vira nos sonhos. Era impossível ver seu rosto, mas o brilho familiar de duas esmeraldas emergia de onde deviam estar seus olhos.

Todas as minhas estruturas começaram a ruir. Cada proteção, cada barreira, se tornava pó.

Ele veio com uma leveza invejável até nós, parando no espaço que havia entre nós e a mesa. Virado na nossa direção, eu já quase conseguia discernir suas feições.

Era impossível. Não podia. Não era certo.

Meus ossos eram papel, minha alma eram cinzas, meu sangue era areia e minha mente estava em chamas.

- Minhas filhas. – Ele disse, sua mão se dirigindo à beirada do capuz que o mantinha encoberto. Sua voz era completamente diferente do que eu havia escutado em meus sonhos. Porque era real, e familiar e dolorosamente amada – Que bom que vieram.

Seu manto caiu, revelando seu rosto, e com ele eu ruí. Caí de joelhos, e a agonia que me abateu foi tamanha que, em segundos, não havia mais gritos, nem esperança, nem dor; somente a escuridão.

Delírio

Estávamos deitados, ele e eu, lado a lado na grama. Nenhuma parte dos nossos corpos se tocava, mas minha pele estava extremamente consciente da sua presença, se enchendo de arrepios e pequenos choques elétricos apenas pela ideia de tê-lo tão perto.

O céu exibia um azul espetacular, que nem as poucas nuvens que passeavam eram capazes de estragar. O sol estava tão alto e forte que me cegava, mas pela primeira vez eu não me sentia incomodada pela luz. Meus braços estavam descobertos, brilhando como pérolas. Um sorriso estava permanentemente estampado no meu rosto. Ele estava ali comigo. O que mais uma garota podia querer?

- E aquela ali, se parece com o que?

Sam cochichou baixo no meu ouvido, apontando para alguma coisa no alto. Minha atenção, contudo, já tinha sido desviada para ele. Virei a cabeça em sua direção, e o brilho inebriante do verde dos seus olhos me deixou sem fôlego por alguns segundos. Aquele sorriso parava guerras. Aquele sorriso seria capaz de me manter viva por centenas de anos a fio.

Segui seu braço até a nuvem em questão. Era redonda, com pequenas falhas na parte inferior, e diminuía consideravelmente de tamanho em uma das extremidades. Parecia...

- Uma tartaruga. – sugeri, e ele riu. Meu corpo inteiro respondeu ao seu riso, contagiado e emocionado. Eu sentia tanta falta de ouvi-lo rir.

Mas não ali. Ali, eu podia ouvi-lo rir quando quisesse. Ali, estávamos juntos para sempre.

- Sua vez. – ele disse, mas eu estava cansada da brincadeira. Me virei para ele e deixei meus olhos passearem pelo seu rosto.

Samuel Augustus Goyle – o meu Sam – estava exatamente como eu me lembrava. A pele, um pouco bronzeada, fazia coro com os cabelos bagunçados – nem castanho claros, nem louros -, lhe dando aquele ar de garoto californiano; embora eu soubesse que seu estilo tinha muito mais a ver com as horas sob o sol jogando

bola do que com mar e pranchas de surfe. Seus olhos eram tão verdes que pareciam pintados com aquarela, duas grandes esmeraldas que tornavam seu rosto impossivelmente perfeito ainda mais hipnótico. Ele usava as mesmas roupas do dia em que o conheci: bermuda preta e camiseta azul clara sem estampa. Eu tinha certeza de que, se procurasse em volta, veria a mochila que ele costumava levar pra OSD jogada ali em algum lugar.

- O que foi? – ele me perguntou, então.

- Eu senti sua falta. – sussurrei, com um meio sorriso. Tive impulso de tocá-lo, mas não o fiz; alguma coisa lá no fundo me dizia que, se eu ousasse, aquilo tudo se desfaria tão rápido quanto viera. E eu não podia arriscar.

- Não precisa mais sentir, agora. – ele respondeu, seus olhos fixos nos meus enquanto falava – Eu estou aqui com você. Podemos ficar aqui pra sempre.

Pra sempre. Parecia tempo o bastante. De repente eu não me lembrava mais por que havia sentido a falta dele, ou porque meu peito parecia tão vazio e dolorido. Não havia motivo para dor. Sam estava ali comigo. Ele era tudo o que eu queria, e era *meu*. Sempre seria meu, assim como eu sempre pertenceria a ele. Não havia o que temer.

Me inclinei para beijá-lo, o mau pressentimento se esvanecendo e dando lugar a outra coisa, um sentimento sem nome. O sorriso convidativo dele era tudo o que eu conseguia ver. Eu o queria inteiro. Éramos só nós dois. Qual o propósito de me manter afastada?

- Malena, não! – um grito me parou quando eu estava há milímetros dele. Hesitei. Me afastei.

Eu conhecia aquela voz.

- Malena! – insistiu, agora mais perto. Eu sabia quem era, mas não conseguia me lembrar do nome. Procurei fundo na minha mente, sabendo que estava lá, em algum lugar.

- MALENA!

O berro foi tão alto desta vez que pareceu cortar o ar como um raio. E então, de uma vez, eu me lembrei.

Dorothi.

Levantei-me de um salto, e, tão logo o fiz, tudo desapareceu; o sol, a grama, o céu azul e as nuvens, tudo se fora. Sam ainda estava ali comigo, graças aos céus – eu podia vê-lo se levantar com o canto do olho. O resto tinha se transformado em *nada*, por falta de palavra melhor. Estávamos de pé em algum espaço indefinido, coberto de branco em toda a sua infinita extensão. Não havia divisão entre o que era chão ou teto, nem havia paredes onde me apoiar. Era como se estivéssemos suspensos em lugar nenhum, flutuando.

Procurei em volta, tentando enxergá-la, mas, assim como o sol, o brilho daquele lugar me cegava. Ela continuava me chamando, seus gritos ecoando indefinidamente à minha volta.

- Dorothei! – eu gritei, sem saber exatamente para onde – Eu estou aqui! Dorothei!

- Malena!

- Por que você está gritando, Lena? – Sam perguntou, atrás de mim. Eu franzi o cenho para ele.

- Dorothei está aqui. Você não está ouvindo?

- Ouvindo o quê, amor? Não tem nada aí! E quem é Dorothei?

Quem é Dorothei? Por que Sam estava me perguntando isso? Ele sabia, não sabia? Eu havia dito a ele, havia contado toda a verdade. Sobre Dorothei. Sobre as bruxas.

Mas eu não tinha tempo para uma resposta agora. Eu vi a silhueta se formando muito ao longe para poder distinguir feições, mas eu sabia que era ela. Dorothei corria na nossa direção, e, conforme foi chegando mais perto, pude ver um longo vestido acinzentado, bastante parecido com os que ela usava em sua antiga vida, coberto de manchas de terra e sangue. Era a primeira vez que eu via seus cabelos cacheados completamente soltos, e eles estavam bagunçados, com pedaços de gravetos e folhas enganchadas. Seu rosto delicado, sempre retorcido na careta má e irônica que ela tinha como marca registrada, parecia feito pelo medo agora. Eu nunca vira seus olhos azuis tão apavorados.

Ela gritou alguma coisa, mas foi como se um vento inexistente tivesse carregado suas palavras para longe; eu não podia ouvi-la. O caminho dela até mim parecia não acabar nunca, ainda que ela corresse.

- O quê? – gritei, ainda mais alto do que antes. Ela tornou a falar, mas eu apenas via seus lábios se mexendo, nenhum som saindo deles.

- Lena, o que você está fazendo? – Sam insistiu, e olhei dele para Dorothei, consternada.

- Dorothei está tentando me dizer alguma coisa, Sam! – então apontei na direção dela – Ali, não está vendo?

- Não há ninguém ali, amor. Somos só nós dois, lembra? Pra sempre.

Minha boca se entreabriu, mas não consegui dizer nada. Sam estava cego, ou eu estava louca? Eu *tinha* visto Dorothei, tinha ouvido sua voz gritando o meu nome. Mas como aquilo era possível? Dorothei não existia, não de verdade – ela era só uma parasita na minha cabeça, um pedaço da minha alma, uma parcela do meu subconsciente. Talvez Sam estivesse certo; talvez eu estivesse imaginando coisas. Minha imaginação projetando algo que só eu podia escutar.

- Vamos embora. – Sam sugeriu, sorrindo, e estendeu a mão para mim. Olhei para o outro lado, para o lugar de onde eu podia jurar que tinha visto Dorothei partir. Sua silhueta ainda estava lá, mas parecia cada vez mais distante.

Já Sam... ele estava aqui. Comigo. E eu não queria, não podia suportar perdê-lo de novo.

- Malena! Não toque nele! Esse não é o Sam!

Mais uma vez, seu grito me despertou segundos antes que eu cedesse. E, por algum motivo, como se um fio invisível me puxasse, eu me afastei um passo dele.

- O que você está fazendo, Malena? – Sam me perguntou, sua voz soando profundamente magoada, ofendida até. A dor em cada sílaba era insuportável, e quase me aproximei de novo.

- Este não é o Sam, Malena! Lembre-se! Lembre-se!

- Você não é o Sam. – murmurei, e a cada palavra, aquilo se tornava mais real. O buraco em mim voltara, abrindo espaço como se sugasse todo o meu ser para dentro de si. Meu coração doía como se uma mão o esmagasse.

- O quê? – o rosto dele se retorceu numa careta de tristeza, e lágrimas lhe vieram aos olhos – Lena, sou eu! O Sam, o *seu* Sam!

- Não, você não é! – exclamei, mais alto agora. As memórias vieram tão logo minha voz saiu – Meu Sam está morto.

Oxford. A clareira. As tochas. Os ciganos. A adaga. A traição.

O Sam à minha frente – aquela cópia perfeita do garoto que eu amava – olhou para baixo e, de um ponto no alto de sua barriga, o sangue começou a brotar. Rapidamente, sua camiseta estava empapada de sangue, que pingava e escorria dele, desaparecendo sobre o branco imaculado do lugar à nossa volta.

- Você tem razão. Eu morri. – ele ergueu a cabeça, e seus olhos não eram mais verdes. Eles eram vermelhos, medonhos e frios, assim como sua expressão, maldosa como eu jamais imaginei que Sam fosse capaz de ser – Você me matou. – ele completou.

Senti algo em minhas mãos e olhei para baixo. Eu segurava uma adaga, e estava coberta de sangue. Sangue dele. Olhei de novo para Sam, e ele sorria com os dentes vermelhos e a boca ensanguentada.

- Você me matou e eu vim cobrar o preço. – ele disse, avançando um passo na minha direção.

Recuei outro, e comecei a gritar.

Uma mão apertou forte meu ombro, e só tive tempo de me virar para encarar seus grandes olhos azuis antes de, num urro, tudo à minha volta desaparecer.

-
-
-
-
-
-
-
-
-

Punição

Existem dores que a gente consegue descrever em palavras. Como daquela vez em que Bryan e eu estávamos brincando de polícia e ladrão na nossa antiga casa em Oklahoma City e eu tropecei nas escadas e torci o pé; eu chorei porque doía muito, e soube explicar pro médico exatamente o que estava sentindo. Ou quando tive pedras nos rins aos doze anos, e senti um tipo avassalador de cólica – era horrível, e eu mal conseguia me manter em qualquer posição que não deitada, mas eu sabia dar um nome ao que sentia. Eu sabia onde estava doendo, podia apontar e até dar um nível, de um a dez, como a enfermeira me pediu, pra dor que estava sentindo.

Mas há no mundo dores que não podem ser explicadas com palavras. Aquele tipo absurdo de agonia que ultrapassa qualquer barreira sã, que torna a própria existência insuportável. Eu achava que todos os meus parâmetros para dor haviam sido irremediavelmente remodelados depois de lembrar a experiência de Dorothi ao ser queimada viva, mas estava enganada. Na minha nova escala, a fogueira chegava, no máximo, até o sete.

Quando abri os olhos e me deparei com a enorme silhueta envolta num manto preto, terminando no rosto da minha alma gêmea morta... aquilo sim foi um dez.

Era impossível dizer com certeza o quê em mim doía. Não dava pra saber onde terminava a agonia e começava a loucura. Era uma mistura insana de todas as piores sensações que eu conhecia, algumas das quais eu nunca achei que fosse viver para experimentar. Eu me retorcia, tomada a cada segundo por novas ondas de sofrimento.

Minha cabeça ameaçava explodir, como se meu crânio inteiro estivesse rachado e meu cérebro pulsasse, tentando escapar. Meu corpo inteiro ardia, se incendiando de dentro para fora, e cada vez que eu ameaçava me mexer, sentia agulhadas que me impediam de sequer sonhar com qualquer movimento tão cedo. E meu peito... ah, meu peito...

A dor que eu sentira ao ver Sam morto não era nada comparada a enxergá-lo ali, de pé, bem na minha frente. Quando ele se fora – *quando eu o matara*, me corrigi, automaticamente – algo em mim havia morrido também. Eu estava entorpecida, perdida demais em meu próprio luto. Eu havia sentido, e havia sofrido, mas era um sofrimento mais plácido, em doses homeopáticas. Eu encarava o fim da linha – em breve Dorothei tomaria meu lugar, e não haveria mais dor. Eu poderia descansar.

Mas agora eu estava sozinha com meus demônios. Um demônio maravilhoso de cabelos claros, olhos verdes e um sorriso que eu conhecia melhor que o meu próprio. Mas havia algo de errado com ele. O branco de seus olhos estava vermelho, sua pele estava pálida demais e cheia de feridas, e seu sorriso era inúmeras vezes mais frio e maldoso do que Sam jamais seria capaz de produzir.

Aquele não era Sam. Era uma cópia, um suspiro, um eco. Uma aberração. Uma maldição. Meu castigo particular.

Meu coração deu uma guinada e, ao bater, espalhou veneno puro em minhas veias. A mão invisível que o prendia apertou seus dedos e fincou suas unhas, ferindo a carne, jorrando sangue, mas sem deixar vestígio. Eu queria arranhar meu corpo, furar meus olhos, arrancar minha alma; qualquer coisa que fizesse aquilo parar. Era insuportável demais, errado demais.

- Meu Senhor! – uma exclamação veio, de algum lugar à minha direita. Eu não conseguia ver, mas podia escutar Kathi Jonas (ou melhor, Jane Von Evans) caindo de joelhos – Meu Senhor, é uma honra!

Ele não respondeu. Eu podia entrever, pelos meus olhos inundados de lágrimas, que Ele continuava me olhando. Me contorci para tentar fazer a dor parar.

- Senhor, eu o procurei tanto! – ela continuou, em tom de súplica – Eu dediquei a minha vida para trazê-Lo de volta! Não imagina o quanto sou grata por ter me trazido de volta a este mundo para que eu pudesse ter a honra de...

- Cale-se! – ordenou, e o trovão de seu tom lembrou-me mais uma vez que aquele não era meu Sam. Ele jamais falaria daquele jeito com ninguém. Aquela voz não era dele. Aquela *não era ele*.

Houve um silêncio sepulcral em que eu tentei, com todas as forças que me restavam e o pouquinho de consciência que eu ainda mantinha, me agarrar na certeza de que aquele não era ele. Não era Sam. Era um monstro, uma imundície, o portador do apocalipse.

Ele se inclinou sobre mim por um segundo longo demais, e então, com um breve movimento de sua mão encoberta, fez com que eu me erguesse bruscamente no ar e ficasse ereta, os pés flutuando a poucos centímetros do chão.

- Eu poderia acabar com a sua dor, sabia? – me disse, chegando um passo perto demais. Seu hálito cheirava a morte e sua voz me causava tremores incontroláveis. Era o mesmo timbre de Sam, mas havia algo mais.

Escuridão.

- Eu poderia tirar todos estes sentimentos de você. Você pode se juntar a mim, se quiser. – continuou, me circulando, os olhos me avaliando como se eu fosse um manequim numa vitrine – Eu conheço cada um dos meus filhos e filhas, sabia, Dorothei? Ou devo chamá-la de Malena? – Ele hesitou por alguns segundos, mas então prosseguiu sem esperar resposta – Eu a conheço melhor do que você imagina. Sua alma me pertence. E eu vejo nela um potencial infinito... se você se permitir usá-lo.

Ele parou diante de mim, e fixou os olhos nos meus, tocando de leve minhas têmporas com os indicadores. Imediatamente, inclinei a cabeça para trás, inebriada pelas imagens que, eu sabia, ele estava me forçando a assistir.

Eu e Ele, lado a lado, liderando uma multidão de bruxos. Invadindo lares. Recrutando. Ascendendo ao poder. O corpo de Sam colado ao meu, num beijo forte, passional.

Gritei, com todo o ar que consegui reunir, e expulsei aquelas imagens da minha mente. Ele se afastou, e eu vi a tenda tremer à nossa volta. Para a minha surpresa, ele riu.

- O que é que você deseja, Malena? – perguntou-me, e o brilho da ambição ocultou quaisquer resquícios do Sam que eu conhecia naqueles olhos - Riqueza? Vingança? Poder? Diga, e você terá. Tudo o que precisa fazer é se ajoelhar diante de mim.

- Você já pegou tudo o que eu poderia querer. – respondi, cuspiendo no chão.

- Oh, isso? – Ele apontou para si mesmo - É só carne. Um pedaço irônico de carne. Você não iria querê-lo. E quanto a sua família? Aposto que você gostaria de mantê-los em segurança. Junte-se a nós e eles viverão seguros, alheios a tudo isso.

- Nunca!

O brilho em seus olhos se foi e, por apenas um segundo, ele pareceu ofendido. Magoado, até.

- Minha adorável criança, eu poderia usar o seu poder. Mas eu não irei obrigá-la. Você tem livre arbítrio, sabe? Todos os meus filhos têm. – balançou a cabeça, e, após um breve suspiro, seu tom mudou completamente - Ainda assim, eu devo puni-la por suas escolhas erradas.

Desabei no chão como uma boneca de pano, fazendo todos os meus músculos latejarem com o impacto. Minha cabeça, já em chamas, explodiu em fagulhas de dor quando bateu com força no chão. Eu mal conseguia enxergá-lo entre a tontura quando vi a silhueta de seu braço se erguendo sobre mim.

- Por meu direito, eu a Deserdo.

Senti meu torso ser puxado para cima, fazendo meu corpo arquear num ângulo dolorosamente impossível. Todo o ar foi roubado dos meus pulmões, e eu podia jurar que meu coração havia parado de bater. Todo o meu ser gritava por oxigênio, minha consciência vacilando. A dor era tamanha que, em algum ponto, deixei de senti-la. Já estava desacordada quando voltei a cair.

Acordei sentindo a cabeça dolorida, e o corpo extremamente vazio. Não aquele vazio que a gente sente quando está com fome, um tipo de eco do seu corpo exigindo por algo que o sustente; mais um vazio existencial, que mantém pessoas acordadas durante a noite, que permeia as clínicas de psicologia. Um vazio tão intenso, tão profundo, que me dava vontade de afundar o rosto em minhas mãos e chorar por horas a fio.

Abri os olhos, e observei o meu entorno sem me mexer. Eu estava numa espécie de cercado delimitado por madeiras altas, e

não havia luz suficiente para que eu determinasse o horário. Inspirei profundamente, mas era como se o ar não chegasse aos meus pulmões; meu peito não se enchia, meu sangue não parecia correr, meu corpo não respondia da maneira correta.

Eu estava sentada numa posição extremamente desconfortável, então decidi me ajeitar. Me inclinei para frente, e um puxão forte no meu pescoço fez minha respiração vacilar. Tentei erguer as mãos para tocar o que quer que estivesse me contendo, mas descobri que elas também estavam presas, contidas por correntes – as mesmas que, aparentemente, se ligavam àquela *coisa* no meu pescoço.

Eu estava enjaulada. Estava acorrentada. Que inferno, tinha uma *coleira no meu pescoço*, como se eu fosse algum tipo de animal. Mas eu podia me soltar. Eu era uma bruxa. Ferro não era nada pra mim.

Me concentrei. Eu tinha lembranças vagas de Dorothei testando um exercício de concentração, e de uma garota de cabelos coloridos lhe dando a dica crucial para que ele funcionasse. Pense nos fins, e não nos meios. Eu precisava me soltar para matar o Senhor das Almas. Eu precisava me soltar para vingar Sam e libertar seu corpo.

Mas nada aconteceu. Eu sabia, lá no fundo, que não teria nenhum resultado, mas estava em negação; continuei tentando. Me concentrei, preendi o ar até que minhas veias saltassem e meu rosto ameaçasse ficar roxo. Então grossas lágrimas rolaram dos meus olhos, e aquele vazio pareceu devorar as minhas entranhas.

Minha magia se fora. Eu estava Deserdada.

Por apenas um segundo, desejei ainda sentir a dor que havia sentido quando vira o Senhor das Almas possuindo o corpo de Sam. Porque sentir dor, ainda que uma dor insuportável, era melhor do que não sentir nada. A dor te enlouquece, te faz sofrer, mas ela também te conforta – enquanto sentimos dor, há a certeza de que estamos vivos. O vazio era a pior forma de tortura, pois, não tendo nenhum sentimento físico em que me agarrar, eu já não sabia mais de que lado do véu estava.

Por aquele longo, horroroso minuto, desejei estar morta.

Controle-se.

A voz dela me assustou e me trouxe de volta à vida. Eu quase ri de tanto alívio.

- Dorothei, você está aí?

Estou. De volta aos velhos tempos, então?

Aquela maldita. Aquela maldita bruxa asquerosa...

Eu posso ouvir quando você pensa, sabe? Gostaria de reiterar que eu a mantive viva por alguns meses. Gratidão é o mínimo que você pode me oferecer.

- Eu achei que eu tinha te perdido! – gritei, mesmo sabendo que não precisava dizer nada para que ela me ouvisse. O som da minha própria voz me trazia um tipo de segurança. E eu precisava mais do que nunca me sentir segura.

Jane está aí com você?

Olhei em volta, o melhor que podia com aquela coleira ridícula limitando cada movimento meu. Até onde eu podia ver, eu era a única presa ali, mas minha visão estava cheia de pontos cegos. Controlei meu choro e tentei ficar em silêncio para escutar, mas, afora as vozes e o barulho ao longe, eu não ouvia mais nada.

- Isso é um mau sinal? – perguntei, ao mesmo tempo tentando imaginar onde ela poderia estar. Eu via os pensamentos de Dorothei misturados aos meus, quase em sincronia. Enquanto eu imaginava as várias possibilidades de morte e tortura, ela apelava para o lado menos pessimista, imaginando algo parecido com um pedido de desculpas. Visualizando Jane servindo ao Senhor das Almas.

Eu não sei, ela disse, finalmente, sua voz soando como um suspiro cansado. *Jane é uma serva fiel, talvez Ele tenha sido misericordioso.*

- Eu duvido seriamente.

Fizemos silêncio por longos minutos. Fiz um esforço para olhar para cima e vi que minha cela me dava uma boa vista do céu – pelos tons laranja-avermelhados, o sol já estava se pondo. Fechei os olhos, e de repente a mente de Dorothei – *nossa* mente – foi inundada por lembranças de um passado recente do qual eu me lembrava, mas não havia vivido.

Famílias inteiras. Longas caminhadas. Aquela moça de cabelos coloridos e seu enorme chapéu que nos protegera do sol. O casal de

irmãos de aparência assustadora. A peregrinação. Toy. Por fim, seu pensamento demorou-se num rosto, em conversas mudas, num beijo.

Senti meu rosto corar. *Eu* tinha feito aquilo. Quero dizer, Dorothi o fizera, mas era o *meu* corpo.

E, pelo leve tremor que senti quando me lembrei, meu corpo havia gostado.

Onde será que Toy está agora?, Dorothi indagou, claramente tentando desviar o foco da minha atenção.

Engoli em seco diante deste novo pensamento. A lembrança da breve despedida dos dois ainda estava fresca na minha memória. Eu nunca havia dito nada a Toy. Eu simplesmente me permiti desaparecer, sem dar adeus a ninguém.

Meus pais. Meus irmãos. Frida. Oh, meu Deus, Linda. Eu havia sido tão egoísta que me retirara em minha própria dor, esquecendo que os outros precisariam de mim. Yara precisara de mim mais do que nunca e eu não estava lá. Minha família devia estar louca pelo meu paradeiro, e eu havia fugido, à noite, como uma criminosa. Em que tipo de pessoa eu havia me tornado?

Não se culpe, a voz de Dorothi soou muito suave no fundo da minha mente. Gentil, eu me arriscaria a dizer. *Você precisava fazer isso. Não era de ajuda nenhuma no estado em que estava.*

Ela puxou da nossa memória meus dias após a morte de Sam. A letargia, o silêncio, as horas em claro remoendo e me punindo, calada. Rever tudo aquilo como um filme trouxe uma nova onda de pensamentos ruins, e um gosto amargo à minha boca. Perder Sam tinha sido...

Eu sei, foi tudo o que ela disse, e eu percebi, enfim, que Dorothi era a única que conseguiria me entender – ainda que, no fundo, ela não entendesse, não por completo. Ela jamais havia amado alguém como eu amava Sam, mas nós éramos uma. Nossa alma e a dele tinham um destino em comum que atravessava eras. Ela sentia tanto quanto eu, ainda que não compreendesse.

Nós vamos dar um jeito nisso, Dorothi me assegurou, ainda que eu não sentisse muita firmeza em sua voz. Era estranho isso, Dorothi como a figura reconfortante. Eu sequer conseguia imaginá-la em

toda a imponência que seu rosto sempre parecia ostentar, tentando fazer o papel de porto seguro de alguém. Mas, de alguma forma, eu acreditava nela. Confiava nela. *Vamos sair vivas disso, eu e você. E vamos mandar aquele desgraçado de volta pros braços do diabo em pessoa.*

Eu ri, e aquele vazio começou a diminuir de intensidade. Ajeitei-me o melhor que pude com todas aquelas correntes, e encarei o céu, cada vez mais escuro, já começando a ficar salpicado de estrelas.

- Dorothi?

Sim?

- Estou feliz que você esteja aqui.

Eu também, Malena. Eu também.

Não sabia ao certo quantas horas haviam se passado quando recebi um cutucão forte nas costelas e abri os olhos, despertando de um sono inquieto. Meu estômago se contorcia de fome e minha bexiga estava tão cheia que ameaçava explodir.

Encontrei olhos ameaçadores rosnando para mim. O homem era alto – o maior que eu já havia visto, com talvez uns dois metros de altura – e largo como um armário. Ele era pálido e careca, os olhos minúsculos parecendo duas fendas negras no rosto imenso. Percebi que ele havia me chutado com a ponta do pé, e que o faria de novo caso eu não apresentasse alguma reação. Tentei me erguer, mas fui forçada para baixo pelas correntes.

- Você vai para o rio agora. – ele disse. Não uma pergunta, não um pedido; uma ordem – Vou soltar as suas correntes. Se tentar qualquer gracinha, eu esmago o seu crânio com as minhas mãos. Entendido?

Cristalino. Assustada, fiz que sim com a cabeça e esperei enquanto ele me soltava.

O rio era um bom sinal. O rio significava que eu poderia beber água, me banhar – até me aliviar, por mais nojento que aquilo parecesse. Eu gostava da ideia de ir para o rio.

Me levantei com muita dificuldade, sentindo cada osso e músculo enrijecido estalar e reclamar conforme eu me movimentava.

Ele indicou que eu seguisse na frente, embora eu não soubesse bem para onde ir. Andei, incerta, e ele foi me indicando o caminho com gestos e palavras nada gentis.

Era começo da manhã, mas muita gente já estava de pé, se espreguiçando e conversando do lado de fora de suas barracas. Desfilamos pelo acampamento, e, a cada passo, eu podia sentir os olhares pesados que se dirigiam a mim. Na minha cabeça, eu ouvia Dorothi gritar *o que vocês estão olhando, seus imundos?*, mas não ousei dizer nada. Baixei a cabeça e encarei meus pés descalços, tentando não pensar no quanto o contato direto com a terra e os pedregulhos os fazia doer.

A caminhada até o maldito rio pareceu durar uma hora. Quando, por fim, chegamos, percebi que aquela viagem não havia sido uma gentileza estendida a uma prisioneira. Havia baldes de madeira, sabão, e uma pilha ridiculamente grande de roupas sujas na margem. Não precisei pensar muito para descobrir qual seria a minha tarefa.

Lavadeira. Dorothi Von Evans, a lavadeira.

- Pode começar. – o grandalhão disse, me empurrando com força em direção às roupas. Cambaleei e quase dei de cara no chão.

- Posso ao menos tomar um banho rápido? – perguntei, não ousando erguer a cabeça, nem mesmo o olhar. A resposta dele demorou um minuto muito longo para vir.

- Você tem um minuto.

Um minuto bastava. Em passos rápidos, pulei na beirada do rio e mergulhei, de roupa e tudo. Foi um minuto precioso. Nunca me senti tão limpa e tão suja ao mesmo tempo. Era o mais baixo que eu jamais imaginei que poderia chegar.

Quando saí, o sol já estava quente o bastante para que eu não tremesse de frio pela brisa em contato com a minha pele molhada. Tentei com todas as forças não pensar no sol, e em todos os danos horrendos que ele causaria à minha pele. Me concentrei nas roupas, no sabão e no balde, mas principalmente no homem enorme me vigiando, pronto para apertar suas enormes mãos em volta da minha cabeça ao menor sinal de ousadia.

Não sei precisar quantas horas fiquei ali. O suficiente pra que o calor se tornasse quase insuportável. Mais que o bastante para que minhas mãos ardessem. Conforme lavava as roupas, eu as colocava dentro de um segundo balde, trazido por alguém cujo rosto não vi, e as roupas molhadas eram levadas para secar. O processo repetiu-se dezenas de vezes.

Minhas costas estavam doendo e minhas pernas já estavam dormentes da posição desprivilegiada quando, enfim, acabei. Sem nenhuma cortesia, o grandalhão mandou que eu levantasse e me guiou de volta à minha cela. Mas dessa vez, quando cheguei, ela não estava vazia.

- Jane! – exclamei, assim que a vi. Ela estava encolhida num canto à sombra, e fez menção de vir até mim, mas estava presa pelos tornozelos. Lançou uma expressão de puro desagrado para o careca enquanto ele me acorrentava, desta vez deixando braços e pescoço felizmente livres. Não entendi muito bem o propósito de nos prenderem, pra começo de conversa; não é como se qualquer uma de nós pudesse chegar muito longe sem sermos pegas.

Ele saiu sem dizer uma palavra, e eu estiquei todo meu corpo na direção de Jane. Ela fez o melhor que pôde, mas só conseguimos entrelaçar uns dedos antes de o esforço levar a melhor e nós nos acuarmos de volta. Jane estava horrível – o cabelo erguido num nó embaraçado no topo da cabeça, a roupa imunda e rasgada em diversos pontos. Ela claramente não tivera a mesma chance que eu de dar um mergulho no rio.

- Onde você esteve? Quando acordei não te vi aqui!

- Me tiraram daqui muito cedo, antes mesmo de amanhecer. – ela disse, a voz soando surpreendentemente fraca e trêmula – Cozinhei para todos eles. *Todos eles, sozinha*. E não me deram nada pra comer, dá pra acreditar?

Meu estômago roncou em concordância, e, embora Dorothi estivesse rindo por dentro à imagem de uma Jane de avental, com a barriga no fogão, eu senti pena dela. Éramos escravas, nós duas. Não havia nada risível naquela situação.

- E você? – ela quis saber, e eu suspirei.

- Lavando roupa. – respondi, fingindo um dar de ombros – Não seria tão mal se não fosse esse calor insuportável. Mas acho que poderia ser pior, certo?

- Oh, será. – Jane balançou a cabeça, emitindo um riso baixo e agourento – Será muito pior, acredite em mim.

Um arrepio me percorreu toda a espinha, e abracei os joelhos, subitamente me sentindo muito gelada em pleno verão. Algo me dizia que Jane estava certa.

Nenhuma de nós comeu naquele dia. Muitas horas mais tarde, o grandalhão que havia me escoltado até o rio nos trouxe duas garrafas de água de aparência duvidosa, que eu bebi sem pestanejar, e essa foi toda a caridade que nos estenderam. Meu estômago desistiu de roncar quando já estava anoitecendo; parecia que ele já estava resolvido a poupar forças.

A cantoria enchia o ar e tornava o meu descanso impossível. Consegui me deitar no chão duro de terra batida, e encarei o céu sem nenhuma perspectiva de esperança. O que estaria acontecendo do lado de fora? O que será que aconteceria *conosco*?

Não sei dizer a que horas exatamente o grandalhão voltou. Se eu esperava ver comida, estava enganada; sua visita foi apenas para desacorrentar Jane e levá-la, debaixo de protestos murmurados com uma veemência perigosa, para fazer sabe-se lá o quê àquela hora. Continuei deitada, silenciosamente agradecendo por não ter sido eu – em seguida me repreendi por ser tão egoísta. E então me arrependi de novo: o que eu sequer devia à maldita da Jane? Antes ela do que eu, disso eu tinha certeza.

- Dorothei?

O som da voz familiar fez meu coração acelerar e sentei tão rápido que minha cabeça girou. Procurei em todos os lados, mas era difícil enxergá-lo no escuro. Foi só quando seus grandes olhos amarelos se iluminaram feito duas lanternas que eu consegui localizá-lo, vindo na minha direção.

- Toy! – exclamei, um pouco mais alto do que deveria, e rapidamente tampei a boca com uma mão imunda e trêmula – Você está bem! – sussurrei.

Dorothi não disse nada, mas suas emoções me inundaram a ponto de me fazer chorar. Me estiquei até alcançá-lo, e o abracei tão forte que ele precisou miar, irritado, no meu ouvido para que eu o soltasse.

- Eu estou bem, Dorothi. – ele disse, quando enfim se desvencilhou – E pretendo continuar assim, se me permitir respirar.

- Sou eu, Toy. – falei, baixinho – Malena.

- Oh.

Toy ficou em silêncio por um tempo muito longo. A pontinha de rejeição que senti enquanto ele me encarou só foi superada pela compreensão; por maior que minha conexão com Toy fosse, ele e Dorothi tinham uma história juntos, uma vida inteira de amizade. Ele a perdera repetidas vezes, e agora novamente. Eu não tinha o direito de me ofender por isso.

- Suponho, então, que você já saiba. – Toy disse, por fim, sentando-se perto o bastante para que eu pudesse afagá-lo com cuidado. Felizmente, ele não se desviou do contato.

- Sim. – murmurei, e a bola enorme que se formava em minha garganta toda vez que eu me lembrava voltou com tamanha força que não consegui respirar por alguns segundos. Cada gole de ar me exigiu um esforço incomensurável.

- Sinto muito, Malena. – ele fez uma pausa, e então perguntou, não deixando transparecer qualquer emoção – Dorothi ainda está aí?

Eu sorri, mais por um impulso dela dentro de mim do que por vontade própria.

- Estou. – respondi, com um suspiro – Digo, ela está. Mais acordada e irritante do que nunca.

Nada engraçado, eu a escutei em minha mente, quase me fazendo rir.

Aquilo pareceu tranquilizá-lo. Toy passou, então, a me narrar seus últimos dias, desde que eu e Jane havíamos entrado na Grande Tenda. Ele havia se escondido entre as crianças, seguindo com a estratégia de, em suas próprias palavras, “bancar o bichinho de estimação das pestes” para garantir sua sobrevivência. Ele havia me avistado perto do rio naquele dia, mas não achava prudente se

aproximar. Olhei para minhas próprias mãos, assadas e quebradiças, e soltei uma exclamação frustrada.

- Nunca mais quero lavar roupa na vida. – murmurei, e Toy balançou sua cabecinha de um lado para o outro.

- Não reclamaria, se fosse você. – ele disse. Soltei um suspiro de exaustão, me rendendo.

- Eu sei. Jane disse que vai ser muito pior, e acho que ela tem razão.

- Pode apostar que tem. Jane daria qualquer coisa para trocar de lugar com você agora.

Aquilo me deixou alerta novamente.

- Por que diz isso?

Ele não respondeu. Toy tentou se levantar, mas eu o segurei pela cauda, fazendo com que ele abrisse a boca num miado ameaçador para mim.

- Toy! Me diga, do que você está falando? O que estão fazendo com Jane?

- É madrugada, Malena. Jane é uma garota bonita, mesmo agora. – ele fez uma pausa, deixando que as informações assentassem – Me diga você o que acha que estão fazendo com ela.

Mesmo não tendo comido nada o dia inteiro, vomitei.

Jane não falou uma só palavra quando voltou ao cativeiro, na manhã seguinte. Acordei bem a tempo de vê-la sendo jogada para dentro da cela, como um saco de lixo, fraca demais para fazer sua própria vontade. Seus braços estavam amarrados nas costas, e sua aparência era infinitamente pior do que da última vez que eu a vira. Agora, além de imunda, ela também estava ferida – havia sangue seco nas roupas e grandes roxos cobrindo seu rosto e seus braços.

Tentei alcançá-la, ajudá-la, mas ela me dirigiu o mesmo olhar de desprezo que havia lançado ao grandalhão que a empurrara para dentro. Cuspiu sangue no chão e se encolheu num canto, virando o rosto pra longe de mim. Ignorando completamente o nosso passado, me permiti sentir pena dela como jamais havia sentido de nenhuma outra pessoa. Nenhum crime jamais mereceria ser tratado com esse tipo de punição.

Ninguém nos incomodou no dia seguinte. Quando já anoitecia, o mesmo cara que vinha “cuidando” de nós apareceu com duas canecas de água e uma refeição parca, que ele atirou no chão sem cerimônia. Me vi abaixando, desesperada, e pegando a comida da terra com os dedos imundos, sem me importar com a sujeira. Jane não se mexeu. Quando tentei fazê-la comer, ela virou o rosto e pude perceber, pelo jeito como travava o maxilar, que estava tentando não chorar.

Passsei o dia indo e vindo de um sono inquieto. Dorothei e eu travávamos uma conversa sem diálogos, em pensamentos e imagens. Ela me recontava, memória após memória, os dias que eu havia perdido desde que havia cedido lugar para ela, e eu respondia com imagens de como eu gostaria que cada uma daquelas pessoas estivesse agora. Papai, mamãe, meus irmãos, Yara, Frida. Até mesmo com os bruxos que Dorothei havia conhecido eu me preocupava. Pensar neles me fazia esquecer por um segundo minha própria miséria.

Mas então a noite caiu, e acordei com os gritos de Jane. Me sentei num átimo, a tempo de vê-la se debater contra os braços enormes do careca, que tentava levá-la Deus sabe pra onde, pra fazer sabe-se lá o quê. Minha garganta fechou, e eu reagi sem pensar, tentando alcançá-la e me lançando na direção dela. Nossas mãos se encontraram, mas as correntes que me prendiam pelos pés me forçaram para baixo e eu cai de bruços no chão, esfolando o queixo e perdendo completamente o ar no processo.

Jane se agarrou aos meus pulsos, e eu, ignorando a dor, tentei fazer peso para mantê-la comigo. Mas jamais seríamos páreo pra um cara daquele tamanho – tudo o que ele precisou fazer para se livrar de mim foi me chutar com um pé enorme, bem na boca do estômago, e segurar a garganta de Jane com uma mão tão firme que nenhuma de nós teve escolha a não ser soltar a outra. Ela se foi, e eu fiquei, encolhida, sentindo gosto de cobre na boca e uma dor inimaginável na barriga, tentando recobrar o fôlego.

Uma imagem me invadiu, então. Não, não uma imagem; uma lembrança. Uma lembrança de Dorothei.

Estávamos em algum lugar muito escuro e frio. Pela posição em que eu observava as coisas, percebi que Dorothi devia ser ainda muito nova na época em que aquilo havia acontecido. Estávamos entrando por uma porta de madeira, sendo puxadas por alguém. Murmúrios nos quais eu não prestava atenção me indicavam que devia haver pelo menos mais três pessoas comigo; três das irmãs Von Evans mais velhas, eu imaginava. Uma delas – Jane - nos colocou num canto próximo à porta com uma boneca de pano na mão e fez sinal pra que ficássemos em silêncio.

Tudo aconteceu muito rápido, então. Fomos surpreendidas por um homem de aparência cadavérica, segurando uma vela numa mão e um enorme pedaço de madeira na outra. Ele dizia alguma coisa, mas eu não conseguia entender – a memória era muito antiga e imprecisa, como tentar escutar uma única voz falando comigo há centenas de quilômetros de distância. Eu o vi bater em Jane, e jogá-la no chão, ajoelhando-se sobre ela. Uma das irmãs gritou para que a outra me tirasse dali, mas já era tarde. Estava acontecendo.

- O que é isso? – indaguei, horrorizada. Minha voz mal saía, tomada pelo medo, do presente e do passado.

Dorothi levou muito tempo pra me responder. Quando o fez, foi lentamente, revivendo a lembrança em revés, quadro a quadro.

Já aconteceu antes, ela disse, num murmúrio. Ela acha que não, mas eu me lembro. Eu era muito pequena e estávamos sem comida. Fomos roubar de uma casa, e o dono acordou. Jane ficou no caminho para nos proteger e...

Sua voz sumiu, mas as imagens continuaram ao ponto de eu precisar forçar para que parassem. Nenhuma de nós falou por muito tempo depois disso. Parecia não haver nada a dizer.

Jane mudou desde então, Dorothi prosseguiu. Seu ódio pelos humanos era maior do que qualquer coisa. Ela falava de como tudo seria diferente quando o nosso senhor se levantasse... Ah, as ironias da vida.

- Acho que ela sempre se imaginou do lado vencedor.

Todos sempre sonhamos com o melhor nos piores momentos. Se eu a conheço bem, deve estar planejando dezenas de jeitos de matar qualquer um que a tenha tocado.

- Eu gostaria que ela conseguisse.

Eu também. Ambas sabíamos que esse desejo jamais se tornaria verdade.

- Ela o matou? – perguntei, de repente – O homem do vilarejo?

Oh, sim. Dorothi soltou um risinho fraco. *Ela fez com que ele se arrependesse amargamente. Assassinou os dois filhos do homem diante dos olhos dele antes de matá-lo. Foi a primeira vez que Jane sujou as mãos com sangue.*

Ao contrário do que eu esperava, a revelação não me trouxe nenhum tipo de conforto ou alívio – só fez com que meu estômago desse uma nova cambalhota, embrulhando-o ainda mais.

Talvez, pensei, Jane tivesse se tornado uma pessoa boa, não fossem as desgraças que lhe acometeram a vida. Talvez, não fosse aquele primeiro monstro, nenhuma de nós tivesse que estar ali agora.

Malena.

Ouvi sua voz num sussurro. Poderia ser um sonho, supus, mas eu já não sonhava mais. Meu sono era inquieto demais pra isso. Mas eu não poderia ouvir sua voz de outra maneira.

Malena, acorde.

Ele estava implorando. E eu sentia o mundo mexer. Mas que diabos?

- Malena, por favor, por favor.

Acordei e encontrei duas esmeraldas enormes olhando para mim, a poucos centímetros do meu rosto. Meus pensamentos voaram tão rápido que fui do êxito à desgraça em meros segundos.

Sam, foi meu primeiro pensamento.

E então...

- Shh, shhh! – ele cobriu minha boca com uma mão quente, familiar – Não grita, Lena, Lena, por favor, não grita! Sou eu!

Lena. Ele me chamou de... Lena.

Ele piscou os olhos para mim. Ainda usava o manto preto enorme, mas a cabeça estava descoberta, e havia algo... diferente em seus olhos. Um brilho, algo que não estava lá da última vez. Lentamente, ele tirou a mão, e eu lutei pra encontrar a minha voz.

- Sam? – murmurei.

E então ele sorriu – um sorriso de Sam. Caloroso, familiar. E, pela primeira vez em muitos dias, as lágrimas que vieram eram de felicidade.

- Como... como você...?

- Eu não sei, eu... – suas palavras se perderam, e o silêncio estático foi quebrado quando ele me abraçou com toda a força.

Enterrei meu rosto em seu ombro e deixei que meus braços o agarrassem com a pouca força que ainda me restava. Sam cheirava a sujeira e suor e algo pútrido, mas não importava; era o *meu* Sam, minha alma gêmea, ali nos meus braços de novo. Me peguei murmurando o meu amor e chorando toda a saudade, enquanto sentia meu peito se encher como há muito não fazia.

Malena... Dorothi soou em minha mente como um alerta. Pela primeira vez, contudo, eu consegui ignorá-la, calá-la até.

É ele, Dorothi. Eu sei que é, respondi, em silêncio. Ela não falou mais nada.

- Eu vou te tirar daqui! – ele disse, finalmente, e puxou as minhas correntes de maneira inútil.

- Sam. Sam! – esperei até que me olhasse, e então continuei – Você tem a magia... *Dele*. Não precisa usar as mãos pra me soltar.

Ele soltou a corrente e olhou para si mesmo, confuso.

- Mas como eu faço isso?

- Concentre-se. – levei os dedos aos olhos dele, fazendo com que se fechassem – Está em você. Concentre-se e sinta.

Sam ficou quieto, a expressão muito concentrada. Um longo minuto se passou, e então pude ouvir o barulho suave de um elo se rompendo. Quando olhei para baixo, estava livre.

Nós dois sorrimos, e então Sam me ajudou a levantar. Sem poder me controlar, eu o abracei de novo. Achei que nunca mais fosse soltá-lo. Mas foi ele quem se libertou de mim.

- Nós temos que sair daqui. Agora. – falou, segurando as minhas mãos.

- Mas... Jane, ela..

- Quem? – então balançou a cabeça veementemente – Lena, a gente precisa correr, ok? Descobrir o que fazer, e então podemos

voltar e ajudá-la. Mas não agora. Por favor, temos que ser rápidos.

Ele fez menção de sair, mas eu hesitei, por apenas um segundo muito longo. Olhei pra cela vazia, pro prato de comida ainda intacto que Jane havia recusado o dia todo. Pensei nela e nos gritos, e em como ela provavelmente morreria ali. Eu não podia ajudá-la se estivesse presa, mas também não me sentia bem deixando-a para trás.

Então olhei para Sam, pro seu rosto ansioso, pros olhos que eu havia tanto sonhado reencontrar. E decidi, naquele segundo, que não o perderia de novo. Dei a mão para ele e, juntos, saímos.

Não havia ninguém guardando a cela de madeira. Percebi que estávamos ligeiramente afastados do acampamento, o bastante para que pudéssemos contorná-lo, mas talvez não o suficiente para não sermos vistos. Sam parou do lado de fora, e percebi que ele, assim como eu, estava pensando pra onde deveríamos ir.

- Sam, você conhece esse lugar. – falei, em voz baixa, mas com urgência – Você tem as memórias Dele. É só pensar.

- Eu não sei como fazer isso!

- É só procurar na sua memória. Você consegue.

Ele não me parecia nada confiante, mas fechou os olhos, ocasionalmente espiando de um lado para o outro. Uma vida inteira pareceu se passar enquanto ficamos ali, parados, eu antecipando o perigo a cada segundo. Por fim, ele me puxou novamente pela mão e começamos a correr.

Mas, para o meu desespero, corremos *em direção* ao acampamento, e não para longe dele.

- Sam, o que está fazendo? – eu quase gritei, mas ele não me deu atenção. Continuou seguindo, me arrastando com ele – Sam?

Estávamos perto agora, já alcançando as primeiras barracas. Era cedo o bastante pra que muitos ainda estivessem de pé, do lado de fora. Ninguém estranhou quando nos viram passar – imagino que todos àquela altura já o reconhecessem como seu Senhor. Aquilo, contudo, não me deixou mais tranquila; do contrário, só piorou minha desconfiança. Tentei fazer com que ele parasse, com que soltasse a minha mão, mas Sam não olhava para trás nem diminuía

o aperto com que me segurava. Eu só podia confiar. Mas algo me dizia que não devia.

A insegurança piorou quando percebi que Sam estava me levando diretamente para uma tenda. Uma tenda dourada, que parecia brilhar mesmo à noite. Uma tenda que ainda assombrava os meus piores pesadelos.

- Malena, Malena. – eu o ouvi dizendo, no timbre distorcido que meu Sam jamais usaria – Ou deveria chamá-la de *Lena*? – e então riu – Oh, você já devia saber a essa altura que não deve confiar em qualquer rostinho bonito. Especialmente, não num que esteja *morto*.

- Me solte!

- Ora, vamos, se fazendo de difícil agora? Há um minuto você daria qualquer coisa para vir comigo. Deixe de se fazer de durona.

Puxei e fiz força para tentar libertar meu braço, inutilmente. Tentei fincar os pés na terra para detê-lo, mas o melhor que consegui foi tropeçar em mim mesma e ser arrastada pelos metros que faltavam, sem que ele desse a mínima atenção. Minhas pernas já estavam irremediavelmente esfoladas quando, num tranco, ele me jogou para frente, e rolei em cambalhotas desajeitadas até parar, num solavanco, trombando em alguma coisa.

Ou melhor, em *alguém*.

- Minha pobre criança. – Shiny disse, em seu familiar tom ameno, sua voz tão sonora e atraente quanto sempre. Ela tilintou quando se abaixou para me tocar, as pulseiras em seu braço balançando com o movimento. Estava tão maravilhosamente perigosa quanto sempre, mas agora não havia olhar gentil que me enganasse, nem feitiço capaz de me seduzir – O que fizeram com você?

Sentença

- Você estava certa, Shiny. – Ele disse, e o jeito como pronunciava cada sílaba me dava vontade de vomitar. Aqueles lábios jamais deveriam dizer uma palavra tão amaldiçoada quanto o nome dela. Tudo naquela cena estava errado.

Eu estava errada. Tão irremediavelmente errada.

Eu diria que te avisei, mas infelizmente você não me permitiu o benefício da dúvida, Dorothi disse em minha mente, fazendo piorar o meu mal estar. Se pudesse voltar o relógio para trás e repensar aquele único momento, o faria. Eu a ouviria. Devia tê-lo feito.

- Devíamos ter apostado quanto tempo levaria. – o Senhor continuou, remexendo em algumas coisas dispostas sobre uma pequena estante de armação de ferro – Embora eu creia que teria perdido para você.

- Nós nos conhecemos de outras eras. – ela replicou, o sorriso ferino faiscando – Elas podem não acreditar, mas Malena e Dorothi não são assim tão diferentes. Ambas estão tão desesperadas para serem amadas que acreditariam em qualquer coisa, se humilhariam a qualquer ponto...

Vaca maldita!

O descontrole de Dorothi foi evidente demais para ser ignorado, e só percebi que havia repetido em voz alta o que ouvir em minha cabeça quando já era tarde demais.

O silêncio perdurou por um longo minuto, antes que o choque de Shiny se desfizesse numa gargalhada. Seu riso era delicioso como o som da chuva batendo à noite no telhado, confortante e tranquilo, mas ameaçador à medida que sua intensidade crescia. Então percebi que sua risada era tão perigosa quanto a expressão permanentemente dura do Senhor das Almas ao seu lado.

- Vocês duas, meninas... – começou a dizer, lentamente, os dedos longos e cercados de anéis envolvendo as minhas bochechas – Tão corajosas com palavras, tão inúteis nas atitudes. Foi um erro vir até aqui. Se tivesse ficado no seu vilarejinho, teria alguns dias

de paz com a sua família humana, antes que chegássemos até vocês.

O meu olhar paralisado deve ter entregado todo o meu alarme, pois a careta assustadoramente sorridente de Shiny aumentou, e seus dedos se apertaram ainda mais nas minhas maçãs do rosto. Ela começou a se levantar, erguendo-me com ela com uma força sobrenatural. Eu não parecia mais do que uma boneca de pano em suas mãos.

- O que? Achou que se viesse, eles estariam a salvo? Que reuniríamos nossos irmãos e seria o fim da nossa cruzada? – uma pausa breve e então, num sussurro muito lento, acrescentou – Achou mesmo que conseguiria proteger alguém?

Não sei quem foi a autora da ideia, mais do que sei quem foi a responsável pela ação. Num segundo, Shiny me ameaçava de perto, e no instante seguinte, eu estava cuspiendo com força em seu rosto. Uma atitude nojenta e infantil, mas ainda ofensiva e eficaz – ela me largou na hora, e eu consegui, de alguma forma, permanecer de pé.

Tive menos de um minuto pra tomar a decisão. No momento de pausa e surpresa que se passou, só consegui avistar a distância curta e desimpedida entre mim e a saída daquela tenda. Não parei para medir as consequências, nem para pesar as possibilidades reais de escapar daquele inferno – quando se está no limite, nenhum fator pesa tanto quanto a própria vontade de se libertar.

Então eu me virei. E corri.

Não sabia de onde estava tirando a força que impulsionava meus pés, descalços e machucados, adiante. Eu estava desidratada, faminta, exausta, mas sabia que precisava correr, até onde alcançasse, correr enquanto ninguém me parava. Saí da tenda em um supetão, e fui correndo entre as barracas rápido o bastante para que só percebessem o que estava acontecendo quando eu já não estava mais ao alcance.

Até os gritos começarem, e o alerta se espalhar. Em poucos instantes, bruxos e bruxas já saíam de suas barracas, se pondo em meu caminho. Nenhum deles, contudo, fazia sequer um movimento em minha direção, como se tivessem sido comandados a observar.

Talvez soubessem que eu jamais escaparia, e não fizesse realmente diferença. Mas nada disso me ocorreu na hora.

Continuei correndo, cada vez mais sem fôlego, mais perdida. O acampamento era imenso e eu não havia tido tempo de conhecê-lo a ponto de saber me localizar. Reconheci rostos no caminho, pessoas que haviam me cumprimentado quando cheguei – pessoas que, agora, não se importariam mais comigo do que com uma pedrinha em seu sapato, gritando para ser removida.

E então, trombei com ele.

Ele se colocou em meu caminho sem querer, um passo mal calculado, combinado a uma curva fechada demais. Fui de encontro a ele com tamanha força que só não caí sentada logo em seguida porque ele próprio me segurou, as mãos firmes sobre cada um dos meus braços.

Eu não o conhecia diretamente, mas me lembrava dele das lembranças de Dorothei. Rosto queimado e magro, cabelos castanho-avermelhados, um olhar permanente de mistério e confusão.

Gabe.

Dorothei disse seu nome como um suspiro de alívio, e com ele vieram imagens que ela não havia me mostrado antes, memórias que tinha guardado para si. Conversas infinitas, momentos de riso, uma cumplicidade que eu desconhecia. Um beijo.

Você o beijou? Consegui perguntar para ela, mas antes que qualquer um – eu, ela ou mesmo o rapaz – pudesse dizer alguma coisa, eu estava gritando.

Fui erguida no ar em agonia, arqueando o corpo de dor. A sensação era parecida com o que eu imaginava que seria se tivesse garras perfurando a minha pele – dor pura, lacerante, corrosiva. Com a cabeça erguida e imóvel, o máximo que eu podia enxergar era o céu escuro acima da minha cabeça.

E então eu estava caindo, despencando de dois metros de altura, entortando os pés sob o peso do impacto e desabando no chão, arfando.

- Tragam as correntes e preparem o caminho. E alguém me traga o gato! – Shiny ordenou, sua voz cada vez mais próxima. Abri os olhos a tempo de vê-la parada ao meu lado, parecendo

gigantesca de onde eu estava. Ela se abaixou exibindo um olhar de falsa compaixão e se inclinou até a boca estar há centímetros do meu ouvido – Espero que aproveite o passeio.

Não tive tempo pra questionar o que ela queria dizer, nem para temer; tão logo ela se levantou, homens surgiram com correntes que prenderam meus braços, e então meus tornozelos, e desta última vinha uma corrente maior que foi concedida a ninguém menos que o meu grandalhão carcereiro. Rapidamente, todos saíram do caminho, abrindo uma rua irregular de terra, grama e pedras diante de nós, de um jeito parecido com o que haviam feito no dia em que eu chegara ao acampamento. Mas muito, muito mais sério.

Foi aí que o careca começou a andar.

Tive apenas segundos para entender o que aconteceria em seguida. Quando me dei conta, o pânico me dominou tão completamente que tomei a decisão errada de me debater até estar de bruços no chão, gritando por ajuda. Tão logo a corrente começou a me puxar, meu rosto, peito e barriga começaram a sentir a violência de ter a pele arranhada, queimando pelo contato com o chão.

De onde eu estava, podia ver a minha prisão de madeira, agora parecendo um abrigo aconchegante à distância. Mas notei de imediato que tomaríamos o caminho mais longo até lá; de preferência, um caminho que envolvesse me arrastar por toda a extensão do acampamento, ruas e ruas de bruxos perigosos me encarando. E para meu completo terror, de canto de olho, vi um bruxo desconhecido entregando um gato às mãos de Shiny.

Oh, não. Toy não!

Eu o perdi de vista minutos depois, Shiny convenientemente seguindo fora do meu campo de visão. O que essa maldita faria com ele? Como ela havia...

Sam, é claro. As memórias dele. E não haviam muitos gatos no acampamento; era só uma questão de tempo até que ele fosse descoberto.

Nunca saberei quem atirou a primeira pedra. Eu tinha acabado de conseguir me virar novamente e agora sentia as costas arderem, quando algo me atingiu em cheio no rosto. Menos de um minuto

depois, outro me machucou as costelas. E então novamente um na cabeça, bem na minha testa. Em dez minutos, todos já tinham uma pedra na mão para jogar em mim enquanto em passava. Algumas mal se faziam notar, enquanto outras abriam pequenos cortes de raspão. Outras ainda, maiores e jogadas com mais violência, me atingiam tão forte que eu ficava atordoada. Mas não havia tempo para me recuperar. Enquanto um me arrastava, os outros me apedrejavam.

É impossível dizer se foi a dor física ou a emocional que me fizeram desmaiar primeiro. Minha carne queimava, mas não como nas lembranças de Dorothei na fogueira. Lembro que Bryan, aos dezoito anos, fez uma tatuagem na perna, e ele descreveu a dor para mim como se sua pele estivesse sendo raspada dezenas de vezes com uma lixa. Era mais ou menos isso que eu sentia agora – só que multiplicado por mil. Mil lixas, mil vezes por segundo, raspando e raspando e raspando a minha pele até eu ter a sensação de que estava chegando ao osso.

E as pedras! Como explicar as pedras? Como descrever o baque intenso de cada uma no meu corpo, a ferroadada de dor aguda que o impacto causava? Uma no topo da minha cabeça, outra na minha barriga, uma em cheio no meu olho. Dezenas, centenas delas decolando pelo ar na minha direção.

Fiquei cega. Chorei sangue. Gritei até sentir o gosto de suor, terra, lágrimas e ferro na boca. E enquanto eu gritava, eles gritavam de volta. Traidora. Ralé. Assassina. Imunda. *Humana*.

Eu já estava tonta e entorpecida pela dor quando chegamos aos metros finais. Meus olhos estavam inchados pelas pancadas e já não abriam. Enquanto me colocavam de volta na jaula, eu permiti que eles, enfim, se fechassem.

Eu estava em algum acampamento longe, muito longe dali – em distância e em tempo. Anos e anos atrás, eu diria, pois a menina que corria para todos os lados atrás de uma galinha e que eu sabia ser eu não era eu em absoluto. Tinha uns nove, dez anos talvez, e a pele corada combinava com os cachinhos dourados, o rostinho de boneca sorridente enquanto corria.

Havia areia por todos os lados e eu estava imunda. O sol a pino me fazia suar, e minhas irmãs, que deviam me fazer companhia, há muito já haviam desistido da brincadeira e descansavam sob a sombra de uma árvore solitária. Mas eu não podia me dar por vencida ainda; me recusava a deixar a galinha escapar. A moça a queria para o almoço, a moça bonita de voz de sino e cabelos brilhantes. Eu jamais ousaria desapontá-la. Ela confiava em mim.

Alcansei a galinha ao mesmo tempo em que uma mão alcançou o meu braço, e a penosa escapou com um grito histérico. Olhei para trás e vi minha irmã mais velha com o mesmo olhar duro de sempre, a mão firme sobre o meu pulso.

- Nós estamos de saída. – declarou, e esqueci da galinha. Não podíamos estar indo embora. Não agora que finalmente havíamos encontrado um lar, o único lugar onde eu havia sido feliz.

- Vão vocês. Eu vou ficar.

- Não seja absurda, Dorothei. Seu lugar é conosco. Vamos.

- NÃO!

Ela me puxou, mas eu estava decidida. Olhei para sua mão, muito apertada em torno do meu pulso, e imaginei que estava queimando. Ela a recolheu na mesma hora, sentindo a dor. Corri sem olhar para trás.

Eu sabia onde ela estava, a moça bonita. Eu sempre sabia – era como se eu fosse atraída para ela de onde estivesse. Ela era o sol, eu era a sua flor. Corri por entre as tendas até alcançá-la, de frente para o manto dourado que cobria seu pedacinho de terra. Ela estava distraída e se surpreendeu quando eu surgi, abraçando suas pernas como a criança que eu era. Minhas irmãs chegaram apenas segundos depois, a mais velha na frente.

- Dorothei, volte aqui neste instante! Nós vamos embora, não me ouviu?

- Eu não vou! Shiny disse que eu podia ficar!

- Você não pode. Eu sou sua irmã e estou dizendo que você virá comigo agora!

Ela se aproximava rapidamente. Lancei meu olhar de súplica para cima, para o rosto perfeito da minha protetora.

- Diga a ela, Shiny. Fale para Jane que eu posso ficar, que você quer que eu fique! Por favor, não me mande embora.

Por um segundo, achei que ela fosse me abraçar. Quando se abaixou, achei que ela fosse colocar seus braços em torno de mim e me proteger da ira da minha família, me dizer que meu lugar era com ela. Estávamos ali há vários dias, e ela já havia dito muitas vezes que eu era a menina mais especial que ela já conhecera. Que gostaria que eu nunca fosse embora. É claro que ela me protegeria.

Mas Shiny tirou meus bracinhos de perto dela e, com uma careta muito severa que não combinava com seu rosto magnífico, disse, em tom seco:

- Você deve partir, Dorothei. Seu lugar não é aqui, e certamente não comigo.

- Mas você disse... Você disse que eu era especial.

- Sim. Especialmente irritante, agora. – ela se levantou, me lançando um olhar de puro nojo – Vá, criança. Parta com suas irmãs. Não quero ter que olhar para você por um segundo mais que o necessário.

Aquilo partiu meu coração. Um braço enlaçou-me pela cintura e me ergueu do chão, e não fiz nada para impedir. Enquanto Jane me levava, me permiti chorar, toda e qualquer esperança ficando para trás.

Acordei com o toque de mãos muito gentis em meu rosto, tão leves que quase não conseguia senti-las. Mas demorei a conseguir abrir os olhos – minhas pálpebras pesavam chumbo, e era difícil erguê-las mais do que uns poucos milímetros de cada vez.

Quando consegui abrir os olhos, o mundo girou por um instante. Tudo estava fora de foco, e minha cabeça latejava. Tudo em mim doía. Vi uma grande mão se aproximar, e estava preparada para mais uma rodada estonteante de dor, mas senti apenas um afago gentil e algo molhado cobrindo a minha bochecha esquerda.

- Tente não se mexer, ok? Se não eu não vou conseguir te ajudar.

Eu reconhecia a voz, mas não sabia muito bem de onde. Precisei de longos e agonizantes minutos procurando para encontrar

o dono da voz.

- Gabe... – murmurei, mas meus lábios doeram com o breve esforço. Deviam estar inchados, eu supus. Eu *inteira* devia estar inchada.

Ele não devia estar aqui. Vai ser pego, Dorothi acrescentou, aflita. Eu queria transmitir sua preocupação, mas mal conseguia mexer a boca sem agonizar de dor.

- Não fala nada. – ele pediu, um dedo pousando delicadamente no meu lábio dolorido – Meu deus, a sua cara está horrível. Eu espero que essa coisa funcione.

Ouvi o som próximo de algo mergulhando em líquido e sendo erguido novamente. Do canto do olho, vi que ele embebia um pedaço de tecido em alguma coisa púrpura, de aparência nada convidativa. O cheiro também não era dos melhores – parecia uma mistura muito errada de flores com tempero de comida. Gabe torceu o tecido e o aproximou do meu rosto de novo.

- Tem um cheiro ruim, mas a Jinx me garantiu que vai dar certo. – ele continuou, franzindo o cenho em uma expressão nada segura – Ela me ajudou a preparar. Bom, eu a ajudei, pra falar a verdade. Tivemos que fazer tudo às escondidas, pra ninguém desconfiar.

Tirou o pano do meu rosto, e então, com muita leveza, levantou um dos meus braços. Ele estava coberto de bandagens improvisadas, que mesclavam sangue e a poção viscosa, e meus músculos arderam com o movimento. Gabe murmurou algo inaudível, então partiu para meu outro braço.

- Você não... – tentei falar, mas a garganta seca me atrapalhava – Devia estar... aqui...

- Bom, alguém tinha que vir, não é? – respondeu, com um sorriso de falsa despreocupação e um dar de ombros quase imperceptível – Mas não se preocupe. Não tem ninguém vigiando hoje. Você passou o dia inteiro desacordada, não acharam que tinha alguma chance de escapar.

- Toy... – murmurei. O rosto dele franziu por apenas um segundo, antes de ele me abrir um sorriso de falsa tranquilidade. Eu podia lê-lo como um livro, mas ainda assim ele mentiu para mim.

- Ele é um gato esperto. Tenho certeza de que está bem.

Ele não estava. Não sabia como, mas disso eu tinha certeza. Shiny jamais o deixaria viver. Meu deus, como fomos idiotas em trazê-lo conosco! "*Ele é um gato imortal. Não pode ser morto com tanta facilidade*", Dorothei disse, mais para si mesma do que para mim. Mas ela sentia, assim como eu, que não era verdade. Que não poderia ser.

Então me lembrei do conto da bruxinha e do gato, das estrelas e do pequeno felino que, um dia, a jovem Dorothei encontrou. E tão logo essa lembrança veio, Dorothei me mostrou outras mais. Me mostrou as longas tardes ensinando palavras novas a Toy, o gato falante, e das peças que ambos pregavam nas irmãs Von Evans mais velhas. Ela me mostrou o companheirismo e as lágrimas partilhadas, as inúmeras ocasiões em sua vida em que Toy havia sido o grande, o único amigo.

E em troca, eu lhe mostrei o gato que mudou minha vida. Os olhos amarelos que me colocaram no transe numa tarde, durante um jogo da escola, e que desencadearam uma cadeia infinita de eventos que havia nos levado até aqui. Mostrei as tardes em que Toy se deitava sobre a minha barriga enquanto eu estudava, e juntas nos lembramos do seu mau humor e do seu sarcasmo iminente, da sua maneira dura de nos fazer enxergar a realidade.

Toy. Eu poderia aceitar muitas perdas, mas não essa. Ele deveria seguir muito depois que nós tivéssemos morrido. Ele deveria encontrar outros donos e chocar pessoas e seguir eterno. Ele deveria *viver*. Em vez disso, nós o trouxemos para morrer. Como pudemos?

Gabe continuou verificando cada partezinha do meu corpo com dedos leves e ágeis. Seu toque não doía, mas ainda assim, chorei. Chorei por Toy, pelo destino cruel que havíamos infligido a ele. Chorei pela minha família e pela saudade. Chorei por Dorothei e Gabe e seu amor impossível. E chorei por mim mesma, porque não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer para consertar o que havia destruído. Estava tudo perdido. Para sempre.

Depois de vários minutos de cuidado, Gabe sacou uma garrafa d'água de algum lugar de trás de si e a levou à minha boca. O alívio dos breves goles foi imediato.

- Eu tenho que ir agora, mas eu volto assim que puder. – ele disse, se inclinando na minha direção. Por um instante, achei que fosse me beijar, e Dorothei se desesperou. Mas, fosse essa ou não sua intenção, Gabe apenas sorriu e afagou meus cabelos – Fique bem.

Ele se levantou, e meu coração assentou. Eu duvidava que fosse voltar a ficar bem algum dia.

Fui e voltei da consciência várias vezes. Tinha uma vaga memória de falar, embora não soubesse o quê, e de me alimentar, ainda que não soubesse como. Quando acordei definitivamente, já era noite de novo, e eu tinha a sensação de ter passado vários dias desacordada.

Gabe estava lá de novo quando abri os olhos, mas ele não estava ao meu lado, como antes. Ele se inclinava ao lado de outra pessoa, e esta lutava com braços fracos contra ele.

- Jane, por favor...

- Não! – sua exclamação soou alta, clara, desesperada – Por favor, não me cure! Eu imploro! Me deixe morrer!

Sua súplica era tão intensa que me deixou imediatamente mais alerta. Fiz um esforço para me sentar, todo o meu corpo reclamando no processo.

- Eu não posso te deixar nesse estado! – Gabe insistiu. Nenhum dos dois havia notado que eu estava acordada – Deixe eu te ajudar!

- Não! – e, com pouco mais que um resquício de força, ela tentou empurrá-lo para longe.

Meus olhos ainda estavam um pouco inchados, mas minha visão estava perfeitamente clara, mesmo à meia luz. E se eu imaginava que meu estado era ruim, podia apostar qualquer coisa que o de Jane estava pior. Ela tinha marcas de arranhões, sangue seco e roxos em todo o rosto, colo e braços. Estava envolta num vestido que parecia um enorme pano de chão, imundo e úmido. Seu cabelo rareava em alguns pontos da cabeça, e em outros, era um nó alto e embolado. Havia unhas faltando nos dedos das mãos e dos pés. Jane se encolhia para afastar-se de Gabe, um olhar aterrorizado

e doloroso estampado no rosto. Vê-la assim era mais que cruel – era degradante.

Finalmente, um deles – Jane – percebeu que eu não estava mais dormindo. Ela me olhou nos olhos, de uma maneira como jamais fizera. Quando falou, senti algo reverberando dentro de mim; uma compaixão, uma empatia, do tipo que nunca imaginei que pudesse sentir em relação a ela.

- Me deixem morrer. – ela repetiu, por entre lábios trêmulos. Lágrimas grossas escorreram pelo seu rosto imundo – Eu quero, eu *preciso* morrer. A morte seria generosa, bem-vinda. Então, por favor, me deixem morrer. Me matem, se possível. Meu último castigo é a única coisa que vai me libertar agora.

- Não seja por isso.

Sua voz me despertou como um sobressalto. Shiny chegou sozinha, silenciosa como um gato, munida apenas de sua estonteante beleza e de um pequeno lampião à bateria que parecia iluminá-la e apenas a ela, deixando todos nós no escuro. Foi como se todo o ar deixasse a cela, sugado para dentro da sua órbita. Por incontáveis segundos, ninguém deixou escapar sequer um ruído.

- Malena. Está bem melhor, posso ver. – ela se aproximou de mim, olhando-me com um ar de superioridade e pena – Infelizmente o mesmo não se aplica ao seu gato. Posso lhe garantir que tivemos ótimos momentos juntos.

Meus olhos encheram de lágrimas, mas as segurei. Eu me recusava a chorar. Podia estar destruída, podia ter perdido tudo, mas eu ainda me segurava ao orgulho. Sempre o orgulho.

- Que tal um altar de sangue, Jane? – Shiny continuou, afastando-se de mim e exibindo um sorriso irônico de tão gentil - Tenho certeza de que o nosso Senhor está ávido por alguns sacrifícios em seu nome. Quem sabe Ele até mesmo a perdoe pelas suas faltas depois disso.

Eu não fazia ideia do que era um altar de sangue, mas não me parecia uma ideia nada tentadora. O rosto de Jane se cobriu de terror com a sugestão. Eu nunca a vira tão acuada.

- Mas não se preocupe. Eu vou lidar com você num minuto. – ela se aproximou a passos cuidadosamente lentos, e foi a vez de

Gabe recuar. Ele largou suas coisas no chão e, instintivamente, levantou-se e deu alguns passos para trás.

Eu sabia o que ia acontecer, e Gabe também. De certa forma, talvez aqueles dias tivessem sido apenas uma preparação para o que viria; ele não podia estar tão confiante assim de que não seria pego. Talvez *quisesse* ser pego. Talvez estivesse torcendo para vir se juntar a nós – a Dorothei.

- Qual é o seu nome, criança? – Shiny perguntou, a pouco mais de um metro de distância dele. Gabe parecia prestes a desmoronar, mas permanecia em pé, as costas firmes contra as madeiras que cercavam nossa cela. Somente seu rosto franzido de medo lhe denunciava.

- Gabriel. – respondeu, tão controlado quanto poderia.

- Gabriel. – ela repetiu – Não deveria estar aqui, Gabriel, sabia disso? Ajudando prisioneiras. Essas garotas... – e apontou para nós, sem desgrudar os olhos dele – São bruxas deserdadas. Sabe o que isso significa?

- Não.

- Significa que elas não são dignas do Dom que receberam, e por isso foram punidas. Não há espaço para elas no novo mundo, Gabriel. Somente os dignos podem caminhar ao lado do Senhor das Almas.

Fez-se um silêncio muito longo, daquele tipo tão denso que parecia criar forma sobre nossas cabeças. O silêncio e o medo, aliados, ameaçavam me sufocar; seu peso me pressionava contra o chão, completamente submissa.

- Vou lhe fazer uma pergunta, Gabriel, e quero que pense com muito cuidado na resposta que vai me dar. – Shiny continuou, e uma de suas mãos se apossou do queixo de Gabe, forçando-o a olhar para ela. Ele tinha pelo menos um palmo a mais, mas, de alguma forma, Shiny parecia três metros maior do que ele – De que lado você está, criança? Do lado Dele, do seu Senhor, ou do lado *delas*?

Do lado Dele, Gabe. Fique do lado Dele, Dorothei murmurou. Surpreendi-me, mas eu sabia o que ela estava pensando; se ele escolhesse o lado dos bruxos, viveria. Shiny faria vista grossa. Ele estaria a salvo.

- Se eu escolher vocês, vou poder ajudá-las? – perguntou, para nossa surpresa. Se a expressão de Shiny sofreu qualquer mudança, sua voz não deixou transparecer.

- Não.

Gabe demorou tanto tempo para falar que, por um instante, achei que ele não fosse dar qualquer resposta a ela. Mas por fim, após o que me pareceu uma eternidade, ele inchou o peito e disse, alta e claramente:

- Então eu escolho morrer com elas.

- Seu desejo é uma ordem.

O grito de Dorothi ecoou tão alto na minha cabeça que a única escolha que tive foi deixar que minha voz gritasse por ela. Eu já não sabia quem estava no controle quando me levantei e avancei na direção dela; dado o meu estado lamentável, ninguém havia se dado ao trabalho de me acorrentar novamente. Eu mal tinha dado três passos quando Shiny ergueu uma mão em minha direção e me fez voar até o outro lado da cela, aterrissando com um baque alto no chão.

A dor foi tão grande que imaginei todos os meus ossos se partindo de uma só vez. Não consegui gritar, pois todo o ar havia desaparecido dos meus pulmões – por vários segundos, achei que nunca mais fosse voltar a respirar. Quando minha mente e minha visão se desanuviaram o bastante para que eu pudesse enxergar, vi Gabe sendo arrastado pelo careca que guardava nossa cela, e enquanto Shiny levava Jane consigo sem aparentar nenhum esforço.

Eu estava completamente sozinha.

A perda da esperança é um negócio complicado.

Não sei especificar o momento em que aconteceu. Talvez eu já tivesse atingido a minha cota de desgraças por uma vida e já não houvesse mais espaço no meu peito pra sentir as emoções como costumava senti-las – pura, completa e intensamente. Algo em mim havia se partido quando eu perdera Sam, e talvez ceder espaço para Dorothi tivesse sido a gota d'água. O vazio dela havia me contaminado além da conta. Minha alma podia ter sido pura um dia,

mas agora estava indubitável e incorrigivelmente manchada, obscurecida. Não tinha mais volta.

Quando vi Jane e Gabe sendo arrastados para fora da cela, foi como se as poucas cordas que ainda me restringiam se rompessem. As lágrimas cessaram e, com elas, me senti ao mesmo tempo livre de um fardo imenso. A desesperança chegou me lavando numa imensa piscina de gelo, deixando meu coração dormente e meu cérebro despreocupado. Não havia mais o que temer porque eu não tinha mais o que perder. A liberdade era tão opressora que me enlouquecia.

Senti que dormi por dias, mas talvez tivessem sido apenas algumas horas. Quando acordei, o céu acima de mim estava claro, mas a luz do sol queimando a minha pele já não parecia incomodar como antes. Quando o enorme homem careca veio até mim e me puxou pela corrente que prendia meus braços, obrigando-me a ficar de pé, foi fácil ignorar a dor. No abandono, meus sentimentos pareciam se perder. Nem mesmo Dorothi ousava emitir um só ruído.

Fui jogada de qualquer jeito do lado de dentro da tenda de ouro. Pela primeira vez desde que eu a havia visto, não me impressionei com sua grandeza, nem temi quem eu fosse encontrar lá dentro; apenas esperei, enquanto me colocava sem jeito de pé, meio rastejando e meio me equilibrando.

Shiny apareceu poucos minutos depois. Usava um vestido que se enrolava nela como um sári indiano, todo preto com bordados floridos em dourado e pequenas contas aqui e ali. O colar com o imenso pingente de coração de ametista parecia ter um brilho próprio, pousado em seu colo, e ela sorria como se nada no mundo jamais pudesse abalar sua felicidade.

- Que bom que veio, querida. – ela me disse, num tom amistoso. Quase ri pela sua escolha de palavras; implicava que eu havia tido algum voto naquela decisão.

Como não respondi, o silêncio se perpetuou, alongando-se tanto quanto o sorriso de Shiny. Ela remexeu em alguma coisa numa cômoda, e então me rodeou, encarando-me de cima abaixo, seu perfume inebriante me cercando por todos os lados.

Seria muito infantil se esticássemos o pé para ela tropeçar?, Dorothi perguntou, só para mim, e o riso foi praticamente involuntário. Shiny parou na minha frente e arqueou uma sobrancelha.

- Algo engraçado, Malena? – perguntou.

- Nada que possa te interessar. – repliquei, com uma ousadia completamente inesperada. Era bom, concluí, não ter mais nada a perder; significava que minhas ações condenavam somente a mim agora. E eu já não me importava muito comigo mesma.

Para a minha surpresa, após o breve instante de surpresa Shiny sorriu com os dentes à mostra.

- Dorothi e Malena contra o mundo! – exclamou, aproximando-se um passo – Quem diria que almas tão diferentes um dia pudessem ser compatíveis? Diga-me, o que será que aconteceria se eu *arrancasse* uma de vocês daí? Acha que a outra sobreviveria?

Isso me fez fechar a cara. Houve um tempo em que eu não me importaria nadinha em não ter a presença constante de Dorothi em minha cabeça, mas aquela época havia passado. Era impossível me imaginar sem ela agora. E de qualquer maneira...

- Somos uma só. – respondi. Shiny pareceu se divertir.

- São mesmo? – implicou, naquele tom que parecia dizer que ela sabia de algo que havia me escapado. Então suspirou, e subitamente me deu as costas – Bem, não foi para isso que eu a chamei aqui. Temos assuntos mais urgentes a tratar.

Shiny saiu, arrastando-me com ela. O dia seguia normal do lado de fora, pelo que eu pude observar – pessoas indo e vindo de suas barracas, cumprimentando-se, organizando suas tarefas diárias. Crianças correndo para todos os lados, adultos conversando. E, mais adiante...

- Sabe, há uma coisa curiosa sobre as bruxas deserdadas. – ela começou a dizer, e senti meu estômago se contorcendo aos poucos – Nós não podemos queimá-las porque as cinzas devolvem a alma ao ciclo, então isso desclassificaria o propósito da punição. Então temos de nos livrar delas de maneira que elas continuem vagando, remoendo a culpa pela traição ao nosso Senhor. Mas isso, é claro, nos deixa com um último problema.

Chegamos, por fim, a um pico afastado onde uma forca improvisada havia sido montada. Pendendo dela, estava o corpo inerte de Katherine Jonas – minha irmã de alma, Jane von Evans.

- Ainda precisamos dar fim ao corpo. – Shiny completou, virando-se para mim com o mesmo sorriso cínico de sempre – Seu ajudante vai chegar a qualquer minuto com as ferramentas de trabalho... Oh, olhe só, aí está ele.

Olhei para trás e vi um Gabe surrado, de ombros caídos, mas incrivelmente vivo vindo em nossa direção, munido de duas pás de cabos curtos, do tipo que se usa para jardinagem, e não para abrir covas. Quando ele se aproximou, vi que ele havia sido tão severamente punido quanto eu – o supercílio estava aberto e imundo com terra e sangue coagulado, um dos seus olhos estava roxo e inchado, e havia cortes e manchas por todo o seu corpo, até onde eu podia ver. Suas roupas eram trapos sujos, e ele estava descalço, com os pés sangrando.

- Bom trabalho, crianças. Divirtam-se.

Shiny deu as costas, e levou toda a escolta com ela. Imaginei que eles soubessem que, àquela altura, não tentaríamos mais fugir – estávamos fracos e feridos demais para acreditar que tínhamos qualquer chance de escapar dali com vida.

Ao invés disso, Gabe e eu apenas nos olhamos pelo que me pareceu ser uma vida inteira. Eu podia sentir uma tempestade de emoções fluindo através de Dorothi, mas não me atrevia a dar vazão a nenhuma delas; parecia errado falar em seu lugar, sentir por ela, mesmo que a própria Dorothi já o tivesse feito muitas vezes em situações reversas.

Por fim, Dorothi me pediu, num sussurro: *Abrace-o*.

Eu o fiz. Não foi bem um abraço quando nossos movimentos eram limitados por correntes e fraquezas, mas passei um longo minuto com a cabeça encostada em seu peito, unida a ele da maneira mais próxima e menos desajeitada que pude. Tanto para mim quanto para Dorothi foi o bastante.

- Estamos felizes que você esteja vivo. – falei, com toda a sinceridade. Se ele estranhou o plural, não comentou. Eu o soltei. – Mas você também foi deserdado, não é?

- Eu não me importo. – Gabe disse, dando de ombros – Quero dizer... me importo, porque agora não posso mais ajudar você. *Vocês.*

- Não pense nisso agora. – e então Dorothi me fez completar – Você agiu mal. Devia ter ficado ao lado Dele.

- Eu não poderia! – Gabe exclamou – Eu nunca... Não enquanto vocês... – ele bufou, por fim – Dorothi sabe que não.

Eu sei. Mas foi estúpido mesmo assim.

Não transmiti a resposta dela e, em meio ao silêncio, nosso olhar eventualmente caiu sobre a forca e o corpo de Jane pendurado ali, os cabelos negros ainda balançando com o vento. Agora, sob o sol, sua carne já começava a exalar o cheiro de morte. Não tive mais nojo do que tive pena – dela, por ter acabado daquela maneira, de nós, por estarmos ali. Quanto tempo demoraria até que tivéssemos o mesmo destino? Eu não sabia dizer.

- Não precisa fazer isso se não quiser. – Gabe disse, então – Eu posso dar conta. Ela era sua irmã, eu sei que não deve ser fácil.

- Ela não era minha irmã. – declarei, e então senti a necessidade súbita de me explicar – Quero dizer, não minha, Malena. Ela e Dorothi são irmãs, mas da outra vida, não nessa. Eu... é complicado. Não sei até onde Dorothi te explicou a situação.

- O suficiente. – ele riu, e com aquele pequeno lampejo de sorriso, percebi o que Dorothi havia visto nele. Havia uma leveza no humor de Gabe que parecia anular a negatividade constante dela. Dois opostos tão contrastantes que a atração parecia inevitável.

- De qualquer maneira, o que quero dizer é que nós também temos que fazer isso. – prossegui – Somos o que restou da família dela. É o mínimo que podemos oferecer, apesar de tudo.

Gabe concordou sem dizer mais nada. Ele me entregou uma das pás e, com a outra, começou a raspar a corda grossa que prendia o pescoço de Jane à madeira firme que formava sua forca. A tarefa visivelmente tomava dele um esforço tremendo – a corda parecia se recusar de propósito a romper, e o corpo dela balançava de um lado para o outro conforme a corda balançava, e enfim chegou o momento em que eu não podia mais olhar. Resolvi ficar a uma distância razoável e a começar a cavar.

O sol e o trabalho castigavam meu corpo. Comecei a suar e, em poucos minutos, já estava com o cabelo empapado e as roupas grudando. Eu erguia pás e pás de terra e parecia não chegar mais longe do que o bastante para abrigar uma muda de planta. Levaria horas, naquele ritmo, até que eu conseguisse uma cova num tamanho decente. Dorothei amaldiçoava Shiny com veemência, repassando em imagens vívidas tudo o que planejava fazer com ela num futuro próximo, se dada a chance. Muito sangue e membros cortados, pelo que eu podia ver – nada que eu pudesse supor possível.

Ouvi, então, um baque de algo pesado caindo de encontro ao chão, e um longo e aliviado suspiro. Soube antes mesmo de olhar que Gabe finalmente havia conseguido soltar o corpo, e agora vinha desabar sentado no chão, próximo a mim. Ele estava ainda mais suado e exausto do que eu, respirando com cansaço.

- Isso vai levar o dia todo. – murmurou, apontando pro buraco mixo que eu tinha conseguido cavar. Concordei, calada. – Seria bem útil poder fazer um daqueles truques maneiros agora, né?

Abri um meio sorriso, mas no fundo estava remoendo um pouco a dor pelo que ele dissera. Eu sentia falta da magia como, eu imaginava, uma pessoa sentia falta de um membro amputado; era difícil se acostumar a viver sem ela, e em algum lugar dentro de mim às vezes eu tinha a sensação de ainda senti-la lá, formigando nas minhas veias como costumava fazer. Mas já não havia nada, nem uma gota de poder.

Sentados sob o sol, continuamos cavando. Em dupla, a tarefa era levemente mais fácil; mas só *levemente*, já que parecia que jamais atingiríamos a profundidade adequada. Enquanto nos esforçávamos, o sol continuava a castigar, e o cadáver de Jane, há poucos metros de nós, cheirava pior do que nunca.

Nem depois de morta ela deixa de ser um estorvo, Dorothei comentou, mas não havia nenhum traço de sinceridade ali. Era uma tentativa malsucedida de humor, perdida em algum lugar pelo pesar, que ela tentava a todo custo colocar de lado, pela morte da irmã. Alguma coisa havia mudado no relacionamento das duas naquelas semanas em que estive ausente, e eu não precisava acessar as suas

memórias para descobrir isso. Estava claro na maneira como ela agora pensava em Jane, com mais tristeza do que ódio.

A guerra tinha mesmo seu jeito de mudar as pessoas, pensei.

- Tudo bem por aí? – Gabe perguntou, de repente, provavelmente vendo algo na minha expressão.

- É só esse sol. – respondi, dando de ombros, tentando demonstrar mais indiferença do que realmente sentia. A impressão geral era de que eu iria entrar em combustão a qualquer segundo.

- Cadê a Jinx com aquele chapéu mágico dela? – ele perguntou, a ninguém em especial.

Fizemos silêncio de novo, mas foi um incômodo desta vez. Eu sentia que Gabe queria dizer alguma coisa, mas não tinha a coragem pra falar o que estava pensando. E Dorothei, por sua vez, me passava uma estranha sensação de acuamento. Era como se eu estivesse sentada entre um casal que queria muito resolver algum assunto pendente, mas que eu não pudesse deixar sozinho.

Tipo, *literalmente*.

Já tínhamos aberto uma vala ampla o bastante para encaixar Jane lá dentro sem muita dificuldade, e numa profundidade que talvez não chegasse a medir o meu antebraço. Tínhamos agora que ir mais fundo, o que significava que a tarefa ficava cada vez mais difícil. Eu estava praticamente debruçada sobre a cova, sentindo meus músculos arderem cada vez mais com o esforço.

- Se eu fizer uma pergunta, será que... – Gabe hesitou, e me vi obrigada a parar o que estava fazendo para encará-lo – Será que a Dorothei pode me responder?

- Eu posso te dizer qual é a resposta dela. – falei, com uma careta ansiosa. Não queria fazer aquilo, me meter na conversa dos dois desse jeito. Mas não tinha opção. E ela concordava comigo.

Gabe assentiu, mas não fez a tal pergunta de imediato. Continuou cavando em silêncio, olhando pra tudo, menos para mim. E eu segui com meus esforços inúteis, espiando-o pelo canto do olhos, ouvindo os murmúrios incompreensíveis de Dorothei na minha mente.

- No dia em que chegamos, você... – ele hesitou, e, após um suspiro, corrigiu-se – *Dorothei* me beijou.

Eu corei, e foi a minha vez de desviar o olhar. Era tão estranho pensar nisso. Eu lembrava, mas não era *eu*. Era como uma lembrança distante e confusa de alguém que bebeu demais em uma festa, e agora não sabia como lidar com isso.

- Enfim, eu só... só queria entender por quê.

Que tipo de pergunta é essa?, Dorothei murmurou para mim, enfezada e, surpreendentemente, encabulada. Eu quase podia imaginá-la em seus vestidos do século dezenove, de braços cruzados, fazendo cara feia com as bochechas em chamas. *Só responda*, repliquei, em silêncio.

- Achei que iria morrer. – respondi, por ela, sem me preocupar em usar a primeira pessoa. Era esquisito o bastante ter que falar por ela, não precisava fazê-lo como se ela não estivesse presente – Quando chegamos e decidimos ir até a Grande Tenda, ela... *eu* tive certeza de que não sairia dali viva. Que não te veria nunca mais. Então pensei, “mas que diabos?”

Ele riu, de cabeça baixa.

- Então eu sou o último desejo de uma moribunda?

Dorothei pareceu se surpreender com aquilo, e ficou sem reação por alguns instantes. Acabei dando de ombros, por falta de algo melhor para dizer.

- Se a situação fosse diferente... Se não fossemos todos morrer... Acha que teríamos uma chance?

Foi a minha vez de ficar sem fala. Dorothei estava completamente muda, e eu estava mais em choque do que nunca, incapaz até de seguir trabalhando. Baixei o olhar, encarando as minhas mãos sujas de terra por um tempo infinito, num debate silencioso com Dorothei em que ambas pensávamos em um milhão de coisas ao mesmo tempo, mas ninguém tinha coragem de dizer nada.

- Desculpe. Eu não devia ter perguntado isso. – Gabe disse, numa voz suave, ao perceber que eu continuava calada. Seu semblante estava triste, mas ele tentava aparentar certa tranquilidade.

- Não, não, é só que... – parei, e exalei o ar que nem percebi que estava segurando. Quando foi que o apocalipse havia se transformado num drama adolescente?

Por fim, desisti de procurar por algo racional para dizer. Então suspirei novamente e disse apenas:

- É complicado.

- Eu imagino.

- Não, eu quero dizer... é *muito* complicado. Para nós duas. – crispei os lábios, e após um minuto inteiro de silêncio, prossegui – Dorothi é apenas uma parte de mim, e nem sempre nós conseguimos entrar num consenso. O que ela sente e o que eu sinto são coisas diferentes. Talvez, se eu nunca tivesse voltado...

Gabe assentiu, devagar, e senti pena por ele. Pelos dois, na verdade. Meu coração havia se partido, mas eu sabia que o de Dorothi estava apenas começando a se abrir – era injusto que eu estivesse no meio disso. Ela merecia uma chance de felicidade, e eu estava no caminho.

Não se culpe, Dorothi disse, numa voz calma e triste. *Já estava condenado ao fracasso antes mesmo de começar. Não tem a ver com você. Eu não sou o tipo de garota que vive o felizes para sempre.*

Isso não é verdade, repliquei, mas não consegui pensar numa única coisa que apoiasse meu argumento. A verdade era que Gabe tinha sido possivelmente a coisa mais feliz que acontecera com ela em duas vidas; tudo que viera antes e depois era nada mais que uma sucessão de tristezas e desgraças, um conto enorme de desventuras que, invariavelmente, culminariam numa morte dolorosa. Ela tinha sua parte de razão; mas se Dorothi não era do tipo que vivia o *felizes para sempre*, o que se podia dizer de mim, que aos dezesseis anos já tinha condenado não apenas todas as pessoas que amava, como também toda a humanidade a um fim catastrófico? Eu não estava numa posição muito melhor que a dela.

O assunto morreu de vez, e nós dois nos concentramos em deixar a vala tão funda quanto possível. Foram horas e horas de trabalho ininterrupto, sem que ninguém aparecesse para nos oferecer água ou comida. Talvez esperassem que nós dois morrêssemos de exaustão e eles pudessem aproveitar a cova já aberta. Eu certamente estava considerando a possibilidade.

Não está falando sério, Dorothi me disse, num assombro bastante atípico quando leu o que eu estava pensando. Quase ri da ironia de que, de repente, eu fosse a mais mórbida de nós duas.

Não vamos sair daqui vivas, Dorothi, eu respondi, calada. E, pela primeira vez, aquela possibilidade não me encheu de terror, como antigamente o faria. Eu estava ficando calejada. Eu tinha conhecido a maldade. Eu tinha visto a maldade de perto. E talvez, por tê-la visto e conhecido tão bem, eu soubesse que não podia mais lutar contra ela. A morte era a minha última esperança.

A cova atingiu uma profundidade decente quando o sol já traçava sua trajetória rumo ao poente. Mesmo exausta, ajudei Gabe a trazer o corpo de Jane.

Seu corpo pesava chumbo, e ela em nada se assemelhava com a garota que eu conhecera. Sua deterioração crescente dos últimos dias (semanas?) atingira tal ápice que ela estava irreconhecível. Não havia um único espaço intacto em sua pele pálida e gélida, nem uma centelha daquela altivez que parecia movê-la o tempo todo. De certa forma, acho que eu esperava que, mesmo morta, Jane parecesse permanentemente arrogante e má, mas eu estava enganada. Ali, no fim de tudo, ela era somente uma menina de dezesseis anos que morrera jovem e cruelmente demais.

Nós a lançamos sem muita cerimônia buraco adentro; não era necessário ter muita delicadeza com os mortos. Nem com os vivos, enquanto estivéssemos aqui. De repente, eu a entendia bem demais quando havia nos pedido para morrer. Parecia ser a uma vida atrás agora.

- Quer dizer algumas palavras? – Gabe perguntou, meio sem jeito. Estávamos ajoelhados ao lado da vala, ofegantes pelo esforço – O que os bruxos fazem quando alguém morre?

- Eu... – vasculhei a memória de Dorothi, mas não havia nada ali para ser encontrado – Não sei. A única vez em que me lembro de ter visto alguém morrer foi quando... Bem, quando *eu* morri.

- Certo. – ele soltou um longo suspiro, e então olhou para o céu. Eu pensei em dizer a ele que, de acordo com as nossas origens, Deus não seria exatamente a pessoa para quem se voltar em um

momento como aqueles (ou em qualquer momento, na verdade), mas decidi que já não importava – Descanse em paz, Jane.

Fizemos silêncio por alguns segundos, e Gabe me olhou, em expectativa. Nem eu, nem Dorothi tínhamos realmente algo para dizer. Por fim, retomei minha pá e comecei a jogar terra por cima do corpo.

- Ela está melhor do que nós. – foi tudo que falei.

Escolhidos

Eu sentia que mal havia adormecido quando fui brutalmente despertada na manhã seguinte. Nem eu nem Gabe havíamos comido, mesmo após um dia inteiro de trabalho, recebendo como recompensa nada mais do que uma jarra de água que deveríamos compartilhar. Com o cair da noite, o vento frio havia feito com que nos encolhêssemos na cela, um contra o outro. Quando acordei, estava sendo chacoalhada brutalmente em todas as direções.

Nós dois fomos postos de pé e arrastados pelas correntes de volta à Grande Tenda. Meu corpo já havia atingido tal nível de exaustão e dor que eu tinha parado de sentir; tudo estava dormente, e eu estava apenas em parte consciente das pedras machucando meus pés ou do sol ferindo a minha pele.

Percebi pelo caminho que algo havia mudado. Ainda era cedo pela manhã, mas o movimento entre as barracas era diferente do habitual, mais agitado. Algumas pessoas levantavam e saíam, agitadas, carregando pertences. Outros recolhiam suas tendas. Fiz sinal para Gabe, mas ele não pareceu notar a mim ou à movimentação estranha.

Shiny nos esperava logo à entrada do imenso manto dourado. Assim que nos viu, ela começou a andar para mais fundo na tenda e, com um movimento de mão, fez com que as correntes me puxassem para frente, seguindo-a.

Eu sabia que o interior da barraca de Shiny era grande, mas não tinha ideia do quanto poderia ser gigantesco. Havia *cômodos* ali dentro – um banheiro, uma cozinha, uma sala de reuniões e um quarto enormes. Um acampamento que certamente faria o Sr Weasley ficar roxo de inveja. Eu suspeitava que todo o andar inferior da finada Casa Azul coubesse ali dentro.

Diferentemente das outras vezes em que eu havia entrado na Grande Tenda, seu interior estava vazio. Mais adentro, num dos cômodos adjacentes, três baús imensos se empilhavam sobre uma espécie de carroça sem cavalos. Antes mesmo que Shiny abrisse a boca, eu já sabia quais seriam as nossas ordens.

- Peguem as malas, crianças. – ela disse, com um meio sorriso sedutor e malévolo – Nós vamos viajar.

Gabe e eu dividimos o peso da carroça, cada um puxando um lado dos arreios. Como eu previa, era o mesmo que tentar mover um prédio; cada esforço parecia imenso e inútil.

De alguma forma, conseguimos colocar o carro em movimento. Apesar de aquele ser um dos raros dias de verão em que o sol não estava a pino, nós dois ficamos cobertos de suor em poucos minutos. Enquanto saíamos, Shiny recolhia os panos dourados que formavam sua tenda numa pilha de tamanho discreto, acrescentando mais aquele fardo ao nosso trabalho.

Muitas barracas estavam desfeitas agora, embora a grande maioria continuasse de pé. Imaginei que fosse mais conveniente locomover só um número estritamente necessário de bruxos, fosse lá qual fosse o nosso destino. Estava pensando nisso quando o avistei.

Eu não via Sam – o *Senhor das Almas*, me apressei a corrigir mentalmente – desde que ele havia me enganado e me levado até Shiny; não devia fazer mais de uma semana, mas a sensação era de que eu não via aquele rosto há anos. Minhas pernas fraquejaram, e, por um instante, eu desejei que ele se virasse para mim e sorrisse, como costumava fazer.

Sam está morto, Dorothei me cortou, de maneira seca. Mas eu sabia que, lá no fundo, ela também estava abalada.

Eu sei, sussurrei em resposta. Mas gostaria tanto de estar errada!

Como se adivinhando meus pensamentos, o Senhor virou-se e, com uma expressão indecifrável, veio até nós. Com aquele manto que lhe cobria da cabeça aos pés, ele parecia deslizar pela grama, tão etéreo quanto palpável. Senti meu corpo sucumbir, de repente muito incapaz de me manter de pé e despencando de joelhos. Gabe correu para me ajudar, mas foi paralisado no meio do movimento.

- Não, não, rapaz. – eu ouvi a voz cavernosa Dele, uma distorção impura e cruel da voz do meu Sam, ressoando e me

fazendo tremer – Deixe-a. Me parece que a pequena Malena enfim encontrou o seu lugar.

Ele parou diante de mim, os braços cruzados atrás das costas, me encarando. O rosto mais pálido do que nunca conservava ainda as mesmas feições que eu amava, mas bastava sustentar seu olhar pra saber que aquele corpo não era mais do que um objeto nas mãos do Lorde das Bruxas. O antigo verde esmeralda agora se cobria de um vermelho macabro, como se sinalizando uma possessão total.

- Pobre Malena. – Ele continuou, em tom de deboche, e eu baixei a cabeça quase que involuntariamente – De bruxa a escrava. Aposto como gostaria de voltar atrás agora que está do lado perdedor da barganha, não?

- Nunca! – respondi, com a coragem que ainda me restava. De súbito, Ele se abaixou e tomou meu queixo com uma das mãos, espremendo meu rosto entre seus dedos e fazendo meu coração disparar de medo. Seu olhar se franziu, pairando a milímetros do meu, com uma ferocidade que Sam jamais possuiria.

- Você rejeita o Senhor que a acolheu? Ignora as bênçãos que *eu* permiti que caíssem sobre você?

- As suas *bênçãos* não fizeram nada além de destruir a minha vida e a de Dorothei! – repliquei, com dificuldade. Seu aperto no meu rosto aumentou ao ponto de eu ver estrelas.

- A sua ingratidão vai lhe custar caro. Guarde as minhas palavras.

- Não há mais nada que você possa tirar de mim.

O Senhor das Almas fitou-me por alguns segundos, e então sua expressão relaxou. Ele me soltou com um empurrão brusco, me fazendo tombar para o lado, e se ergueu, limpando a mão nas vestes.

- Sua alma ainda me pertence, Malena. – declarou – E não duvide de minha palavra: eu irei destruí-la. Vai implorar para voltar ao meu lado quando eu terminar com você.

Ele me deu as costas, e eu estremei. Não tinha a menor dúvida de que ele não estava pra brincadeira.

Caminhamos por uma eternidade.

Meus músculos ardiavam, implorando por descanso. Meus pés já estavam dormentes. Minhas roupas, já imundas, agora pingavam de suor. Eu me sentia tão cansada que estava certa de que muito em breve eu desmaiaria de exaustão.

Me perguntei se era assim que o Senhor das Almas pretendia me punir; me fazendo andar até que eu morresse de cansaço, me mantendo subnutrida e desidratada até que meu corpo não aguentasse mais. *Difícilmente*, Dorothei disse, numa confiança debochada. *Ele provavelmente irá alimentá-la somente para poder torturá-la por mais tempo.*

Ela estava certa; algumas horas após o anoitecer, incontáveis quilômetros depois, o grupo parou à beira da estrada, e rapidamente estabeleceu um acampamento improvisado. Éramos não mais do que dez ou quinze pessoas, muito mais manejáveis do que a multidão com que Dorothei havia viajado. O único rosto que eu reconhecia ali era o de Alistair, mas ele fazia questão de fingir que não me conhecia.

Depois que todos haviam comido e bebido, uma parcela escassa foi dada a mim e a Gabe para dividir – não mais do que uma garrafa d'água e duas porções pobres de arroz e legumes, que desapareceram em segundos em nossas mãos famintas. Ao invés de aplacar a fome, era como se a comida tivesse aumentado o buraco no meu estômago, me deixando pior do que eu estivera até então, ansiando por mais.

Quando todos se recolheram, me encolhi junto a Gabe sem sequer pensar no que estava fazendo. Ele estava com as costas apoiadas na carroça, e me acolheu sob um braço, apoiando o queixo no topo da minha cabeça quando me recostei sobre seu peito.

É egoísta demais ficar feliz por ele estar aqui?, Dorothei perguntou, emitindo o som de um suspiro.

Não, respondi. *Acho que não.*

Por muito tempo, ninguém abriu a boca. No silêncio, só o crepitar da fogueira e as nossas respirações se faziam ouvir. Então escutei passos e abri os olhos, inquieta.

Um vulto atravessava o acampamento, sua sombra se projetando sobre as barracas. Mesmo a uma certa distância, eu sabia quem era pelo deslizar suave de seu manto sobre a terra. De alguma forma, o fogo o fazia parecer bem maior do que era.

- Onde acha que ele está indo? – Gabe me perguntou, num cochicho. O Senhor das Almas agora se afastava de nós, andando lentamente pela estrada, rumo a lugar nenhum.

- Não sei. – sussurrei de volta.

- O que será que tirou o sono dele?

- Mortos não dormem. – afirmei, com uma certeza que nem eu sabia de onde vinha. Ao meu lado, Gabe se aquietou. Minutos depois, nós dois já estávamos caindo no sono.

- Sigam em direção à cidade. Vocês sabem o que fazer. – Ele ordenou, numa voz desprovida de qualquer emoção – Você... – e apontou para mim – Vem comigo.

Era fim de tarde. Estávamos na estrada há dois dias agora, e eu estava exausta. Havíamos parado às margens de uma cidade qualquer, e tudo o que eu queria era desmaiar no asfalto, dando um descanso merecido às minhas pernas.

A mão de Gabe automaticamente se fechou em torno de um dos meus pulsos quando ele ouviu a ordem, como se ele planejasse me impedir de seguir. Obviamente, não teve efeito nenhum; quando o Senhor das Almas me puxou, usando nada além de magia, meu corpo foi impelido para frente com tamanha força que Gabe foi arrastado por alguns metros, antes de me soltar. Olhei para trás, desesperada, mas ele já estava sendo puxado na direção oposta. Enquanto os outros bruxos da comitiva caminhavam para a cidade, nós nos afastávamos dela.

- Posso soltá-la ou vai tentar fugir novamente? – Ele me perguntou, com uma delicadeza sutil e surpreendente.

- Me solte. – pedi, num sussurro rouco. Minha garganta estava seca, e toda vez que eu engolia, sentia gosto de ferro na boca. Era uma surpresa que eu ainda conseguisse falar.

Ele me libertou, e a gravidade me puxou para baixo, me derrubando de joelhos. O Senhor das Almas não parou pra me

esperar – imaginei que Ele soubesse que eu era esperta o bastante para não tentar fugir ali, em campo aberto. Me levantei, trôpega e desajeitada, e tentei alcançá-Lo.

- Onde... – tentei falar, mas a secura fazia minha garganta doer. Tossi, sentindo o gosto amargo do sangue na língua – Onde estamos indo?

Ele me lançou um olhar rápido por sobre o ombro, então fez um movimento com a mão. Em pleno ar, pairando bem diante dos meus olhos, uma garrafa d'água se materializou.

Me lancei sobre ela, como se temendo que desaparecesse. Parei por um instante e a bebi em goles rápidos, ansiosos. O líquido descia enviando pontadas de dor e alívio. Quando terminei, arfando, percebi que Ele havia parado para me esperar – e que estava me olhando.

Era incômodo tê-Lo olhando pra mim daquele jeito, com os olhos que eram de Sam. Não, incômodo não era bem a palavra. Era como se o seu olhar fosse capaz de me perfurar, causando dor física, e de envenenar meu espírito. Eu O via e sabia que não era Sam, mas minha alma ainda O desejava. Especialmente quando Ele me encarava de maneira tão intensa.

Ali, tão perto, percebi que algo havia mudado Nele. Seu corpo já não estava perfeito como antes, mas abatido, estragado – um corpo em decomposição. Pedacos de sua pele pareciam ter esfarelado, revelando músculos abaixo. E os olhos, antes verdes e perfeitos como os de seu antigo dono, agora estavam quase que totalmente vermelhos. A personificação da morte.

- Não sabia que se podia fazer isso. – murmurei, baixando o olhar e remexendo a garrafa meio amassada nas mãos.

- Eles não podem. – o Senhor das Almas me respondeu, muito calmamente – Mas você irá descobrir que há muito pouco que *eu* não possa fazer. – houve uma ligeira pausa, e então ele prosseguiu – Assim como irá descobrir que eu cuido dos meus filhos quando eles me servem bem.

- Não sou mais sua filha. – respondi, com bem menos determinação do que pretendia. Soava quase envergonhada em

admitir aquilo em voz alta, e essa constatação me deixou em choque.

- Mas vem me servindo bem.

Ele continuou me encarando por mais um minuto, e eu não pude sustentar o olhar. Brinquei com a garrafa na mão, muda, até que, por fim, Ele se virou e continuou andando, como se aquele breve intervalo nunca tivesse existido.

Nossa caminhada não durou muito tempo. Menos de dez minutos depois, Ele virava numa estradinha de terra cuja existência eu havia ignorado. Ao final dela, uma pequena fazenda, perdida ali no meio de lugar nenhum, erguia-se, solitária.

Estranhei, mas continuei em silêncio, concentrando minhas forças em continuar em movimento. Quando, enfim, alcançamos a porta da frente, o sol já se punha no horizonte, e meus músculos imploravam por descanso. Quase sorri quando parei na pequena varanda, agraciada pela sombra e pela brisa.

Contra todas as expectativas, o Senhor das Almas bateu à porta – três toques educados e contidos, que me fizeram questionar ainda mais o motivo de termos ido até ali.

Vários segundos se passaram antes que eu escutasse qualquer movimento do lado de dentro. Por um instante, achei que estávamos batendo na porta de uma casa vazia, mas por fim um tilintar de chaves se fez ouvir, e a porta foi destrancada e cuidadosamente aberta.

- Boa noite, Amelia. – Ele disse, numa polidez que colocou meu corpo inteiro em sinal de alerta – Podemos entrar?

Não consegui enxergar a reação da tal Amelia; do ponto onde eu estava, eu só conseguia ver a parte de trás do imenso manto negro do Senhor das Almas, e parte da porta entreaberta. Vi, contudo, quando ela se abriu, e Ele entrou, parecendo deslizar pelo chão de madeira. Após um segundo de hesitação, eu O segui.

Na entrada, passei por uma mulher baixa, de talvez uns trinta anos, mas que se vestia com um ar de senhora – vestido largo e florido, um avental sujo na cintura, um coque no alto da cabeça. Ela não disse nada quando eu entrei, tentando inutilmente deixar uma parte da imundície dos meus pés no capacho em frente à casa. Mais

ao fundo, o Senhor das Almas caminhava pela sala, os braços cruzados nas costas.

A porta se fechou atrás de mim com um clique, e então o silêncio completo se instalou. Fiquei ali, no hall de entrada, no meio do caminho entre Amelia, a sala e um corredor que levava aos fundos da casa. Ninguém parecia querer ser o primeiro a falar, como se qualquer ruído fosse capaz de fazer aquela sensação de falsa segurança desmoronar como um castelo de cartas ao nosso redor. Por fim, a voz Dele veio do outro cômodo:

- Não vai me fazer companhia, Amelia? Vim especialmente para vê-la.

Lancei um olhar de esquelha para Amelia. Seus olhos ansiosos e sua boca crispada numa linha quase invisível me diziam que a última coisa que ela queria era ter de passar um segundo quizer na companhia do novo visitante. Mesmo assim, ela se mexeu, como se forçasse as próprias pernas a se colocarem uma diante da outra, formando passos hesitantes e ansiosos.

Eu a segui com os olhos, sentando-me no chão do hall, sentindo um breve alívio em poder descansar as pernas. Amelia parou em frente à janela, e, à meia luz, eu pude ver suas mãos tremendo. Sua sala era pequena, mas confortável: um sofá encostado na parede oposta à que ela estava dava de frente para uma TV pequena e antiga, e havia uma lareira com alguns quadros apoiados bem de frente ao portal que dividia a sala do restante da casa. O Senhor das Almas observava os retratos com interesse polido, prolongando o silêncio por minutos dolorosos.

- Diga-me, Amelia, há algo faltando em sua vida? – Ele perguntou, subitamente. Sua voz estava séria agora, e vi com o canto do olho que Amelia estremeceu ao ouvi-Lo falar.

- Não. – ela disse, baixinho.

- Sua magia já lhe faltou algum dia? – Ele insistiu, virando-se para olhá-la - Alguma vez, nestes anos, eu falhei em atender aos seus pedidos?

- Não. – Amelia repetiu, olhando para os próprios pés – Jamais.

- Então, se fui o pai e Senhor zeloso que jurei que seria, se eu tão prontamente cuidei de você e atendi aos seus chamados, por

que, minha filha... – Ele pausou, lentamente deslizando em direção a ela – Por que você não me ouviu quando eu chamei?

Seu tom era suave, não mais que um murmúrio. Se eu não soubesse, talvez acreditasse que Ele se sentia magoado pela falta de Amelia. Mas seu rosto era tão firme e ameaçador quanto sua voz era macia, e eu sabia que não havia tristeza, nenhum vestígio de coração naquele corpo – somente ódio.

- Eu não... – ela recuou um ou dois passos, as costas trombando com o batente da janela. Ela tremia inteira agora, e eu podia adivinhar, pelo jeito como tentava se justificar, que ela estava a um passo de cair no choro – Eu nunca quis...

Um barulho próximo a interrompeu, e ela voltou o olhar apavorado e cheio de lágrimas na direção do hall. Fez-se silêncio por um instante, e então de novo. Meu coração começou a bater loucamente no peito. Era uma *criança*.

- Ora. Amelia, por que não disse antes? – o rosto do Senhor das Almas se iluminou num sorriso súbito, leve demais para ser real, como se todo o tempo eles estivessem apenas travando uma conversa amigável – Um filho! Traga-o para mim, Amelia. Gostaria muito de conhecê-lo.

- Por favor... – ela pediu, claramente horrorizada com a ideia de trazer seu bebê para qualquer lugar remotamente perto Dele – Ele não é um de nós.

- Os filhos dos meus filhos fazem todos parte da minha família. – Ele disse, gentilmente, mas seus olhos faiscaram num franzir quase imperceptível – Busque-o, Amelia. Ou gostaria que eu fosse até ele?

Notando que estava sem opções, Amelia se moveu rapidamente, trombando nas paredes enquanto cambaleava para os fundos da casa. O choro da criança continuava, mas foi rapidamente abafado alguns segundos depois. Logo Amelia voltava, com um bebê parrudo nos braços, usando nada além das fraldas. Pelo tamanho, não devia ter muito mais do que alguns meses de vida.

O Senhor das Almas se aproximou lentamente. Amelia parecia enraizada no chão, para entre a sala e o hall, a face distorcida num cenho fechado, inseguro. Ele, por sua vez, trazia uma expressão

indiscernível; encarava a criança com um olhar concentrado, o rosto plácido demais. Era impossível saber o que Ele estava pensando, mas eu tinha um palpite bastante certo de que não devia ser nada de bom.

- É um belo rapaz. – Ele disse, por fim, após longos minutos de espera em silêncio.

- O-obrigada. – Amelia gaguejou, quase inaudível.

- Você faltou comigo, Amelia. – o Senhor prosseguiu, soltando um suspiro teatral – Mas suponho que não possa culpá-la. Um filho. É uma grande responsabilidade. Eu sei. Tenho muitos.

- Obrigada, Senhor. – ela murmurou, e uma lágrima brilhou em sua bochecha.

- Posso? – Ele estendeu os braços, em direção ao menino. Amelia, até então um pouco mais relaxada, se retesou imediatamente. Vendo a hesitação da mãe, um sorriso se plantou nos lábios Dele – Ora, Amelia. Eu jamais faria mal a um dos meus.

Ela hesitou um momento mais antes de obedecer; no fim, acho que ela sabia, tanto quanto eu, que o Senhor faria sua vontade, querendo ela ou não. Com os braços tremendo, Amelia entregou-lhe o bebê.

Por apenas um segundo, a visão do Sam – do *Senhor das Almas* – segurando uma criança no colo, de um jeito desajeitado, porém firme, atrapalhou meu julgamento. Me dei conta de que eu jamais veria Sam envelhecer, crescer comigo, que jamais o veria segurar um filho no colo – um filho *nosso*. Que todos os sonhos que eu tivera com ele jamais iriam se realizar. Mas, naquele átimo de segundo, me ocorreu também que, ainda que Sam não vivesse, eu podia vê-lo ali, através Dele; que cada um de seus gestos seriam sempre um eco do garoto que eu amava, e que, de alguma forma, eu estava feliz em poder ter aqueles pequenos fragmentos da vida real ao lado Dele. A vida com uma visão turva e esperanças irreais ainda era melhor do que uma vida em que Sam não estava mais lá, de maneira nenhuma.

Mas então o Senhor das Almas tirou seus olhos do menino e encarou Amelia, e eu vi seu sorriso se transformar em algo mais. Em algo pior. E, quando ele falou, sua voz grave e cruel de um jeito que

a de Sam jamais fora, eu soube que o devaneio havia se estilhaçado e que eu daria qualquer coisa para matá-lo ali e agora.

- Mas, como você muito bem colocou, ele não é um dos meus. Receio, portanto, que eu não deva mais a esta criança do que devo à traidora que o trouxe ao mundo.

Amelia ameaçou um grito, mas já era tarde; Ele se inclinou sobre a cabeça do menino, colando seus lábios à testa dele, como se plantasse um beijo. Mas não havia inocência nenhuma no gesto. Tão logo Ele o fez, e a criança começou a murchar, bem diante dos meus olhos.

O que ele está... Dorothei começou a dizer, mas mesmo ela se calou. Falar era errado, impróprio. Não havia palavras que bastassem.

O pequeno bebê secou como uma múmia nos braços do Senhor das Almas. Amelia se lançou contra seu Mestre, chocando-se contra uma parede invisível ao redor dele e caindo de joelhos no chão, aos gritos e lágrimas. Eu me levantei, mas não tive coragem de sair do lugar. O medo me prendia, e eu sentia que poderia desmaiar se me mexesse um pouco mais.

A criança se desfez em pó, caindo pelo chão, cobrindo os cabelos de uma Amelia que berrada e socava o ar, inutilmente. Quando ergueu a cabeça, vi que o rosto do Senhor das Almas, antes pálido e deteriorado em vários pontos, estava completamente restaurado. A pele estava firme, levemente corada, inteira. Ele parecia mais vivo do que nunca. Somente os olhos, ainda borrados de carmim em torno das íris verde-esmeralda, me lembravam de que aquele era o temido Mestre das bruxas, e não a minha alma gêmea.

- Agora, quanto a você... – Ele limpou o manto negro com as mãos, livrando-se dos resquícios do que acabara de fazer como se não fosse nada além de poeira – Eu poderia levá-la comigo, como minha escrava. Mas, sabe, Amelia, eis um fato curioso... – Ele se abaixou, apoiado num joelho, e levou as mãos ao rosto dela – Quem não deseja a sua companhia agora sou eu.

E o corpo dela ardeu em chamas.

Amelia – ou o que restava dela – despencou no chão, imóvel, como se o choque de ter entrado em combustão a tivesse paralisado

completamente. As chamas se espalharam pelo tapete da sala e começaram a subir pelas paredes, lambendo os móveis. Nenhuma fagulha parecia atingir o Senhor das Almas: ele analisava cuidadosamente as próprias mãos, em seguida tocando o rosto com os dedos, provavelmente testando as melhoras do próprio corpo. O tempo todo, eu continuei parada, incapaz de reagir.

Ele olhou à sua volta, admirando o belo trabalho de ter ateado fogo a uma casa, e só então saiu do lugar, passando por mim em direção à porta.

- Você vai me acompanhar, Malena? – perguntou, sem demonstrar qualquer interesse – Porque, se pretende ficar, eu não tentarei impedi-la.

Mexa-se, Dorothei gritou na minha cabeça, me despertando do transe. Não tenho a menor intenção de morrer duas vezes da mesma maneira. Saia daí.

Me apressei a alcançá-Lo, saindo bem a tempo de ver o incêndio consumindo o hall. Do lado de fora, vi que a fumaça já estava alta, e o Senhor das Almas muito à minha frente. Ele sequer olhava para ver se eu tinha ido atrás dele ou não.

Parei e olhei em volta. O terreno era amplo, aberto, mas eu não estava muito longe da cidade. Talvez houvesse alguém a quem eu pudesse recorrer. O Senhor das Almas podia ser o Mestre dos bruxos, o homem mais poderoso a caminhar sobre a terra, mas ele não tinha olhos nas costas, e eu estava bastante certa de que, àquela distância – uns consideráveis vinte metros à minha frente – ele talvez nem ouvisse se eu me afastasse com cuidado. Eu podia tentar. Quanto tempo levaria antes que ele percebesse que eu não estava ali? Ele sequer consideraria que eu havia fugido, ou imaginaria que eu tinha ficado pra trás, morta em meio às chamas.

Ele não é idiota, Dorothei replicou, num tom pesado de sarcasmo. Ele sabe que ninguém escolheria morrer queimado. Além do mais, quão longe você acha que nós chegaríamos? Olhe só pra você, está exaurida.

Nunca vou saber se não tentar, falei, mesmo sabendo que ela tinha uma ponta de razão. Mais que uma ponta, provavelmente.

Você vai morrer. E se você morrer, eu morro.

E por quanto tempo você acha que Ele vai nos manter vivos, Dorothei? Qual é o problema com você? Você quer viver como uma escrava?

Minha mente ficou em silêncio. O Senhor das Almas diminuía à distância, cada vez mais longe, ainda sem parar ou olhar para trás. Quando Dorothei falou de novo, sua voz não era mais que um murmúrio.

Gabe ainda está com eles, foi tudo o que ela disse. E assim, de repente, a minha coragem se esvaiu.

Sem trocar mais nenhuma palavra, respirei fundo e apertei o passo para alcançar meu captor.

Já havia anoitecido quando alcançamos a cidade. Era uma noite sem lua, daquelas em que nem mesmo as estrelas parecem ter alguma luz. As ruas estavam desertas e quietas, e por onde passávamos havia uma energia estranha no ar.

Pra onde quer que eu olhasse, as coisas pareciam erradas. Casas com portas abertas por nenhum motivo, carros parados no meio fio, parecendo abandonados, vidros quebrados na frente das lojas. A quietude, de repente, assumia uma nova dimensão; deixava de ser o silêncio normal de uma noite de verão, e passava a ser opressor, sufocante. Instintivamente, levei uma mão à garganta, tentando desfazer o nó que havia se formado nela.

Fui ficando cada vez mais apreensiva conforme atravessávamos as ruas a passos rápidos. Eu esperava que a pequena comitiva de bruxos que nos acompanhava tivesse montado acampamento nas imediações da cidade, mas já havíamos nos distanciado bastante e ainda não tínhamos encontrado ninguém, humano ou bruxo. O lugar estava entregue aos fantasmas.

Eu já estava com os pelos da minha nuca eriçados e uma sensação crescente de mal estar na boca do estômago quando, enfim, ouvi barulho. Infelizmente, não o tipo de barulho que me tranquilizava escutar.

O som foi ficando mais forte conforme nos aproximávamos – batidas frenéticas, palmas e cantoria, um som que eu conhecia muito bem de quando Shiny havia chegado a Oxford. O Senhor das

Almas virou numa esquina, então, e ao acompanhá-lo, me deparei com o nosso destino.

Devia ter sido uma praça nos melhores dias da cidade, mas agora ela estava tomada, destruída. De um lado, Shiny e os outros celebravam numa roda de dança; do lado oposto, uma fileira de pelo menos vinte pessoas aguardava, de joelhos no asfalto, cabeças baixas. No centro uma pilha de corpos se erguia, formando uma enorme fogueira. O ar cheirava a fumaça e carne queimada, e o som da música frenética parecia, de alguma forma, acompanhar o crepitar das chamas.

Parei onde estava, me inclinei e vomitei. Ninguém pareceu me notar.

A música parou subitamente quando perceberam a presença do Senhor das Almas. De onde eu estava – inclinada na sarjeta, vomitando sonoramente – eu não podia vê-lo, mas eu o escutava tal qual sua voz soasse por caixas de som em toda a extensão da praça. Suas palavras reverberavam e faziam os meus ossos tremerem.

- Bem vindos, filhos e filhas. Vocês foram Escolhidos para se juntarem à Nova Era. A grandeza os espera, e é minha honra acolhê-los e ensiná-los a partir de agora.

Controle-se e vá até lá!, Dorothi exclamou, ansiosa. *Quero ver o que está acontecendo.*

Eu não estava tão certa de que *eu* queria ver. Contudo, Dorothi tinha uma força de vontade impressionante – mesmo com a minha hesitação, ela conseguiu me controlar o suficiente para me forçar a me mexer, me impelindo em direção à reunião de pessoas.

Ele se abaixava diante da fileira de humanos, agora. Estava de costas para mim, de modo que não pude ver seu rosto – mas, pelo modo como Ele acariciava o rosto de uma mulher aos prantos, e pelo timbre tranquilizador que usou ao falar, eu quase podia imaginar a expressão de falsa compaixão que Ele exibia.

- Pronto, não chore. Não há motivo para chorar. – Ele disse – Somos a sua nova família agora. Aqueles que, de sua boa vontade e livre escolha, se entregarem para mim, gozarão do meu poder e das graças que ele traz. Formaremos um novo povo, e em breve toda a Terra será nossa.

Ele não citou o que aconteceria aos que se negassem. Mas bastava olhar para o lado para saber que o destino não seria tão bondoso com aqueles que recusassem sua oferta.

Um movimento atrás de mim me fez pular de susto. Me virei rápido, o coração na boca – mas era só Gabe, sujo e assustado. Eu o abracei quando o vi, desfrutando do alívio temporário por ele ainda estar vivo.

Quando me virei de novo, a cena estava diferente. Alguém havia improvisado um assento para o Senhor das Almas, e ele agora aguardava sentado, a comitiva atrás de si, Shiny parada com uma mão sobre seu ombro. Um dos bruxos organizava os humanos em fila; eles exibiam reações variadas, desde os ombros trêmulos da mulher que o Senhor das Almas consolara, até o rosto erguido e altivo do primeiro rapaz da fileira.

Uma a uma, as pessoas se aproximavam e se ajoelhavam aos pés do Senhor das Almas. Uma a uma, elas diziam “eu lhe entrego, de boa vontade de livre arbítrio, minha alma em seu poder, por toda a eternidade” em diferentes tons de emoção. Uma a uma, elas se inclinavam e O beijavam nos lábios, envoltas por um círculo de luz momentâneo antes de saírem e se juntarem ao grupo de bruxos, cada vez maior agora.

- O que está acontecendo? – Gabe cochichou para mim. Eu soube a resposta sem precisar que Dorothei a sussurrasse.

- É a Nova Colheita.

Montamos acampamento na praça durante os próximos dois dias. As casas estavam vazias, mas nenhum bruxo as ocupou – ergueram suas tendas com orgulho, como se o fato de não invadirem os lares abandonados os tornassem melhores do que meros assassinos. Gabe e eu fomos deixados ao relento.

O fato de não ocuparem as casas, no entanto, não significava que os imóveis estivessem a salvo. Na manhã seguinte, cada lugar da cidade foi vasculhado e devidamente esvaziado de comida, água e bens materiais úteis – dinheiro, jóias, ou mesmo cobertores e roupas. Ninguém os impediu. Não havia ninguém vivo que pudesse pará-los.

Os corpos dos humanos descartados foram queimados de qualquer jeito, mas não o suficiente pra que tudo se desfizesse em cinzas. Os restos continuavam ali, jogados pra todo mundo ver, fadados ao descaso. Rezei silenciosamente pra que não nos mandassem dar um jeito naquilo, e agradei no mesmo tom por tudo ter sido deixado como estava. Eu não aguentaria ter que dar conta de tantos mortos.

A vigilância sobre mim e Gabe foi mínima durante aquele primeiro dia. O clima estava diferente agora – eles ainda se importavam o bastante para não nos permitir escapar, mas não o suficiente para nos punirem ou nos privarem de nada. Então, quando nós nos esgueiramos para dentro de uma das casas e reviramos a cozinha em busca de algo pra comer, ninguém tentou nos impedir; um homem ficou na porta, observando nossos passos, enquanto nós pegávamos o que podíamos.

Os dias de fome e desidratação foram muito mais fortes que o meu senso de moral. Dada a oportunidade, eu não parei pra pensar muito sobre quem morava ali, ou quantas pessoas haviam perdido a vida pra que eu pudesse comer; não era importante. Eu tinha sofrido, e tinha perdido também. Pro inferno com o mundo. Eu precisava comer.

Gabe encontrou frutas na geladeira, e eu achei pão e biscoitos no armário. Sentamos e comemos até que nossos estômagos estivessem inchados, até que minha boca doesse de tanto mastigar e até que eu estivesse forte o bastante para, enfim, olhar em volta.

A casa não era muito grande: era um sobrado com sala e cozinha no térreo, e um banheiro e um único quarto no andar de cima. Uma foto de um casal que eu não reconhecia entre os novos “recrutados” estava pregada na geladeira, com um ímã em formato de coração. Olhar pra foto fez meu estômago revirar. Quem eram eles? Recém casados, pelo que eu podia julgar. Estavam começando uma vida, uma família, e isso tinha sido tomado deles. Eles haviam morrido porque recusaram uma oferta de poder. A humildade os havia matado.

- Malena, vem aqui! – a voz de Gabe me despertou. Eu já estava com o nariz quase colado na geladeira, os olhos fixos na foto.

Nem tinha notado que ele não estava mais ali.

Segui seu chamado até o andar de cima, lançando um olhar duvidoso ao nosso vigia. Ele não se mexeu, então entendi que poderia subir. Gabe estava no quarto em frente à escada, remexendo em um dos armários.

- O que você está fazendo? – perguntei, chocada.

- Aqui, acho que deve caber em você. – ele respondeu, me jogando uma camiseta azul bebê. Eu a joguei de volta sem olhar.

- Deixe isso aí, Gabe! Isso não é nosso!

- Bom, não é como se os donos fossem precisar agora, não é?

O jeito como ele disse – cruel, simples, fatídico – fez a minha garganta fechar. Toda a comida que eu havia roubado de bom grado de repente ameaçava voltar pelo meu esôfago, tomada pela culpa. Aquele casal, os donos daquela casa, eles estavam mortos, e eu estava tirando proveito disso. Que tipo de pessoa isso me tornava?

Gabe, notando o meu estado, largou as roupas no chão e veio até mim. Passou um braço pelo meus ombros e me apertou com cuidado ao lado dele.

- Olha, eu sei que isso é horrível, ok? – falou, com um suspiro – Mas se tem uma coisa que o orfanato me ensinou é que, quando você tem uma chance, você tem que pegá-la, não importam as condições. Não tem nada que a gente possa fazer pra salvar essas pessoas agora. Não foi culpa nossa o que aconteceu com elas.

- Nossa não. – murmurei, sem pensar – Minha.

Gabe me soltou, e então se abaixou até seu rosto estar no mesmo nível que o meu.

- Malena, nada disso é sua culpa. – Gabe afirmou, a voz muito firme e muito certa. Chacoalhei a cabeça veementemente.

- É minha culpa *sim*. – insisti – Eu o traí. Eu escolhi a minha família, e por isso outras famílias estão... morrendo. Se eu não tivesse... Se ele não tivesse morrido...

Gabe me abraçou, e só então percebi que tinha começado a chorar. Funguei alto, o desespero fazendo meus ossos tremerem, expulsando a dor em lágrimas e em gritos. Por muito tempo, Gabe não fez nada além de me consolar em silêncio. Só vários minutos depois, quando eu já estava mais calma, foi que ele tornou a falar.

- Sabe, eu nunca soube o que aconteceu com os meus pais. – ele disse – Eu fui encontrado na frente do orfanato, mas ninguém sabe quem me deixou lá. A verdade é que os meus pais, seja lá quem eles forem, me abandonaram. E mesmo assim, não tem um dia que passe sem que eu pense neles.

Ele me soltou, e limpou o meu rosto com as palmas das mãos.

- O que eu quero dizer é que, se fosse comigo e eu tivesse que escolher, eu escolheria a minha família, mesmo sem nunca tê-los conhecido. – Gabe me deu um sorriso gentil – Então nunca se culpe por ter escolhido salvar a sua. Qualquer um no seu lugar faria o mesmo.

Concordei, mesmo sem estar tão certa. Mais calma, eu podia pensar com alguma frieza. Gabe tinha razão, nada do que estava ali teria utilidade mais pros antigos donos da casa. Nós, por outro lado, precisávamos urgentemente de algo menos imundo pra vestir. Respirei fundo.

- Vamos ver o que tem aí. – falei, indicando o armário com a cabeça.

Voltamos pro acampamento ao pôr-do-sol, de barriga cheia, banho tomado e roupas roubadas, porém limpas. A camiseta que eu havia pegado era um pouco maior do que o ideal, mas pelo menos as calças eram do meu tamanho; os tênis novos, daqueles de corrida, também tinham vindo a calhar. Uma pontinha do meu cérebro ainda se corroía de culpa, mas eu estava decidida a não pensar nisso. Por fim, Gabe e eu havíamos até enchido uma mochila com comida e roupas reserva, mesmo sem saber se poderíamos mantê-la.

Uma nova fogueira havia sido acesa quando chegamos, mas ninguém estava ardendo nela desta vez. Ao invés disso, a pira estava se mantendo com madeira de móveis destroçados sem piedade. Ao redor dela, o grupo agora consideravelmente maior de bruxos se reunia, sentando-se em grupos claramente divididos entre os antigos e os recém-chegados.

Já havia escurecido quando o Senhor das Almas se juntou ao grupo. Eu não podia ter certeza, mas algo me dizia que Ele tinha

passado o dia caminhando. Aquele ar de inquietude continuava presente nos seus movimentos enquanto Ele andava. No momento em que O viram, todos fizeram silêncio.

- Bem vindos, filhos e filhas. – Ele disse, a voz com apenas um toque suave de cansaço – Imagino que estejam todos descansados? Bem alimentados?

Um murmúrio de concordância percorreu o grupo. De onde eu estava, sentada com as costas contra um muro de concreto ao lado de Gabe, eu podia ver que nem mesmo Shiny ousava levantar a voz; ela se limitava a observá-Lo, o rosto brilhando a luz da fogueira com uma expressão de adoração que me dava nojo.

- Eu os convoquei aqui hoje porque creio que todos estão curiosos e tem o direito de saber quem somos nós. Minha história vem sendo contada há muitas gerações, mas creio que, estando eu novamente presente entre os meus, caiba a mim contá-la agora. – Ele fez uma ligeira pausa, e imaginei um sorriso no rosto de Sam enquanto Ele falava - Há quantos séculos não tenho este prazer.

Um arrepio me percorreu a espinha. Como todo mundo ali – à exceção, provavelmente, de Gabe – eu já tinha ouvido a história do nascimento da magia. Mas era diferente ouvir um conto passado verbalmente por dezenas de pessoas a escutar as palavras da boca de quem a tinha vivido. Me remexi no meu assento precário, me inclinando pra frente pra ouvir melhor.

- Há muitas eras, eu não vestia este rosto. – Ele começou, e eu estremeci – Eu não tinha estes poderes. Eu era humano, fraco e ingênuo. A vida era finita, e, naqueles tempos, tantos eram os poderes capazes de exterminar uma vida humana que aqueles que tinham sorte em prolongar sua existência raramente o faziam sem que algo de ruim as assolasse. O privilégio da saúde e proteção estava limitado àqueles nascidos em berço de ouro; eu não era um deles.

“Antes de vocês, meus filhos, eu tinha uma outra família. Eu era pastor, e pai de cinco crianças. Por muito tempo, fui tão feliz quanto um homem poderia ser naquela época; mas então as desgraças caíram sobre a minha família.

“A peste nos atacou. Dizimou minha família em poucas semanas. Fui o único sobrevivente, um único felizardo em meio a dezenas de mortos no vilarejo onde eu vivia. Quando os guardas chegaram, acreditei que seria salvo; ao invés disso, tentaram me atirar ao fogo, como faziam com os corpos dos doentes. Então, eu fugi.

“Estava desesperançado, sozinho, perdido, faminto. Busquei a ajuda daqueles que chamam de deus, de Todo Poderoso – pois que justiça seria esta em que um homem é punido por sobreviver? Por que aqueles mais abastados não me estendiam a mão? Pedi ao tal deus que ouvisse minhas preces, que me munisse de forças para combater as injustiças humanas, força para derrubar as hierarquias que mantinham pessoas indignas no controle. Mas deus não atendeu ao meu apelo. Poder, ele me disse, não se combate com poder, e sim com misericórdia. A destruição dos injustos não me traria nenhum bem. Ele me virou as costas quando mais precisei.

“Havia, no entanto, mais alguém ouvindo minhas preces: um enviado, era como ele se intitulava. E seu mestre estaria disposto a atender minhas exigências – se eu atendesse às dele.”

O silêncio era absoluto. Parecia que todo o mundo tinha perdido o volume; ninguém respirava, ninguém falava, nem mesmo o fogo ousava crepitar. Ao meu lado, Gabe parecia de pedra, retesado numa única posição, encarando.

- Ele me deu poder, e, em troca, eu lhe dei as almas dos expurgados. – o Senhor das Almas prosseguiu, sua voz soando forte como um trovão em meio à quietude – Meus filhos e filhas jamais morrerão; suas almas estão em constante ciclo, nascendo e renascendo eternamente, e aqueles indignos de receberem minhas bênçãos são condenados ao martírio. Por minhas mãos, veio a salvação de centenas. Infelizmente, porém, havia um preço na barganha.

“Um dia, encontrei-me com um jovem cuja alma não se permitia tomar pelo meu domínio. Ele jamais seria meu, e, pela recusa, estava condenado. Este jovem, contudo, foi também o portador da minha desgraça – ainda que eu não pudesse tocá-lo, sua adaga me feriu, e condenou a minha própria essência aos limites

do Inferno. Foi também este jovem quem pôde, enfim, me libertar; uma alma por outra, uma troca justa.

“Pois justiça, meus filhos, é tudo o que sempre busquei. Eu os escolhi porque acredito que, juntos, possamos criar um novo mundo. Um mundo onde sejamos todos iguais em poder, unidos pelo sangue e pela magia. Os corruptos serão varridos da Terra e os justos irão triunfar.”

Os bruxos gritaram em saudação. Eu tremi; quanto tempo levaria até que eu fosse expurgada também?

Eu não sabia dizer.

Filha Pródiga

—
A caminhada incessante continuou. Como eu imaginava, os poucos bens que Gabe e eu havíamos roubado nos foram tomados antes mesmo de deixarmos a cidade, e ambos fomos punidos por isso – tivemos as palmas de ambas as mãos marcadas com ferro quente, até a pele borbulhar e me arrancar gritos de dor. Ironicamente, nossas roupas novas tiveram de ser rasgadas e sacrificadas para improvisar bandagens.

Diferente das lembranças de Dorothei de quando caminhávamos em direção a Lake Mills, quando as paradas eram na estrada, afastados dos humanos, os bruxos agora invadiam cidade após cidade, devastando tudo. Nós seguíamos atrás da caravana, prontos para ver a entrada triunfal de Shiny ao lado do Senhor das Almas, comandando o levante.

Casas eram invadidas. Pessoas jogadas na sarjeta. Crianças iam primeiro, liderando uma fila de humanos que parecia já saber que seu destino era a morte certa. Acendiam-se as fogueiras e começava o julgamento.

Se era justiça que Ele buscava, então talvez ele realmente não entendesse o conceito por trás do que pregava. Após reunir todos os cidadãos locais, o Senhor das Almas, já dispensando apresentações, oferecia a todos a liberdade de escolha: quem quisesse, era bem vindo a juntar-se a Ele. Em contrapartida, é claro, Ele tomava o cuidado de não dizer o destino dos que O rejeitassem até que fosse tarde demais. A maioria morria sem sequer saber o que os tinha atingido.

Ao crepúsculo vinha então o juramento, e, por fim, a história. Filas e filas de pessoas vendendo sua alma ao diabo, selando com sangue o pacto com seu novo Mestre. Me perguntei quantos deles faziam aquilo por falta de opção, guiados pelo instinto de sobrevivência, e quantos abraçavam o poder e a destruição que vinha com eles. Para quantos psicopatas o Senhor das Almas estendia suas bênçãos?

Talvez não importasse. O mundo estava perdido com ou sem ajuda, agora. O exército de bruxos era maior a cada dia. Ninguém teria a menor chance.

Eu esperava que Shiny ou o Senhor das Almas fizessem mais escravos, mas aparentemente eu e Gabe bastávamos – o bastante para que os pequenos serviços fossem feitos, e de longe o suficiente para manter a obediência. Mais de uma vez naqueles dias fomos punidos para demonstrar ordem. Gabe foi açoitado numa tarde apenas porque um dos novatos – um garoto, não mais velho do que eu – questionou a decisão de matar os humanos. Ele mal conseguiu andar por dias, e o menino não tornou a abrir o bico após presenciar a cena.

Cada parada era uma tortura. O grupo, antes pequeno, aumentava exponencialmente agora. Já passavam de cem, todos seguindo sabe-se lá para onde, invadindo cidades, pilhando materiais roubados, tirando vidas. Deixávamos um caminho de sangue para trás, e não havia nada que eu pudesse fazer.

Com um grupo tão grande, não demorou, é claro, até que as brigas começassem.

Eram muitos, de muitas origens, etnias e opiniões diferentes. Era impossível manter todas aquelas pessoas em paz por muito tempo. Enquanto alguns continuavam assustados demais para sequer erguer a cabeça, outros encontravam em qualquer conversa um motivo pra iniciar uma discussão. Mais de uma vez, vi pessoas – homens, geralmente – brigando entre si, lutando com socos e pontapés, feitiços e magias descontroladas. Quando eram pegos, não havia misericórdia: eram punidos, mortos em frente a todos os demais, servindo de exemplo.

E então, haviam as crianças.

Eu devia ter imaginado o que aconteceria com elas assim que as vi sendo separadas dos adultos pela primeira vez. Mas então as crianças maiores – aquelas que já andavam e falavam, crescidas o suficiente para serem razoavelmente independentes – haviam voltado para os braços dos pais, e eu imaginei que todas tinham sido poupadas. Não dei falta das pequenas, dos bebês de colo. Não pensei que elas estariam condenadas.

Mas uma noite vi uma mãe lamentando, e, seguindo seu olhar, vi por que ela chorava. Assim como eu vira na casa de Amelia, ele segurava um bebê, como se fosse beijá-lo. Assim como o filho de Amelia, esta criança também secou até virar cinzas. Me lembrei de Frida e da pulseirinha de dentes, citando a superstição de que *as crianças seriam alimento em Seu retorno*, e me perguntei se, depois do que havia acontecido com Linda, ela acreditava mais nas próprias lendas.

Tem uma coisa curiosa sobre o horror. A gente imagina que certas coisas nunca cessem de ser assustadoras, mas não é verdade. Exponha-se por tempo suficiente aos horrores mais inimagináveis, e logo você estará blindada contra eles. Veja vezes demais algo que te aterroriza, e logo isso deixará de parecer tão cruel. Você se acostuma. Seu cérebro deixa de processar a maldade das coisas.

Percebi que, dia após dia, eu também me tornava blindada. Se antes a visão de uma pilha de corpos sendo ateado fogo me fazia vomitar, agora raras eram as vezes em que eu desviava o rosto. Enquanto antigamente a ideia de ter dezenas de pessoas todos os dias se juntando aos bruxos me atormentava, já havia se tornado algo em que eu quase não pensava mais. Eu só rezava para continuar viva, embora já não soubesse mais por que.

Me peguei pensando se era isso que tinha feito de Dorothi quem ela era. Se ela havia sido exposta à maldade por tempo demais e se tornado imune a ela. Talvez a falta de amor, somada às atrocidades que ela vira em seu tempo, a tivessem moldado para ser uma espécie de dama de ferro. Ela não era cruel, mas não conhecia a bondade. E então me perguntei se a convivência comigo e em meu lugar a haviam transformado.

Eu sabia que ela podia me ouvir, mas ela não disse nada em resposta a nenhuma das minhas questões. Dorothi mal falava agora. Parecia fraca, distante, e eu só sabia que ela ainda estava lá porque podia senti-la. Seu silêncio me atormentava em certos dias, e era uma bênção em outros. Era difícil escolher o que era pior.

Perdi inteiramente a noção do tempo naquela viagem. Gabe havia tentado contar os dias, mas o cansaço e a desidratação faziam com que a gente se esquecesse fácil até das coisas mais simples.

Tínhamos atingido um estado de mera existência, em que continuávamos a andar apenas pela necessidade de sentirmos que continuávamos vivos. Nas raras ocasiões em que conseguíamos escapular para dentro de alguma casa por tempo suficiente para roubarmos uns goles d'água e alguma comida, éramos recompensados com castigos pesados ao voltar. Ninguém nos vigiava porque sabiam que nenhum de nós tinha energia suficiente pra fugir.

Somente incontáveis dias – semanas, talvez? – depois foi que tive qualquer indício de onde estava. Tinha amanhecido, e Gabe e eu estávamos parcialmente escondidos atrás de uma árvore, tentando sair do caminho das centenas de bruxos que invadiam mais uma cidade. Alguns deles estavam particularmente inspirados naquela manhã, atirando caixas de correio pelo ar, estourando vidros nas janelas. As possibilidades de proteção eram pequenas, mas eu estava disposta a tentar.

Uma vidraça explodiu atrás de nós, e, com um grito agudo, apressei Gabe para sairmos de lá. Seguimos abaixados, de mãos firmemente atadas, ele cobrindo a minha retaguarda e eu liderando o caminho. Entrei na primeira porta aberta que avistei.

Era uma casa que, a julgar pela decoração antiquada e pelo excesso de vasos de flores, deveria pertencer a alguma senhora. Fosse quem fosse, já tinha sido levado, e às pressas – uma xícara de café ainda quente descansava na mesa de centro ao lado de um jornal. Não resisti e me inclinei para pegar o café. Foi quando li o título no topo.

“Gazeta de Udall”.

Meu coração disparou, e me esqueci da xícara, da comida, do barulho lá fora. Peguei o jornal, vasculhando seu interior, só buscando uma confirmação pro que já sabia. Udall. Udall. Eu conhecia esse nome!

- O que foi? – Gabe me assustou ao encostar no meu ombro, e me levantei tão rápido que bati na mesinha e derrubei o café no tapete. Então balancei o jornal na direção dele.

- Estamos em Udall! – exclamei, me sentindo mais animada do que me lembrava de ter me sentido há meses.

- Certo...? – ele franziu o cenho, sem entender. Balancei a cabeça, como que para clarear os pensamentos.

- Udall, Kansas! – aponte para o jornal, como se explicasse tudo. Então me lembrei de que Gabe não era dali, e dificilmente conheceria mais do Kansas do que a sua capital – Estamos perto de Oxford!

Enfim, ele pareceu compreender. Gabe ergueu as sobrancelhas e pegou o jornal das minhas mãos, pensativo. Ele ficou quieto por tanto tempo que me perguntei se ele tinha realmente entendido a que eu estava me referindo. Por fim, quando falou, foi com muito menos ânimo do que eu esperava.

- Então devemos passar por lá a qualquer momento nos próximos dias. Eu sinto muito, Malena.

- Sente muito? – repeti, confusa. Gabe atirou o jornal no chão e evitou olhar pra mim.

- Sua família... seus amigos... você tentou proteger todos eles, e agora...

- Não! – eu o interrompi, tão bruscamente que ele foi obrigado a me encarar – Não, Gabe, não vai acontecer! Nós podemos ir até lá! Podemos avisá-los!

- Você quer... fugir?

- Quero! – meu coração batia como louco, bombeando coragem para meus membros exaustos. Minha mente estava alerta, e até Dorothea parecia mais inquieta lá dentro – Eu vou!

- Malena, se nos pegarem, vão nos matar. Ou acabarem com a gente, no mínimo.

- Vale o risco! – eu quase gritava agora – Todo mundo que eu amo está naquela cidade, Gabe! Você não entende porque não tem ninguém com quem você precise se preocupar!

Me arrependi assim que falei. Dorothea, furiosa, já sibilava agressões nos meus ouvidos, mas eu não precisava que ela me dissesse que eu tinha ido longe demais; minha própria consciência já se encarregava disso.

Gabe segurou meu olhar por apenas mais um instante antes de baixar os olhos e dar um sorriso triste, quase imperceptível.

- Tem, sim. – replicou – Mas infelizmente não tem nada que eu possa fazer por ela.

Dorothi se calou, e eu levei uma mão ao pescoço, tentando desfazer o nó que tinha se formado na minha garganta. O silêncio entre nós pesava toneladas nos meus ombros.

- Oxford fica a só algumas milhas daqui. – consegui falar, tão baixo que eu não tinha certeza se ele me ouvia – Se sairmos depois que todos forem dormir, podemos chegar lá antes do dia clarear.

Ele não respondeu. Engoli com dificuldade, e então estendi uma mão para tocar seu braço.

- Eu posso ir sem você, mas preferia não ter que te deixar pra trás. – murmurei – Por favor, Gabe.

Na eternidade dos segundos que precederam sua resposta, minha cabeça fantasiou mil planos e possibilidades – de uma escapada sozinha, de ser pega, de nós dois morrermos de maneira horrível e dolorosa. De, por algum milagre, alcançar Oxford a tempo e rever minha família. Papai, mamãe, Frida, os meninos; como estariam todos eles? E Yara, ela me reconheceria agora, depois de tudo? A dor e a saudade pareciam cordas apertando meu coração.

Finalmente, Gabe segurou minha mão e ensaiou um sorriso, aliviando em parte a minha agonia.

- De que outro jeito eu posso cuidar de vocês, não é mesmo?
Então nos sentamos e começamos a planejar.

Ficamos o dia todo em lugares onde qualquer um podia nos ver. Não nos escondemos, não fugimos, sequer saímos da linha de tiro – durante todo o tempo, nos colocamos à vista de todos, sem levantar suspeitas. Com uma cidade inteira para saquear e pessoas para converter, em questão de horas deixaram de prestar atenção em nós dois.

O tempo custou a passar. Era como se, por saber o que estava por vir, o sol simplesmente se recusasse a se pôr. Mesmo agitada, me obriguei a ficar sentada pelo maior tempo possível, poupando energias pra caminhada que estava por vir. Em silêncio, eu observava os arredores, traçando rotas mentais.

Localizei a direção na qual deveríamos seguir pouco antes do anoitecer, e Gabe e eu fingimos nos recolher para dormir perto o bastante do nosso caminho de fuga, e longe o suficiente do acampamento dos bruxos sem levantar maiores suspeitas. Pelo que eu torcia que fosse a última vez, assistimos o ritual da Colheita e ouvimos o Senhor das Almas recontar a Sua história. A noite ia longa, e ninguém parecia cansado. Uma vida inteira se passou até que a última pessoa resolvesse pegar no sono.

Quando toda a cidade soava a roncos e respirações pesadas, foi que nós nos levantamos. Não dava pra ter cem por cento de certeza, mas todos pareciam profundamente adormecidos há vários minutos. Eu não podia mais esperar; mesmo sob o olhar cauteloso de Gabe, resolvi que era hora de irmos. Com muito cuidado, começamos a andar.

Conforme os bruxos ficavam para trás, nos apertávamos o passo. As ruas estavam desertas, mas o lixo e a destruição nas calçadas faziam com que uma possível corrida se tornasse insegura. Andamos tão rápido quanto possível, desviando de eventuais pedras no nosso caminho, meu coração a mil conforme os limites da cidade se faziam visíveis.

Eu podia ver a placa que desejava uma boa viagem aos que deixavam a cidade agora; mais algumas horas e estaríamos em Oxford. Algumas horas e eu ia rever minha família. Com alguma sorte, teríamos tempo de escapar antes que o pior acontecesse. Eu iria mantê-los a salvo, custasse o que fosse preciso.

Então, no limite que separava Udall da autoestrada, trombei com uma parede invisível e cambaleei para trás. Gabe seguiu sem mim por alguns metros antes de reparar na minha ausência; quando voltou, seu caminho também foi bloqueado. Ele bateu com as duas mãos no ar, os lábios formando palavras, embora eu não ouvisse som algum. Até que, finalmente, entendi uma única frase:

“Atrás de você”.

Me virei num salto, e o Senhor das Almas me esperava. O capuz que geralmente cobria seu rosto estava abaixado naquela noite, e eu podia ver todo o rosto de Sam com perfeição – os cabelos dourados, a pele mais branca do que de costume, os olhos

verdes rodeados por um disco vermelho que só eu conseguia notar. Ele parecia vivo, saudável, mas não parecia Sam; sua expressão era pesada, acusatória, má. Meu Sam jamais me olharia daquele jeito.

- Fugindo, Malena? – Ele perguntou, e a nota sepulcral em sua voz me fez estremecer. Recuei, as costas batendo no muro invisível atrás de mim.

- Você não cansa de me decepcionar, não é mesmo? – seus passos na minha direção eram lentos, calculados para me deixar assustada – Eu lhe dei uma companheira de alma, eu lhe permiti usufruir do meu poder, e você renegou a sua espécie. Eu lhe estendi a minha caridade e permiti que continuasse viva, e então você foge para proteger uma família que sequer procurou por você. Não é irônico, Malena, que embora eu tenha lhe dado o mundo, você me retribua com nada além do seu ódio?

Ele ergueu a mão para me tocar, e, paralisada, esperei pelo pior. No entanto, quando seus dedos alcançaram meu rosto, foi para não mais do que um afago. Sua expressão era impossível de ler, e sua voz não mais que um murmúrio.

- É curioso que você rejeite quem te acolheu de braços abertos. Mas não posso fazer com que você me ame.

Seus dedos, tão suaves no meu rosto, subitamente se apertaram em volta do meu pescoço. Ele me ergueu na ponta dos pés, bloqueando minha respiração só o suficiente pra que eu ficasse zozza. Seu rosto estava perto agora – nossos cílios se cruzando, o nariz Dele roçando na minha bochecha.

- Eu te prometo, Malena, eu irei destruí-la. – Ele sibilou para mim, arrastando cada sílaba, soletrando suas ameaças – Vou beber o sangue do seu sangue, e devorar as almas daqueles que você ama, e vou derrubar cada bloco daquela cidade até que tudo seja cinzas. E só então, quando você tiver visto cada um dos seus humanos queridos morrerem, eu vou arrancar seu coração e usá-lo como um troféu, e dar seu corpo de comer aos abutres. E enquanto o seu espírito estiver preso do outro lado, eu estarei caminhando pelo novo mundo. Você morrerá sabendo que eu triunfei.

Tão subitamente quanto se aproximou, então, ele me largou, e eu tossi, os pulmões ardendo, brigando para respirar.

- Você tem dois dias. Depois disso, eu irei buscá-la. Corra, minha menina. Corra.

Eu soube que ele tinha ido embora assim que senti as mãos de Gabe me apalpando, apressadas, fazendo um check-up básico enquanto eu lutava por ar.

- O que aconteceu? – Gabe me perguntou, desesperado – O que Ele te disse?

Não respondi, não de imediato. Fiz esforço para ficar de pé, e, mesmo sabendo que Gabe ainda tinha perguntas, tentei recuperar meu fôlego e insisti que nós dois prosseguíssemos no nosso caminho. A contagem regressiva já tinha começado.

A caminhada foi penosa.

Eu estava trêmula, faminta, desidratada. Gabe estava calado, temeroso, olhando por cima do ombro a cada cinco minutos pra ter certeza de que ninguém nos seguia. Ambos estávamos exaustos, e simplesmente não havia clima para conversar. Eu podia sentir as dúvidas dele esperando para serem colocadas em palavras, mas não tinha estômago pra responder nada sem vomitar.

Corra, minha menina. Corra.

Mas eu não podia andar mais rápido, por mais que tentasse. De que adiantaria me exaurir em cinco minutos, se ainda faltavam... quantos quilômetros mesmo? Eu não sabia mais. As placas pareciam aumentar a distância, ao invés de diminuí-la.

Corra, minha menina.

Meu peito se inflou de ódio, meus olhos, de lágrimas. Eu ia perder. Não tinha como ganhar essa guerra. Ia morrer, e ia carregar toda a humanidade pro buraco comigo.

Ora, céus, Malena, pare de ser tão dramática!, Dorothi ralhou comigo, com um suspiro de impaciência. *Todo esse derrotismo não vai nos ajudar em nada.*

Uma lágrima me escapou. Depois outra. Cada vez mais forte, elas vinham agora, liberando o medo, a agonia e a tristeza reprimidos, em longas fileiras de lágrimas grossas.

Se recomponha!, Dorothi berrou comigo, e fechei os olhos com força quando uma pontada me atingiu a cabeça. *Você sempre diz*

que tem uma saída, não é mesmo? Quantas vidas você salvou quando minhas irmãs vieram atrás de nós?

Era diferente, e ela sabia. Jane, Cecily, Elinor... elas eram más e vingativas, mas a situação era infinitamente mais simples. Eu não podia simplesmente ir até tia Frida agora e pedir por ajuda. Nenhum feitiço no imenso livro das Von Evans poderia resolver. Eu não tinha mais magia. Eu era humana, e fraca, e burra. E tinha acabado com tudo.

- Malena? O que houve?

É diferente, pois sim, ela continuou, sem piedade. É pior. E sim, é sua culpa. É por isso que você deve controlar suas emoções e agir. É por isso que você não pode desistir agora.

- Malena, fala comigo! – Gabe passou um braço pelos meus ombros e eu vacilei. Ele me pegou antes que eu chegasse ao chão, mas minha visão já estava turva, pelas lágrimas e pelo cansaço – Aguenta firme, a gente está quase chegando. Já dá pra ver a cidade daqui.

E o que eu ia fazer quando chegássemos? Ir até a minha família e pedir desculpas por ter partido? Contar a eles que eu era uma bruxa – ou tinha sido, pelo menos – e que, por minha causa, o grande Senhor das Almas, Mestre das bruxas, tinha se erguido dos mortos e viria destruir todos nós? Era loucura. Eu não podia protegê-los. Ninguém podia.

Corra, minha criança. Corra.

Ele sabia disso, pensei, de repente. O Senhor das Almas sabia que não havia a menor chance de que eu, sozinha, fizesse qualquer diferença. Ele me deixou ir pra aumentar a emoção da caça, porque sabia que eu teria Sua voz ecoando nos meus ouvidos, Suas ameaças velando o meu sono. Ele havia me deixado ir porque, no final, não importava; eu ia morrer, e Ele ia vencer. Nunca poderia terminar de outro jeito.

Não seja ridícula, Malena Gordon!, Dorothei berrava na minha cabeça, *Será que não lhe ensinei nada?*

- Só mais um pouco, Malena, por favor! – Gabe dizia ao meu ouvido.

Lutei pra me manter de pé. As mãos de Gabe na minha cintura, mantendo meus ombros erguidos, eram tudo o que eu sentia. Eu estava me arrastando, mas já estávamos dentro da cidade agora. As casas ao meu redor me eram familiares. O ar tinha cheiro de casa.

Só mais um passo. Um pé na frente do outro, e tudo ia ficar bem. Eu estava em Oxford, meu lar. Ia rever minha família uma última vez antes de morrer. Eu precisava continuar andando.

Corra, minha menina. Corra.

Na escuridão que já começava a se dissipar com os primeiros raios de sol, avistei um vulto. Estava longe demais pra que eu pudesse ver quem era, mas era como se o meu coração soubesse; ele se encheu de paz, de vida, e eu quase sorri. A saia dela, balançando enquanto ela corria, foi a última coisa que enxerguei antes de atingir o chão.

Eu estava sentada numa das muretas baixas que separavam o estacionamento da Oxford School District do prédio principal onde ficavam as salas de aula. O dia estava limpo, claro e perfeito, e o estacionamento, estranhamente vazio. Pelo horário, já devia ser quase hora da aula. Onde estava todo mundo?

Então uma pergunta mais séria me veio à cabeça: como eu tinha chegado ali? Há apenas um minuto eu estava entrando em Oxford, e estava amanhecendo. Eu não me lembrava de ter ido até a OSD. Aquilo não fazia o menor sentido! Será que Dorothei...

- Eu não fiz nada, não desta vez. – sua voz, atrás de mim, me pegou desprevenida e eu me assustei – Isso tudo está na sua cabeça.

Girei nos calcanhares para encontrar a Dorothei das minhas lembranças, parecendo extremamente deslocada no cenário. Seu cabelo perfeitamente cacheado arrumado num penteado simples, o vestido azul claro do século dezenove contrastando com o marrom do prédio da escola. Era tão estranho ouvi-la fora da minha cabeça que tive que gastar um segundo para me acostumar ao fato.

- Bem, em teoria eu ainda estou na sua cabeça. – Dorothei disse, alisando uma ruga inexistente na saia do vestido.

- Pare de ler a minha mente. – ralhei, de repente, e ela revirou os olhos.

- Eu adoraria, querida, mas infelizmente seus pensamentos gritam por você. Não é nada divertido, confie em mim.

Eu a ignorei e olhei em volta. Nada nem ninguém à vista. Foi apenas quando voltei a olhar para onde Dorothei estava que vi que não estávamos mais sozinhas; Yara tinha se juntado a nós.

Ela era a mesma, mas mesmo assim parecia que meus olhos demoravam a reconhecê-la. Minha melhor amiga usava um vestido florido verde-musgo que lhe chegava a um palmo abaixo dos joelhos, os braços cobertos por um cardigan branco. Os olhos amendoados estavam maiores e mais brilhantes do que nunca, e ela sorria pra mim – aquele sorriso meigo, que não mostrava os dentes, mas exibia o coração. Só então reparei no que estava errado.

- Seu cabelo! – exclamei, em choque – O que aconteceu com o seu cabelo?

- Ah. Eu cortei. – Yara levou as duas mãos aos fios negros e grossos que lhe cobriam a cabeça. Antigamente eles desciam pelas suas costas numa cascata infinita, quase sempre trançados sobre o ombro. Agora, porém, estavam tão curtos que mal chegavam à altura do queixo – Doe pra caridade. Uma menina em Oxford ia precisar. Eu... vi.

As memórias de Dorothei me atingiram em cheio. Yara gritando, caída na calçada. Yara chorando sangue. Passei tanto tempo tentando protegê-la das verdades do meu mundo – um mundo de sombras e magia, de maldade e destruição – que parecia quase irônico que ela pudesse ver mais além do que eu jamais conseguiria.

Por fim, não aguentei mais e cruzei a distância que nos separava até envolvê-la num abraço. Eu duvidava que ela tivesse crescido, mas de alguma forma Yara parecia maior agora. Talvez ela sempre tivesse sido, mas eu não conseguisse enxergar a sua grandeza antes. Abraçá-la me trouxe mais conforto do que eu me lembrava de sentir a meses.

- Eu senti tanto a sua falta! – ela me disse, baixinho.

- Eu também. – nos soltamos, e eu respirei fundo, muito mais leve – Onde nós estamos?

- Na sua cabeça, eu disse. – Dorothi replicou, petulante. Eu lhe lancei um olhar enviesado, mas Yara sorriu sem se abalar.

- Ela tem razão. Você está sonhando.

- Então como você está aqui?

- Alguns segredinhos que aprendi com Lady Lew. – Yara deu de ombros, como se nada disso fosse importante – Mas não sei quanto tempo vai durar. Você está um pouco... instável.

- Instável?

Yara abriu a boca para responder, mas não teve tempo; neste exato momento, a terra tremeu com tamanha violência que fomos todas lançadas ao chão com o impacto. Me faltou o ar, e antes que eu conseguisse ficar de pé, um novo abalo me derrubou outra vez. Eu ouvia gritos distantes, mas não conseguia definir o que eles diziam, nem se existiam de fato – parecia que nenhuma delas os escutava também.

Quando enfim a terra parou de tremer, Yara e Dorothi vieram rapidamente até mim e me colocaram de pé, me ajudando a chegar até a mureta onde eu pude, enfim, me sentar. Eu precisava de um momento pra recobrar a respiração, mas Yara estava agitada, ansiosa. Ela se ajoelhou na minha frente e abraçou minhas mãos com as dela.

- Malena, rápido. Preciso que você me diga o que puder sobre os bruxos, sobre o que está vindo. Precisamos nos preparar. Não há tempo a perder.

Vasculhei a cabeça em busca das lembranças. Elas estavam confusas, imprecisas, mas eu tinha que me lembrar. No fim, contudo, foi Dorothi quem falou:

- São centenas. – ela disparou, chamando a atenção de Yara – Não sabemos ao certo quantos, mas são muitos. Estão em Udall, a cidade vizinha e vão chegar em dois dias.

Dois dias.

Corra, minha menina. Corra.

- Obrigada, Dorothi. – Yara meneou a cabeça, e então voltou a olhar pra mim – Malena? Como você se sente?

- Estou... cansada. – respondi, em meio a fortes goladas de ar. Todo o oxigênio do mundo não era suficiente.

- Você vai ficar bem, me ouviu? – ela tocou meu rosto com a mão, e eu chacoalhei a cabeça, tentando acreditar – Eu sei que vai. Eu vi.

Yara me abraçou rapidamente, e pude sentir seus braços se tornando cada vez menos firmes, cada vez menos reais ao meu redor. As cores desbotaram, aquarela escorrendo de um quadro na chuva. Pontos pretos me cercavam os olhos.

- Você vai ficar bem. Está segura agora. Está em casa. – ela disse, a voz não mais que um murmúrio ao vento.

E, pela primeira vez, eu acreditei.

Retaliação

-
À luz me cegou por longos minutos de agonia assim que abri os olhos. O brilho ofuscante impedia que o mundo entrasse em foco, e, quando tentei erguer minhas mãos pra bloquear a claridade, descobri meus braços pesados, difíceis de levantar.

- Ela acordou.

- Graças a Deus!

- Malena, filha, você está bem! Você está bem!

Fui enganchada num abraço sufocante, mas minha hesitação durou só tempo o suficiente pra que eu sentisse o cheiro da minha mãe. Um monte de mãos me apalpava, e as vozes se misturavam na minha cabeça, mas uma certeza eu tinha: minha família estava ali, a salvo. E eu estava viva.

- O que aconteceu? – consegui dizer, e mamãe me soltou. Além dela, vi também meu pai, Fred, Eric e Dylan.

Pela primeira vez, olhei em volta e me descobri na enfermaria lotada do hospital de Oxford, com enfermeiras correndo para cá e para lá. O cheiro de desinfetante me deixava enjoada, mas eu também sentia o estômago rugir de fome. Eu estava conectada a um monitor cardíaco, e havia agulhas presas às minhas veias.

- Eu que te pergunto, mocinha! – mamãe guinchou, me dando um tapa leve no braço – Você ficou sumida por quase três meses! *Três meses*, e nenhuma notícia!

Eu a encarei, sem saber o que responder. Mamãe parecia uns dez anos mais velha, com rugas se formando nos cantos dos olhos, olheiras de cansaço e os lábios trêmulos de quem está prestes a chorar. De repente me peguei amaldiçoando Dorothei em pensamento por ter causado aquela dor à minha família, e a mim. Fugir só tinha piorado tudo.

Mas então a expressão dura de mamãe se amoleceu, e ela me abraçou de novo. Por ora, as explicações podiam esperar. Mas eu não sabia por quanto tempo mais eu poderia adiar.

Outras preocupações mais imediatas passaram a tomar lugar na minha cabeça. Uma série de memórias desconexas, de palavras

que não faziam sentido, lutando pra tomar o primeiro lugar na lista de desesperos. Quando me soltei mais uma vez dos braços da minha mãe, deixei que todas elas jorrassem da minha boca sem pausa.

- Cadê o Gabe? – perguntei, tanto por Dorothi quanto por mim mesma – O garoto que estava comigo? E Yara, eu preciso falar com Yara, mamãe, é urgente, ou Hugo, ou a tia Frida, ah, meu Deus, a tia Frida...

Quando dei por mim, estava levando as mãos trêmulas aos fios e agulhas, tentando me soltar. Dylan imediatamente me cercou, segurando minhas mãos com habilidade, embora eu me debatesse inutilmente pra tentar me desvencilhar do seu aperto.

- Isso é muito sério, Dylan, me solta! – exclamei, a voz subindo uma oitava no processo – Eu preciso falar com a tia Frida! Vocês estão todos em perigo, tem uma... – que inferno, como eu poderia explicar? - Tem uma coisa vindo, e eu não posso ajudar vocês se continuar aqui! Ela vai saber o que fazer!

- Malena, não dá pra você falar com a tia Frida agora! – Dylan me disse, muito sério, a voz firme e calma. Tinha alguma coisa no jeito como ele me olhava, como se tentasse me comunicar algo importante sem usar palavras, mas eu não conseguia definir o que era.

- Não precisa ser pessoalmente! – eu insisti, tentando em vão empurrar Dylan para longe – Só me dê o seu celular, uma ligação e eu resolvo isso.

- Malena, ela não vai te atender.

- Como assim? É claro que vai! – Dorothi então sussurrou lembranças aos meus ouvidos, e chacoalhei a cabeça violentamente – Isso é por causa da Linda? Ela ainda está muito mal, Dylan?

- Malena, querida. – a mão de mamãe sobre meu ombro, quente e protetora, me fez parar.

Olhei pra ela, uma mão em mim e outra fechada sobre o peito. Pros meus irmãos, todos evitando olhar na minha direção deliberadamente. Pro meu pai, que tinha me dado as costas e parecia muito interessado nos próprios pés.

Oh, não, oh não, oh, não!

- A sua tia... – mamãe prosseguiu, e seu autocontrole era tão preciso que eu sabia o que viria a seguir.

- Não... – murmurei, as lágrimas surgindo.

- Ela ficou muito triste quando a sua prima... – foi demais até pra ela. Mamãe parou, fechou os olhos com força e respirou fundo antes de continuar – Frida se foi, querida. Eu sinto muito.

Senti meu corpo inteiro tremer com as convulsões do choro que eu era incapaz de segurar. Frida! Ah, Frida, por que, por que logo você?

Eu quis perguntar como. Queria saber mais do que tudo o que havia tirado minha tia – minha irmã de alma – de mim, mas eu não conseguia coordenar meus lábios a dizerem uma única palavra coerente. Chorei com mamãe me embalando e Bryan ainda segurando minhas mãos, e vi minha família inteira chorar comigo. Me dei conta, finalmente, dos fardos que todos eles haviam tido que carregar nos últimos... três meses, fora o que mamãe dissera? Três meses em que perderam uma sobrinha, viram uma filha fugir de casa e uma irmã morrer.

E mesmo assim, de algum modo, o pior ainda estava a caminho. Há menos de 48h de um ataque. Eu não tinha tempo pra lamentar a morte de ninguém agora. Havia centenas de outras que eu precisava tentar impedir.

- Mãe... por favor... – consegui encontrar voz para dizer – Chame a Yara aqui. Eu preciso muito dela.

- Está bem, querida. –ela me respondeu, baixinho – Descanse um pouco agora. Quando você acordar, ainda estaremos aqui.

Eu acreditava nela, mas mesmo assim não soltei da mão de Bryan. Esquadrinhei o rosto de cada um deles, bebendo de suas feições, guardando cada um de seus traços, lutando pra não dormir. Mas fosse o cansaço acumulado dos últimos meses, fosse a medicação, algo me puxava para baixo; por fim, desisti de lutar e me deixei cair no esquecimento.

Acordei sentindo que mal havia acabado de fechar os olhos. A movimentação na enfermaria, contudo, me apontava o extremo oposto: algumas camas que antes estavam vagas haviam sido

ocupadas, e outros leitos não tinham mais pacientes. Dylan não estava mais segurando minha mão, e também não estava em nenhum lugar à vista, bem como meus pais e meus outros irmãos. No lugar de todos eles, para a minha surpresa, estavam Gabe, Yara e Ned.

Assim que viu que eu tinha aberto os olhos, Gabe pulou da cadeira e veio pro meu lado. Yara continuou onde estava, imersa numa conversa inaudível com Ned, mas só de ver seus rostos são e salvos, um peso invisível pareceu se soltar do meu corpo. Eu tinha certeza de que ela já sabia que eu estava acordada muito antes de me ver de olhos abertos, então voltei toda a minha atenção para Gabe, agora se sentando na beirada da maca.

- Ei. – ele disse, com um meio sorriso, a mão pousando sobre o meu pulso.

- Oi. – repliquei, com uma tentativa falha de sorriso que abandonei em instantes – Tudo bem?

- Eu é quem deveria estar fazendo essa pergunta. – Gabe ergueu as sobrancelhas, em tom de zombaria – Você teve uma parada respiratória. Por um momento eu achei...

- Vocês não vão se livrar de mim com tanta facilidade. – tentei brincar, mas ele não sorriu. No máximo, afundou sua expressão já preocupada.

- É sério, Malena. Quando você caiu, eu achei que era só cansaço, mas você não estava respirando. – ele fez uma careta, hesitou por alguns segundos, e então exalou o ar devagar, como se o prendesse por muito tempo – Mas você está bem agora. É só o que importa.

Nesse momento, Yara surgiu do meu outro lado, com Ned logo atrás. Ele foi o primeiro a me abraçar, demoradamente, mais próximo do que jamais tinha sido; e então percebi que a vida dele também havia sido virada de cabeça para baixo. Ned tinha sido ameaçado por uma bruxa *punk* que por acaso era sua ex-namorada, e tinha me visto atirar objetos pela sua sala de estar usando só a mente. Ele havia ouvido e visto coisas inacreditáveis, e eu tinha me enterrado fundo demais no meu próprio luto para me dar o trabalho de explicar qualquer coisa a ele. E por fim, Ned havia passado por

toda essa confusão de novo, com a nova (e antiga) namorada se descobrindo Clarividente, o arrastando de vez para um mundo do qual eu nunca quis que ele ou ninguém fizesse parte.

Não pela primeira vez, me dei conta de que tudo pelo que eu havia lutado – a segurança da minha família, proteger meus entes queridos das verdades sombrias que rodeavam o meu mundo, escotar todo mundo que eu conhecia da crueldade da magia – já não importava mais. Talvez nunca tivesse importado. Eles saberiam, agora, e eu não podia mais protegê-los; nem da verdade, nem da magia, e muito menos de outras pessoas.

Foi a vez de Yara me abraçar, e de novo a sua presença me encheu de uma paz tão grande que eu era capaz de chorar de novo, só que de alívio. Mesmo sem a atmosfera etérea do sonho, eu via uma aura nela que nunca tinha enxergado antes. Me perguntei se sempre esteve ali, oculta em sua obviedade, ou se era mais um dos presentes que seu novo dom lhe concedera. Senti uma pontinha de inveja de Dorothei por ter sido ela a apoiar minha melhor amiga na sua descoberta, mas me repreendi logo em seguida; a única culpada por Dorothei ter tido que assumir aquele tipo de responsabilidade era eu. Eu estava reclamando de barriga cheia.

- Não precisa se desculpar. – Yara me disse, num sussurro enquanto me abraçava – Eu sempre soube que você voltaria.

Eu não falei nada, apenas a apertei mais forte. Uma vida inteira se perdeu enquanto eu a abraçava, e, quando ela me soltou, eu estava muito mais calma. Não dei mais do que um minuto pra que aproveitássemos a paz e o silêncio, até que enfim inspirei fundo e perguntei:

- E então... Qual é o plano e como eu posso ajudar?

Yara se sentou ao meu lado, fazendo Gabe se levantar para evitar o sobrepeso na maca. Pelo seu olhar, eu já podia dizer que aquela ia ser uma longa conversa.

- Vamos do início. – ela pediu. E começou a falar.

Muita coisa havia acontecido nos três meses em que eu havia ficado fora de Oxford.

Parecia um eufemismo dizer, mas ainda assim, conforme Yara falava, minha testa se franzia e meu queixo caía mais um pouco. Suas palavras não pareciam ser dela, embora a voz calma e doce me enganasse completamente. Por uma hora inteira, minha mente foi amortecida pelas informações.

As piores coisas aconteceram na semana em que fui embora. Depois dos desastres causados pelos dez dias de chuva – dos quais eu me lembrava apenas vagamente, através de Dorothi – a cidade estava em polvorosa para se colocar de pé novamente. Linda havia morrido. Covas estavam reviradas. Cadáveres não estavam mais em seus caixões. E, no meio de tudo isso, uma garota havia desaparecido: eu.

Minha família organizou grupos de busca, Yara me contou. Quando falei que minha primeira parada tinha sido em Wichita, ela balançou a cabeça e disse que tinha sido um milagre eu não ter sido encontrada logo nas primeiras horas, porque havia gente me procurando por todos os lugares tão logo meus pais acordaram e descobriram que eu não estava. Mas ela sabia, é claro. Yara sempre sabia.

- Era horrível, Malena. – ela me confidenciou, crispando os lábios – Eu tinha pesadelos acordada com você. Sabia onde você estava, e com quem, e via todas as coisas terríveis que estavam no seu caminho. Fiquei tão vidrada nisso que ignorei todas as outras visões por vários dias. Eu a monitorava à distância 24 horas por dia.

E foi por isso que veio como um choque a notícia de que Frida havia morrido.

Suicídio, segundo minha amiga. A palavra me deu um nó na garganta que cresceu até o tamanho de uma bola de golfe conforme ela falava. A depressão de Frida tinha sido arrasadora, a dor da perda de uma filha grande demais pra que ela suportasse. Então eu sumi, e Frida assumiu que tinha sido por sua causa; eu era sua responsabilidade, e ela havia deixado eu escapar. Antes do fim daquela semana, Hugo entrou em casa e viu a esposa pendurada no lustre da sala, morta.

- Hugo sabia. Ele tinha visto. – Yara continuou, após uma pausa tão longa que achei que ela não fosse mais levar a conversa

adiante – Mas ele também tinha seus próprios fantasmas, e Hugo foi criado para acreditar que não pode intervir nas visões. – ela suspirou com pesar – Foi mais ou menos aí que eu comecei a brigar.

Eu não conseguia imaginá-la brigando. Eu já tinha visto Yara chateada, mas não conseguia, em hipótese alguma, construir uma imagem dela brava, num embate direto com alguém. Minha amiga sempre tinha sido a figura frágil, gentil e conciliadora. Mas talvez ela tivesse mudado, afinal – o mesmo não se aplicava a mim?

- Sabe, Malena, eu sempre acreditei em destino. – ela disse – Sempre tive fé de que Deus sabia o que estava fazendo, que as coisas aconteciam por um motivo. Mas é diferente quando você vê o que está vindo, entende? De repente, eu não podia mais ficar parada. Frida estava morta, e você estava a caminho da tortura, e eu podia ver uma guerra se aproximando, e Lady Lew me dizia que não havia nada que eu pudesse fazer. Mas *por que não?*

Por que ela não poderia tomar uma atitude?, se perguntou. Yara continuava firme na crença de que tudo acontecia por uma razão, e isso se aplicava também às suas visões. Para que ser Escolhida, se seu dom não podia ser usado para ajudar? Por que ver coisas nas quais não poderia interferir? Nada daquilo fazia sentido. Então ela começou a desobedecer as regras.

Tudo começou com o cabelo. Yara viu uma garota órfã de uma cidade vizinha que teria câncer, e definharia sozinha até morrer. Ela cortou o próprio cabelo, mandou fazer uma peruca e foi entregar o presente. Visitava a menina semanalmente agora, e ela estava bem, forte, promissora. Ela não podia ter certeza de que ela não morreria pela doença, mas estava certa de que havia alterado, ao menos em parte, o curso do destino que previra para ela.

- Comecei a interferir em tudo que podia, então. – Yara me explicou – Das pequenas às grandes visões, fiz tudo o que Lady Lew disse que eu não poderia. Eu lancei nas mãos de Deus um desafio, Malena: se eu estivesse certa, então eu conseguiria pôr fim a essa guerra. Se não, Ele poderia me privar dos meus poderes, pois eles não fariam mesmo nenhuma diferença.

Ela abriu um sorriso tímido.

- Já se passaram alguns meses, e eu ainda não os perdi. Então acho que estou no caminho certo.

Yara passou, então, a usar suas excursões quase diárias à casa de Lady Lew para revirar seus livros à procura de uma solução possível para o que estava por vir. Ela estudou incansavelmente cada livro e cada caderno de anotação, os pergaminhos antigos e o conhecimento de Lady Lew. Quando não conseguiu encontrar nada, Yara passou a procurar outros Clarividentes.

- Comecei pelos contatos mais antigos que Lady Lew me forneceu. – disse – Nossa comunidade não é tão unida porque boa parte das vezes somos Escolhidos a esmo; algumas pessoas sequer entendem o dom que receberam, e não tem ninguém para guiá-las. Mas outros tem a Visão correndo nas veias, passada através das gerações. Foi com essas famílias que procurei falar.

Foram semanas de ligações, e-mails, e até visitas infrutíferas. Muitos ralharam com ela por procurar meios de interferir, e boa parte dos que não lhe acusaram de ser uma espécie de herege simplesmente não tinham nada que pudesse ajudá-la. Parecia um beco sem saída.

Até que uma família no Arizona encontrou o que ela procurava, escondido em papéis tão antigos que vinham sendo conservados em caixas de vidro. Yara não pode ir pessoalmente, mas ao ouvir as palavras, ditas ao telefone, soube que tinha chegado ao fim da busca.

- É uma profecia, Malena. – Yara disse, por fim, o rosto ansioso e elétrico – Provavelmente da época dos primeiros Clarividentes, quando a magia branca e a magia negra se instauraram entre nós. Tão antiga que tinha sido esquecida. – ela fez uma pausa breve, quase me enlouquecendo – Ela diz que a magia morrerá pelas mãos de seus renegados, na Noite de Todos os Santos, e que o fogo limpará os seus vestígios.

Ela me encarou, então, esperando que eu reagisse. Mas tinha sido informação demais de uma vez, e eu não conseguia processar tudo com clareza. Felizmente, Yara me respondeu antes mesmo que eu pudesse enunciar a pergunta.

- São instruções pra um feitiço, Malena. Um feitiço para acabar com toda a magia, branca e negra.

- Oh. – foi o que consegui dizer, me sentindo um tanto estúpida. Mas Yara estava ansiosa demais para dar atenção a esse detalhe.

- Mas a questão é que precisa ser feito amanhã. – ela prosseguiu, e já antecipando a minha confusão, se explicou – Amanhã é Halloween, Malena. O *Samhain*, a Noite de Todos os Santos. Não é coincidência que o prazo que o Senhor das Almas te deu se esgote amanhã. Temos que agir, agora.

Por um segundo, eu me animei. Me animei tanto que cheguei a sorrir. Tínhamos um plano. Yara estava certa, o futuro não precisava ser decidido pelo destino, ou por uma visão qualquer; estava nas nossas mãos transformá-lo. E se ela tinha percorrido todo esse caminho atrás de uma resposta, então significava que havia esperança. Eu não me arriscava a apostar todas as minhas fichas, mas se havia uma chance, qualquer que fosse, de lutarmos pra vencer nesta guerra, então tínhamos que tentar.

Mas tão logo veio, meu ânimo murchou. Meu cérebro, já ativo no modo pessimista, começou a processar todas as possibilidades, e pra onde quer que eu olhasse, eu só via terror e sangue. E não do lado deles – do nosso.

- Mas, Yara... – pigarreei, sentindo o silêncio prolongado dificultar a minha fala – Como vamos fazer isso? Quero dizer, como alguém vai chegar perto o bastante do Senhor das Almas para conseguir matá-Lo? Ele é o bruxo mais poderoso da Terra!

- Nós temos um plano para isso também. – ela me respondeu, torcendo o nariz de um jeito que me garantia que eu não ia gostar do que estava prestes a ouvir – Veja bem, nós podemos ter uma vantagem se... Se Sam possuir o próprio corpo de volta. – ela me interrompeu antes que eu pudesse falar – Não é como trazê-lo de volta à vida. O corpo dele está morto, e a alma dele se despreendeu deste plano. Mas o Senhor das Almas consumiu almas inocentes o bastante para que o feitiço que mantém o corpo de Sam semivivo se prolongue, então isso pode funcionar. Só precisamos de um

segundo. Se Sam conseguir dominar o próprio corpo de volta, então teremos uma brecha para... fazermos nossa parte.

Matá-lo de novo, ela queria dizer. Mas não disse, então pude fazer de conta de que aquele não era o plano real. Engoli o nó na garganta e pigarreei de novo pra clarear a voz.

- Mas como vamos fazer isso? Você mesma disse que a alma de Sam não está no nosso plano. – perguntei.

Pela primeira vez naquela hora, Yara desviou deliberadamente o olhar de mim. Por um minuto muito longo, ela encarou a enfermaria cheia de doentes e de médicos para todos os lados, sustentou o olhar de Ned, olhou de viés para Gabe. Quando abriu a boca para me responder, tive uma estranha sensação de *déjà vu*, como se eu já tivesse escutado aquelas mesmas palavras saindo dos lábios dela antes.

- Vamos precisar que você o busque do outro lado. – falou, baixo, quase um murmúrio. Então suspirou, e disse, um pouco mais alto desta vez – Malena, teremos que matar você.

O Outro Lado

É muito difícil tentar explicar pros seus pais que você precisa morrer.

O plano de Yara era complicado, eu tinha de admitir. Estávamos trabalhando com nada além das expectativas e esperanças de uma Clarividente, e a certeza de que eu, como alma gêmea de Sam, poderia encontra-lo do outro lado.

Mas nenhuma de nós contava com o fato de que o maior obstáculo não fosse sobrenatural. Era a ira de uma mãe preocupada.

Yara e eu estávamos há meia hora tentando fazê-la nos escutar. Quando me explicou o que eu teria de fazer – ao menos na teoria – o ponto crucial era que nada poderia ser feito dentro do hospital.

- Eu não tenho certeza de quanto tempo essas coisas podem durar. Talvez seja só um segundo. – ela me disse, torcendo o nariz – Mas não podemos fazer isso aqui. Não vão deixa-la morrer, e definitivamente não vão deixar que eu cuide de nada. Precisamos tirar você daqui, hoje.

A questão era que eu tinha apenas dezesseis anos, e uma garota de dezesseis anos não pode simplesmente assinar os próprios papéis de alta. Eu precisava que um responsável legal fizesse isso por mim. Mas obviamente, minha mãe estava irredutível.

- Você quase *morreu*, pelo amor de deus! – ela gritou, recebendo olhares feios de todos os pacientes e médicos na enfermaria – Você está desnutrida, e desidratada, e não vai a lugar nenhum!

- Mamãe, me escute! Existe uma ameaça que está... – comecei a falar, mas ela me interrompeu.

- A única ameaça que estou vendo aqui é a da minha sanidade! – ela cruzou os braços, enfezada – Você não vai a lugar algum.

- Mãe, olhe pra mim. – puxei-a pelo braço e forcei que ela se aproximasse. Mamãe se inclinou até estar a centímetros do meu rosto. Engoli em seco, respirando profundamente, o coração palpitando forte enquanto eu repensava o que estava prestes a

fazer. Mas contra todas as possibilidades, abri a boca e disse – Eu sou uma bruxa.

Mamãe estreitou os olhos para mim, confusa.

- Eu sou uma bruxa, e Yara é clarividente – continuei – E nesse exato momento, centenas de bruxos xiitas estão a caminho de Oxford, e *todos nós* vamos morrer.

Ela rapidamente libertou o braço e se afastou, me olhando como se eu fosse completamente lunática. Eu conhecia aquele olhar. Era o mesmo que Adam tinha me lançado após o meu aniversário.

Olhei dela para Yara em completo desespero. Eu não sabia o que dizer. O apocalipse estava chegando, e eu simplesmente não sabia como contar a verdade para ela. Como poderia? Ela jamais iria acreditar, e eu não podia mais provar que estava falando a verdade. Eu não era mais uma bruxa.

- Sra Gordon. Me escute. – Yara segurou as mãos de minha mãe e a encarou fundo nos olhos por um longo minuto antes de prosseguir – A senhora nasceu prematura de sete meses. Foi um parto horrível. Quando era pequena, a senhora tinha uma boneca chamada Lilac que era feita de roupas antigas e estufada com algodão. Você nunca gostou muito de carne, mas come porque acha que vegetarianismo é uma bobagem inventada. Você se apaixonou pelo seu marido porque ele sorriu pra você num dia muito ruim, e quando a senhora ficou grávida pela primeira vez, disse pra todo mundo que tinha sido acidente, mas não era verdade. Adam é o nome do seu primeiro namorado, aquele que morreu num acidente de carro em 1973, e por isso você deu o nome dele ao seu primeiro filho. – ela parou, os olhos semicerrados – A senhora precisa que eu continue?

- Que brincadeira é essa? – minha mãe retraiu as mãos, olhando de Yara para mim com uma expressão apavorada. A mesma que Adam tinha usado ao me olhar, meses antes. A mesma que eu temia que ela um dia dirigisse a mim.

- Não é nenhuma brincadeira. – minha amiga disse, muito séria – Existem coisas que a senhora desconhece, Sra Gordon. Coisas que não entende. Eu posso ouvir agora mesmo os seus pensamentos em tique-taque, e a ideia se formulando de que talvez eu esteja certa. E

estou. A senhora sabe que sim, porque também já viu coisas que não conseguia entender. E é por isso que estou lhe dizendo agora, a senhora *precisa* confiar em mim.

Um momento excruciantemente longo se passou. O olhar trocado entre mamãe e Yara era carregado de frases subentendidas que eu não conseguia decifrar. Em silêncio, elas se comunicavam em código. Elas estavam tão sérias que me perguntei que tipo de coisa estariam dizendo uma a outra, que desafio mudo era aquele que elas travavam entre si.

- Muito bem. – mamãe disse, num silvo, fazendo um aceno quase imperceptível de cabeça – Mas espero que você saiba, Yara, que se alguma coisa acontecer à minha filha...

- Eu sei, Sra Gordon. – Yara não se atreveu a sorrir, mas postou uma mão protetora num dos meus ombros – Eu sei.

Depois de assinar toda a papelada do hospital, sob o olhar preocupado e as milhares de protestos e contra recomendações do Doutor X, fomos embora. Mamãe era o único membro da minha família ainda ali, visto que somente uma pessoa poderia passar a noite comigo na enfermaria. Ned tinha ido com Gabe na frente, e agora seguíamos Yara, mamãe e eu na minivan, no mais completo silêncio.

Já era noite quando deixamos o hospital. Um dia inteiro em que as coisas tinham mudado da água para o vinho mais uma vez. Era possível que há apenas 24 horas, eu era escrava dos bruxos, condenada a ver minha cidade queimar? Ainda naquela manhã eu chegava a Oxford, destruída e desesperançada, e agora a chama se acendia em mim mais uma vez. Eu podia sentir ela se espalhando pela minha corrente sanguínea.

Eu te disse, Dorothei murmurou ao meu ouvido, falando pela primeira vez desde aquela madrugada. Tive um impulso de responder em voz alta, mas não o fiz – mamãe já tinha tido surpresas demais por um dia.

Obrigada, falei. Eu podia imagina-la franzindo a testa ao repetir: *Obrigada? Pelo que?*

Por não ter desistido de mim quando eu desisti de mim mesma, respondi.

Dorothi não insistiu no assunto. Por mais mudada que estivesse, eu sabia que ela ainda evitaria deliberadamente qualquer proximidade maior comigo, ou com qualquer um. Mas tão logo pensei nisso, outra imagem se formou em minha mente.

Estou preocupada com Toy, ela disse, numa voz exausta. *Eu queria vê-lo antes de...*

Antes de?

Ela não respondeu de imediato. Seu pensamento se demorou tanto em imagens desconexas de Toy e ela numa época distante, que me senti culpada por não ter pensado, uma vez sequer desde que nos separamos, sobre como ele estaria. Quando Dorothi voltou a falar, me pegou de surpresa.

Já se perguntou o que acontecerá conosco uma vez que estivermos mortas, Malena?, ela me disse, muito cuidadosamente. Eu tinha a impressão de que ela sabia de algo que não estava me contando, mas pela primeira vez eu me via incapaz de compartilhar do conhecimento dela.

Nós vamos para o outro lado, respondi, me sentindo extremamente ingênua.

Não isso. Quis dizer...

O que?

Não importa. Esqueça isso e tente descansar.

Mas não tive tempo para descanso. Instantes depois, a minivan estacionava em frente ao conhecido letreiro de mal gosto que anunciava "Cartomante" em letras enormes e horríveis. De todos os lugares, Yara tinha nos trazido ali. Aquele era um dos lugares em que eu me sentiria menos segura no planeta.

Mamãe claramente compartilhava da minha opinião. Ela torceu o nariz assim que parou o carro, e sua expressão parecia se afundar a cada passo que ela dava. Eu tinha certeza que ela preferia morrer a entrar naquela casa, mas mamãe o fez mesmo assim. De cabeça erguida, sem reclamar.

Yara entrou com a rapidez e a despreocupação de quem já está familiarizado com um lugar a ponto de chama-lo de casa. Ao invés

de usarmos a porta da frente, pela qual entrei na primeira vez em que estive ali – estremeci ao lembrar de Kathi, e de um passado infinitamente mais simples em que eu não sabia de nada – entramos por um portão lateral, que dava para um pequeno corredor escuro e estreito. Yara segurou o portão aberto e eu segui na frente, com mamãe atrás de mim e minha amiga por último. Na escuridão, hesitei.

- É só seguir até a porta no fim do corredor, Malena. – Yara me instruiu, sua voz saída das sombras me arrancando arrepios – Pode ir.

Eu fui, mas com as mãos tocando cada lado do corredor, temerosa. Aos poucos, me acostumei com o escuro e pude distinguir algumas coisas nas sombras. Quando consegui avistar a forma da porta, segui com mais confiança, e em segundos minha mão já se fechava na maçaneta.

Ela se escancarou antes que eu pudesse fazer menção de abri-la. A luz do lado de dentro me cegou por um instante, e então vi Ned me convidando a entrar. Dei um passo para dentro, e me vi engolfada por um ar carregado de incenso, tão forte que me fez tossir.

A casa de Lady Lew era tão normal quanto qualquer outra em que eu já tivesse estado – tão normal que nem parecia ser dela. Enquanto seu “escritório” de cartomancia era escuro e decorado em cores quentes, em seu lar predominavam o branco e o bege, tudo tão claro que as paredes pareciam ter luz própria.

A porta dava numa sala pequena, decorada com uma mesa de centro, um sofá, uma lareira e uma estante baixa cheia de livros velhos. Eu ouvia murmúrios silenciosos, como se quem quer que estivesse conversando não quisesse que os outros ouvissem. Mas na sala estávamos apenas Ned, Gabe, e agora minha mãe Yara e eu. Todos no mais profundo silêncio.

Alguns passos e avistei Lady Lew vinda de outro cômodo, seguida por Hugo. Ela estava tão atarracada e misteriosa quanto sempre, e ele, quieto e abatido. A perda da esposa e da filha em pancadas seguidas claramente tinha tido seu efeito sobre ele. Hugo estava vários quilos mais magro, com olheiras fundas sob os olhos e

cabelos ralos. Ele parecia dez anos mais velho, e mil vezes mais infeliz do que da última vez em que o vi.

- Bem vindas. – Lady Lew nos disse, sem sorrir. Não parecia amistosa, muito menos receptiva; de fato, acho que nunca me senti menos bem vinda na casa de uma pessoa antes.

- Boa noite, Sra Lew. – ouvi mamãe dizer, em tom seco.

- Gostariam de uma xícara de chá? O jantar ficará pronto em breve.

- Não, obrigada. – respondi, e mamãe fez o mesmo. Lady Lew acenou com a cabeça.

- Muito bem. Hugo, leve-as ao quarto de hóspedes, sim?

O filho concordou, e nós o seguimos pela casa. Completamente calado, Hugo nos levou até um pequeno quarto do lado oposto da casa. Havia apenas duas camas, uma de cada lado do cômodo, e uma mesa de cabeceira com um abajur apoiado sobre ela. Mamãe deixou sua bolsa e algumas coisas que havia trazido para mim sobre uma das camas, e em seguida se virou para mim.

- Malena, pode voltar para a sala? Gostaria de dar uma palavrinha em particular com seu tio.

Olhei para Hugo, e vi lágrimas se formando no canto dos seus olhos. Agora que Frida se fora, ele não era mais meu tio, mas eu ainda o via como parte da família. Me perguntei o que mamãe poderia querer conversar com ele, mas não rebati. Me levantei e saí, como ela me pedia.

Encontrei Gabe ainda no corredor. Ele estava ansioso, inquieto. Me abraçou assim que chegou perto o bastante, um daqueles abraços firmes que ameaçam nunca mais soltar.

- O que foi? – eu disse, tentando me soltar. Dorothei não estava nada satisfeita, eu podia sentir. Precisei de várias tentativas até me desvencilhar.

- Desculpe. – ele murmurou, de cabeça baixa – Eu só estou... preocupado. Com o que vai acontecer amanhã.

- Eu também. – admiti, sentindo a boca secar – Mas vai valer a pena, eu espero.

- Você tem certeza de que quer fazer isso? É um risco muito grande pra uma incerteza.

Respirei fundo algumas vezes, pensativa. Eu já havia pesado aquilo tudo um milhão de vezes nas últimas horas, e eu tinha certeza de que continuaria pensando nisso até os últimos segundos possíveis. Por fim, assenti com a cabeça.

- Tenho. Preciso fazer. – apertei a mão dele de leve, tentando tranquiliza-lo, embora eu mesma estivesse longe da tranquilidade – Ei. Vai dar tudo certo. Amanhã isso tudo vai acabar, e você vai poder voltar para... De onde você é mesmo?

- Denver. – ele sorriu, o menor dos sorrisos – Mas não, não acho que eu vá voltar pra lá. Não tem mais nada lá pra mim.

- E vai fazer o que? Ficar aqui em Oxford? – brinquei, mas Gabe não sorria. Tampouco olhava pra mim.

- Talvez.

Fiz silêncio e olhei pras paredes. Não queria pensar no que aquilo queria dizer. Dorothei estava muda, imersa num estado de ignorância deliberada, evitando ouvir a conversa e os meus pensamentos – como vinha fazendo toda vez que Gabe e eu conversávamos. Eu sabia que era difícil para ela, mas a culpa não bastava para que eu me afastasse. Por dias e dias, Gabe tinha sido tudo pra mim; meu centro, minha âncora, meu melhor e único amigo. Ele era o único que entendia profunda e completamente as coisas que haviam mudado em mim nos últimos meses, mesmo que nós praticamente não nos conhecêssemos. Era difícil se desfazer de uma conexão assim.

- E você? O que vai fazer quando tudo isso acabar? – Gabe quis saber, e a mudança de rumo me fez respirar com certo alívio.

- Não sei. Não consigo pensar tão longe. – respondi, e torci pra que a falta de planos não fosse um sinal de que não teria tempo de concretizar o que quer que eu planejasse. Gabe sorriu.

- Então pense, porque nós vamos sair dessa.

A quietude se estendeu durante o resto da noite. Ned foi para casa depois do jantar, e tanto mamãe quanto os Lew se recolheram cedo. Eu estava cansada, mas não conseguiria fechar os olhos mesmo que quisesse. Dali a vinte e quatro horas – menos, talvez – eu estaria morta, perambulando pelo mundo dos mortos, à procura

de Sam. Com alguma sorte, em um dia tudo estaria terminado. Sam morreria de novo, eu voltaria à vida, e a magia deixaria de existir.

Por que nada daquilo me parecia real?

Depois de horas numa vigília silenciosa, Gabe também foi se deitar. Ficamos só eu e Yara na sala, sentadas lado a lado no sofá, encarando a lareira apagada. Eu estava com a cabeça apoiada no ombro dela, e depois de muito tempo sozinhas foi que ela resolveu iniciar uma conversa.

- Então, esse Gabe... – ela disse, e me retesei na hora.

- O que?

Yara me olhou demoradamente, estudando-me e à minha reação antes de falar.

- Ele gosta de você. – declarou, afinal. Balancei a cabeça com veemência, a garganta travando.

- Ele gosta de Dorothei. – afirmei, sem saber exatamente como me sentia ao dizer aquilo em voz alta, uma espécie de confissão – Eu sou só a casca que ele associa a ela.

- Isso não é verdade. – Yara disse, e o fato de eu saber que ela podia ver mais além do que eu podia me deixou desconcertada.

Fizemos silêncio, e não me atrevi a remoer pensamentos sobre o assunto. Não podia. Não queria. Por que Yara estava fazendo aquilo, dizendo aquelas coisas, quando não havia futuro?

- Sabe, tem uma coisa curiosa sobre as almas gêmeas. – voltou a falar, a voz soando distante, pensativa – Todos temos uma, mas a maioria de nós passa a vida sem encontrá-la. Isso não significa que não possamos amar. Cada um de nós ama dezenas de pessoas, mas somente uma em bilhões é nosso verdadeiro par.

Ela se virou pra mim, a testa franzida.

- Sua vida não acabou, Malena. Sam é e sempre será um pedaço de você, mas vão haver outras vidas. – disse. Meus olhos lacrimejaram – Há amores de todos os tamanhos, e o seu coração é grande o bastante para receber todos eles. Não se cobre infelicidade. Não é justo com você.

- Mesmo que eu pudesse... – parei, incapaz de continuar com aquele pensamento. Então pigarreei e refiz a frase – Eu não poderia. Depois dele, não... Eu não *sinto* mais. Entende?

Yara sorriu.

- Entendo que você está ferida, e com medo. Mas vai passar. Eu sei.

O relógio da cozinha apitou, anunciando mais uma hora passada. Já deviam ser umas duas ou três da manhã agora. Vendo meu descontentamento, Yara apertou minha mão.

- Está preocupada, não está?

- Estou com medo. – suspirei – Com medo de falhar. Com medo de não ser rápida o suficiente. Com medo de não encontra-lo.

- Mas não com medo de morrer?

- Estaremos todos mortos se isso não der certo.

- Então vamos rezar para que dê.

Era noite de Halloween e eu estava prestes a morrer.

Parecia conveniente, morrer numa data como aquelas. O Dia de Todos os Santos, o *Samhain*, o momento em que o véu entre este e o outro lado fica mais fino. Irônico, até. Essa era a minha vida, sempre me fazendo rir nos momentos mais inesperados, pelos motivos menos lógicos.

Estávamos no que reconheci como sendo a sala onde Lady Lew atendia seus clientes como cartomante. Mas toda a decoração esotérica que eu conhecia da minha primeira visita havia dado lugar para três mesas compridas, postas lado a lado, dando à sala um ar de necrotério, apesar das luzes avermelhadas e do cheiro de incenso. Uma delas estava reservada para mim; a outra, para o Senhor das Almas. Restava saber quem se deitaria na terceira para se sacrificar em nome dos Clarividentes.

Mesmo com espaço suficiente para se espalharem, mamãe, Yara, Gabe, Ned e Lady Lew estavam todos apinhados em torno da mesa que seria minha. Hesitei, um tanto incerta, mas por fim me sentei sobre ela, ficando um palmo mais alta do que todas as mulheres, e na altura dos dois rapazes. Olhei em volta.

- E agora? – indaguei. Lady Lew se adiantou para mim e colocou um pequeno copo de água na minha mão.

- Agora beba. – ela disse. Olhei para a água. Parecia inofensiva.

- É veneno?

- Uma poção que eu mesma preparei.

De alguma forma, aquilo não fez com que eu me sentisse mais segura.

- O que isso vai fazer comigo? – perguntei, embora soubesse que aquele era o tipo de questão retórica que não devia ser feita. Lady Lew se impacientou.

- Beba, criança. – Lady Lew fez uma pausa breve, e, um pouco mais calma, acrescentou – Quando chegar a hora de voltar, siga as batidas do seu coração e traga o garoto com você.

Apertei a mão em volta do copo, encarando seu conteúdo. De canto de olho, vi mamãe se afastar com uma mão sobre os olhos, preocupada demais para se permitir olhar. Gabe me encarava com uma expressão temerosa, e Yara me sorria com uma confiança forçada, a mão segurando com talvez um pouco de firmeza demais os dedos de um Ned pálido e inexpressivo.

Ergui o copo, levando-o aos lábios sem inclinar. Não tinha cheiro de nada, e imaginei que tampouco teria algum gosto. *Aí vamos nós, a Julieta indo encontrar o seu Romeu. Deus do céu, até quando eu ia viver num conto de fadas absurdo?*

Engoli tudo num gole só. Sem gosto, exatamente como eu pensava. Não senti nada de imediato, mas Lady Lew fez com que eu me deitasse, e eu obedeci sem pestanejar. Tinha passado a noite anterior em claro e estava cansada; deitar parecia a melhor ideia que qualquer um naquela sala tinha tido desde que eu chegara.

Como é morrer?, perguntei a Dorothea, de repente. Meus olhos encaravam a lâmpada logo acima de mim, a luz desenhando bolhas coloridas na minha visão.

Para a alma?, ela replicou, pensativa. *Um descanso. Para o corpo... Depende.*

Do quê?

Do mal que te aflige.

Então eu senti. Uma dor tão grande no peito que eu pulei na mesa, atraindo a atenção de todo mundo. A dor se espalhou, correndo rápido como o sangue, bombeado a toda velocidade pelo meu coração disparado.

Eu já tinha sido apedrejada. Já tinha sido flagelada, já tinha sentido a fraqueza e a dor de um corpo exposto a um enorme esforço sem retribuição. Eu tinha lembranças das dores de um corpo queimando. Eu conhecia a dor – eu e ela já tínhamos nos encontrado muitas e muitas vezes num período muito curto da minha vida. Mas aquilo era diferente. Era uma queimação impossível, uma falta de ar, punhaladas internas no meu peito.

Eu estava morrendo.

Só tive tempo de agarrar uma mão ao meu lado, mas não consegui ver a quem ela pertencia. Quis pedir ajuda, mas não conseguia mais falar. Balançando a cabeça de um lado para o outro, eu via o meu mundo se dissolver em preto e branco, até que eu soluzei, buscando por mais ar, e tudo ficou escuro de vez.

A primeira coisa que vi foi luz.

Eu sei, é um clichê imenso. A luz no fim do túnel e todas essas coisas que a gente escuta a vida toda. Mas ao abrir os olhos, aquela era, de fato, a primeira e mais forte impressão.

Não era uma luz que cegasse, mas era forte o bastante pra eu precisar piscar algumas vezes para retomar o foco. Por um segundo, achei que estivesse acordando na sala de Lady Lew, que a poção não tivesse funcionado. Mas uma virada rápida de cabeça resolveu este problema.

Dorothei estava do meu lado. Diferente das lembranças que eu tinha, onde ela estava sempre bem arrumada e penteada, ali ela era o retrato da destruição: os cabelos cacheados estavam soltos, chamuscados em vários lugares. Seu rosto estava sujo de fuligem, e o vestido era um trapo, queimado na barra e imundo em toda a sua extensão. Aquela, imaginei, era a Dorothei da fogueira, a Dorothei que morreu.

Aquilo era estranho, pensei. Eu era a reencarnação de Dorothei, não? Então como podíamos estar *ambas* aqui, agora que eu tinha morrido? Não fazia o menor sentido.

Balancei a cabeça, decidindo, por fim, que aquela não era a minha maior preocupação no momento. Olhei pra mim mesma, e vi que estava com as mesmas roupas que vestia quando entrei naquela

sala para morrer, um conjunto emprestado e gasto de calça jeans e camiseta vermelha. Toquei meu próprio corpo, e fiquei brevemente aliviada ao perceber que eu não era intangível, como um fantasma, mas ainda de carne e osso – ou tão de carne e osso quanto uma pessoa morta pode ser.

Dorothi se levantou, e me estendeu a mão para que eu me erguesse também. Estávamos paradas no meio de lugar nenhum, um ambiente sem paredes, sem teto e sem chão. Um grande nada muito escuro, que parecia se estender infinitamente para todos os lados. De um deles, logo atrás de nós, vinha a luz branca, me chamando.

- Bem, até que foi rápido. – ouvi uma voz entediada e familiar dizer.

Dorothi e eu nos viramos ao mesmo tempo para procurar. E ali, pequeno e lustrosamente preto, com os olhinhos amarelos brilhando como dois faróis, estava Toy.

Nos lançamos para ele quase simultaneamente, mas Dorothi teve a dianteira e o abraçou, enterrando o rosto em seu pelo. Não segurei a emoção e senti lágrimas grossas e quentes escorrendo pelo meu rosto.

- Não achei que fosse te ver de novo. – murmurei. Toy virou a cabeça para mim.

- E eu não achei que fossem estúpidas o bastante para morrer em tão pouco tempo. – comentou, num tom semelhante ao de um suspiro.

- Toy, já se passaram *semanas* desde que você morreu. – Dorothi explicou, fingindo frieza. Na verdade, ela estava agarrada a ele com a voracidade que uma criança se agarra ao seu brinquedo preferido.

- Bem, o tempo aqui funciona de maneira diferente, suponho. – ele se desvencilhou do abraço de Dorothi e se lançou ao chão. Por um minuto, tive o pânico de que ele fosse cair para sempre. Mas apesar de não conseguirmos distinguir cima de baixo, Toy caiu graciosamente sobre as patas dianteiras no que quer que estivesse sob nossos pés – Então Shiny conseguiu mata-las, afinal?

- Não foi ela que... – Dorothi começou, mas eu a interrompi.

- Não temos tempo pra explicações. – olhei brevemente para Toy – Estamos aqui para procurar a alma de Sam. Preciso leva-lo de volta. Você o viu em algum lugar desde que chegou aqui?

- Não. Mas não acredito que eu seja a pessoa mais adequada para encontra-lo.

Suspirei e olhei para o nada à minha volta.

- Para onde temos que ir? – perguntei, a ninguém em particular.

- Não para a luz. – Dorothi respondeu, me puxando pelo braço na direção contrária - Definitivamente, não para a luz.

Eu a segui, e juntas corremos pelo infinito, com Toy em nosso encaixo. Percebi que eu não sentia os efeitos daquela corrida – não precisava parar pra recobrar o fôlego, não sentia o cansaço das pernas, sequer notava um aceleração no meu coração. Mais uma vez, precisei me lembrar que eu dificilmente sentiria alguma coisa, não estando viva. Era muito esquisito ter que me lembrar disso toda hora.

Continuamos correndo indefinidamente, mas a impressão era de que não tínhamos nos movido. Era impossível delimitar a distância percorrida quando não havia nenhum ponto de referência à nossa volta. Mesmo olhando para a luz por sobre o ombro, não dava pra saber se tínhamos nos afastado – seu alcance parecia incrivelmente longo, como se seu brilho se recusasse a diminuir. Por fim, parei, frustrada.

- Essa droga não acaba nunca? – gritei para o nada. Dorothi remexeu nos cabelos de um jeito que me lembrava muito de mim mesma.

- Eu não sei. Eu não me lembro. – me disse, batendo com o pé como uma criança birrenta.

- Vamos tentar outra coisa. – sugeri, procurando na cabeça por alguma ideia brilhante. Infelizmente, ninguém tinha me dado um manual com o que fazer quando eu chegasse ao outro lado. Não tinha um mapa com direções a seguir.

- Estou aberta a sugestões. – Dorothi ironizou, abrindo os braços. Revirei os olhos, contendo uma súbita necessidade de gritar algo extremamente malvado para ela.

- Vamos tentar... – fechei os olhos, na esperança que aquilo me fizesse pensar melhor – Vamos tentar pensar nele, sim? No Sam. Quem sabe isso... o atraia ou sei lá.

- Que ideia brilhante, Malena. Por que não saímos gritando por aí se alguém viu a sua alma gêmea perdida? Quem sabe colar alguns cartazes pelo mundo dos mortos.

- Qual é o seu problema comigo? Eu não te fiz nada!

Dorothei abriu a boca, mas qualquer resposta que estivesse para dar morreu na sua língua. Ela baixou a cabeça, inspirando profundamente por um instante. Quando voltou a me olhar, os lábios estavam crispados, mas a expressão parecia um pouco mais tranquila.

- Não. Você não me fez nada. – disse, então – Me perdoe, isso não tem nada a ver com você.

- Então o que...

- Vamos tentar, podemos? – ela se aproximou segurou ambas as minhas mãos – Feche os olhos e concentre-se nele. Pense em Sam.

Estranhei todo aquele comportamento, mas sabia que não tínhamos tempo a perder. Eu, também, inspirei com calma, fechei os olhos, e procurei na memória pelas melhores lembranças com ele.

Eu tinha dezenas de momentos para recordar – o suficiente para aquecer meu coração à noite, mas não o bastante para impedi-lo de doer. Vaguei pelo dia em que ele me beijou na escola, sem saber que o nosso primeiro beijo não tinha sido dado por mim. Pelas vezes em que ele segurou minha mão, o jeito como descrevia círculos na minha pele com o dedão enquanto a gente conversava. Pensei nos seus olhos verdes e brilhantes, em como eles se estreitavam quando ele sorria, e no som da sua risada. Lembrei com tanta intensidade dos nossos beijos que eu quase podia sentir sua boca sobre a minha.

Eu o amava tanto, tanto.

Então por que eu o destruíra?

Sem aviso, as imagens daquela tarde na clareira surgiram na minha cabeça. Eu não convidei, tentei bloqueá-las, mas estava tudo ali, diante de mim. As tochas, o céu rubro, minha família prisioneira.

Uma adaga em minhas mãos, seus olhos me perdoando. E sangue, sangue por toda parte – nele, no chão, nas minhas mãos, me cobrindo inteira. Nem se eu me lavasse por mil anos poderia tirar a marca que o sangue dele na minha pele havia deixado. Eu vira o brilho se esvaír dos seus olhos, eu sentira sua vida deixando seu corpo. Meu amor por ele o matara. E agora eu estava ali para convidá-lo a morrer de novo.

- Malena, o que você está fazendo? – uma voz me chamava, mas eu estava perdida demais. Minha mente se cobria de chamas, o céu chovia sangue. Era tão real que dava pra sentir as gotas me tocando, provar do calor do fogo.

Por um segundo, desejei que ele não voltasse. Que eu não o encontrasse, que nos perdêssemos para sempre um do outro. Ele poderia seguir, encontrar uma outra vida e vivê-la plenamente, sem mim e sem os riscos que eu oferecia. Era o certo. Talvez fosse esse o preço a se pagar. Eu não me importava.

- Malena, pare com isso *imediatamente!* – o grito estridente piou agudo nos meus ouvidos. Tentei abrir os olhos.

E foi quando me dei conta de que eles já estavam abertos.

Eu estava de pé em uma floresta em chamas, com Dorothi correndo apressada à minha volta, Toy em seus braços. Do céu caíam gotas pesadas de um líquido vermelho e grosso, e o cheiro de ferro se misturava ao aroma da madeira queimando. Dorothi estava desesperada, mas eu sabia que aquilo era apenas uma projeção do que eu estava imaginando – nada ali poderia me ferir.

Exceto, talvez, o rapaz alto e louro parado há vários metros de distância, os olhos verdes faiscando como faróis no horizonte.

- SAM. – gritei, com toda a minha força, alto o suficiente para ser ouvida na outra dimensão. Mas o som não parecia viajar com a mesma eficiência ali. Lá longe, ele sequer se mexeu.

- Por que ele não está respondendo? – perguntei a Dorothi. Ela apertava os olhos para enxergar além do fogo e da fumaça, a boca torcida numa careta pensativa.

- Ele está aqui há tempo demais. – foi Toy quem respondeu, a voz muito séria e contemplativa – A solidão da morte o está

enlouquecendo. Ele não consegue partir, mas também não pode voltar.

- Por que não?

- Porque ele está esperando. Por você. – ele olhou para mim, e em seguida para Dorothei – Assim como eu estive esperando por ela.

- Acho que você deve ir até ele, Malena. – Dorothei disse, então.

Olhei de novo para Sam, a distância entre nós parecendo infinita. Não queria deixá-la sozinha. Não podia perdê-lo. Não podia abraçar o mundo.

- Vá! – Dorothei insistiu, mais firme agora, me empurrando com a mão livre – Nós vamos ficar bem! Sam precisa de você!

Eu não confiava que ela fosse ficar bem. Se havia uma coisa da qual eu duvidava com todas as minhas forças nos últimos dias, era que Dorothei voltaria a ficar bem algum dia. Mas Sam continuava lá, parado, imóvel, e eu precisava me mexer. Precisava tentar.

Sem mais um segundo de hesitação, comecei a correr.

Diferente do que ocorrera no imenso corredor preto (sequer tínhamos saído de lá? Era impossível saber), eu me movia dessa vez, e vi Sam ficar cada vez mais perto.

Ele estava horrível. Um caco. Assim como eu e Dorothei, naquele plano Sam usava as mesmas roupas que vestia em seu último dia de vida. Assim como eu imaginara, elas estavam empapadas de sangue, um buraco aberto no peito onde eu havia enterrado a adaga que o matara. A visão me fez parar, de pernas trêmulas. Acho que teria vomitado, se pudesse fazer tal coisa. Ali, o pior que pude fazer foi desviar o olhar.

Eu tinha que ser forte. Eu precisava continuar. Eu tinha que ir até ele.

Ergui a cabeça e continuei correndo.

Quando o alcancei, não resisti ao impulso e me lancei contra Sam de uma só vez. Meu corpo bateu contra o dele, fazendo-o cambalear por um segundo, e eu afundei a cabeça na curva do seu pescoço, meus braços circulando seu torso, tocando para confirmar que era real. Eu queria poder sentir seu cheiro, pensei, mas dadas as atuais circunstâncias em que ele se encontrava, talvez fosse uma boa ideia que eu não pudesse.

Mas após um minuto inteiro agarrada a ele, percebi que alguma coisa não estava certa. Abraça-lo era como abraçar uma pedra – ele estava ali, mas não estava respondendo. Eu o via nos meus braços, mas não podia senti-lo, nem literal, nem figurativamente.

Confusa, eu o soltei. Os olhos verdes de Sam miravam todas as direções, e de repente pararam para esquadrihar o meu rosto. Era impossível discernir as emoções que se passavam por ele – descrença? Tristeza? Medo?

- Sam? – chamei, chacoalhando-o – Sam, fale alguma coisa, por favor. Sou eu.

- Por favor. – ele sussurrou, fechando os olhos em uma expressão de dor – Vá embora.

Imediatamente o larguei, com a pressa de quem toma um choque. Suas palavras pareciam abrir rachaduras em mim, me partir inteira.

- Sam... – minha voz morreu, e tudo o que emito é um silvo. Ele chacoalhou a cabeça, colocando as mãos sobre os olhos fechados.

- Não. Você não existe. Você não está aqui.

Eu o encarei, chocada. Era isso então?

- Malena está viva. – Sam continuou falando, aos murmúrios, para si mesmo – É só a minha imaginação me pregando peças, o purgatório me punindo. Não há ninguém aqui.

Imaginei quantas vezes, assim como eu, Sam tinha revivido nossas lembranças. Quantas vezes o corredor preto se transformara numa floresta em chamas, e ele relembrou nossos momentos mais dolorosos. Me perguntei os tipos de tormento que sua alma vinha experimentando, sozinha ali, sem conseguir descansar. Eu ao menos tivera Dorothi. Sam não tinha ninguém.

Como eu guiaria alguém tão perdido em sua própria dor, eu não sabia. Imaginei se tinha sido assim para Dorothi também, tendo que guiar minha vida sem a minha colaboração – todas as portas escancaradas, esperando para serem fechadas, e tendo que carregar o fardo de uma companheira instável, puxando-a para baixo. Sam

era meu fardo para carregar agora. E eu precisava tentar fazer com que ele se erguesse.

- Sam! – chamei – Sam, olhe pra mim.

- Malena não está aqui, ela está viva, ela não está aqui, ela está bem, está segura. – ele repetia as palavras como um mantra. Quantas vezes já teria dito tudo aquilo pra si mesmo, pra fazer as visões irem embora? Quantas vezes aquilo não teria funcionado?

- Sam! – insisti, mais alto e claro – Eu estou aqui, na sua frente! Sou eu, você não está alucinando!

- Ela não está aqui, isso é só minha cabeça, o purgatório pregando peças, eu só preciso pensar em outra coisa...

- SAM! – ele me deu as costas, e eu o detive com uma mão firme sobre o ombro. Ele endureceu, estático numa posição, mas ainda repetindo para si mesmo:

- É só um sonho, é tudo um sonho, vai passar, vai sumir, ela está viva, ela não pode estar aqui...

Forcei-o a girar nos eixos até estar novamente de frente para mim. Um som pungente, uma batida vinda de lugar nenhum, ressoava em meus ouvidos. Era impressão minha ou o fogo estava diminuindo à nossa volta?

- Por favor... – eu disse, lentamente, a voz num sussurro baixo e controlado – Por favor, só... olhe pra mim.

Devagar, Sam baixou as mãos. Os olhos, ainda hesitantemente fechados, se abriram, mas eu não enxergava nenhuma réstia de reconhecimento neles. Sam, meu Sam, me olhava como se eu fosse uma perfeita estranha.

- Vá embora. – ele suplicou, os lábios curvados numa careta estranha. Eu já tinha visto Sam chorar, mas aquilo era diferente. Era tão fundo que fazia seu rosto lindo se transformar no de uma criança frágil, cada ruga na testa parecendo um corte por onde eu podia ver a dor escorrer em lágrimas.

- Eu não posso. Não sem você. – falei. Meus próprios olhos queimavam. Me perguntei se fantasmas podiam chorar; eu estava prestes a descobrir.

- Você não está aqui. Não de verdade. – Sam sorri, um sorriso ridículo, triste demais pra alguém tão bonito – Eu sei porque eu te

vejo todo dia, toda hora. Você não é real. Eu queria que fosse, mas não é. – ele levou as mãos à cabeça, apertando as laterais – É culpa minha, porque eu não paro de pensar no que está acontecendo com ela agora. Se eu ao menos pudesse... se eu pelo menos tentasse...

- Sam, eu estou aqui porque estou morta! – gritei, a cartada final. Mas ele continuou com as mãos sobre as têmporas, balançando a cabeça de maneira histérica.

- Não, não está.

- Eu estou aqui! – segurei-o pelas mãos, seu desespero me contagiando. Ambos chorávamos agora, e Sam lutava para não olhar para mim.

- Não está! Ela está viva! Eu morri pra que ela vivesse!

- Então você fez um péssimo trabalho, garoto, porque estamos todos aqui, juntos de novo. – uma voz diz, atrás de mim.

Sam abriu os olhos de imediato, as sobrancelhas se erguendo, completamente estarecido. Me virei, e vi Dorothei conosco, os braços cruzados numa posição impaciente.

- Malena?

Sua voz me despertou uma fagulha de esperança que se espalhou pelo meu corpo. Quando virei, Sam estava me olhando.

E finalmente me via.

- Sou eu! – exclamei, balançando a cabeça com veemência – Sou eu, Sam, eu estou aqui, eu estou aqui *de verdade...*

Sam me puxou para um abraço que eu gostaria de fazer durar pela minha vida inteira. Assim como eu o fizera, ele agora passava suas mãos pelo meu corpo, provando do fato de que eu era real, e beijava meu rosto, meus ombros, minha boca, meus cabelos. Eu quase podia ouvir seu coração batendo.

Então, tão subitamente quanto começara, ele parou. Aconchegou meu rosto entre suas mãos, e perguntou, baixinho.

- Você está morta?

O bufar impaciente de Dorothei não bastou para me tirar do sério. Pus minhas mãos sobre as dele, e confirmei, crispando os lábios. Sam baixou a cabeça, encostando a testa na minha.

- Não era pra isso acontecer. – ele murmurou – Você devia ficar viva. Lutar.

- Eu *estou* lutando!

- Por favor, diga que você não está aqui por minha causa. Diga que você não...

- Não! – eu o interrompi, ao entender onde ele queria chegar. Pensei em Frida, e me perguntei se ela estaria ali, presa em seu purgatório particular, a alma incapaz de descansar, ou se ela teria seguido em frente, ido para a luz. Era impossível saber.

- Então como...?

- Tem... coisas acontecendo. – falei, sem saber exatamente que palavras usar – Do outro lado. A situação se complicou. E precisamos de você lá.

Sam franziu a testa, confuso.

- De mim? Para quê? O que está acontecendo?

- O apocalipse, é o que está acontecendo. – Dorothi interrompeu, irritada – E o Senhor das Almas está desfilando por aí usando o *seu* corpo. Então precisamos que você vá até lá e o tome de volta.

Lancei um olhar feroz para ela, que me devolveu com um gesto aberto de “qual é o seu problema?”

- Usando o meu corpo? – Sam repetiu – Como isso é possível?

- É magia, tolinho. Há muito pouco que o Mestre das bruxas não possa fazer. – ela disse, em tom solene. Toda a minha compaixão se esvaiu, e tive um impulso muito grande de gritar pra que ela se calasse. Mas não havia tempo a perder. Me virei novamente para Sam.

- Existe um plano. – expliquei, rapidamente – Há um jeito de para-lo, mas não podemos fazer isso sem a sua ajuda. Preciso que você volte comigo para o outro lado se queremos ter uma mínima chance de sucesso.

- Mas como vamos fazer isso? Estamos mortos.

Abri a boca, mas me descobri sem resposta. Olhei para Dorothi, mas ela parecia tão informada quanto eu sobre os caminhos do além. Haviam me mandado ao mundo dos mortos sem um tíquete para voltar.

Então me lembrei de Lady Lew e suas últimas e enigmáticas palavras. *Quando chegar a hora de voltar, siga as batidas do seu*

coração e traga o garoto com você. Mirei o meu redor.

- Vocês estão ouvindo isso? – perguntei, apontando para o céu escarlate, que começava a perder seu tom vivo, as extremidades já próximas do preto novamente. Sam seguiu meu olhar, mas Dorothi franziu a testa para mim.

- Ouvindo o que?

- Essas batidas. – Sam respondeu, e eu sorri, aliviada. Não era loucura. Ele as ouvia também.

- Não há batida nenhuma. – Dorothi insistiu. Então sua expressão foi tomada de uma onda de compreensão – Oh. Batidas.

Seu olhar baixou, e Dorothi me deu as costas, pondo Toy no chão. Quanto mais atenção eu prestava nelas, mais forte as batidas ficavam; eram tambores agora, fortes, intensos, gritando por mim em algum lugar à minha esquerda. O cenário em chamas já estava praticamente extinto agora, cedendo lugar novamente ao nada escuro, onde pairávamos no ar.

- Precisamos segui-las. – falei, para todos e ninguém em especial. Minha mão se enganchou na de Sam, e o arrastei comigo enquanto andava.

Eu estava vários passos adiante quando percebi que Dorothi não estava nos acompanhando.

Olhei para trás, e avistei Dorothi ainda parada no mesmo lugar, ao lado de Toy, agora ambos encarando a forte luz que vinha de lugar nenhum. As batidas soavam, insistentes, mas eu não podia deixá-la para trás. Voltei.

- Dorothi? O que está fazendo aí parada? – perguntei, pousando uma mão sobre o ombro dela. Ela não se virou.

- Eu não vou com vocês. – disse, suavemente. Sua voz tinha camadas incompreensíveis de tristeza.

- Como não? – indaguei, tentando forçá-la a olhar pra mim sem soltar da mão de Sam, temendo perdê-lo. Ela continuava de costas, firme como uma mula – Somos uma, Dorothi. Você não pode ficar aqui enquanto eu vou embora.

- Você está enganada. – foi tudo que ela me respondeu.

Fiquei muda, minha mão ainda plantada em seu ombro, esperando uma explicação. Dorothi virou-se para mim, finalmente, e

pude ver que ela chorava; seu lindo rosto petulante estava molhado, as lágrimas limpando a fuligem e traçando caminhos de tristeza em suas bochechas.

- Você precisa ir, Malena. – ela disse, cruzando os braços sobre o peito, como se aquilo explicasse tudo – Mas eu não posso voltar com você.

- Como assim?

- As batidas. Eu não as ouço.

Eu não estava entendendo onde ela queria chegar. Como era possível que Dorothei não as ouvisse também? Éramos uma, duas partes de um ser.

- Você não achou estranho que estejamos nós duas aqui? – Dorothei perguntou, seu olhar encontrando o meu de maneira quase acusatória – Que, quando você morreu, duas almas tenham seguido seu caminho, embora devêssemos ser uma só?

- Eu não... – hesitei, cada vez mais confusa. Eu não tinha pensado em nada daquilo, não pra valer. Mas, de repente, todas as perguntas que Dorothei vinha me fazendo nos últimos dias começavam a fazer sentido. Ela fungou e limpou o rosto com as mãos.

- Isso tudo foi um erro, você e eu. – continuou, como se eu sequer tivesse falado – Um erro colossal, do qual eu não me dei conta. Eu devia ter percebido, mas se Jane não tivesse insinuado...

- Insinuado o que? – eu a interrompi, doida pra que aquilo começasse a fazer sentido.

- Que eu errei. No meu feitiço. – ela mordeu o lábio inferior, controlando-se para não chorar novamente – Eu reencarnei *com* você, mas eu *não sou* você, Malena. Nunca fui. Estivemos presas pelo meu erro, mas agora que você se foi, nosso contrato não existe mais. Estamos livres uma da outra.

Abri e fechei a boca repetidas vezes, como um peixe, mas não emiti som algum. Pensei na sua imagem nos espelhos quebrados, na sua voz na minha cabeça, nas trocas de consciência, nas lembranças que eu acessava sempre com alguma dificuldade, na forma como lutávamos por controle, uma sempre marionete da outra. O tempo todo, eu tinha me convencido de que minha personalidade tinha sido

a responsável por nos dividir, mas eu estava enganada – nunca tínhamos sido uma. E jamais estivera tão evidente quanto agora.

- Suponho que seja o melhor. – Dorothei prosseguiu, ensaiando um sorriso – Você sempre quis se ver livre de mim.

- Isso não é verdade. – falei, e segurei suas mãos, esquecendo momentaneamente de Sam ao nosso lado. Dorothei revirou os olhos.

- Veja o que fiz com sua vida, Malena. – seus lábios tremeram – Por minha causa, por causa das heranças que trouxe comigo, sua família esteve em constante perigo desde que eu despertei. Você o perdeu por minha causa. – ela apontou para Sam, que estava calado, fingindo não prestar atenção à nossa conversa.

- Nada disso é culpa sua! – insisti, mas ela balançava a cabeça, irredutível.

- Absolutamente *tudo* é culpa minha. Porque minhas irmãs me marcaram, eu as matei. Porque nós morremos, o feitiço foi lançado, e por ele e pelos meus erros, acabei condenando você. Foi por mim que tudo isso começou. A maior injustiça nessa história é que não seja eu a dar um fim a tudo isso.

A luz branca brilhava com a intensidade de um sol agora. As batidas, ensurdecedoras, martelavam alto nos meus ouvidos. Eu sabia que estávamos ficando sem tempo. Eu a abracei, e, para minha surpresa e despreparo, Dorothei me abraçou de volta.

- O nome disso é destino. – sussurrei para ela – E eu agradeço a você pelos seus erros. Foi uma honra dividir esses fardos com você.

- Você não sabe o que está dizendo. – ela riu, e então me soltou. Olhou para Sam por um instante, e então me puxou, para dizer ao meu ouvido – Cuide de Gabe, sim? Até que eu o encontre de novo.

O pedido me deixou sem palavras. Dei a ela o menor dos acenos de cabeça, mas bastou.

E então, tinha Toy. Toy, que eu havia recuperado, só para perder novamente. Toy, cuja morte eu carregava na consciência. Toy, meu melhor amigo durante a época mais insana da minha vida.

- Não chore. – ele me pediu, quando me abaixei ao seu lado.

- Não estou chorando. – menti, mas podia sentir. Queria abraça-lo, mas abraços significam despedidas, e eu não podia aguentar mais essa. – Isso não está certo. Você me disse que era imortal.

- A imortalidade é um conceito superestimado. – disse, e seu tom me fez rir por entre as lágrimas – Digamos apenas que eu fui um gato muito duradouro. Tive bem mais que as sete vidas que costumam prometer aos felinos.

- Mas não durou tempo o bastante. – funguei.

- Foi o suficiente. – se gatos sorrissem, tenho certeza de que era algo parecido com aquele leve arquear de bigodes dele, o que me fez chorar ainda mais – Se eu pudesse escolher, faria tudo de novo. Foi uma honra partilhar alguns momentos da minha eternidade ao seu lado.

- Prometa. Prometa que vai cuidar de Dorothei por mim. Prometa que nós vamos nos ver de novo.

- Você sabe que sim. – Toy veio até mim e subiu no meu colo, ágil como sempre – Isso não é um adeus, Malena. Só diz adeus quem decide fechar o livro para sempre. E a nossa história ainda tem páginas e páginas para serem preenchidas. Só não dessa vez. Não mais.

- Toy, eu...

- Guarde suas palavras, Malena. Eu já conheço cada uma delas. – ele saltou e se juntou novamente aos pés de Dorothei – Acredite, eu adoraria ficar. Se tivesse mais sete vidas, escolheria gastá-las com você. Mas Dorothei e eu temos um compromisso inadiável com a morte. E só os tolos a deixam esperando.

Me levantei e olhei uma última vez para Dorothei. O que eu faria sem ela?

Mas quando a vi, ela estava em paz.

- Até outra vida, Malena Gordon. – foi a última coisa que me disse.

Ela e Toy se viraram para a luz. Juntos, a bruxinha e seu gato caminharam até desaparecerem completamente no horizonte.

Continuei encarando a luz, que diminuía sua intensidade agora – como se, ao saber que levava aquilo que viera buscar, ela pudesse

se retirar para um merecido descanso. Sam tocou minha mão, me despertando do transe momentâneo, e me virei para ele, entrelaçando nossos dedos, me apegando ao que me restara.

E seguimos as batidas do meu coração.

A Primeira Profecia

- A primeira coisa que senti ao abrir os olhos foi a ânsia. Ela subia tão rápido que escapava do meu controle; virei pro lado e vomitei, ouvindo o som do líquido batendo no piso, sentindo o fedor forte de bile, o gosto ácido na minha boca.

Uma vida inteira pareceu escorrer de mim. Não sei por quanto tempo fiquei abaixada, mas quando me levantei – tonta, sedenta e ainda muito enjoada – a sala estava vazia, exceto por Lady Lew e Hugo; a primeira encarando a poça de vômito no chão com ar de nojo, e o último sentado numa das mesas, olhos mirando o nada.

- Onde está todo mundo? – foi a primeira coisa que eu consegui fazer. Lady Lew buscou um pano de chão numa das extremidades da sala, e o jogou em cima da sujeira que eu fizera.

- Nas ruas. – ela disse, mal humorada – A invasão começou.

Aquilo fez todos os alertas do meu cérebro gritarem. Não havia lugar seguro, mas *nas ruas* era possivelmente o pior lugar pra se estar. Gabe, Yara, Ned, mamãe – em que eles estavam pensando?

Tentei me levantar, mas só consegui cambaleiar e cair no chão, meus braços me protegendo bem a tempo. Impacientemente, Lady Lew veio me levantar.

- Não pode sair correndo por aí, garota. Você estava morta a um minuto atrás!

- Mas eles... estão... em perigo! – gaguejei, a tontura enfraquecendo meus lábios. Eu não tinha forças para impedir que a velha cartomante me arrastasse e me colocasse sentada numa cadeira dura.

- Eles sabem o que estão fazendo. Estão atraindo-os para cá. – sem muita cerimônia, ela meteu um copo d'água na minha boca, me forçando a beber. Engasguei depois de alguns goles – Agora me diga: funcionou?

Ainda tossindo, tentei me lembrar. Não parecia haver decorrido mais do que alguns segundos entre a dor e a ânsia. Eu me lembrava de fechar os olhos, e então de abri-los para vomitar; o que quer que tivesse acontecido entre isso, era um mistério para mim.

- Eu não sei. – respondi, afinal. Lady Lew assentiu, lentamente.
- Eu não esperava que lembrasse. – ela disse – Mas creio que em breve nós iremos descobrir, sim?

Concordei, meu estômago dando um nó tão apertado quanto o meu coração. Agora, nos restava esperar.

Dorothi, chamei, em silêncio. Mas assim que o fiz, uma sensação esquisita fez correr um arrepio pela minha espinha. Uma solidão tão grande, um vazio tão profundo, que o desespero que me cobriu fez meu corpo tremer. *Dorothi*, insisti. Mas no fundo, eu sabia.

Ela não estava mais lá.

Como, *como* ela não estava mais lá? Justo agora, quando eu precisava tanto?

Pensei em gritar em voz alta, evocá-la de onde estivesse. Talvez fosse apenas uma peça que ela estivesse pregando em mim; *Dorothi* já ficara sumida antes, por vários meses, às vezes fraca demais para responder, às vezes divertindo-se ao me observar correr em círculos. Ela podia estar apenas se escondendo, me esperando implorar. Não seria a primeira vez.

Mas eu sabia, eu podia sentir que não era o caso. *Dorothi* não estava se escondendo, me evitando. Não estava fraca. Ela apenas não estava ali.

Mal tive tempo para processar meus próprios pensamentos, para sentir o peso daquela dor, quando uma explosão fez a terra tremer e me jogou da cadeira. Havia poeira para todos os lados, e comecei a tossir, confusa, meus ouvidos apitando por causa do barulho. Tentei me erguer, mas meu corpo estava instável demais depois de sofrer duas quase-mortes seguidas. Infelizmente, não foi necessário.

Em segundos, meu corpo se erguia do chão, leve como uma boneca de pano, batendo contra a parede. Eu mal tinha forças para me debater, mas o fiz mesmo assim. Por entre a nuvem de pó que ainda se dispersava, vi a silhueta negra do Senhor das Almas abrindo caminho, a cabeça encoberta pelo manto negro, tão pertencente à desgraça quanto o sol pertence ao céu. E ele não estava sozinho.

Sendo arrastada pelos cabelos por Ele, vinha mamãe, que gritava e lutava contra cordas que cercavam seus pulsos. Atrás deles, uma verdadeira comitiva de bruxos entrou, trazendo meu pai e meus irmãos; toda a minha família, exceto Bryan, salvo pelo próprio sonho de cursar universidade, há vários quilômetros de distância de nós. Por último, vinham Alistair, segurando Gabe pelo pescoço, e Shiny, com Yara firme entre seus braços.

Congelei, indefesa diante da visão de minha família e de meus amigos novamente prisioneiros. Lady Lew e Hugo haviam desaparecido, mas não importava; que serventia tinham eles contra uma força daquelas? Estávamos mortos, todos nós. E o Senhor das Almas parecia ler essa conclusão em meus olhos lacrimosos.

- Eu mantenho minhas promessas, Malena. – Ele sibilou para mim, atirando mamãe com tanta força que ela rolou até parar perto de mim, os olhos apavorados me encarando lá de baixo.

Vendo todos eles ali, enfileirados, esperando para morrer, só pude chorar e lamentar. Por eles, por mim mesma, por todas as enrascadas em que eu os havia metido. Uma última vez, tentei me soltar, mas não havia remédio contra as ações de um bruxo tão poderoso. Eu era inútil, pequena, indefesa, e pagaria por algum dia ter sido prepotente o bastante para acreditar que teria uma chance.

- Quem deveria morrer primeiro, eu me pergunto? – Ele caminhou por entre seus prisioneiros, tocando suas cabeças com dedos gentis – Seria Eric, o irmão mais novo, ou Fred, o causador de problemas? – meus irmãos, amordaçados, se chacoalharam e emitiram gritos que se tornaram rosnados. O Senhor das Almas riu – Corajosos, não? Suponho que você tenha tido a quem puxar.

- Comece pela mãe. – Shiny sugeriu, com um sorriso travesso que incitou toda a minha capacidade para odiar – Mães devem dar o exemplo aos filhos.

- De fato, devem.

Novamente, Ele se voltou para mim. Tentei enxergar mamãe abaixo de mim, mas meu corpo estava grudado à parede, e ela estava fora do meu campo de visão. Meu coração acelerou em desespero conforme ele andava, dando passos propositalmente longos e lentos em nossa direção.

Ele ergueu mamãe no ar, bem diante dos meus olhos. Ela emitia silvos agudos de súplica, os olhos encharcados, os membros presos. Num último ato de maldade, Ele a aproximou de mim – nossos pés se tocando, eu quase podendo sentir o cheiro do medo no seu suor.

- Eu espero que agora você consiga apreciar aquilo que perdeu. – o Senhor das Almas me disse, muito calmo, pesarosamente, até – Gostaria que as coisas pudessem ter tomado um rumo diferente; mas somos quem somos, e não podemos mudar o passado.

Naquele segundo, quis implorar; milhares de formas de pedir perdão me passaram pela cabeça, todos os jeitos humilhantes pelos quais eu poderia suplicar pela vida deles. Mas não havia perdão, não havia tempo, e não havia volta – as minhas ações tinham botado em curso algo que eu não podia controlar. A vida deles O pertencia agora. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Um minuto excruciante e longo se passou. Mamãe pairava como um anjo em minha frente, e gostaria de poder ler seus olhos como eu lera os de Sam antes de matá-lo.

Então seu pescoço se torceu num ângulo impossível, e o som de um estalo muito alto se fez ouvir. Minha mãe desabou no chão poeirento, morta.

O silêncio pode ser uma coisa ensurdecadora. Eu nunca havia parado pra pensar *realmente* nesta expressão até então. Eu era uma pessoa naturalmente calada, então apreciava o silêncio o suficiente para quase nunca me sentir oprimida por ele. Mas aquela era uma sensação completamente nova.

Ao ver minha mãe morrer, não foi uma quietude simples que se abateu sobre o cômodo. Não foi apenas silêncio que eu e minha família fizemos. Não era só ausência de som. Era como se todo e qualquer resquício de voz, de barulho, de ar tivesse sido sugado. Era observar enquanto éramos tomados de um vácuo tão imenso, que qualquer mínimo ruído seria chocante e desrespeitoso.

Mamãe estava morta. Eu jamais a veria sorrir de novo. Ela nunca mais ia brigar comigo por não fazer o dever de casa, ou ralhar com Fred por não lavar as mãos antes de comer. Eu não ouviria mais

seus gritos quando encontrava Colin com os pés sobre a mesa de centro da sala, nem o modo carinhoso com que ela fingia não gostar de ver Toy perambulando pela casa. Eu jamais entraria na cozinha por acaso para encontrar meus pais abraçados, feito dois adolescentes namorando. A minha vida inteira se definia por ela, e agora ela não existia mais. E essa realidade me sufocava.

- Vejam... quem será o próximo? – Ele disse, quebrando o silêncio e as minhas amarras internas, deixando escapar a dor, as lágrimas e os gritos.

- ME MATE! – berrei, cada sílaba fazendo meus pulmões arderem – ACABE COM ISSO! ME MATE!

Vi o sorriso de dentes perfeitos se abrir sob a sombra do capuz. Por fim, Ele o abaixou, e ouvi as exclamações mudas de surpresa da minha família ao se depararem com Sam como seu maior inimigo. Mas aquela visão já não me surpreendia mais – me machucava, ainda, talvez tanto ou até mais do que da primeira vez, mas não me causava nenhum choque.

O Senhor das Almas se aproximou, chutando o corpo inerte de minha mãe para longe. Me agarrando pelas bochechas, ele me baixou somente o bastante para que nossos rostos estivessem na mesma altura. Então traçou o caminho do meu rosto ao meu pescoço com dedos leves e perigosos, a ameaça velada, mas jamais cumprida de terminar o serviço.

- Ora, eu irei, mas não tão cedo, minha cara. – disse, e seu sorriso é tão vampírico que, por um segundo, imaginei que ele fosse me morder – Não agora, quando estamos nos divertindo *tanto*...

- Me mate. – repeti para Ele, e somente para Ele – Eles não tem valor nenhum pra você.

- Mas tem valor para *você*. – replicou, e então, aproximando-se do meu ouvido, falou, num sussurro – E eu te disse, Malena. Eu vou te destruir.

Ele se afastou, mas antes que pudesse me dar as costas, vi algo mudar em seus olhos. Um fantasma, uma réstia de luz que não estava ali antes. Eu não sabia o que era, mas um instinto mais forte do que eu crescia em meu peito. Quando gritei, o fiz quase sem controle:

- Sam!

Ele parou onde estava, no meio do movimento. Todos os olhos da sala estavam voltados para nós dois, o mundo estático, esperando permissão para se colocar em transe novamente. Ele demorou uma eternidade para reagir. E, quando o fez, não foi como eu esperava.

Diante dos meus olhos, um paralisado Senhor das Almas caía de joelhos no chão.

E então começou a chover.

Não *chover*, no sentido literal da palavra; mas do teto, o sistema de incêndio foi subitamente ligado, e disparou água para todos os lados, encharcando todo mundo em instantes. Não entendi o que estava acontecendo até que o controle do Senhor das Almas sobre mim se desfez e eu caí no chão molhado. Como uma criança, abri a boca e provei da água.

Sândalo.

Eu não sabia por quanto tempo, nem quão efetivo aquele ataque seria, mas agradei silenciosamente pela ideia genial de Lady Lew – com certeza nos ganhara alguns minutos. À minha frente, o Senhor das Almas agora gritava em agonia, curvando-se sobre si mesmo a ponto da testa tocar o piso. Mas nenhum bruxo deixou sua posição; nem mesmo Shiny, que agora se remexia, inquieta, observando tudo com olhos atentos, pronta pra atacar.

- Mestre! – um deles, um desconhecido que detinha Colin pelos cabelos, chamou, ao mesmo tempo em que eu dizia:

- Sam? Você está aí? Eu sei que é você!

Ele ergueu a cabeça, subitamente. Um segundo que perdurou por toda uma vida se passou antes que ele atendesse a um dos chamados.

Então seus olhos assustados se viraram para mim.

- Malena! Por favor, me ajude! – ele disse.

Foi o mesmo que liberar o inferno sobre nós.

Primeiro veio o grito de guerra de Shiny, quebrando o silêncio. Ela tirou uma adaga da própria cintura e, para meu horror, fincou-a fundo na barriga de Yara, antes de lançar minha amiga para o lado.

Seu sangue escorria rápido, se diluindo na água que não parava de jorrar do teto.

Todos de uma vez, meus irmãos, meu pai e Gabe se rebelaram. Fosse movido de um instinto de sobrevivência, fosse sentindo que o poder sobre eles havia diminuído, eles se ergueram e se puseram a lutar. As mãos amarradas não foram empecilho para os socos desajeitados, os pontapés e as cabeçadas que distribuía a torto e a direito. Gabe estava na pior posição, lutando contra o gigantesco Alistair, que parecia sequer se mover ante suas tentativas.

Sam estava ao meu lado agora, agarrando minhas duas mãos, chorando – se de dor ou de desespero, eu não sabia dizer. Lembrei de quando o Senhor das Almas me enganou fazendo-se passar por Sam, mas não havia a menor possibilidade de engano agora: a luz dos seus olhos verdes estava lá de volta, um brilho humano e inconfundível, e havia mais pavor em seu semblante do que a mímica calculada do Senhor das Almas seria capaz de reproduzir.

Mas não tive tempo de agradecer aos céus por eu ter conseguido, de alguma forma, trazê-lo de volta; Shiny estava vindo em nossa direção, e eu me levantei para recebê-la.

Ela me atingiu com o impacto e a ferocidade de uma manada. Meu corpo frágil e despreparado depois de tantas provações em sequência desmoronou com facilidade ao primeiro embate. Ela logo estava em cima de mim, as pernas me cercando, fechando as mãos sobre a minha garganta.

- Não é tão corajosa agora, é, Malena? – perguntou, com um riso maníaco – Onde está sua amiguinha Dorothei? Ela se foi? Até mesmo ela abandonou você?

Tentei atingi-la com as mãos, mas eu não tinha mais forças. Minha garganta comprimida latejava, meus pulmões clamavam por oxigênio. Eu já começava a ver pontinhos pretos no canto dos meus olhos, e sabia que perderia a consciência a qualquer momento agora.

- Você vai morrer, Malena. – Shiny disse, em tom de fato, de promessa – E vai morrer fraca, humana, sabendo que falhou em proteger todos que você ama. Vai morrer como sua mãe.

Minha mãe. Morta, olhos vítreos encarando o nada. Morta. Como eu estaria em breve. Todos nós, mortos.

Subitamente, o ar voltou a penetrar pela minha traqueia, e eu respirei, golfadas e golfadas de ar, engasgando ao aspirar a chuva de sândalo por acidente. Me sentei a tempo de ver Sam se engalfinhando numa luta corporal com Shiny.

Como lutadores de judô, eles se agarravam pelos ombros, tentando derrubar um ao outro. Seria ridículo, se não fosse mortalmente decisivo; Shiny era fisicamente apta e voraz, embora consideravelmente menor e mais fraca, mas a força não estava a favor de Sam num corpo que ele não conseguia controlar com a proeza necessária. Ambos estavam em desvantagem, e nenhum iria ceder. Eu precisava intervir.

A adrenalina fez seu trabalho em me colocar rapidamente de pé. Shiny dominava Sam agora, derrubando-o com uma rasteira, prendendo-o ao chão como fizera comigo. Mas aquele ainda era o corpo do seu Senhor, e Ele ainda estava ali em algum lugar, então ela não poderia simplesmente matá-lo. Eu só esperava que Sam fizesse uso dessa hesitação antes que ela resolvesse mudar de ideia.

De pé, tentei pensar rápido. Eu não tinha força física. Eu não dispunha de uma arma. Eu não tinha nenhuma vantagem que pudesse usar. O que diabos eu ia fazer?

A possibilidade me tomou de assalto, me dando, simultaneamente, uma gota de esperança, e uma ânsia enorme pelo meu sangue frio. Por um instante, observei meus arredores – boa parte dos meus irmãos já tinha nocauteado seus adversários, e agora ajudavam os outros a se libertarem. Hugo e Ned haviam surgido do nada para se juntar à briga, e embora nenhum dos dois fizesse o tipo lutador, simbolizaram uma boa virada no jogo. Sam havia se colocado de pé de novo, retomando sua posição de defesa contra Shiny.

Corri. A distância que nos separava não era longa, mas foi como uma maratona mesmo assim; fiquei sem ar, e cega pelo esforço, e quando derrapei ao lado dela, a fadiga já ameaçava me quebrar ao meio.

Yara estava pálida, os lábios perdendo a cor, com a cabeça no colo de Lady Lew, que aplicava plantas e poções de aparência inútil sobre ela. Seu tronco estava empapado de sangue, que se espalhava ao seu redor. A adaga tinha ido fundo, dava pra notar – seu cabo prateado e familiar se projetava para fora da barriga da minha melhor amiga numa posição desesperadora. Hesitei.

- Pegue. – ela disse, a mão fria me causando um sobressalto ao encontrar a minha – Não vou ficar melhor se ela continuar aí. Pegue logo.

Eu não sabia quanto daquilo era verdade, e quanto ela estava dizendo pra que eu me sentisse melhor. Eu temia que, ao tirar a adaga de onde estava, o fluxo de sangue piorasse – talvez eu matasse Yara mais rápido. Mas se isso realmente acontecesse, seria muito pior do que uma morte lenta, uma hemorragia que faria sua vida se esvaír aos poucos, fazendo-a sofrer?

- Agente firme. – implorei, e minhas mãos se fecharam no cabo da adaga. Antes que pudesse pensar duas vezes, puxei.

Me levantei antes que pudesse vacilar ao ver seu sangue vertendo, antes que seu grito de dor me fizesse desistir. O mundo à minha volta era um borrão líquido, o caos pingando pelas paredes junto com as gotículas de água, cada vez mais fracas agora. Éramos eu e a lâmina outra vez – a mesma adaga que enterrei no peito de Sam, ainda coberta com o sangue da minha melhor amiga. Semicerrei os olhos, tentando estabilizar minha visão, melhorar meu foco. Eu só teria uma chance.

Sam percebeu o que eu ia fazer quando me viu chegar. Ele agiu tão rápido que só tive tempo de tirar proveito da situação por um milésimo de segundo; num instante eles estavam de pé, se cercando, e no outro ele torcia o braço dela para trás, ao mesmo tempo em que chutava suas pernas, forçando-a a perder o equilíbrio.

Ela estava de costas para mim quando cheguei. Dizem que não se deve matar um inimigo pelas costas, mas isso pouco teve importância quando a alcancei. Não havia honra no mundo capaz de me parar. Por um mísero instante, desejei poder ver seu rosto enquanto a executava, mas aquele era um detalhe sem o qual eu

podia passar; já tinha mortes demais no meu currículo, olhos em excesso me perseguindo pela noite.

Enterrei a adaga nas costas dela, bem entre as omoplatas. Depois tirei e fiz de novo, num ponto mais abaixo. Uma, duas, três, cinco vezes. A perfurei em tantos pontos e com tanto ódio, que havia mais sangue em mim do que nela quando terminei. Shiny não emitiu um som, como se morrer gritando estivesse muito abaixo do seu padrão de classe. Então a joguei no chão, e estava tudo terminado.

Com Shiny morta, o sândalo escorrendo em suas peles e o Senhor das Almas suprimido temporariamente por Sam, os bruxos pararam de lutar – mas não sem antes deixarem minha família marcada de hematomas gritantes e cobertos de sujeira e sangue. Não havia tempo para pensar nisso agora. O tempo estava passando. Tínhamos chegado à saleta de Lady Lew pouco antes das onze da noite; quanto tempo faltava agora para o fim do *Samhain*? Tínhamos de agir agora!

Lady Lew e eu devíamos ter pensado ao mesmo tempo, porque ela abandonou seu posto ao lado de Yara e já me dava ordens para ajudá-la a trazer as mesas de volta para as posições de origem. Enquanto eu a obedecia, ela espalhava pedras pelo chão, entoando um cântico na língua antiga que os Clarividentes usavam para extrair seus poderes da terra.

Todo o tempo, meus irmãos e meu pai me observaram à distância. Coberta de sangue de outra pessoa e com uma adaga na mão, eu não me sentia digna de olhar, muito menos dirigir a palavra a eles. Evitei-os o máximo que pude, me ocupando do serviço que me fora designado, movida 100% a adrenalina.

Estava muito quieto agora, sem os sons da luta e sem o esguicho insistente do sistema de incêndio. Quando Lady Lew terminou suas preparações, ela sinalizou que era hora. Sam, ainda vacilante demais para se mover sozinho, contou com a minha ajuda e a de Gabe para subir na mesa e deitar-se nela; a outra foi ocupada de espontânea vontade por Hugo Lew.

A magia morrerá pelas mãos dos renegados, foi o que Yara me disse. Hugo e o Senhor das Almas representavam a magia, branca e

negra. Um morreria pelas mãos de um bruxo Deserdado – possivelmente Gabe, visto que a minha parcela bruxa, Dorothi, não estava mais ali. Hugo precisaria ser morto por algum renegado. Alguém que já não tivesse os poderes plenos de Clarividente. Alguém que tivesse perdido a Visão.

Lembrei das palavras que Yara dissera a Dorothi, meses antes, uma confissão baixa, incompreensível na época. Lady Lew não tinha mais a Visão. Parte de seus poderes lhe tinham sido tirados.

Não quis pensar. Não podia. Chacoalhei a cabeça e afastei mais aquela nuvem carregada de dor, porque já tinha meu próprio pesadelo com que lidar. Gabe havia se afastado para nos dar alguma privacidade, e Sam segurava minhas mãos entre as dele, que tremiam sem parar. Com o canto do olho, vi que a cartomante agora se inclinava para seu filho, e decidi não desperdiçar mais nenhum segundo.

- Vai ficar tudo bem. – foi Sam quem falou, o mesmo discurso bobo e ineficaz que eu estava prestes a fazer – Vai acabar logo.

- Vai. – confirmei com a cabeça, mas meus olhos já se enchiam de lágrimas.

Eu ia perdê-lo de novo. Deus, uma vez não era o bastante? Reviver sua morte em meus sonhos toda noite, aquilo não era suficiente? Quantas vezes eu precisaria matá-lo? Quantas vezes eu precisaria matar um pedaço de mim?

- Shhh, não chore. – ele limpou algumas lágrimas com o dedão, mas milhares de outras vieram em seu lugar, e eu não podia contê-las – Não chore, Lena, por favor.

- Me desculpe. Me desculpe por não poder salvar você. – pedi, soluçando – Me desculpe por ter bagunçado a sua vida, por tudo o que eu trouxe, por tudo que eu fiz...

- Não me peça desculpas. Eu morreria mil vezes se isso significasse ganhar um dia que fosse com você.

Eu também, pensei. Eu viveria um milhão de dias de solidão, e escolheria centenas de tipos diferentes de tortura, se aquilo me garantisse um instante ao lado dele. Eu iria ao inferno e de volta, e o perseguiria pelo purgatório se preciso fosse. Eu mataria, e morreria,

e faria tudo de novo com prazer, porque nada jamais se compararia ao amor que enchia o meu coração naqueles minutos finais.

Não disse nada disso em voz alta, mas tampouco precisei; Sam sabia, assim como eu sabia das palavras que ele queria, mas não conseguia dizer. Eu via tudo plenamente nos olhos dele, assim como ele enxergava nos meus.

- Eu sou sua e você é meu. – sussurrei para ele, beijando sua boca, suas orelhas, narinas e queixo, memorizando cada milímetro do seu rosto com os lábios – E eu te amo tanto, tanto...

- Eu vou te encontrar. Um dia. – ele toca meu rosto, traçando os meus contornos com delicadeza – Daqui a dez anos, talvez. Ou cinquenta. Ou só daqui a vários séculos. Eu vou te encontrar de novo, e tudo vai ser diferente.

- Está pronto, rapaz? – a voz de Lady Lew ecoou, me pegando de surpresa. É cedo demais. Olhei para ela, suplicando por mais um minuto, então para Gabe, com um olho roxo quase fechado por conta da surra, a adaga baixa nas mãos trêmulas, e de volta para Sam, que me sorria com uma tranquilidade capaz de me desarmar.

- Não... – foi tudo que consegui dizer. Lady Lew insiste:

- Está na hora. Malena, se afaste.

Gabe ergueu a adaga, como se esperasse tomar coragem durante a descida para fazer o que era necessário. Me afastei o bastante para lhe dar espaço, mas não o suficiente para soltar a mão de Sam. Ele, por sua vez, ignorou completamente seu carrasco, me acompanhando com o olhar. Gabe murmurou um “sinto muito” inaudível para mim, ao mesmo tempo em que Sam me dizia:

- Até outra vida, Malena Gordon.

A adaga cortou o ar, e, de novo, assisti minha alma gêmea morrer, suas palavras ecoando na minha memória, dando a ligeira impressão de que eu as ouvira em algum outro lugar.

O fim do caminho

Oxford estava destruída.

Eu me lembrava vagamente do estrago que os dias de temporal haviam causado à cidade – lembranças desfocadas, vistas pelos olhos de Dorothi, tão distantes que pareciam cenas de algum filme visto anos atrás. Mas a destruição de causas naturais era diferente da causada pelo homem – menos brutal, de certa maneira.

Deixamos a casa de Lady Lew somente ao amanhecer do primeiro dia de Novembro. Uma vez terminados os ritos, me permiti desabar; de exaustão, de medo, de alívio, de tristeza. Fui amparada por braços e rostos e lágrimas que tinham cheiro de família, e uma vida inteira se passou enquanto nos encolhíamos, uns contra os outros, deixando o pesar de um consolar o do próximo.

Enquanto papai segurava o corpo gelado de mamãe, nós sofremos em silêncio. Ninguém me fez nenhuma pergunta, porque, àquela altura, já não interessavam mais as respostas. Estávamos vivos, e mamãe estava morta. Nada que eu pudesse contar jamais seria capaz de reverter aquilo.

Vi Lady Lew cobrir o corpo de Sam com um lençol, e se sentar em silêncio ao lado do filho morto, segurando sua mão e murmurando coisas inaudíveis. Vi Gabe se afastar de mim sem conseguir me encarar, e ajudar Ned a levar Yara para longe dali. Vi os bruxos restantes fugirem, sem poderes, temendo uma retaliação. Vi o corpo de Shiny completamente abandonado, me lembrando do que eu tinha feito – mais uma alma pra atormentar meus pesadelos.

Kathi, Megan, Sam, Shiny. Eu os carregava comigo porque os tinha visto morrer. Eu tinha sentido o sangue deles nas minhas mãos, tinha visto o brilho da vida abandonar seus olhos. Mas eu temia que agora eles não fossem os únicos. Eu era responsável por perdas demais. Frida, Hugo, Linda, mamãe. Talvez Yara não sobrevivesse – ela parecia um fantasma quando foi carregada para fora – e se juntasse ao grupo. Eu jamais poderia esquecer. Jamais conseguiria apagar aquilo da memória.

Quando finalmente as lágrimas se esgotaram e percebemos que sentar ali não iria ajudar, eu e meus irmãos nos levantamos para sair. Papai ficou, incapaz de soltá-la; imaginei que ele quisesse alguma privacidade para se despedir melhor. Mais do que ninguém, eu podia entender. Nos afastamos, e fomos para a rua.

Mesmo ali, tão afastados do centro, a destruição já era clara. A parte da frente da casa estava completamente detonada pela explosão. Saímos da saleta diretamente para uma pilha de madeira e tijolos, telhas e pó iluminados pelo fraco sol de outono. Engoli em seco e liderei meus irmãos para fora.

Havia sangue e sujeira até onde a vista podia alcançar. Quase todo mundo estava na rua agora, tentando fazer algum sentido da noite de terror que tinham acabado de experimentar. Vi pessoas entrando em casas e saindo com as bocas e narizes cobertos, os olhos horrorizados. Quantas pessoas tinham morrido naquela noite? Dezenas? Centenas? A população já mínima de Oxford reduzida ainda mais. E o que fariam aqueles que restaram, devastados depois de tantos horrores?

O que *nós* faríamos?

Sem que ninguém precisasse nos pedir, começamos a ajudar. Eu estava fraca, cansada, desnutrida, mas alguma coisa continuava me movendo. De certa forma, acho que meu corpo sabia que, se parasse, jamais conseguiríamos continuar. Então limpamos as ruas, recolhemos lixo, juntamos entulho. Tive sangue frio o bastante para ajudar a cobrir e recolher todos os mortos. As pilhas eram colossais, desumanas. Parecia que nunca ia acabar.

O tempo todo, ninguém falava sobre o que tinha acontecido. Por um segundo, imaginei se a destruição da magia também aniquilava os resquícios da sua presença, mas sabia que não era possível – eu ainda me lembrava. Aqui e ali, algum comentário sussurrado e rapidamente desviado sobre os acontecimentos daquele Halloween me pegavam de surpresa. Todos sabiam agora. Todos tinham visto. Isso nos mudaria para sempre.

Lá pelo meio dia, alguém apareceu com um almoço coletivo. Eu não sentia fome, mas sabia que precisava me manter de pé, então

comi. Não senti o gosto, mas agradei com uma mentira de que estava delicioso. Retomado o silêncio, voltamos a trabalhar.

Quando ficou escuro demais para continuar, e as pessoas exaustas se voltaram para o que havia restado de suas casas, pedi aos meninos que me acompanhassem até o hospital. Minha intenção real era ver como Yara estava, mas mal entramos na recepção e fomos encaminhados para a emergência. Não me opus. Estava cansada demais. Enquanto meus irmãos tinham seus inúmeros cortes e hematomas tratados, fui levada pra triagem, e então de volta pra enfermaria. O Doutor X me examinou e me apalpou e me furou com suas milhares de agulhas atadas a saquinhos coloridos, e por fim me deu uma maca pra dormir. Aceitei e adormeci.

Não tive sonhos naquela noite. Um corpo exausto e doente talvez não seja uma ideia assim tão ruim, afinal.

Adam estava sentado ao lado da minha maca quando acordei. Um curativo imenso cobria o lado esquerdo da cabeça dele, e havia inúmeras escoriações ao longo dos seus braços descobertos. Eu ainda conseguia ver a marca no rosto dele onde a mordaca o havia ferido. De todos, Adam era o único que sabia do meu segredo, ou de pelo menos parte dele. Era, portanto, o único da minha família com quem eu me sentia minimamente confortável agora.

Ele ergueu os olhos quando percebeu que eu estava acordada. Não fez menção de sorrir, mas já não me olhava com aquela expressão de bicho acuado, o que era um começo. Adam arrastou a cadeira mais para perto de mim.

- E aí? – perguntou, com um suspiro.

- E aí? – repeti. Ninguém queria perguntar como o outro se sentia. Não havia necessidade; nós já sabíamos a resposta. Então apontei pro curativo na cabeça – Está doendo muito?

- Tive que tomar seis pontos. – ele explicou, tocando de leve as bandagens com os dedos – Mas me passaram uns analgésicos e vai ficar tudo bem. Tem gente bem pior do que eu.

Engoli a informação em seco.

- E o resto dos meninos? – perguntei, então – Papai?

- Fred quebrou o pulso esquerdo. Eric tomou umas porradas, mas depois que os roxos sararem ele vai ficar bem. – Adam pensou um pouco antes de continuar – Colin quebrou três dentes, Dylan entrou em estado de choque por algumas horas. E papai está... cuidando de tudo.

Cuidando do enterro, era o que ele queria dizer. Tentei não pensar em mamãe num caixão, em terra soterrando o corpo dela. Resolvi desviar rapidamente o assunto.

- Teve notícias da Yara?

- Não. Ela está aqui em algum lugar, porque vi o pai dela na cafeteria hoje cedo. – ele fez uma pausa, baixando o olhar – A mãe dela morreu. Ontem, durante o ataque.

Lágrimas começaram a brotar, mas desta vez, foi Adam quem teve a destreza de mudar o rumo de novo.

- Aquele seu amigo estranho está aqui. – disse, num tom mais brando – O moreno.

- Gabe? – perguntei, incrédula.

- É, esse aí. Ele está plantado no corredor, mas como não é da família, ninguém o deixa entrar. – Adam olhou por sobre o ombro, na direção da recepção, provavelmente por sinais da presença de Gabe, antes de comentar – Não sei por que ele não vai pra casa descansar um pouco. Não vai resolver nada ele ficar aqui esperando.

- Ele não tem pra onde ir. – respondi, pensando em Gabe, sozinho no mundo – Ele é órfão, veio de Denver. Ele está aqui porque não tem pra onde ir.

- Oh.

Adam me estudou por um minuto, e então suspirou.

- Bom, vou dar um jeito nele. Volto já.

Ele se afastou antes que eu tivesse a oportunidade de perguntar o que ele queria dizer com “dar um jeito”. Tentei esperar que Adam voltasse, mas conforme os minutos se transformaram em horas, os remédios e o cansaço me venceram, e voltei a dormir.

Nos dias que se seguiram, meus irmãos fizeram turnos para me vigiar no hospital. Eu não me sentia doente, mas o Doutor X queria me manter por perto até que eu ganhasse peso e estivesse

completamente recuperada dos vários machucados que meu corpo havia adquirido nos meses desde que eu havia desaparecido.

Era difícil ficarmos na presença uns dos outros sem que perguntas surgissem. Colin era o mais educado, me perguntando pouco e percebendo que eu não queria falar; Freddy era o mais escandaloso, tecendo comentários sobre as coisas que tinha visto e se enfezando quando eu me recusava a responder. Entre uma coisa e outra, eu aos poucos me abria com Adam, contando alguns detalhes que não havia explicado pra ele antes. Meu pai apareceu para uma breve visita um único dia, mas estava num estado tão lastimável de tristeza que não conseguiu me fazer companhia por mais que algumas horas. Meu coração pesava uma tonelada quando o assisti indo embora.

Lá pelo terceiro dia, os pesadelos retornaram – mais ou menos ao mesmo tempo em que suspenderam a medicação pra me ajudar a dormir. Minhas noites tranquilas foram substituídas por recriações cruéis dos meus piores momentos, vozes que gritavam na minha cabeça e ameaçavam me enlouquecer. Acordei alterada nas primeiras noites, mas, ao perceber que seria encaminhada para um tratamento mais sério, comecei a me controlar. Contive os gritos. Parei de me arranhar pra fazer passar a dor. Apreendi a administrar as cruzes que estava fadada a carregar para sempre.

Como eu falava pouco, meus irmãos começaram a preencher os longos períodos de silêncio com notícias sobre o mundo lá fora. Como a cidade se reerguia, o clima que esfriava, as ajudas que chegavam de outras cidades. Alguns dos responsáveis pelos ataques haviam sido identificados e presos, mas a maioria continuava foragida. Jamais pegariam todos, pensei. Havia uma multidão deles em Lake Mills talvez ainda esperando ordens superiores.

Nem todas as notícias eram boas. A contagem de mortos subiu conforme as vítimas eram descobertas, e conforme outras faleciam no hospital. 46 mortos, segundo Dylan me informou. Yara, até onde me contavam, não estava entre eles. A prefeitura organizaria um funeral coletivo, e um memorial seria erguido no cemitério de Oxford no domingo seguinte. Com alguma sorte, eu teria alta a tempo de assistir minha mãe e outras 45 pessoas serem enterradas a sete

palmas de profundidade, suas vidas interrompidas para sempre por culpa das minhas ações.

Na sexta-feira, oito dias depois de ter chegado, tive alta. Eu me sentia consideravelmente melhor por fora, mas ainda uma bagunça por dentro. Foi um alívio quando vi que Adam tinha sido o escolhido para me buscar – e que ele não estava sozinho.

- Gabe! – exclamei, ao vê-lo. Ele estava muito bem, usando uma velha camiseta que reconheci do armário de Eric e calças curtas demais para ele. Mas estava limpo, muito menos machucado e com um sorriso no rosto quando me abraçou.

- Até que enfim! – ele me disse.

- Essas roupas... você está...

- Hospedado lá em casa? – Adam me interrompeu – Sim. Eu pretendia adotar um cachorro, mas acho que isso aí é melhor do que nada.

- E eu limpo a minha própria sujeira. – Gabe afirmou, mas Adam já revirava os olhos.

- Isso é o que você diz.

Eles compartilharam uma risada, e fui contagiada o bastante para abrir um sorriso. Não era muito – mal mostrava os dentes, quase não chegava aos meus olhos, e não abria mais do que uma fresta no meu coração. Mas era um começo. Era um *recomeço*.

- Vamos pra casa. – pedi. Entramos na minivan e partimos.

Bryan tinha voltado de Oklahoma para o enterro, mas nenhum de nós se incumbiu de contar a ele exatamente o que tinha acontecido – ele sabia o que tinha visto nos jornais, que ataques terroristas haviam destruído incontáveis cidades, incluindo Oxford, deixando vários mortos e muitos feridos. Eu e meus irmãos selamos um pacto silencioso de não tocar no assunto a menos que fosse estritamente necessário. Bryan estava melhor sem saber.

O funeral coletivo aconteceria na quadra da OSD na madrugada de sábado para domingo, e de lá partiríamos em procissão para o cemitério. Como eu ainda estava um pouco fraca,

não queriam deixar que eu fosse; mas eu era teimosa e insistente o bastante para conseguir o que queria, de um jeito ou de outro.

Um dos lados da quadra coberta havia se transformado num enorme mural com fotos das vítimas. Eu desconfiava que muito mais do que a população de Oxford estava ali para prestar suas homenagens. Parentes e amigos deixavam flores, velas, recados, presentes. Eu trazia comigo um porta retrato antigo, que empoleirei ao lado de onde alguém já tinha colocado uma foto do casamento de Hugo e Frida. Eles estavam radiantes de felicidade, e o sorriso dela na foto – tão brilhante, caloroso, capaz de fazer até a mais carrancuda das pessoas sorrir também – deixou meu coração ao mesmo tempo mais apertado e mais leve.

Agora, junto deles, uma Milla Gordon jovem sorria, no auge de seus vinte e tantos anos, antes de sete filhos lhe darem cabelos brancos e rugas, antes do tempo vir cobrar sua parcela. Seus cabelos louros estavam curtos, na altura dos ombros, meio armados num estilo anos 80. Os olhos azuis brilhavam enquanto ela ria, de boca aberta, como só fazia quando alguém lhe dizia algo muito engraçado. Às vezes eu me esquecia de como mamãe era linda. Agora eu nunca mais poderia apreciar nada disso.

- Malena?

Olhei para trás e vi Yara numa cadeira de rodas, parecendo frágil, porém infinitamente melhor do que da última vez que eu a vira. Atrás dela, empurrando a cadeira, estava Ned. Ambos sorriram pra mim, aquele tipo de sorriso encabulado e triste que a gente dá pra pessoas quando a situação não é de felicidade, mas de compaixão. Retribuí, e me abaixei para abraçá-la.

- Como você está? – perguntei. Ela soltou um longo suspiro cansado.

- Por fora? Melhor. – disse, com um dar de ombros – Oficialmente ainda não tive alta, mas eu... tinha que vir.

Olhei para o colo dela, onde Yara carregava um retrato pintado à mão em estilo infantil de alguém que imaginei ser sua mãe. Assenti, devagar.

- E por dentro? – indaguei em seguida. Yara encarou o quadro por longos minutos antes de me responder.

- Solitária. Triste. Quietos. – ela mordeu o lábio inferior – É estranho que depois de tudo, eu sinta falta das vozes, das visões? Das coisas que eu podia fazer?

Pensei em Dorothea, e no buraco que sua ausência me deixara. Pensei no sentimento de inutilidade que a falta dos meus poderes me trazia de vez em quando, e em como eu me sentira comum no passado, quando acreditava que tinha sido Deserdada. Eu já estava acostumada com tudo isso a essa altura, mas entendia muito bem o que ela queria dizer.

- Não, não é nada estranho. – repliquei, por fim.

O silêncio que recaiu era confortável, e nenhuma de nós tentou quebrá-lo. Ned a ajudou posicionando o retrato num espaço vago, e logo meus irmãos, meu pai e Gabe vieram se juntar a nós. Como muitas pessoas, sentamos no chão, encarando o mural calados, compartilhando da força e da presença ou do outro. Dei uma mão para Yara e a outra ao meu pai. Papai agarrou a mão de Adam, que segurou a de Gabe, que tomou a de Bryan, e logo todos estávamos parados, de mãos atadas, cada um em seu sofrer silencioso. Não saímos de nossa vigília até o amanhecer.

A procissão foi tão quieta quanto o velório, e o som do vento e dos pássaros no cemitério só foi interrompido pelas fungadas sutis e pelas palavras do padre quando chegou a hora. Eram tantas covas que me senti zozza só de olhar. Tantos pais, mães, filhos, irmãos e amigos que não estavam mais lá. Tantos rostos inchados pelo choro, flores atiradas na terra, caixões sendo baixados.

Podíamos ser nós. Minha mãe estava numa daquelas caixas, mas podia ser eu, ou Colin, ou Eric, ou papai. Podíamos estar todos mortos, ninguém para contar a história, ninguém para continuar. Famílias inteiras haviam morrido, mas nós estávamos aqui. Emocionalmente quebrados, sim, fisicamente danificados, talvez, mas vivos. Corrompidos, mas não vencidos.

Naquele instante, me senti grata pela minha vida, por meu nome não estar em um daqueles túmulos. Eu tinha sobrevivido, contra todas as possibilidades. Sempre haveria uma ferida aberta no meu coração e na minha alma, e não se passaria um dia sem que eu

chorasse a perda da minha mãe, ou quisesse gritar de saudade de Sam. Mas eu estava ali. Estava viva. Estava de pé.

Gabe permaneceu ao meu lado durante toda a cerimônia, e me acolheu quando as lágrimas foram muitas para serem contidas. Eu o abracei, e segurei sua mão, e prometi nunca mais soltá-la. Quando tudo acabou, me juntei aos meus rapazes no caminho de volta pra casa.

Eu não tinha mais mãe, mas ainda tinha uma família. Perdi uma alma gêmea, mas ganhei um grande amigo. Não era mais bruxa, mas tinha uma vida inteira para aprender o significado de ser humana. Algumas magias eram mais importantes do que outras. Toy tinha razão, pensei. Tudo sempre fica bem, toda dor sempre passa, e todo final é feliz, de um jeito ou de outro. Só dependia de mim.

Agradecimentos

Escrever essa trilogia foi uma enorme jornada que começou há oito anos, quando eu tive a ideia maluca de uma garota conviver com o espírito da ancestral bruxa em sua mente. Tanta coisa aconteceu de lá pra cá, e se eu cheguei até aqui, terminando o último livro e publicando-o para todo mundo ler, foi porque tive muito apoio.

Primeiro, gostaria de agradecer todas as pessoas que acompanharam o livro quando ele ainda era *A Casa Azul* lá na comunidade do Orkut. Eu não lembro dos nomes de todos vocês, mas sei que vocês vão saber que é de vocês que eu estou falando. Acho que aquela época foi decisiva na minha vida de tantas formas, e ter tomado a decisão de publicar o que viria a ser *As Bruxas de Oxford* e dar início a tudo o que veio a partir daí é uma delas. Então obrigada a todos que me incentivaram, que leram, que comentaram, que estiveram lá por mim desde o começo.

Uma nota de agradecimento especial também à minha família carioca, Andressa e Valéria, e aos amigos que fiz lá e que estiveram comigo em momentos valiosos e marcantes da minha vida: Clara, Aimee, Juliana, Djan, Yasmim, Carine, Kauê, Arthur, Ellen, Mayara, Júlia, Patrícia, Thati, Bruna e tantos outros que é difícil encaixar vocês aqui. Ter amigos perto é maravilhoso, mas poder contar com amigos que estão há centenas de quilômetros de distância é tão especial quanto.

Por último, mas definitivamente não menos especial, um parágrafo todinho tinha que ser pros meus primeiros e melhores leitores beta: Marcele e Willian. Vocês aguentaram meus surtos, vocês me deram opiniões sinceras, vocês torceram por mim e estiveram comigo durante pelo menos metade dessa jornada. Se *O Senhor das Almas* saiu, é culpa de vocês. Obrigada. Não teria conseguido sem a sua ajuda.

E a você, leitor, que me descobriu por uma resenha, por um vídeo, num evento, ou por acaso fazendo compras no Kindle – obrigada. Obrigada por me dar uma chance, por acreditar que essas

páginas valeriam a pena. Obrigada por ter investido o seu tempo numa viagem de três livros, centenas de páginas e dezenas de personagens, sem saber ao certo onde eu iria leva-lo. Espero que tenha gostado e se deixado dominar pela magia.